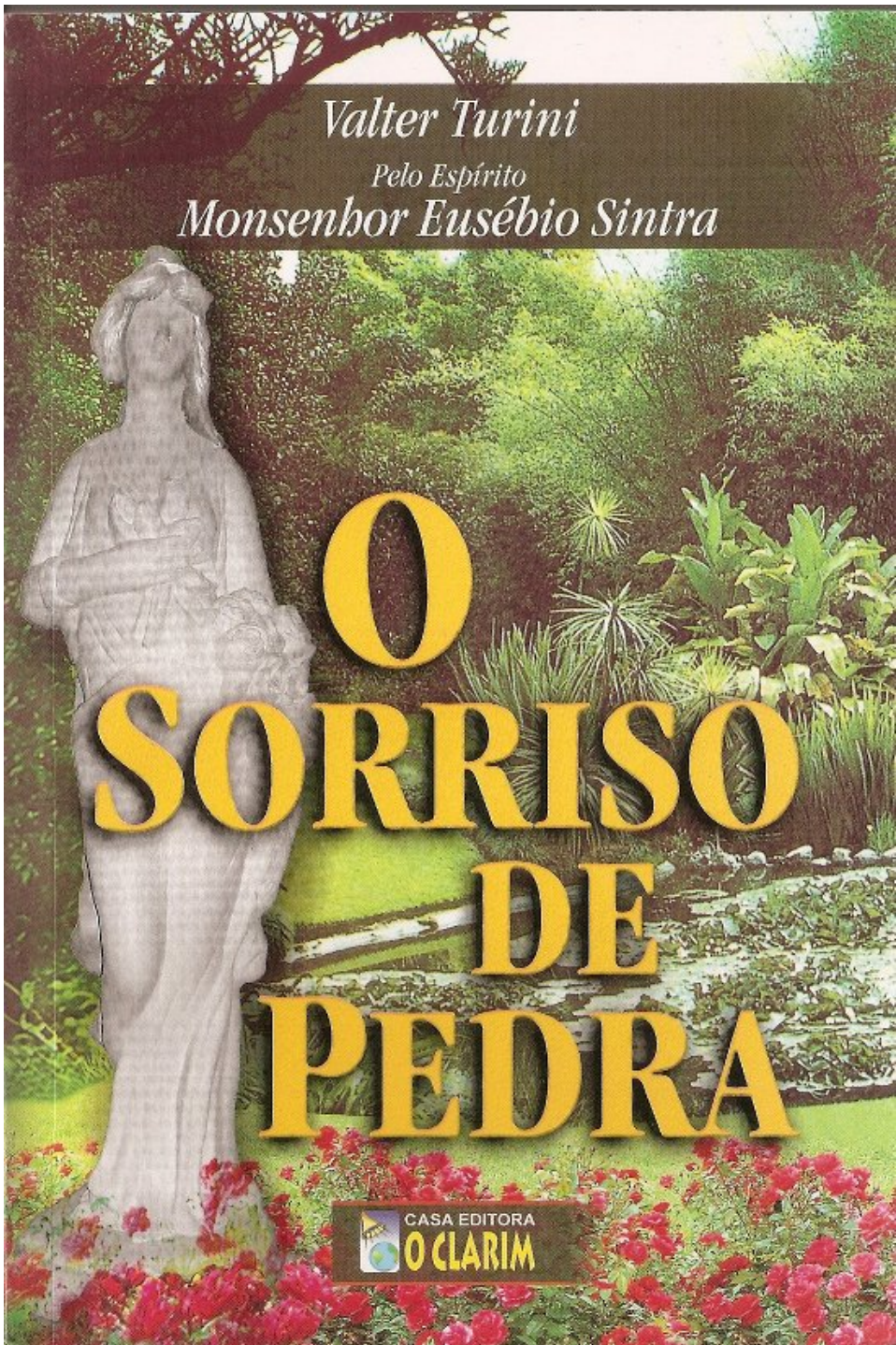


Valter Turini
Pelo Espírito
Monsenhor Eusébio Sintra



**O
SORRISO
DE
PEDRA**

CASA EDITORA
O CLARIM

O Sorriso de Pedra- Valter Turini

Pelo Espírito

Monsenhor Eusébio Sintra

Romance com características incomuns, *O Sorriso de Pedra* é uma obra que nos remete à França do século XVIII, reinado de Luís XIV, através de trama altamente envolvente, em que dois singelos e tocantes casos de amor verdadeiro, entrelaçam-se a paixões e interesses escusos, culminando em terrível tragédia, pejada de sofrimentos inomináveis e mostrando em evidência incontestável, ser o homem o absoluto construtor de seu destino.

O Sorriso de Pedra é uma obra mediúcnica que foi ditada ao prof. Valter Turini pelo espírito Monsenhor Eusébio Sintra - eminente personalidade que outrora viveu como bispo católico em terras portuguesas. Trata-se de romance que apresenta enredo singular, cuja ação ocorre na França do século XVIII, final do reinado de Luís XIV.

Monsenhor Sintra, através de narrativa comportadíssima, e lançando mão de estilo inigualável, constrói, com insuperável maestria, a trama pejada de singeleza e de graça, que envolve o amor puro e autêntico de dois casais que, sendo vilmente traídos e enredados pela cobiça, pela paixão e pelos interesses mesquinhos e imediatistas de criaturas altamente inescrupulosas, têm as vidas precocemente esfaceladas por tragédias terríveis, a cul- minar em dores inomináveis para todos.

O título da obra indica um dos aspectos de seu conteúdo: uma escultura envolvendo o penoso drama de amor de Stella (exatamente o modelo para representar a deusa da beleza). Marcante é o fato de que tudo se passa por volta do ano de 1700 (antes do surgimento de *O Livro dos Espíritos*) e abordando pesquisas sobre a imortalidade da alma e o intercâmbio com os espíritos.

Valter Turini, o médium, é nascido em Rinópolis, SP, em 09 de fevereiro de 1952. Lecionou Português, no Ensino Oficial do Estado de São Paulo e em escolas particulares, até aposentar-se, no ano de 2003. Ora estréia como

psicógrafo, através da presente obra, embora já atue nas lides espíritas, como médium e orador, desde o ano de 1973, quando, ainda rapaz, aos 21 anos, iniciou-se nos estudos e práticas espí-ritas, no C. E. Cairbar Schutel, ao lado de Benedito Borges, insigne médium e um dos pioneiros do Espiritismo na cidade de Dracena, SP.

O Sorriso de Pedra- Valter Turini ***Pelo Espírito Monsenhor Eusébio Sintra***

"Eu, porém, vos digo: Não resistais ao perverso; mas a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra..." - Mateus, 5-39

Agradecimentos

Aos meus familiares e aos companheiros que comigo partilham da jornada Espírita, meus profundos e sinceros agradecimentos pelo incentivo constante e pelo apoio imprescindível à consecução desta obra.

O médium

Aos nossos funcionários.

Índice

I - Tristes recordações.....
II- A despedida do lar
III- A abadia
IV- A chegada dos artesãos
V - A sagração de um monge
VI - A irmandade secreta
VII - Estranhas experiências
VIII - O retorno de Jean-Michel
IX - A materialização de um espírito
X - Nas malhas da paixão
XI - Inesperado reencontro
XII - Novamente, as rosas.....
XIII - Regressando a Saint Michel
XIV - O terrível incidente.....
XV-A vingança
Epílogo

I

Tristes recordações

Recostado junto à imensa janela de arcos do salão de armas, *Vincent* observava, com olhos extremamente melancólicos, a imensa extensão de campos que se descortinava a perder-se no horizonte. A

sega do trigo já havia se encerrado, e os campos, amarelecidos pelo final do outono, já prenunciavam a chegada de mais um inverno. O olhar do rapaz deixava transparecer tristeza infinita, como se algo imensamente grave perturbasse-lhe a alma, e afiado punhal era-lhe cravado fundo, no peito.

A intervalos, relia a carta que segurava com mãos trêmulas. Do papel-cartão luxuoso, pendia-se uma fita tricolor - azul, branca e vermelha -, presa ao lacre vermelho-vivo, meio rompido. Em seguida, meneava, tristemente, a cabeça, como se não quisesse acreditar na mensagem, ali grafada em tinta índigo, numa caligrafia perfeita. Premia, fortemente, os belos e grandes olhos marrom-escuros, e se podia pressentir que grossos bagos de lágrimas escorrer-lhe-iam face abaixo. Mas, ele não chorava; apenas mudos soluços teimavam em travar-lhe a garganta, como se desejassem estrangulá-lo. O peito, tremendamente oprimido, dificultava-lhe sobremaneira a respiração, entrecortada de profundos suspiros, e o rosto, grandemente congesto, demonstrava o terrível drama que tomara conta de si. Seu pensamento era um turbilhão, uma sucessão desconexa de acontecimentos do passado, juntamente com outros, mais recentes, a rodopiarem-lhe, furiosamente, à cabeça, como num bailado frenético.

Seu porte majestoso destacava-se no imenso salão, como se fosse primorosa escultura, delineada pelas mãos de hábil artista da

Renascença italiana e que, ainda, utilizando-se de esconso sortilégio, tivera a capacidade de insuflar-lhe, também, a vida. Os cabelos castanho-escuros e ligeiramente ondulados caíam-lhe quase até ao meio das espáduas, como era costume à época do rei Luís XIV. Tinha, aproximadamente, vinte e cinco anos e o drama, que ora vivenciava, tivera início algum tempo atrás.

O desespero que se apossava de sua alma, subtraindo-lhe a tranquilidade, era decorrente do desfecho infeliz de um duelo o qual se vira forçado a enfrentar: matara um amigo de infância, e o motivo que levava ambos a baterem-se fora o amor de uma mulher a quem

os dois, perdidamente, devotavam o mesmo sentimento. *Celine*, a adorável filha do marquês *Leon de Vichy*, era o amor de sua vida. Amava-a, perdidamente, mas tivera um rival - o amigo de longa data - *Antoine*, filho mais velho de um companheiro de seu pai, o conde *Henri de Lisle*, senhor *de Clairmont*.

Desfecho trágico para antigas amizades!... E, como o pai de *Celine*, o velho marquês *de Vichy*, cedera a mão da filha a *Clairmont* - mais rico e mais poderoso - a ele, *Vincent*, não restara senão a opção de lutar por seu amor.

E lutou, bravamente, até às raias da loucura, como fizera, num ímpeto, esbofeteando o rival e lhe atirando, acintosamente, as luvas ao rosto, no claro desejo de duelar com o antigo camarada de infância até que um dos dois morresse. Sim, mil vezes a morte, a viver sem a sua amada!... Amava-a e não podia, de forma alguma, imaginar-se vivendo sem os doces carinhos, sem a atenção de *Celine*. Não, mil vezes a morte!... Enfrentaria qualquer coisa, até o rei, o papa, se necessário fosse, pois nunca fora covarde!... Entretanto, as coisas não tiveram o desfecho esperado. Uma sucessão de tragédias, de desencontros e de perseguições levava-o até o ponto em que se encontrava.

Seu olhar perde-se fundo, no horizonte, onde se desenhava, recortada contra o firmamento azul, a imensa cordilheira dos Piri-néus, com suas pontas agudas, à semelhança de imensos dedos, apontando para o céu. Como a vida lhe vinha sendo injusta e cruel!...

À lembrança de acontecimentos recentes, *Vincent* freme de raiva e ódio contra aquela família que, um dia, fora tão amiga dos seus!

- *Le repas, Monseigneur!*¹

A voz robusta de seu mordomo tira-o do terrível soliloquio em que se colocara. Responde ao velho serviçal com um gesto, indicando a imensa mesa de carvalho, rodeada de cadeiras, cujos espaldares de estofado de veludo vermelho continham brasões da casa *de Quentin*, estampados em dourado. Em seguida, dirige-se para a cabeceira da

mesa; traz os ombros caídos, os braços estendidos ao longo do corpo; caminha com passos trôpegos que, nem de longe, assemelham-se aos do rapaz garboso, arrojado e firme, de tempos atrás, tão abatido encontra-se neste momento difícil.

Plácida e cuidadosamente, o mordomo dispõe a refeição sobre a mesa, com gestos precisos. Em seguida, afasta a cadeira e, com leve reverência, convida *Vincent* a sentar-se.

- É preciso que vos alimenteis, *M'sieur le Baron*² - diz o velho, tentando animá-lo. - Se me permitis, *le canard rôti c'est merveilleux!...*¹

O rapaz senta-se desolado, atirando sobre a mesa a carta que estivera lendo. Faltava-lhe fome e ânimo para alimentar-se. O mordomo, sempre impecável em sua libré verde-escura, sabia que seu amo sofria. E, tinha suficiente liberdade para entabular conversação com o jovem barão, pois já servia, na mansão, havia mais de quarenta anos.

- Más notícias, *Monseigneur*? - pergunta o velho, enchendo-lhe a taça de vinho.

- Sim, *Honoré*, péssimas notícias!... - responde *Vincent*, emitindo fundo suspiro. E, prossegue: - O mensageiro trouxe notícias nada animadoras de Paris; em verdade, as piores que eu poderia esperar!... - faz pequena pausa, como se quisesse engolir um nó que lhe abafava a garganta. Depois, apontando a carta, continua: - Vês esta carta?... Vem da parte do marquês *Emile de Saint André*, velho amigo de papai e secretário do Duque *de Guise*, o chanceler do rei, comunicando-me sobre o pedido de intercessão que dirigi a Sua Majestade, em relação ao litígio que venho demandando com *Henri de Clairmont*. Pois bem, o marquês andou sondando as opiniões do duque e este lhe revelou que o rei não está nada disposto a interceder a meu favor; pelo contrário, está é muito furioso comigo, por eu ter matado *Antoine* (não te esqueças de que a condessa *Catherine de Clairmont* tem parentesco com a casa real; acho que pelo lado materno, ela é prima, em sexto grau, de Luís XIV...);

(1) " — A refeição, senhor!", em francês.

(2) “ - Senhor Barão (...) o pato assado está maravilhoso!...” , em francês.

além do mais, os duelos estão proscritos, desde os tempos de *Richelieu*. Vês como estou perdido?... Corro o risco de cair em desgraça e deixarei de pertencer à nobreza, pois Sua Majestade poderá sancionar o decreto a qualquer momento, cassando-me os direitos de nascimento e nada mais terei - nada, nem título, nem propriedades - absolutamente, nada!... Simplesmente, cairei em desgraça, meu fiel amigo!... E, podes ter a plena certeza de que o conde está pressionando, por todos os lados, para que isso aconteça, e o mais rapidamente possível!...

-*Mon Dieu, Monseigneur!*... - exclama, aterrado, o mordomo. E, pasmo com o que ouvia de seu senhor, continua: - Mas, isso que dizeis é terrível!... Imaginai se ainda vivessem os senhores barões, vossos pais!... Tudo seria mais trágico ainda, pois não consigo imaginar a baronesa, vossa mãe, com toda a graça e nobreza que possuía, de repente, ver-se assim, em desgraça!...

- Sim, *Honoré!*... - responde-lhe *Vincent*, cada vez mais desolado. - Podes ter a certeza de que seria mais trágico do que me está sendo!... Às vezes, dou graças a Deus, por meus pais já haverem morrido, e não terem de expor-se a essa vergonha!... Como fui tolo em acreditar que a justiça poderia ser feita para mim!... Eu matei um primo do rei e, a partir do instante em que *Antoine de Clairmont* sucumbiu sob a estocada de meu florete, meu destino já estava selado!... Como fui passional, cego!... Deixei-me levar pela paixão e cometi tamanho desatino do qual me arrependo; mas, como todo arrependimento, este também chega tardio!...

- E agora, *Monseigneur*, o que será de vós?... O que será de todos nós?... - pergunta o velho mordomo, visivelmente pálido, pois o nervosismo do amo contaminara-o grandemente.

- Deverei dar graças a Deus e rezar muito, pois tentarão matar-me - replica *Vincent*, olhando-o fundo, nos olhos. - Lançar-me em

desgraça, certamente, não lhes saciará a sede de vingança!... Como fui imbecil!... Achei que o rei acolheria minhas súplicas, que ajuizaria a meu favor na demanda que se instaurou entre mim e o conde *de Clairmont*, quando este decidiu, abruptamente, cobrar velhas dívidas de jogo que meu pai contraíra com ele, no passado. E, como sabes, as colheitas dos últimos anos não foram muito boas; tivemos irregularidades nas chuvas, geadas fora de época, e o trigo não granou a contento; as videiras e as oliveiras também não produziram bem, de forma que eu sequer pude tentar negociar esta maldita dívida com *Clairmont*... Porém, o verdadeiro motivo não é esse!... O verdadeiro motivo foi a morte do filho, e ele não me perdoa, embora eu tenha abatido *Antoine* em duelo, conforme o costume, inclusive, com a própria aquiescência do conde!... Entretanto, fui mais feliz, mas ele não me perdoa e quer destruir-me!...

Através das imensas vidraças das janelas de arcos, a luz do sol projetava-se nas pedras quadrangulares do pavimento do salão de armas, formando um painel luminoso. O dia já começava a declinar, e o ar, no ambiente, parecia rarefeito, pesado, difícil de respirar. *Vincent* ainda não se animara a comer; aliás, já vinha perdendo o apetite havia algum tempo e, com ele, também a vontade de viver. O velho permanecia de pé, ao lado do amo, na infrutífera tentativa de animá-lo.

-*Pardon, Monseigneur* - retoma o diálogo o mordomo, depois de curto silêncio -, mas vossos advogados de Paris nada fazem, para tornarem improcedentes as acusações do conde?... Essas dívidas - se é que existem - datam de tão longo tempo!... Se bem me lembro, vosso pai era dado a jogos, na residência da marquesa *Marie-Louise de Beauarras*, em *Toulouse*, local onde toda a nobreza da *Haute-Garonne* encontrava-se para os divertimentos: bailes, recitais, encenação de peças de teatro, jogos de salão... E, sei também que vosso pai andou perdendo altas somas para o conde, nos jogos da casa da marquesa, mas ambos eram tão amigos, que tudo acabou sendo pago, na verdade, quando vosso pai entregou-lhe uma

vintena de éguas de linhagem pura e também, muito a contragosto, seu adorado cavalo *Triton*, o mais invejado de todo o vale do *Garonne*... Esse corcel negro não perdia uma só peleja, nas disputas do dia dos Santos Reis!... Vosso pai sempre vencia a corrida, todos os anos, e o conde invejava-o por isso. Então, o castigo pela derrota nos jogos de cartas foi a perda de *Triton*, que não tinha preço!... O barão, vosso pai, relutou muito em entregar-lhe o cavalo, mas acabou cedendo e, a partir daí, nunca mais venceu qualquer corrida; quem as ganhava era o conde!...

- Como vê, *Honoré*, essa maldita dívida já está muito bem paga! - concorda *Vincent*. E, prossegue: - E, podes estar certo de que a fama dos cavalos e todo o bom dinheiro que o conde reembolsa da venda deles provêm de *Triton*... Nunca mais, em nossas baías, nasceu outro potro com as suas características!... Ele era fruto de longa linhagem que pertenceu à nossa família por muitas gerações, e quem obteve o melhor resultado foi o conde!... Vês que ironia?... E, garanhão como *Triton* só nasce um a cada século!...

Honoré dá um longo suspiro. De certa forma, considerava-se muito ligado àquele jovem. Um pesado silêncio estabelece-se entre eles. O velho abaixa a cabeça, encimada pelo chino de cabelos brancos, bem penteados; o rosto extremamente enrugado; o nariz adunco; os olhos fundos; os lábios caídos, selados, numa tristeza profunda. Intimamente, aquele rapaz era como o filho que não tivera; vira-o nascer, acompanhara sua infância, seus folguedos, o vigor da juventude ferosa, os primeiros amores, os primeiros desencantos... Oh, se pudesse fazer algo para aliviar-lhe aqueles momentos de extrema provação!

Maquinalmente, *Vincent* apanha a taça de vinho e a leva, suavemente, aos lábios, sorvendo pequena quantidade do líquido. Ao vê-lo animar-se, ao menos aparentemente, *Honoré* prossegue a conversação:

- *M'sieur le Baron*, não existirá nenhum documento que possa provar já se haver quitado essa dívida?... Ao entregar a *Clairmont*

animais tão valiosos, não teria o barão, vosso pai, exigido nenhum recibo?...

- Infelizmente, tudo indica que não há, *Honoré* - responde *Vincent* cheio de desolação. - Eles eram muito amigos e eu já vasculhei, repetidas vezes, velhos guardados de papai; revirei, também, a biblioteca, mas nada encontrei. Se bem que não há muita coisa que papai tenha guardado, pois ele não era nada organizado, e quem fazia tudo era o administrador, *François Lefèvre*, que, infelizmente, também já morreu.

- De tudo isso, algo ainda me intriga, *M'sieur le Baron* - atalha o mordomo. - Seria tão grande o montante dessa dívida, para que o conde pudesse pedir a penhora de todos os vossos bens?... Não seria exagero?... E, olhai que vossas terras são extensas, grandes são os campos lavrados, as vinhas, os olivais, os rebanhos... Valeria tudo isso?... E, mais, como pode o conde provar que o barão, vosso pai, devia-lhe tal soma, perdida em jogo, há mais de vinte e cinco anos?

- Não há mistérios para mim, *Honoré!*... - responde *Vincent*, altamente agastado. - Estou muito endividado!... Tu sabes muito bem que papai era um perdulário!... Tomou altas somas por empréstimo a agiotas, a juros altíssimos, e não pude honrar esses compromissos dos quais *Henri de Clairmont* era o avalista!... Pagou aos meus credores a enorme dívida, e eu passei a ser o seu maior devedor!... Simplesmente, agora se aproveita desse fato, mais a contribuição de testemunhas falsas!... Há algumas pessoas confirmando que estiveram presentes aos locais dos jogos, à época; amigos do conde, naturalmente, e regamente recompensados por este, para testemunharem a seu favor, no processo!... Além disso, há a influência política: o conde é, como o sabes, pelo lado da esposa, parente do rei!... Só que parte desta dívida foi paga, *Honoré*, eu tenho certeza!... Porém, nada posso provar!... Apenas, desejava estender os prazos e trabalhar muito para quitá-la toda, mas, infelizmente, as coisas andaram ruins ultimamente!...

- Tudo parece conspirar contra vossa vida, *Monseigneur!*... - exclama *Honoré*, desalentado. - Mas, não haveria alguém que pudesse aconselhar-vos, abrir novos horizontes, dar-vos alguma saída?

- Já pensei nisso, também, *Honoré!*... - diz o rapaz. - Só estava aguardando a resposta do marquês de *Saint André* e, amanhã, irei ter com o bispo *Théophile de Lamare*, em *Toulouse*. Ele é meu amigo de verdade e, com certeza, irá aconselhar-me - e, prossegue, encarando o velho amigo nos olhos: - E, tem uma melhor ainda: ele detesta *Henri de Clairmont!*... Não perderá esta chance de espicaçar seu desafeto!...

E, foi então que *Honoré*, com íntima satisfação, pôde observar que um arremedo de sorriso surgia nos lábios do jovem barão, coisa que não se via acontecer havia tempos!...

Na manhã do dia subsequente, *Vincent* cavalgava, desabaladamente, seu corcel negro, através da estrada que margeava o rio *Garonne*. Seriam quase dois dias de marcha até *Toulouse*, e o jovem barão tinha pressa, muita pressa, pois o tempo corria contra ele.

O dia mal raiara, e ele já cavalgara uns bons dez quilômetros, distanciando-se o mais possível das terras do condado de *Clairmont*, por onde fatalmente tivera que passar, posto que o caminho cruzava a aldeia de *Sainte Marie Madeleine des-Eaux-aux-Pierres* que se localizava nas terras do conde. Pior ainda era que, muito próximo à aldeia, localizava-se o castelo em que residia seu desafeto - uma construção colossal, que datava do século XII, toda construída de grossos blocos de granito escuro, e cujas muralhas eram avantajadas e guarnecidas de seteiras e vigias. Cinco torreões imponentes elevavam-se para as alturas, sendo que, no mais alto deles, tremulava uma bandeira azul e amarela - as cores do condado. A formidável fortaleza tinha o telhado todo em ardósia azul, o que dava uma certa suavidade ao aspecto soturno que a construção medieval deixava transparecer. O castelo fora edificado sobre um outeiro, fato que lhe atribuía uma característica senhorial sobre a

pequena aldeia que se localizava a três quilômetros, mais abaixo, em direção ao vale.

Àquela hora, o pequeno povoado estava praticamente deserto; apenas se ouvia o ruído dos cascos de seu cavalo batendo contra os seixos da estrada, e não seria nada bom para ele encontrar seus desafetos, longe da proteção de sua morada e de seus criados. E, foi com certo alívio que ele viu os telhados azuis dos torreões do castelo irem-se perdendo a distância, encobertos pelas colinas e pelas cúpulas escuras dos bosques.

O dia amanhecera nublado, e a temperatura estava já, bem baixa, o que facilitaria a cavalgada de *Vincent*; ele teria que pernoitar em uma das estalagens da beira do caminho, pois não desejava pedir pouso e alimentação em alguma das propriedades do trajeto; correria o risco de encontrar amigos de *Clairmont* e teria que dar explicações a bisbilhotices sobre sua ida a *Toulouse*, uma vez que todos já sabiam da demanda entre ele e o conde.

No silêncio da estrada, cortado apenas pelo ruído cadenciado dos passos do cavalo, o pensamento de *Vincent* viaja. Em sua mente, então, desenha-se a adorável e meiga figura de *Celine*, o sorriso cristalino, a voz encantadora... Duas lágrimas rolam-lhe pelas faces tingidas de vermelho pelo vento frio da manhã e ele chora. Seu pranto é pungente, sua dor é tocante. O pensamento passeia por dias de três anos atrás... Uma grande festa. Era o aniversário da condessa de *Clairmont*, e toda a nobreza do vale encontrava-se no castelo para as comemorações e, entre os convivas, estava também sua adorada *Celine*. Como estava linda!... Viera com os pais e o irmão, *Jean-Baptiste*, rapaz tão afável quanto a irmã e amigo de *Vincent*. Era o único da família que nutria simpatia pelo relacionamento entre *Vincent* e sua irmã. A mãe, a marquesa *Geneviève*, à época, já estava bastante adoentada; sofria dos nervos e o seu mal, com o passar dos anos, agravara-se mais, provo-cando-lhe acessos de demência, e o marquês de *Vichy* já estava bastante envelhecido e alquebrado pelos embates duríssimos que a vida

trouxera-lhe, com o terrível mal que acometera a esposa. Pobre *Céline!*... E, pensar que herdara o mal da mãe!... Mas, mesmo assim, ele a amava tanto!... E, como flertaram durante o banquete!... Seus olhares não se distanciavam; era como se estivessem magnetizados, presos por força incoercível, que nada no mundo fosse capaz de romper!... Entretanto, como se enganara!...

Naquela mesma noite, *Vincent* fora surpreendido com o pedido e o anúncio oficial do noivado de *Celine* com *Antoine de Clairmont*

A própria noiva não entendeu como tudo correria tão rápido. *Celine* sabia que o jovem conde era apaixonado por ela e que a cortejava com certa insistência, mas a moça nunca lhe havia dado esperanças e até mesmo lhe dissera, claramente, que seu coração pertencia a outro. Porém, os pais de ambos já haviam entrado em entendimento, e ao conde *Henri de Clairmont* interessava sobremaneira aquele casamento, pois as terras do marquês eram de excelente qualidade e sempre lhe atiçaram a cobiça; a união do filho à casa de *Vichy* vinha exatamente ao encontro de antigas pretensões de *Henri*. *Antoine*, por sua vez, sabia da paixão de *Celine* por seu amigo, o barão *de Quentin*; mas, como era exatamente um homem de sua época, achava que deveria batalhar por seus interesses, usando qualquer tipo de arma. E, o mais forte e mais hábil lutador sairia vencedor!... Lançara mão das armas que tinha - o dinheiro e o prestígio - e fora fácil convencer o pai sobre as vantagens que ambos teriam com aquele casamento. Sobre *Vincent*, que lhe importavam os sentimentos do amigo?... Na guerra e no amor, *Antoine* achava que todas as coisas eram válidas para se alcançarem os objetivos propostos. Apaixonara-se pela marquês-de *Vichy* e tinha culpa, se o amigo também gostava dela?

-Ah, *Céline!*... *Céline!*...

Vincent murmura o nome da amada, enquanto as lágrimas ensopam-lhe a face, já intensamente maltratada pelo pranto e pelo vento. No alto, o sol continuava a sua marcha inexorável em direção do ocidente. A paisagem desfilava célere, ao caminhar do cavalo,

ora cortando morrotes, ora descendo quase ao fundo do vale, onde corria, ruidoso, o *Garonne*, chocando-se, vertiginosamente, contra os rochedos que se interpunham à sua marcha apressada em direção do mar.

O rosto de *Vincent* contraía-se, deixando transparecer fortemente o desespero que lhe invadia o cerne da alma. Havia dado rédeas soltas ao feroso corcel que corria, desabridamente, pelo caminho e, como seu cavalo, seu pensamento também corria ligeiro para o fatídico dia do aniversário de *Catherine de Clairmont*...

Todos os convivas já estavam acomodados no salão principal que fora ricamente decorado com tapeçaria persa de fina tessitura e colorido forte; guirlandas de rosas, crisântemos e cravinas exalavam um forte odor, quase estonteante, contribuindo para que a alacridade dos convidados aumentasse, num burburinho de risos, pequenos gargalhares, assovios de entusiasmo e aplausos de contentamento; invariavelmente, estavam todos contagiados pela alegre música, executada por uma pequena orquestra de salão e, também, pela riqueza do ambiente e pelos acepipes que prometia o banquete que se preparava. A noite já caíra, e o salão iluminara-se por centenas de velas e archotes que queimavam, presos a pesadíssimos tocheiros de ferro trabalhado, fixados às pedras das paredes do salão. Sentados à mesa principal, estavam o conde, a condessa e seus dois filhos: *Antoine*, o mais velho, e *Jean-Michel*, o outro, bem mais jovem. O filho mais velho estava sentado à direita do pai, e o mais jovem, ao lado da mãe. A mesa estava coberta por fina toalha de linho branco, ricamente bordada em azul e dourado, e posta com luxuosa baixela de prata.

Henri de Clairmont não cabia em si de contentamento. Distribuía largos sorrisos e acenos aos convidados; vez por outra, cochichava ao ouvido da esposa que, diga-se de passagem, era o oposto do marido. A condessa *Catherine de Clairmont* era de linhagem realmente nobre, pois era prima, em sexto grau, do velho rei Luís XIV. Casara-se com o conde, não por amor, mas por imposição da

família, como era costume na época. Casamento entre nobres era questão de negócio; amor, paixão ou afinidade eram coisas que viriam depois. Se não viessem, dar-se-ia um jeito, pois a única coisa para a qual não havia solução era a pobreza. Antes rico e infeliz, que pobre e também infeliz, diziam para justificar os casamentos arranjados.

Naquele dia, *Catherine* comemorava quarenta anos de idade; era uma mulher de aparência jovial, apesar de já não ser tão jovem; tinha os cabelos louros, cuidadosamente trançados, a lhe perpassarem o alto da cabeça, e presos por uma tiara de ouro branco, cravejada de pedras brilhantes. Os olhos eram azuis e vivazes; tinha a pele clara e rosada, embora fosse possível notarem-se algumas rugas de expressão, acima das sobrancelhas e em derredor dos lábios; o colo, à mostra pelo decote quadrado do vestido, estava ricamente enfeitado por um colar, também de ouro branco e cravejado de pedras brilhantes. Trajava um vestido de veludo azul-claro, bordado com fios de prata, formando pequenos ramos de flores. Ao contrário do marido, a condessa não tinha um riso fácil; sóbria e comedida nos gestos e no falar, era muito religiosa e afável no trato com todos, até mesmo com os criados que, invariavelmente, adoravam-na. Casara-se com *Henri de Clairmont*, não porque o amava, mas por obediência ao que lhe impusera o pai, o conde *Auguste de la Rochelle*. Tivera com ele os dois filhos, aos quais se devotara de corpo e alma, procurando dar-lhes algo de sua formação, um pouco mais refinada, pois fora criada na corte e freqüentara o Palácio de Versalhes; desejava, também, passar aos filhos a religiosidade que herdara da mãe, a condessa *Elise*, a quem tanto amava, mas que falecera, quando *Catherine* tinha dezessete anos. Entretanto, o marido não lhe dera tanta liberdade, assim, para a educação dos filhos; fizera questão de criá-los à sua maneira, um tanto rude e provinciana, e voltados para a valorização e a conquista dos valores materiais, em detrimento da religiosidade e do crescimento espiritual.

A princípio, ela se entristecera muito, mas, para não entrar em choques constantes com a prepotência do marido, contentara-se em orar e pedir a Deus que os protegesse e livrasse das contendas e confusões em que viviam se metendo. Não eram dados a qualquer tipo de estudo, nem mesmo pela música, que ela conhecia tão bem, pois sabia executar o clavicórdio com muita maestria, os filhos haviam demonstrado interesse; preferiam, outrossim, viver cavalgando pelas pradarias, perseguindo as pobres camponesas, bebendo vinho pelas imundas tavernas ou freqüentando os sórdidos lupanares que se espalhavam pelas aldeias da região. Os rapazes eram a menina dos olhos do pai, que se deliciava com a fama que os seus herdeiros angariavam pela região. Mas, *Catherine* amava-os, mesmo assim, e rezava, todos os dias, com fé ardorosa, para que eles não se vitimassem da própria incúria e insensatez que tanto orgulho traziam ao pai, não menos insensato e possuidor, ele mesmo, dos mesmos vícios dos filhos.

Nesse clima de festa para a comemoração dos anos da condessa é que *Vincent* recebeu o golpe que viria destruir a sua existência e a de sua amada *Céline*. O banquete iria finalmente iniciar-se; os convidados ansiavam pelos manjares e pelo bom vinho das adegas do conde.

E, foi diante dessa expectativa adrede preparada que *Henri* levantou-se e bateu palmas, solicitando a atenção de todos. Em seguida, com melífluas palavras, carregadas de elogios e adulações à casa *de Vichy*, convidou *Céline*, seus pais e o irmão a sentarem-se à mesa principal. Cheio de assombro, *Vincent* assistiu ao convite e à deferência que os anfitriões prestavam aos marqueses *de Vichy* e, muito mais, quando o conde indicou a cadeira, ao lado de *Antoine*, para que *Céline* se sentasse. Em seguida, erguendo a taça e pedindo que todos fizessem o mesmo, *Henri* declarou alto e em bom tom que, a partir daquele instante, as famílias *Clairmont* e *Vichy* estariam unidas, para sempre, pelo matrimônio de seus filhos, *Antoine* e *Céline*, pelo qual, ele, *Henri de Clairmont*, fazia muito gosto e dera a

sua bênção. Uma explosão de aplausos e de vivas aos noivos irrompeu, seguida por um burburinho de surpresa, de admiração e de cochichos ao pé do ouvido, pela novidade apresentada.

Antoine de Clairmont não cabia em si de contentamento. Já se adiantara e tomara as mãos de *Céline* entre as suas. A moça empalidecera. Tudo indicava que fora tomada de surpresa pelo inopinado anúncio de seu próprio casamento. Seu rosto tornara-se tão pálido que parecia fundir-se ao vestido de linho branco que trajava; apenas os dois olhos negros, como duas manchas escuras ligeiramente amendoadas, destacavam-se do conjunto que bem se passaria por um fantasma que ali resolvera materializar-se. As mãos e os lábios tremiam, e tudo isso foi tomado, inclusive pelo noivo, como se forte emoção dela se apossara pela novidade anunciada. Atônita, a jovem procurou com os olhos, pela mesa lateral, onde se sentava *Vincent* e, quando os olhares de ambos encontraram-se, traziam uma dor descomunal, dor de morte!...

Vincent também empalidecera. A mão se lhe crispara sobre o cabo do punhal que trazia preso à cintura. Teve ímpetos de saltar sobre o rival c, ali mesmo, à frente de todos, descarregar todo o seu ódio contra aquele que tão cinicamente o traía!... Ah, traidor miserável!... Sabia que *Vincent* e *Céline* amavam-se, mas se interpusera entre eles como uma sombra sórdida e, a todo custo, tentava conquistar o coração da moça. A jovem recusara-o sempre e até já lhe havia dito, claramente, que amava *Vincent* e que só seria feliz, se o eleito de seu coração estivesse a seu lado.

Vincent sentiu tudo girar à sua volta e foi com grande sacrifício que conseguiu levantar-se da mesa e, cambaleante, deixou o salão, sob olhares inquiridores e curiosos. Conseguira conter-se e deixar o castelo.

Lá fora, fazia uma noite linda, de lua cheia. Uma brisa amena soprava do sul, trazendo a sensação agradável de aconchego dos ventos suaves que sopram do Mediterrâneo, no alto verão. O rapaz cavalgava de retorno para casa, banhado pelo luar. O desalento

tomara conta de si. Grossas lágrimas molhavam seu rosto, e o peito arfava, tornando-lhe a respiração opressa e difícil. O cavalo caminhava a passos lentos, pois seu cavaleiro não demonstrava pressa alguma de chegar. O pensamento era um turbilhão, uma mescla de ódio e de autopiedade. Estava aniquilado, e a sua vida perdera totalmente o sentido.

Tantos planos fizeram juntos, nos encontros furtivos que mantinham, quando *Vincent*, ousadamente, franqueava o jardim da mansão *Vichy*, e ambos namoravam, acobertados pela profusão dos ramos de flores que pendiam dos caramanchões bem cuidados e pela constante proteção de *Jean-Baptiste*, que vigiava, para que nunca fossem surpreendidos por olhares indiscretos ou, pior, pelo velho marquês de *Vichy*, que não tolerava *Vincent*.

Agora tudo estava perdido!... *Vincent* tinha a certeza de que nem *Céline* nem *Jean-Baptiste* sabiam do plano de *Clairmont* e *Vichy* de casarem os filhos. Todos foram pegos de surpresa, e isso tinha um propósito: tanto *Vichy* quanto *Clairmont* sabiam da paixão de *Vincent* por *Céline*, e vice-versa e, para evitarem possível rapto e conseqüente fuga, como era muito comum acontecer na época, tramaram tudo às escondidas. Feito o anúncio de noivado e compromisso de casamento, o rapto, seguido de fuga, seria passível de perseguição e encarceramento do raptor. *Vincent* conhecia bem essas coisas; por ora, seria temeroso raptar *Céline* e tentar uma fuga, pois o conde não hesitaria em pôr sua milícia no encalço de ambos e faria de tudo para assassiná-lo em alguma escaramuça.

A noite já avançara bastante, quando *Vincent* apeou de seu cavalo, diante de sua mansão. Estava exausto, tinha o corpo dolorido e o rosto desfigurado e inchado pelo choro. Os cães da propriedade haviam ladrado, insistentemente, e o velho mordomo esperava-o à porta. Assustara-se ao ver o amo tão descomposto. O velho *Honoré* auxiliou-o a descer do cavalo, pois o rapaz não conseguia mover-se, em razão de seus músculos estarem em frangalhos e travados, duramente golpeados que foram pela forte emoção daquela noite.

Seu traje de gala estava ensopado e ele ainda suava, copiosamente; os dentes estavam fortemente cerrados, e apenas conseguia emitir alguns sons guturais, incompreensíveis. Era uma síncope nervosa que o acometia.

Vincent foi acamado, pois uma febre forte e insistente vitimou-o, provocando-lhe estertores e convulsões. Tinha períodos de inconsciência, seguidos de outros, em que recobrava a lucidez, mas era tomado por uma mudez profunda que nada ou ninguém faziam-no sair dela.

Depois de cinco dias decorridos da fatídica noite e nenhuma perspectiva de melhora, *Honoré* viu-se forçado a enviar um mensageiro a *Toulouse*, em busca de *Ferdinand Petit*, médico e velho amigo dos barões *de Quentin*.

Quando o doutor *Petit* chegou, três dias depois, encontrou o rapaz à beira da morte. Estava magro, profundamente depauperado e tomado de uma palidez mórbida, quase cadavérica. O médico preocupou-se com o estado de *Vincent* e deu ordens expressas para que se providenciassem alguns medicamentos que tiveram de ser aviados em *Toulouse*. Foi despachado, então, um hábil cavaleiro para que, descansando o menos possível, trouxesse os remédios para o enfermo.

Três dias depois, os medicamentos já estavam sendo ministrados a *Vincent* pelas mãos hábeis do doutor *Petit*. Entretanto, o paciente não demonstrava reações favoráveis, e o médico meneava, tristemente, a cabeça, jurando que o jovem estava negando-se a viver, e que algo deveras grave tinha-lhe sucedido. Tudo se esclareceu, quando *Jean-Baptiste de Vichy*, tomando conhecimento da enfermidade do amigo, veio visitá-lo e narrou, minuciosamente, ao médico o que sucedera dias atrás.

A chegada do jovem marquês *de Vichy* trouxe um certo alento a *Vincent*, cujos olhos iluminaram-se, de inopino, quando divisaram a simpática figura do irmão de sua amada, adentrando a semi-obscuridade de seu quarto.

Jean-Baptiste passou horas, narrando a *Vincent* o que havia acontecido à sua irmã, após o fatídico anúncio de seu noivado com o jovem conde de *Clairmont*. Contou ao desditoso *Vincent* que a irmã desmaiara, estrepitosamente, depois de ver seu amado, visivelmente transtornado, deixar abruptamente o salão do banquete.

O repentino desfalecimento da jovem causara um tumulto e, como não voltava a si, teve que ser recolhida ao leito onde, enferma, encontrava-se ainda até aquela data e, o que era pior, totalmente desprovida da razão. Seus olhos estavam perdidos no vazio, e não havia nada que a fizesse voltar à realidade. *Clairmont* e *Vichy*, em conjunto, haviam providenciado a vinda de um médico especialista, de Paris, que já havia examinado a irmã e constatara que ela houvera tido um forte ataque de nervos e que lhe deixara seqüelas, provavelmente, intransponíveis. E, a conselho do médico, já estavam providenciando o seu traslado para a capital e seria internada na Clínica *Charrenton*, onde seria avaliada e tratada por uma equipe de médicos especialistas em doenças nervosas, e ele, *Jean-Baptiste*, iria acompanhá-la, ficando hospedado em casa de parentes.

O rapaz, costumeiramente jovial e bem-humorado, encontrava-se, então, bastante abatido e se percebia claramente que ele houvera amadurecido muito, diante de provações tão cruéis que tão cedo lhe assolavam a tenra vida; antes, era a mãe que padecia de perturbações mentais; agora, também a irmã a quem tanto era afeiçoado.

A meio de recordações tão tristes, de um passado não muito distante, *Vincent* voltou à dolorosa realidade. Sentindo a maior tristeza do mundo, cavalgava pela estrada que o conduzia a *Toulouse*. O dia já avançara bastante, e sua montaria dava mostras de cansaço.

Era preciso parar para dar de beber ao animal, e ele, também, tomaria algum alimento. Avizinhara-se de um riacho refrescante e aproveitou para desalterar-se a si e à montaria. Tomou de um farnel

que *Honoré* havia-lhe preparado e, enquanto seu cavalo, tendo já saciado a sede, pastava a relva que margeava o regato, *Vincent*, displicentemente recostado ao tronco de um imenso carvalho, comia pão e nacos de queijo curado.

Os pensamentos ainda fervilhavam em sua cabeça, ora buscando soluções desesperadas para a situação atual, ora teimando em voltar para o passado, à busca de épocas felizes, numa tentativa de amenizar tamanha provação que se apossara de sua vida.

Meia hora depois, cavalgava novamente pela estrada que, nesse trecho, atravessava imenso bosque de pinheiros. Na semi-obscuridade do arvoredo, divisavam-se apenas as escuras silhuetas do cavalo e de seu cavaleiro, em desabalada carreira, rumo a *Toulouse*. E, com o solitário viajante, ia também a dor - companheira inseparável -, desde que a sua vida fora totalmente destroçada pelos inglórios acontecimentos que se sucederam, após o fatídico anúncio do noivado de *Céline* com *Antoine de Clairmont*.

Tudo ainda lhe era tão recente na memória c, como ferida que incessantemente sangrava, não havia como se esquecer dessas nefastas lembranças!... A internação de *Céline* no asilo para doentes mentais, em *Charrenton*, e o retorno de *Jean-Baptiste*, trazendo péssimas notícias: a doença da jovem era incurável; infelizmente, era a triste herdeira da mãe, que também sofria desse mal, só que de forma mais branda e que apenas se fora agravando, com o passar dos anos. Com *Céline*, a forte provação de ver-se privada de seu amor, simplesmente, acelerara o processo, fazendo-a sofrer o ataque nervoso que lhe proporcionara lesões musculares e neurológicas seriíssimas, transformando-a num ser completamente incapaz de locomover-se, falar ou até mesmo de racionar ou de reconhecer alguém. *Vincent* desesperara-se, ao saber que a amada sequer poderia reconhecê-lo!

No dia seguinte, acompanhado de *Jacques de Montaigne*, seu fiel companheiro de caçadas e exímio espadachim, partira para Paris,

pois queria ver com os próprios olhos como se encontrava a mulher amada.

Foram vários dias de cavalgada para o norte, onde se localiza a capital do país. Viajaram, descansando o mínimo possível e sofrendo a inclemência da difícil jornada, apenas para estar com ela, para dar-lhe o conforto de sua presença e nutrindo a vã esperança de que, se ela o visse, talvez recobrasse a razão... Mas, oh, cruel decepção!... Melhor se não tivesse visto o quadro dantesco que se lhe apresentou em *Charrenton!*...

O hospital ficava nos arredores de Paris e se tornara famoso pela equipe médica que se devotava à tentativa de cura das doenças mentais, embora com resultados incipientes para os parcos conhecimentos científicos e tecnológicos do século XVIII; entretanto, já se faziam experimentos com o emprego de diversas ervas européias, americanas e asiáticas, bem como se empregava a terapia do choque, através do susto, em que se simulavam situações de extremo perigo para o paciente, como incêndios, afogamentos e encontros fortuitos com serpentes, aranhas ou escorpiões. Essas experiências foram aprimoradas, no transcorrer do século XVIII, e vieram a sofisticar-se mais, no século XIX, com o emprego do poço de serpentes e banhos em água extremamente gelada. Mais recentemente, com a descoberta e a vulgarização da eletricidade, no último quartel do século XIX e início do século XX, difundiu-se o emprego do choque elétrico - largamente utilizado pelas clínicas especializadas, até há bem pouco tempo.

Vincent estava acompanhado de *Jacques* e do médico que tratava de *Céline*, o doutor *Gaston Pérignot*, que muito gentil, instruiu os jovens sobre o estado da paciente e, também, advertiu-os de que era um quadro grave e, para a época, incurável.

O doutor *Pérignot*, após a séria conversa com os jovens, conduziu-os ao pavilhão onde *Céline* encontrava-se. Só quem tem contato com os manicômios pode avaliar quantas almas encontram-se internas, nestes locais horripilantes, tolhidas da liberdade e em profunda e

cruel provação!... A alienação mental, manifestando-se nas suas variadas formas, largamente catalogadas pela ciência oficial como fobias, paranóias, psicoses e síndromes diversas de difícil etiologia, nada mais é que a falência e o resultado dos desvios de conduta de almas que se comprometeram com os vícios ou com o crime, os quais campeiam, a sobejo, neste mundo, pejado de homens e mulheres ainda voltados, quase que exclusivamente, a atenderem ao império imediatista dos sentidos, que se apresentam soberanos e dominadores das mentes enfraquecidas, desvirtuadas e distanciadas da verdadeira Fé no Criador Único e em seu lídimo representante na Terra, Jesus!

Os dois jovens caminhavam pelos corredores da clínica, grandemente impressionados pelos quadros que se lhes deparavam pelos cantos e acomodações daquele horrendo lugar. Por fim, adentraram uma enfermaria, onde havia uma dezena de mulheres, terrivelmente desgrenhadas; algumas eram portadoras de semblantes medonhos, com os olhos projetados para fora das órbitas, mostrando desmedidas escleróticas amarelo-esbranquiçadas, emolduradas por olheiras escuras, que formavam um conjunto repulsivo, tétrico. A maioria delas gesticulava e falava, sem parar, ou gritava coisas desconexas. E, nesse quarto, é que jazia inerte, sobre um leito coberto de panos brancos, a figura patética da que fora, até poucos dias atrás, a frágil, mas exuberante *Céline!*...

Um grito de horror escapa da garganta de *Vincent*:

- Oh, não!... Não!... *Céline*, meu amor, o que te fizeram?!...

E, num ímpeto, dos que lhe eram peculiares, caiu de joelhos ao lado do branco leito onde estava prostrada a mulher amada. Depois, gentilmente, como se ela fosse um bebê recém-nascido, soergue-a, fazendo-a sentar-se ao leito e, tomando-a num abraço terno de saudade e de dor infinita, beija-lhe os cabelos despenteados, que lhe tombavam até os ombros. O pranto compulsivo vinha-lhe aos borbotões, molhando o rosto da jovem, pois o rapaz cobria as descoradas faces da amada com infinitos beijos.

Para desespero de *Vincent*, a moça não reagiu. Impassível mostrou-se quando ele lhe gritou o nome, impassível permaneceu quando ele a abraçou e, por longo tempo, assim ficou, abraçando-se a ela, como se quisesse que aquele momento não terminasse jamais. Ah, se os promotores das dores do próximo pudessem aquilatar o que a vida reserva-lhes no porvir!... Bem depressa, poriam em prática o ensinamento de Jesus: *"Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra..."* ³

Difícil foi aceitar que sua amada andava perdida por paragens fora deste mundo!... Ele não tivera tempo de perceber quão frágil era o limiar que, na jovem, separava a lucidez da alienação definitiva!... Ah, *Céline, Céline*, pobre avezinha que a terrível tempestade tolhera em pleno vôo!... A razão de *Vincent* recusava-se a aceitar que a moça, que ainda não completara dezessete anos, estava como se fosse uma morta viva!... O corpo esquelético e anguloso indicava que a anorexia instalara-se, e que o fim aproximava-se. O desespero foi-se avolumando em seu peito e se tornou incontrolável. Então, um grito alucinante explodiu de sua garganta, e a falência seguiu-se-lhe. Fora demais para *Vincent* e, embora tivesse a têmpera dos audazes jovens de sua época, o destino golpeara-o com desmesurada força, além do que ele poderia suportar. Sentiu a vertigem, a vista escureceu-se-lhe e ele tombou, estrepitosamente, sobre o chão de pedra, antes que o amigo ou o médico pudesse tê-lo socorrido.

Vincent foi retirado dali ainda inconsciente e, quando o fizeram recobrar os sentidos, encontrava-se num leito, numa das enfermarias da clínica. O doutor *Pérignot* e *Jacques de Montaigne* faziam-lhe companhia.

(3) Evangelho de S.Mateus, 5-39

O médico, ao perceber que o rapaz recobrou a consciência, imprimiu certa suavidade à voz e lhe comunicou:

- Meu caro barão, devo informar-vos de que o estado da marquesinha *de Vichy* inspira muitos cuidados, e estamos fazendo tudo o que a ciência médica possibilita-nos. Entretanto, os escaninhos do cérebro humano ainda são um grande labirinto para nós. Em casos semelhantes ao de *Céline*, devo advertir-vos de que não tivemos tido sucesso algum, e é bom que vos prepareis para o pior. Já havíamos informado ao irmão, que partiu há dias, no intuito de trazer o pai, para que a visse, pela última vez, mas creio que não chegarão a tempo. Como se encontra, é impossível fazê-la comer; até mesmo líquidos tem sido difícil, pois, às vezes, o estertor neurológico é tão forte que ela trava as mandíbulas, e não há nada que a faça abrir a boca. É possível que não tenha consciência do que faz; por outro lado, presume-se que a paciente deseja, de alguma forma, autopunir-se por alguma decepção ou desgosto que tenha sofrido. É o que comumente acontece. Segundo me relatou *Jean-Baptiste de Vichy*, a jovem sofreu forte decepção, no campo afetivo, pela perda de pessoa amada. Para certos indivíduos, que não têm uma estrutura emocional muito equilibrada, tais coisas podem levar à alienação mental, e a cura torna-se muito difícil.

A pequena explanação do doutor *Pérignot* deixou *Vincent* ainda mais desolado. Se pudesse, trocava a sua vida pela de *Céline*, tamanho era o amor que ele lhe devotava!... Profundo pesar assenhoreou-se de sua alma, e um nó apertou-lhe a garganta como se fosse uma tenaz em brasa. Sentiu que ia desfalecer novamente. Os olhos marearam-se-lhe, e um pranto abundante inundou-lhe as faces esqueléticas, largamente golpeadas pelo sofrimento incessante. *Jacques de Montaigne*, o fiel companheiro de lutas e de aventuras, aproximou-se dele, tomou-lhe a mão entre as suas e, com a voz embargada, disse-lhe:

- *Courage, mon ami!*...⁴ Para Deus, nada é impossível! Depois, ajoelhou-se ao lado do leito em que repousava o amigo

e, com os olhos inundados de lágrimas, persignou-se, juntando as mãos, em atitude súplice. A seguir, muito compenetrado, elevou a voz, carregada de ardor, numa prece repleta de sentimento. Ao encerrar sua oração, *Jacques* lembra-se da insigne mãe de Jesus e convida o amigo a repetir com ele. Com a voz entrecortada de soluços, o outro repete a oração que ambos haviam feito juntos, inúmeras vezes:

- *Je vous salue, Marie, pleine de grâce...*⁵

Jacques de Montaigne e *Vincent* encerram sua prece, dirigida à Virgem, carregados de emoção, pois ambos eram devotos fervorosos da sublime Senhora. O amigo permanece ajoelhado, por alguns instantes mais, ao lado do leito de *Vincent*, e o doutor *Pérignot*, embora fosse um céptico acerca das coisas espirituais, achava louvável que se fizessem orações, pois pensava que elas, em alguns casos, conseguiam acalmar os pacientes.

Vincent ainda continuava fortemente abalado e, passada a ameaça de síncope emocional, o médico aconselhou-o a deixar o hospital e procurar lugar mais tranqüilo, uma vez que, ali, a balbúrdia era muito grande.

Meia hora depois, *Jacques de Montaigne* e *Vincent* passeavam sob as árvores do parque do *Champ de la Bagatelle*, nos arredores da cidade, longe do movimento das ruas. *Vincent*, ainda fortemente combalido, caminhava um pouco trôpego, tendo que, a intervalos, apoiar-se ao ombro do amigo. Chorava ainda, e era difícil fazê-lo parar.

Mas, *Jacques* conhecia-o muito bem. Desde rapazolas eram amigos, pois seu pai, o marquês *Lafayette de Montaigne*, possuía uma propriedade nos arredores de *Sainte Marie Madeleine des Eaux-aux-Pierres*, e ambos haviam crescido, cavalgando pelos campos e bosques da *Haute-Garonne*;

(4)" - Coragem, meu amigo!...", em francês.

(5) " - Ave, Maria, cheia de graça..." (Assim se inicia a Ave-Maria, em francês.)

juntos, haviam vivido estonteantes aventuras, viajando pelo país, em busca de conhecimento e experiência e, ainda, juntos, haviam lutado pelo exército francês, contra a Inglaterra. Demonstraram bravura e intrepidez, diferentemente do que revelara o filho mais velho do conde de *Clairmont*, que se furtara a lutar contra os ingleses. Para tanto, *Antoine de Clairmont* preferira engajar-se no exército de além-mar e servira nas guarnições sediadas no Haiti, possessão francesa na América. Lá estivera por dois anos e, quando retornou, foi que deitara os olhos sobre a marquesinha *de Vichy*. A moça havia crescido e se transformado na cândida donzela de sorriso afável e doce, que fizera *Antoine* arder-se de paixão.

A essa época, *Vincent* e *Celine* já se encontravam às escondidas, e a chegada do amigo, que estivera na América, acabara por trazer aquela nuvem de inquietude para o casal de namorados. *Antoine de Clairmont* sempre fora amigo de *Vincent* e de *Jacques*, embora a amizade entre esses últimos fosse mais profunda e a relação de confiança mútua fosse maior. Na verdade, um representava ao outro o irmão que não tiveram, pois ambos, eram filhos únicos.

Antoine, apesar de ser o amigo comum e estar quase sempre com eles, vivendo as mesmas aventuras, a amizade com o jovem conde não tinha, para ambos, a mesma relação de cumplicidade e profundidade fraternal que os unia. *Antoine* era um tanto fanfarrão e se gabava de sua superioridade social, desejando estar sempre à frente de tudo e ditando as ordens. Os outros dois aceitavam o modo de ser do companheiro, mais pelo beneplácito de caráter que os caracterizava, que pela imposição de personalismos que os dois jovens, decididamente, não continham em suas respectivas personalidades. Tanto *Jacques* quanto *Vincent* haviam tido educação monacal, internos que estiveram, por cinco longos anos, no mosteiro dos monges beneditinos, em *Toulouse*. O monacato impusera em ambos o que o outro não tivera, e isso fizera grande diferença na construção da educação dos jovens. *Vincent* e *Jacques* tinham uma formação religiosa que os diferenciava, em caráter, da formação às

Antoine de Clairmont, que fora instruído pelo pai, a dedicar-se mais acintosamente ao materialismo, em detrimento das infrutíferas tentativas da mãe, a condessa *de Clairmont*, de dar-lhe um pouco de formação religiosa.

Sob as árvores do *Champ de la Bagatelle*, *Vincent* estava bastante vulnerável. A lembrança da mulher amada à beira do decesso levava-o às raias da loucura. Era-lhe difícil aceitar aquela situação. Como sofria!... Suas carnes tremiam, tinha os nervos em frangalhos; era possível que, se *Céline* morresse, ele a seguiria ao túmulo, pois a vida ser-lhe-ia insuportável sem a mulher amada.

A meio dessas tristes reminiscências, *Vincent* não percebeu que a noite vinha caindo. E, sacudindo a cabeça, como se quisesse espantar as tristes recordações que, desde aquela época fatídica, amiúde, invadiam-lhe o ser, retoma à não menos triste realidade. Conclui, então, que era preciso parar para pernoitar, pois um cavaleiro solitário, à noite, seria presa fácil para as quadrilhas de salteadores que, invariavelmente, costumavam visitar os caminhos ermos. Pelos seus cálculos, estava próximo de uma hospedaria que se situava no limiar do imenso bosque que atravessava. E, foi com certo alívio que, ao dobrar uma curva, deparou-se com o bruxulear de lâmpadas de azeite, iluminando o velho casarão da estalagem.

Minutos depois, apeava de seu corcel, que arfava, combalido pela extenuante jornada. Do frontispício de pedras escuras da construção, certamente erigida num perdido século medieval, pendia uma pesada e tosca placa de madeira, presa a correntões de ferro, e que ostentava os dizeres em tinta negra: "*L'Alouette Noire*".⁶

O interior da estalagem recendia a queijo e a vinho azedo. Sentados a toscas mesas, meia dúzia de camponeses e aldeões falantes e broncos entornavam picheis de vinho barato, a meio de fanfarrônicas e de estrepitosas gargalhadas. Mal perceberam a chegada de *Vincent*, que se avizinhou do imundo balcão e, de pronto, foi notado pelo estalajadeiro que, servil e de olhos copiosos,

apressou-se em atendê-lo, farejando hóspede nobre para a sua pocilga.

- *A votre service, Monseigneur!*⁷ - aviou-se o homem de rosto redondo e de cabelos empastados de sujeira.

- Desejo pernoitar - respondeu-lhe *Vincent*.

- O melhor quarto da casa, *Monseigneur* - disse o homem gordo, apanhando uma chave. E, continuou: - É preciso subir a escada. Tendes bagagem?

- Pouca coisa. Apenas um *sac de voyage* que se encontra preso à garupa de minha montaria. E, a propósito, há também como alimentar e guardar meu cavalo?

- *Parfaitement, Monseigneur* - responde, solícito, o estalajadeiro. - Temos a estrebaria nos fundos.

- Depois que acomodardes meu cavalo, trouxei minha refeição - ordena *Vincent*, à porta do quarto.

Uma hora mais tarde, *Vincent* repousava sobre um leito de satisfatória comodidade. Os lençóis cheiravam a sabão inferior e o ambiente tresandava a mofo. Estava literalmente estafado. Comera, parcimoniosamente, pão com nacos de carne suína fria e bebera um copo de vinho de razoável condição. Um coto de vela malcheirosa queimava num candeeiro preso à parede, lançando no ambiente uma enfraquecida luz tremeluzente e amarelada.

Vincent estava deitado de costas, na semi-obscuridade, e seus olhos percorriam os desenhos irregulares que a fuligem dos séculos fizera no teto do quarto. Embora cansado, o sono não vinha. A excitação era grande, e o pensamento rodopiava como num torvelinho. Cenas do passado e do presente alternavam-se. Invariavelmente, o pranto vinha-lhe aos borbotões. Como ficara vulnerável, meu Deus!... Ele próprio se desconhecia.

(6) "A Cotovia Negra", em francês.

(7) "Às suas ordens, senhor!", em francês.

Onde estava o rapaz forte, cheio de vida e experiente que, aos dezessete anos, já experimentara os horrores de uma guerra?... "O amor desarma qualquer fortaleza..." Esse pensamento fê-lo estremecer. Estaria incapaz de continuar vivendo, de enfrentar a própria existência?... Mas, o que era a existência sem o amor?... Encontraria graça nas coisas que sempre lhe agradaram?... Saberia recitar os poemas, com tamanha veemência, como fizera, tantas vezes, para os embevecidos ouvidos de *Céline*, nas tardes primaveris, quando se encontravam, furtivamente, a meio dos rododendros floridos e à sombra das faias?... Até parecia sentir o odor das flores e o canto dos estorninhos que iam e vinham, no afã de alimentar os recém-nascidos nos ninhos. Lembra os versos de *Chastelard*⁸, o poeta trovador, de quem ambos gostavam muito, e os repete baixinho, entrecortados de soluços:

*"Oh, Déesse immortelle Escoute donc ma voix Toy que tiens en tutelle
Mon pouvoir sous tes loix Afin que si ma vie Se voit en bref ravie Ta
cruauté La confesse périe Par ta seule beauté"*⁹

E, *Céline*, embevecida pelo conteúdo dos versos e tocada pela sonoridade máscula da voz do amado, recostava a cabeça nos ombros dele e, assim, ficavam, por longo tempo, esquecidos do mundo.

(8) Piem de Boscosel Chastelard (1540-1564), poeta francês, neto de Bayard. Apaixonou-se, ardentemente, pela rainha Maria Stuart, acompanhando-a à Escócia; surpreendido nos aposentos reais, foi condenado à morte por tal ousadia, aos 24 anos de existência.

(9) Tradução literal dos versos de Chastelard, do francês do século XVI:

"Oh, Deusa imortal,
Escuta, pois, minha voz
Tu que tens, em tutela,
E sob tuas leis, o meu poder.
Para que assim se encerre.
Em breve encanto, a minha vida.
Tua crueldade,
Confesso-a destruída
Por tua incomparável beleza. "

Como era intenso o amor deles!... E, quão cruel lhe estava sendo a vida sem esse amor!... Ele também morreria, pois *Céline* não mais existia...

Quando o dia amanheceu, já se encontrava longe da estalagem. Dormira mal; só muito tarde da noite conseguira conciliar o sono, o qual fora agitado e povoado de sonhos. Num deles, vira-se perseguindo *Antoine de Clairmont*, numa desabalada cavalgada pelos campos da *Garonne* e, alcançando-o, desferira-lhe certo golpe, às costas, com a espada, vendo-o, em seguida, cair de sua montaria, banhado em sangue. Ah, *Antoine de Clairmont*, maldito usurpador que agora queima no inferno!...

A morte do rival, de certa forma, trazia-lhe algum conforto, mas não aplacava de todo o ódio que nutria por todos eles. As escaramuças, que tivera com *Henri de Clairmont*, nas vezes em que se encontraram, só lhe fizeram aumentar mais e mais o ódio. Em todos os malfadados encontros, conseguira sair ileso, graças ao grande espadachim e cavaleiro que era. Das cinzas da antiga amizade de família, nascera o ódio implacável. Não, decididamente, o final de tudo seria uma sucessão de tragédias, até que nenhum deles mais restasse!... Ódio como aquele só se abrandaria com sangue!... *Vincent* sabia que, hora ou outra, seria atraído pelo conde e seus asseclas e, fatalmente, seria assassinado. Até achava que tinha tido sorte, mas que ela não duraria para sempre. O conde pretendia matá-lo, e disso ele tinha certeza. Por outro lado, sentia-se feliz. Morreria lutando, se não o apanhassem à traição e a vida, que vinha tornando-se-lhe insuportável, teria um fim. Quem sabe, na eternidade, segundo a crença que professava, não encontraria *Céline*?... E, lá, longe dos interesses mesquinhos e das intrigas, finalmente, não seriam felizes?... Tais conjecturas acabam trazendo-lhe um forte sentimento de autopiedade, e a dor da perda da amada torna-se-lhe insuportável. Seu pensamento, então, voa para tempos atrás, para os últimos dias da agonia de *Céline*...

Estavam em Paris, instalados na mansão da marquesa *Anne de la Roche*, velha tia de *Jacques de Montaigne*, e *Vincent* ia todas as manhãs visitar sua amada. Desesperado, via *Céline* afinar mais e mais, e a vida da moça, escoando-se-lhe por entre os dedos, e ele nada podia fazer. Passava horas abraçado a ela, acariciando-lhe o rosto descamado e lhe sussurrando palavras de consolo. Chorava muito, chegando a empapar de lágrimas os longos e maltratados cabelos de sua amada.

O doutor *Pérignot* observava apreensivo a lenta agonia da jovem, mas se sentia, também, impotente, diante do quadro. Ministrara-lhe diversas drogas, conhecidas na época; propiciara-lhe diversos choques, em contato com serpentes; prescrevera-lhe repetidos banhos de água gelada, mas nenhum resultado positivo obtivera, para desconsolo seu e do desesperado *Vincent*.

Dez dias depois, *Jean-Baptiste de Vichy* retornava a Paris. Vinha sozinho, pois a saúde da mãe piorara, e o pai, combalido pelas notícias que recebera sobre a filha, também adoecera e não poderia viajar com o filho. Foi notório seu desespero ao deparar-se com a irmã mais deprimida ainda do que quando a deixara, dias atrás. Aliou-se à sua dor de *Vincent* e ambos, diariamente, faziam companhia à jovem que já não abria mais os olhos.

E, foi assim que, após mais uma semana e meia de imensa agonia, durante a qual não reagira a qualquer estímulo exterior que, amparada pelos braços trêmulos de *Vincent* e de *Jean-Baptiste*, *Céline* dava seu derradeiro suspiro. Longa fora sua agonia, seu calvário!... Estava irreconhecível. A anorexia abatera-se-lhe tão violenta, que morrera na mais completa inanição. Sequer água bebia. Suas feições estavam tremendamente desfiguradas; a pele grudara-se-lhe aos ossos, revelando seu esqueleto com detalhes. Era uma figura deveras chocante!

Foi uma tarefa realmente difícil para *Jacques de Montaigne* e *Jean-Baptiste* conseguirem afastar *Vincent* do cadáver de *Céline*. O rapaz abraçara-se à morta, num choro convulsivo, e passou horas, alheio

ao que o cercava. Todos, inclusive o doutor *Pérignot*, achavam que *Vincent* também havia perdido a razão. A noite já estava caindo, e era preciso preparar o corpo para o embalsamamento, pois *Jean-Baptiste* pretendia transportá-lo para a *Garonne* onde seria sepultado no mausoléu da família.

Dois dias depois, um tristíssimo cortejo, composto de três jovens cavaleiros, acompanhava um carroção que transportava o esquife de *Céline*, pelos esburacados e lamacentos caminhos, de volta para casa. Foram dias de viagem, terrivelmente piorados pela chuva fina e fria que caíra durante quase todo o trajeto. *Vincent* cavalgava calado o tempo todo. Não chorava mais. Seu rosto estava inflexível, duro, como se ele usasse uma máscara; nenhuma expressão, apenas uma impassibilidade severa, que chegava a preocupar seus companheiros de viagem. Nas paradas para o descanso, ele mal tocava nos alimentos. Estava visivelmente emagrecido, e uma palidez, nele jamais vista antes, tomava conta de suas feições.

A chegada do esquife de *Céline* à mansão *Vichy* trouxe grande comoção a todos. O velho marquês, muito doente, mal se sustentava de pé; sua esposa, alheia a tudo e a todos, não tinha a mínima noção do que se passava; apenas chamava, insistentemente, por uma pretensa *Léopoldine*, que os da casa diziam não conhecer. Era a alienação total que se apoderara da velha marquesa *Geneviève de Vichy*.

O catafalco fora instalado no grande salão da mansão. O esquife de *Céline* estava coberto com um véu branco, e os embalsamadores haviam-lhe feito correções no rosto, quando a maquiaram, de modo que sua aparência estava um pouco melhorada. Mesmo assim, seu estado *post-mortem* era algo que chocava os amigos e familiares que acorreram ao breve velório que se lhe propiciaram antes do enterro. *Vincent*, apesar dos olhares furibundos que lhe direcionava o velho *Leon de Vichy*, não arredara pé e teimava em permanecer ao lado do esquife da mulher amada; não se intimidou, nem mesmo quando o pai da jovem ameaçou expulsá-lo, brandindo-lhe furiosamente a

bengala. Só então, às instâncias de *Jean-Baptiste* é que o velho - mas, muito a contragosto - permitiu que o rapaz permanecesse no recinto do velório.

O que quase levou *Vincent* à loucura foi a chegada dos condes de *Clairmont*. Vieram o conde *Henri*, a condessa *Catherine* e *Antoine*. O noivo oficial de *Céline* sequer a visitara uma só vez em *Charrenton*; limitara-se apenas a visitar os marqueses de *Vichy*, duas ou três vezes, somente, em busca de notícias da noiva. Quando lhe comunicaram a morte da jovem, não esboçara qualquer sinal de desespero; apenas dissera que lamentava muitíssimo e que já se preparara para aquilo, pois sabia que a noiva sofria de mal incurável.

Mal os condes de *Clairmont* chegaram, iniciou-se o ofício religioso, na capela da mansão, para onde transladaram o corpo de *Céline*. Após a missa de corpo presente, celebrada pelo pároco de *Sainte Marie Madeleine des-Eaux-aux-Pierres*, sepultaram a jovem no jazigo da família.

Vincent permaneceu em pesado silêncio, durante todo o tempo; ressaltou-se, apenas, que um observador perspicaz poderia notar que ele dirigia, amiúde, olhares furtivos, carregados de ódio, para o pretensamente conde *Antoine de Clairmont*. Este último fingia sofrer muito e, ao fecharem o caixão, desvelou o rosto de *Céline* e a beijou longamente na testa. *Vincent* roeu-se de ciúme e murmurou entre dentes:

- Covarde!... Arrepende-te-ás por mais esta afronta!...

Teve ímpetos de matá-lo ali mesmo, diante de todos. Mas, *Jean-Baptiste*, conhecedor da índole do amigo, permaneceu o tempo todo a seu lado e não raras vezes tinha-o segurado, firmemente, com as mãos, impedindo-o de cometer um ato impensado, piorando ainda mais o quadro de dor que se apresentava na ocasião.

Findas as exéquias, *Vincent* despediu-se de *Jean-Baptiste*, apenas. Ao abraçá-lo, murmurou-lhe ao ouvido:

- Vingá-la-ei por nós dois, meu amigo!... - disse, mal sofrendo os soluços. E, continuou: - Será apenas uma questão de tempo!... A morte de *Céline* não ficará impune!...

Vincent cerra os olhos, por instantes, e sente o vento batendo no rosto. A triste realidade fá-lo acordar de tão dolorosas lembranças. Cavalgara por longo tempo, e o sol já estava a pino. Era hora de parar para tomar algum alimento e dar um pouco de descanso à montaria.

Minutos depois, descansava, recostado ao tronco de um frondoso carvalho que sombreava à beira do caminho. Não tinha fome, apenas bebericava de uma meia garrafa de vinho que sobrara de seu farnel. Seu cavalo pastava da relva que medrava à margem da estrada. O olhar do rapaz perde-se na profundidade dos campos. O outono já se findava e o céu estava opaco, prenunciando a chegada de mais um inverno. Profundos suspiros saíam-lhe, amiúde, da garganta opressa, como se uma torrente, perigosamente controlada, teimasse em jorrar, aos borbotões, inundando e arrebetando tudo que se lhe interpusesse à passagem. No fundo, era um grande cabedal de ódio incontido que, se não fosse extravasado, acabaria por fazer seu peito explodir em mil pedaços. Ah, triste sina a das almas que se deixam arrastar pelo fogo devastador das paixões!...

Em cada novo século que surge, no panorama da evolução do mundo, os homens que se reencarnam trazem traços de personalidade que diferem do pensamento dos homens dos séculos anteriores. Espíritos que buscam, na reencarnação, a reparação dos males que fizeram a si próprios e ao próximo, imprimem marcas indeléveis de seu *modas vivendi*, plasmando, no mundo físico, novos hábitos e costumes que, não raras vezes, chocam as mentes de outros, encarnados há mais tempo. É o embate das gerações que, invariavelmente, trazem os atritos entre os mais "velhos" e os mais "jovens". É dessa forma que a natureza humana recicla-se, permitindo que surjam novas experiências filosóficas, científicas e sociológicas.

O século XVIII foi particularmente pródigo nas inovações que se seguiram, após o renascimento das artes e das ciências que ocorreu, de modo universal, a partir do século XVI. A primeira tentativa de sistematização do saber desenvolveu-se na Europa, principalmente com os grandes pensadores franceses do século XVIII - o "Século das Luzes" - , época em que a razão procurou predominar sobre o sentimento. Haja vista a enxurrada de obras filosóficas e de experimentação social e científica que surgiu, e com que determinação foram lançadas as bases para a publicação da *Encyclopédie*, cujo primeiro volume veio a lume, em 1751 -obra que teve a pretensão de conter todo o conhecimento da humanidade -, e idealizada por alguns filósofos franceses, dentre os quais: *D'Alembert*, *Diderot*, *Montesquieu* e *Voltaire*; este último tido como um dos pais da Revolução Francesa, de 1789, cujo principal objetivo era a deposição das monarquias absolutistas, a ascensão da burguesia ao poder e a instauração do Liberalismo.

O reinado de Luís XIV,¹⁰ cognominado "O Rei Sol", foi de extrema riqueza para a França. Esse monarca, hábil político, aglomerou sob seu cetro todo o poder, fortalecendo grandemente o absolutismo, provando que essa forma de governo era viável, desde que o governante fosse capaz de concentrar em si todos os atos políticos determinativos dos destinos de seu país. Dizem que repetia sempre: "*L'État c'est moi*",¹¹ numa clara alusão de que não estava nada disposto a dividir o poder com o povo.

(10) Luís XIV é a reencarnação do imperador Otávio César Augusto, que governou Roma de 63 a.C. a 14 d.C. Como fez em Roma, esse espírito governou a França, transformando-a num estado moderno: remodelou Paris, construindo, entre outras obras famosas, o grandioso Palácio de Versalhes, obra-prima da arquitetura mundial. Sua época ficou conhecida como "Belle Époque", estilo maneirista de vestir-se e de portar-se em sociedade, caracterizada pela valorização do supérfluo e do esbanjamento.

(11) "O Estado sou eu", em francês.

Por outro lado, dera provas de que era realmente capaz de governar seu país, e a França tomou-se, então, grande potência e o centro cultural do mundo da época.

A riqueza que se instaurou na França, a partir do reinado de Luís XIV, trouxe profundas modificações no comportamento das pessoas e, além de ser conhecido como "*O Século das Luzes*", poderia, também, ser cognominado como "*O Século das Grandes Paixões*". E, isso tem uma grande razão de ser: foi nesse século que inúmeros espíritos remanescentes do Império Romano, da época da decadência, ali se reencarnaram, no afã de ressarcirem velhos débitos outrora adquiridos. Foi por isso que esse período da história da Europa e, mormente a da França, ficou conhecido como *Belle Époque*, ocasião em que o luxo, o fausto e a degradação dos costumes sobrevieram como uma torrente, levando grande parcela da sociedade europeia desse século, a resvalar pelos abismos da incúria e da insensatez, que culminaram nos horrores advindos dos excessos cometidos pelos que idealizaram a Revolução Francesa, de 1789.

Muito caro pagaram aqueles que fizeram a tentativa de restabelecer a lubricidade e a luxúria, além do fausto desmedido que afrontava a miséria extrema que campeava pelos domínios romanos de antigamente e que campeou, também, pelos campos e aldeias europeus, por muito tempo, enquanto poucos, pertencentes a uma aristocracia debochada e parasita, locupletavam-se na exploração do sangue humano e esbanjavam riquezas, a torto e a direito, somente para satisfazerem caprichos soezes e entorpecerem os sentidos, moldados na viciação e na depravação dos costumes. Camponeses e artesãos, alijados a uma condição de miserabilidade extrema, sem direito ao mínimo indispensável para manterem uma vida digna, achavam-se envilhecidos e envelhecidos e condenados à morte pela privação de tudo, mal completavam trinta anos de idade!

Após a morte de *Céline*, a vida de *Vincent* fora um desfilar de tristezas e de decepções. Não saía mais de casa; fechava-se na

biblioteca de sua mansão e ficava horas, em silêncio absoluto, com o olhar fixo num ponto qualquer, perdido em reminiscências. Como a vida se lhe tornara insustentável, sem os encontros furtivos que mantinha com a amada!... De certa forma, a proibição de seu namoro com a jovem dava ao relacionamento deles, de ambas as partes, um ar de desejo do fruto proibido, e quantas brincadeiras haviam feito sobre aquilo!... E, os planos de fuga que haviam feito: fugiriam para longe, para a América do Sul, para um país distante, talvez o Brasil, terra legendária, localizada nos trópicos, que alimentava a fantasia e o imaginário das gentes que sonhavam com um paraíso, aqui na terra!...

De uma coisa *Vincent* tivera sempre certeza: *Céline* não seria de outro. E, a moça havia dito, em várias ocasiões, entre juras de amor e ardentes beijos que trocavam, que preferiria a morte a perder o amor de *Vincent*. Apenas não tinham ainda se decidido pela fuga porque o pai de *Vincent*, o velho barão de *Quentin*, que tinha o mesmo nome do filho, estava muito doente, sofrendo de um mal cardíaco incurável, segundo diagnóstico do velho amigo, o doutor *Ferdinand Petit*, e não teria muito tempo de vida. Sua mãe, a baronesa *Anne*, já havia morrido, dois anos antes, de modo que *Vincent* não teria mais ninguém que o prendesse à França. Do lado de *Céline*, os pais gozavam de relativa saúde física, exceção da mãe, que sofria dos nervos, e vivia mais tempo fechada em seus aposentos do que participava do convívio familiar; *Jean-Baptiste* seria o herdeiro natural e teria de cuidar dos pais, por obrigação. Quantos planos, e tudo terminara em tragédia!... A tarde caía célere, e *Vincent*, descendo para terras mais baixas, pôde divisar, no meio da bruma, as torres da igreja matriz de *Toulouse*. Sentiu um pouco de alento ao pensar que, em pouco tempo, estaria na cidade, podendo descansar, pois sentia o corpo moído pelas várias horas de cavalgada ininterrupta.

A despedida do lar

Uma hora e meia depois, quando a noite já caía, e as lamparinas lançavam sua claridade amarelo-pálida, através das janelas e portas que ainda haviam permanecido abertas, *Vincent* apeava de seu combalido cavalo diante da mansão episcopal, onde residia o bispo *Théophile de Lamare*.

Bateu com a mão fechada, repetidas e pausadas vezes, no pesado portão de carvalho que dava para o pátio interno da residência. Minutos depois, ouviram-se passos apressados sobre o pavimento de pedras. A portinhola da vigia abriu-se, e apareceu um rosto redondo, emoldurado de grossas papadas.

- O que desejas, cavalheiro? - pergunta, sério, o frade gordo.

- Preciso falar com Sua Excelência - diz-lhe *Vincent*. E, acrescenta: - É urgente.

- Quem devo anunciar? - pergunta o religioso.

- Barão *Vincent de Quentin* - responde o recém-chegado, com voz firme.

- *Parfaitement, Monseigneur!...*

Ouvindo a identificação do recém-chegado, o frade, que fazia as vezes de mordomo, apressou-se e, em poucos instantes, retornava ofegante, arrastando as sandálias. Ouviu-se o ruído da chave girando na fechadura, e o pesado portão abriu-se, gemendo nos quícios. *Vincent* adentra o pátio, puxando o cavalo pelas rédeas.

- Sua Excelência aguarda-vos na biblioteca, *Monseigneur* - diz, solícito, o frade, indicando-lhe o caminho.

O bispo *Théophile de Lamare* recebe *Vincent* de braços abertos, e o jovem barão, flexionando o joelho, toma a mão do prelado e beija o anel com a pedra púrpura.

-Meu caro barão!... Que boas novas trazem-te aqui? - diz Dom *Théophile*, abraçando-o, longamente, e demonstrando contentamento pela inesperada visita.

- Tenho muito a conversar com Vossa Excelência - diz-lhe *Vincent*.

- Claro, claro, fico feliz em poder atender-te!... - responde o bispo. E, prossegue: - Mas, a propósito, tudo indica que acabas de chegar de tua propriedade. Não achas conveniente descansares, primeiro, e depois conversarmos?... A menos que o assunto que te traz aqui seja tão importante que não possa esperar!...

- Absolutamente, Excelência!... - responde *Vincent*. E, continua: - Não que o assunto não me pareça grave, mas pode perfeitamente esperar!...

- Muito bem!... - diz o bispo, iluminando o rosto com um largo sorriso. - Considera-te meu hóspede!... Vai descansar e, mais tarde, eu te chamarei para cearmos juntos e, durante a ceia, tu me contarás tudo! De acordo?

O frade mordomo instalou *Vincent* num dos quartos da mansão episcopal e, uma hora depois, veio chamá-lo para comer.

Dom *Théophile* aguardava-o no amplo salão onde tomariam a refeição da noite. O bispo era um homem de quarenta e poucos anos, alto, forte; pele rosada e clara, tinha os cabelos louros e os olhos de um azul profundo e brilhante. Sentaram-se à mesa, e o frade mordomo serviu-os, retirando-se em seguida. O prelado fez breve oração e começaram a comer. Após alguns comentários que ambos teceram sobre o sabor dos alimentos e a delícia do vinho, o anfitrião, com a voz pausada e serena, como lhe era peculiar, olha fundo nos olhos de *Vincent* e diz:

- Se quiseres contar-me o que te aflige, estamos sós...

- Sim, Dom *Théophile* - diz *Vincent*, encarando-o sério. E, continua: - Lembrando a grande consideração que tivestes pelos meus pais, principalmente, por meu pai de quem fostes muito amigo, na juventude, foi que me animei a vir até aqui para aconselhar-me. Sei que não é novidade para Vossa Excelência que abati o jovem conde

de *Clairmont*, num duelo, mas não sei se conheceis as conseqüências que advieram desse ato.

- Não, meu jovem - responde o bispo -; apenas sei sobre o duelo em que abateste o jovem *Antoine de Clairmont*, posto que eu próprio celebrei a missa do sepultamento, a convite da condessa - e, como se quisesse desculpar-se por ter feito aquilo, põe sua mão sobre a de *Vincent*, aperta-a, por instantes, e continua: -Não sei se conheces o motivo, mas eu jamais deixaria de atender a um pedido dela!... E, se não sabes, vou dizer-te agora: *Catherine* foi o grande amor de minha vida!... Por *Henri de Clairmont* ou pelos filhos, eu jamais teria ido e não faço segredo disso a ninguém, pois eu não suporto nenhum deles!... Se dependesse apenas de minha vontade, os três homens daquela família iriam direto para o inferno; não lhes ministraria sequer os sacramentos *in extremis*!... Mas, continua: tu vieste para contar-me algo grave.

- Narrar-vos-ei desde o início, Excelência, para que possais bem compreender os fatos - diz o rapaz.

E, enquanto comiam, *Vincent* narrou-lhe todos os acontecimentos recentes e os mais antigos. O bispo, volta e meia, entrecortava a narrativa do rapaz, com exclamações de esconjuro sobre a conduta de *Henri de Clairmont*. Era notório que sentia profunda antipatia pelo conde.

Terminado o jantar, ambos passaram para a biblioteca. A mansão episcopal estava totalmente mergulhada em silêncio; todo o movimento comum à diocese encerrava-se ao entardecer, de modo que os dois tinham absoluta privacidade e sossego para conversarem o tempo necessário.

- Dize-me, barão - continuou Dom *Théophile*, após estarem os dois confortavelmente acomodados -, não resta sequer uma chance de quitares os débitos que teu pai contraiu com o conde?

- Não há a mínima possibilidade, *Monseigneur* - responde *Vincent*, extremamente desolado.

- E tu achas que ele, fatalmente, executará a dívida? - pergunta, preocupado, o bispo.

- Já a está executando, Excelência - explica *Vincent*, entristecido. E, prossegue: - O marquês *Emile de Saint André*, velho amigo de meu pai e secretário do Duque *de Guise*, a quem escrevi, solicitando informações sobre o andamento do processo, acaba de escrever-me, de volta, dando-me péssimas notícias. Sua Majestade está a par da morte de *Antoine* e, como Vossa Excelência sabe, *Catherine* possui certo grau de parentesco com a família real, situação de que se utiliza o conde para pressionar o rei, para que este me declare em desgraça e retire minhas honras. Se isso acontecer - o que não é nada impossível -, podeis concluir o resto, e *Henri de Clairmont* terá o que sempre desejou: as terras da baronia *de Saint Christophe!*

- Calhorda!... *Anatema sit!*.. ¹¹ - exclama o bispo, carregado de indignação. - Grande amigo teve o teu pai!

- Grande amigo!... - responde, irônico, o jovem barão. -Mas, diz-me, rapaz - continua o bispo, com as feições já um tanto mudadas peia mal disfarçada raiva que os fatos relatados por *Vincent* nele produziram -, a moça por quem tu eras apaixonado, infelizmente, morreu, não é assim?

- Sim, Excelência, *Céline* está morta - diz *Vincent*, com a voz carregada de tristeza. - Morreu de desgosto, pelo motivo de seu próprio pai, o marquês *Leon de Vichy*, ter-lhe tramado, às escondidas, o casamento com o filho do conde *Henri de Clairmont!*

- Pobre moça!... Melhor a morte a conviver com aqueles demônios! - exclama Dom *Théophile* já extremamente enfurecido. Depois, fazendo certo esforço, recompõe-se e prossegue melancólico: - Teu pai conhecia toda a minha história. O que tu estás sofrendo agora, eu sofri há quase trinta anos!...

(11) "Excomungado seja!...", em latim.

O pai de *Catherine*, muito endividado, vendeu-a a *Henri de Clairmont!*... Meus sonhos e os dela ruíram-se!... Para ela, restou uma vida miserável, ao lado de um bandido, e a mim, o claustro, para que não me tomasse um assassino!...

A lembrança de tais coisas, Dom *Théophile* voltou a agitar-se. Caminhava nervoso, em círculos, pela biblioteca, gesticulando muito, enquanto falava, e chegando quase às raias do desvario. *Vincent* sabia que o bispo também não gostava de seus desafetos, mas não a tal ponto. Incrível como o homem se transtornara com aqueles relatos!

Em dado momento, o bispo estacou diante do rapaz, fincou-lhe os olhos, e disse com a voz firme e pausada que lhe era peculiar:

- Barão *de Quentin*, só há um jeito de tu te livrares da desonra que te aguarda! - e, imprimindo mais rigidez à voz, continua: - Nota bem que te digo com toda a certeza: a desgraça virá, e muito antes do que possas imaginar!

Vincent ficou parado, mudo, esperando que ele prosseguisse.

- Meu jovem - continuou ele, com uma expressão de satisfação, antegozando a reação que adviria de suas palavras -, tu já perdeste a mulher que amavas e estás prestes a caíres em desgraça e a te tornares um pobretão sem eira nem beira!... Só te restam, portanto, duas alternativas.

O rapaz continuava mudo, na expectativa da solução que viesse amenizar seus tormentos. O bispo continuou:

- Como eu disse, só te restam duas possibilidades nesta vida. Caberá a ti a decisão e a escolha da que melhor te convier. Uma delas é engajares no exército, tentando uma carreira militar. E, é lógico que isso ocorrerá, depois que tu caíres em desgraça, e teus bens forem todos confiscados...

-... e desviados para o conde!... - *Vincent* cortou-lhe as palavras, adivinhando-lhe o raciocínio.

- Exatamente! - completou Dom *Théophile*. E, continuou: - A outra opção - e eu a acho a melhor para ti - é professores!...

- Professor!?!... - repetiu o rapaz, tartamudeando.

A palavra *professor* havia caído sobre *Vincent* como uma bomba, e o bispo, percebendo o impacto que a idéia produzira sobre o rapaz, apressou-se em continuar:

- Eu sei que essa idéia pode parecer-te absurda, pois aconteceu o mesmo comigo, quando só me restou essa opção. E, certamente, irás dizer-me que não tens vocação para a vida monacal, mas nada disso importa, pois eu também não tinha!

Dom *Théophile* disse aquilo e sondou a fisionomia do rapaz, com atenção. O jovem mergulhou num profundo cismar, e um pesado silêncio estabeleceu-se entre os dois. A noite avançava, e *Vincent*, cabisbaixo, permanecia calado. Suas mãos, em concha, ocultavam-lhe o rosto.

Depois de ter deixado que o rapaz refletisse bastante sobre o que lhe havia proposto, o prelado retomou a conversação:

- Sei que, *a priori*, a vida num mosteiro poderá parecer-te horrível, principalmente, a um jovem como tu: belo, rico e cheio de vida; entretanto, lembra-te de que estás prestes a perder a tua liberdade, pois os pobres não são livres!... Tu não tens a vaga noção do que seja não ter um teto para morar e trabalhar, enquanto houver a luz do dia, para conseguir um pedaço de pão de péssima qualidade para saciar o monstro que é a fome!... - diz o bispo tudo de uma só vez, sempre encarando *Vincent* no rosto, para sondar e lhe estudar as expressões. E, satisfeito com o resultado que suas palavras iam causando no rapaz, prossegue enfático: - Pensa comigo: se professores, tua propriedade, automaticamente, passará para a Igreja, pois temos que fazer voto de pobreza e, sendo membro de uma irmandade, estarás sempre sob seu manto protetor, entregando essa briga para esferas mais altas. Quero ver, meu caro, o conde *de Clairmont* brigando com o cardeal *Alphonse-Louis de Villeneuve*, e o rei, com o papa!... - e, encerra, dando uma gargalhada, coisa rara de se o ver fazer.

Vincent, decididamente, não estava, no momento, preparado para dar uma resposta definitiva ao bispo. E, este sabia disso, tanto que lhe disse, em seguida:

- Pensa, barão, pensa muito!... Terás esta noite toda para refletir sobre tua situação e sobre o que eu te disse. Vai descansar, que já é tarde, e amanhã, com a cabeça fresca, dar-me-ás a resposta.

Em seguida, despedem-se e vão dormir. No dia seguinte, *Vincent* levanta-se um pouco mais animado. A noite custara a passar, pois só muito tarde é que conseguiu conciliar o sono, depois de muito se virar no leito e de pesar os prós e os contras da sugestão de Dom *Théophile*. Por fim, o cansaço venceu-o e, quando despertou, na manhã já um tanto avançada, estava decidido: iria professar. De certa forma, nada mais o prendia ao mundo profano; a vida tornara-se-lhe sem qualquer atrativo, após o decesso de *Céline*.

Dom *Théophile* aguardava-o em seu gabinete, pois as atividades episcopais iniciavam-se bem cedo, com uma missa na igreja matriz, para a qual *Vincent* não fora convidado, dadas as circunstâncias em que se encontrava: estava muito cansado da longa viagem e precisaria estar bem descansado para a atitude que deveria tomar naquela manhã.

-Bom-dia, barão!... - recebeu-o, jovial, o bispo. E prosseguiu: - Como foi, conseguiste descansar bem?

- O suficiente, Excelência - responde-lhe *Vincent*, um pouco mais animado.

- E, a propósito, já temos uma decisão acerca do que conversamos ontem?

- Sim, Excelência - responde o rapaz com a voz firme. - Está decidido: vou professar!

- Esta é a melhor saída para ti - diz Dom *Théophile* abraçando-o, paternalmente, e prossegue: - Agora, presta atenção no que vou dizer-te: no início, sentirás um grande vazio, um sentimento de perda, pois a clausura assusta a qualquer um; por outro lado, és inteligente e culto. A Igreja precisa de pessoas como tu. E, digo-te

mais: com as qualidades que possuis, tu ascenderás, rapidamente, aos altos postos eclesiásticos. E, uma vez tomado o gosto pelo poder, nada se nos opõe à conquista dele, meu caro

Vincent!... Com a minha ajuda, aliada à do cardeal *Villeneuve*, e mais a tua origem nobre, fica certo de que não serás um reles monge por muito tempo!...

As palavras do bispo trouxeram certo ânimo a *Vincent*. Dom *Théophile* era seu amigo e sabia que poderia confiar nele de olhos fechados.

- Agora - continuou o prelado -, procederemos da seguinte forma: o quanto antes tu professares, melhor. Sugiro que entres para a mesma ordem a que pertences, para que se facilitem as coisas. Vou escrever três cartas: uma para o irmão provincial da Ordem, outra para o cardeal *Villeneuve* e, a terceira, para o abade de *Saint Michel Aix-en-Provence*, a abadia onde ficarás internado. O abade receberá minhas referências a teu respeito e te acolherá bem. Dar-te-ei alguns dias, para que coloques tua vida em ordem. E, a propósito, quando partires em definitivo para a abadia, não leves muita coisa contigo, pois lá precisarás de bem poucas coisas, meu caro!

Dom *Théophile* continuou por mais algum tempo dando orientações a *Vincent* que o ouvia com muita atenção. Almoçaram juntos e, à tarde, o rapaz retornou para casa, para preparar seu novo destino.

No dia seguinte, à noitinha, *Vincent* apeava de seu esfalfado cavalo, diante de sua mansão. *Honoré* aguardava-o, ansioso pelas novidades:

- Fizestes boa viagem, *Monseigneur*?

- Sim, *Honoré* - responde *Vincent*. - E, temos grandes novidades. Por ora, é necessário que eu descanse um pouco; estou faminto e quero jantar.

- *Parfaitement, M'sieur le Baron* - diz, solícito, o velho serviçal. E, foi pela primeira vez, depois muito tempo, que o velho mordomo viu seu senhor demonstrar apetite tão voraz e se sentiu feliz em vê-lo assim, mais animado. Por certo, a conversa com o

bispo havia sido proveitosa e, enquanto o jovem comia, arriscou uma pergunta:

- *A propôs, Monseigneur*, percebo que retornastes um pouco mais animado, não é assim?

- Sim, *Honoré*, a conversa com o bispo trouxe-me novas perspectivas para a resolução de meus problemas - diz o rapaz. E, prossegue: - Embora não seja o que eu exatamente pretendia para a minha vida, mas foi o que me restou. Amanhã conversaremos seriamente sobre isso. No momento, encontro-me muito cansado e pretendo dormir a noite toda.

Terminado o jantar, *Vincent* recolhe-se a seus aposentos. Extremamente extenuado pela longa jornada de retorno de *Toulouse*, adormece quase de imediato. Foi uma noite sem sonhos, apenas de refazimento das energias físicas. Na manhã do dia subsequente, ao despertar, quando o sol vinha rompendo no horizonte, veio-lhe, então, a lembrança de que aquela fora a última noite em que dormira em sua mansão. E, esse pensamento gerou uma onda gelada que lhe percorreu a espinha, de alto a abaixo, e ele deu um salto, levantando-se rapidamente da cama. Em seguida, tocou a sineta, chamando por *Honoré*, pois aquele seria um dia muito curto para as várias coisas que tinha por resolver, antes de partir, em definitivo, para *Saint Michel Aix-en-Provence*.

Instantes depois, o velho mordomo apareceu, trazendo uma bandeja de prata. Como sempre, o velho vestia-se impecavelmente: o chino esmeradamente penteado; a libré verde, engomada; os calções de gorgorão bege; a renda dos punhos e a camisa branca, tudo, como sempre, perfeito. O serviçal trazia a bonomia estampada no rosto, o olhar compassivo e tranqüilo. *Vincent* iria sentir falta de *Honoré*, de seus conselhos, de sua conversa sempre agradável. O mordomo servia aos barões *de Quentin* havia já três gerações. Lembra as observações que seu pai sempre fazia sobre o velho serviçal: "A única pessoa realmente honesta que conheço. Quando me faz companhia no jogo, jamais me rouba um tento!..." O que *Vincent*

sabia era que *Honoré* sentia-se grandemente lisonjeado quando seu pai convidava-o para um carteadado. E, quantas vezes deixara o patrão ganhar só para vê-lo feliz!... Todos na mansão sabiam disso. De toda aquela tristeza, restava a *Vincent* o consolo de que o mordomo não seria despejado e relegado à própria sorte, agora que estava velho. A Igreja, sendo a nova proprietária de suas terras, não iria desalojar sequer um só de seus servidores, se isso ele exigisse. A voz pausada e sonora do velho corta-lhe as reminiscências:

- *Le petit déjeuner, Monseigneur...*¹² Dormistes bem?

- Muito bem, *Honoré* - diz *Vincent*. E, prossegue, acrescentando certa gravidade à voz: - Entretanto, preciso pôr-te a par de assuntos sérios.

O velho mordomo baixa a cabeça. Triste pressentimento acomete-o, célere. Entretanto, submisso como sempre, murmura servil:

- *Parfaitement, Monseigneur...*

- É preciso que entendas plenamente o que te vou relatar agora, meu bom *Honoré* - prossegue *Vincent*. - Mas, antes que te preocupes em demasia, adianto-te que nada de mal irá suceder-te a ti ou a qualquer um de meus servidores que, fielmente, têm estado conosco há muito tempo, como tu mesmo, não é correto?

- Sim, *Monseigneur* - responde-lhe o mordomo. Seus olhos azuis toldam-se e se enchem de lágrimas.

- Hoje é meu derradeiro dia nesta casa - prossegue o rapaz, fixando, firme, os olhos do velho servidor, enquanto falava. - A partir de amanhã, deixarei de ser o barão *Vincent de Quentin*, pois irei professar e esta propriedade passará para a Igreja. Tu e os demais servidores continuareis aqui; fiz essa exigência a Dom *Théophile* que me garantiu que ninguém aqui será molestado. Apenas vou incumbir-te de algumas tarefas maiores até que venha o preposto eclesial. De minha parte, amanhã, deixarei o mundo profano. Darei novo ramo à minha vida, e que Deus me ajude!

(12) "- O desjejum, senhor..." , em francês.

Vincent disse essas palavras com certa dificuldade, pois um nó imenso sufocava-lhe a garganta. Um pesado silêncio faz-se entre os dois, e o rapaz percorre o quarto com os olhos. A janela descortinando-se para os campos ondulantes da *Garonne*; ao longe, os picos agudos e azulados dos Pirinéus, como imensos dedos apontando para o céu. Lágrimas assomam-lhe aos olhos. Ah, o lar!... O lar cheio de lembranças, algumas tristes, mas a grande maioria era de lembranças alegres da infância, da adolescência e da juventude, despreocupadamente, passadas ao lado dos pais. Lembra os serões em família, as histórias contadas pela mãe, ao pé da lareira, nas tardes hibernais, quando a chuva gelada caía, insistentemente, ensopando e enregelando tudo!... Como nada neste mundo é eterno!... Essas coisas tinham acontecido não havia muito tempo e, no entanto, nada mais daquilo existia: a mãe fora-se primeiro; depois, o pai!...

A lembrança da mãe fê-lo chorar convulsivamente. Ela parecia estar ainda por ali; os ambientes, a mobília, tudo parecia ainda estar impregnado de seu delicioso perfume!... E, como sua mãe amava a vida!... Como era bela!... Nascida baronesa *Anne de Bonneville*, tivera educação esmerada e freqüentara a corte, quando jovem. Ao contrário de muitas moças da época, não se casara por imposição dos pais, mas por amor. E como amava seu marido!... Eles foram felizes, apesar de o seu escolhido ter sido um jogador inveterado e um perdulário. Mas, ele a respeitara sempre e amava perdidamente aquela mulher de porte elegante, alta, culta, senhora de si e sempre alegre. Todos que a conheciam dela gostavam; não tinha inimigos, não era dada a falatórios e a veleidades tão comuns à época. A artificialidade dos salões que freqüentara, na corte, não a contaminara; pelo contrário, era dona de uma cultura de fazer inveja a muitos homens. Perdera a mãe, ainda jovem, e fora criada pelo pai, o barão *Victor de Bonneville*, homem bom, de moralidade elevada e dono de uma cultura imensa, calcada nos clássicos e

filósofos da antigüidade greco-romana. A filha herdara-lhe o gosto natural pela leitura e, incentivada pelo pai, freqüentara aulas de gramática, matemática, história e filosofia. O pai amava-a intensamente e lhe cercara a existência de carinhos e cuidados, para suprir-lhe a falta da mãe. Mas, ela não crescera mimada, caprichosa; pelo contrário, era dona de uma personalidade marcante, que cativava as pessoas, desde o primeiro contato que com ela tivessem. E, apaixonara-se pelo barão *Vincent de Quentin*, no primeiro instante em que se viram, num dos famosos bailes do paço real, em Versalhes. Era o aniversário do rei Luís que, à época, era ainda jovem. *Anne de Bonneville* vivera intensamente, até que o rompimento de um aneurisma matara-a subitamente. *Vincent* e o pai ficaram desconsolados, pois sabiam que nenhuma mulher iria suprir a ausência dela. Tanto que o pai, aos poucos, entregara-se ao vício de beber e, em três anos, seguira-a ao túmulo. *Vincent* ficara só, e que falta os dois lhe faziam!...

O choro do rapaz comoveu o mordomo que se uniu a ele em lágrimas. A simples idéia de perder a companhia do jovem, que lhe era como um filho, levava-o ao desespero. Jamais pudera imaginar que o jovem barão *de Quentin* pudesse acabar assim, num mosteiro, vendo a vida escoar-se, sepultado vivo numa masmorra cinzenta, no meio de criaturas sem graça, como eram os monges!...

A voz de *Vincent*, já um tanto recomposto de seu estado de profundo desalento, tira o mordomo de tais pensamentos:

- Quero que reúnas tudo o que for de meu uso pessoal, com exceção de umas poucas roupas e de dois pares de calçado; do restante, escolhe o que te servir e, depois, doa as sobras aos demais servidores. Em seguida, põe tudo num *sac de voyage*. Devo partir no início da tarde. Agora, quero ficar só, vou despedir-me da casa, pois presumo que jamais voltarei aqui.

Pouco depois, *Vincent* caminhava pelo parque que sombreava ao lado da mansão. Contempla, longamente, o gramado bem cuidado, as árvores seculares, plantadas por ancestrais seus. Há quantas

gerações estariam ali?... Suspira, melancolicamente, tentando rememorar os cronicões que tentara ler, com a ajuda de *Honoré*. O velho mordomo sabia mais sobre sua família que ele próprio. "O primeiro barão *de Quentin* recebeu o título das mãos do rei Carlos Magno, por atos de bravura; portanto vossa estirpe, *Monseigneur*, já tem mais de oitocentos anos." Por séculos, a sua família estivera ali e, ironicamente, encerrar-se-ia com ele!... Não mais existiriam os barões *de Quentin*, tradicional família de nobres rurais da *Haute-Garonne*!... Que lhe reservaria o destino na nova vida?... É certo que já estivera interno num mosteiro, na adolescência, quando fora estudar. Mas, fora diferente; àquela época, era apenas um aluno de ciências, gramática e filosofia. Desta vez, iria ensinar!... E, seria para sempre!... A palavra *sempre* trouxe-lhe um ligeiro mal-estar. E, se não se adaptasse à vida monástica?... Mas, um outro pensamento apressou-se em tomar-lhe a razão: *Céline*. No fundo, era por ela que professava. As lágrimas brotam-lhe, de novo, e ele murmura baixinho: - É por ti que faço, meu amor!...

Um a um, visitou todos os recantos próximos da propriedade, e cada um deles trouxe-lhe lembranças que o fizeram chorar. Por último, dirigiu-se ao pequeno cemitério que se localizava atrás da capela, situada numa clareira, no meio do bosque. A igreja, construída havia muitos séculos, fora remodelada por sua mãe. Era toda de pedras brancas, com as janelas em arcos e uma torre, encimada por uma cruz de metal brilhante. A porta nunca estava trancada, e *Vincent* entrou. O interior estava sempre limpo, pois os camponeses vinham ali, amiúde, fazer suas orações. O rapaz caminha até o altar, onde havia um crucifixo de ouro e, mais ao alto, uma imagem do patrono da propriedade: São Cristóvão. O silêncio, no interior do pequeno templo, era marcante. Através dos vitrais coloridos, a luz do sol projetava-se sobre o piso de pedras.

Tocado pelo ambiente de paz ali reinante, ajoelha-se diante do altar e, fixando o olhar na imagem do santo que carregava o menino Jesus aos ombros, murmura uma oração quase inaudível, supli-

cando ao patrono de sua família as bênçãos para os novos rumos que sua vida estava prestes a tomar.

Durante algum tempo, permanece ali, no silêncio da capela, perdido em reminiscências do passado.

Por fim, deixa a semi-obscuridade do interior da capela, e seus olhos premem-se com a incidência repentina da luz do dia quase a pino. Estava ficando tarde, e era preciso aviar-se depressa, ou a noite apanhá-lo-ia longe da estalagem em que pretendia pernoitar. Procura, no pequeno cemitério da família, o túmulo dos pais, sepultados, lado a lado, num mesmo jazigo. "Juntos, até na morte!... Assim deveria ser o verdadeiro amor!..." Esse pensamento vem-lhe à mente, enquanto um no poderosíssimo aperta-lhe a garganta quase o sufocando.

Duas lápides de mármore branco traziam as inscrições: "*Baron Vincent I de Quentin*" e "*Baronne Anne de Bonneville et Quentin*". Grossos bagos de lágrimas desceram-lhe face abaixo, deixando dois riscos que lhe queimavam o rosto como fogo. Soluçava quase às raias do desespero; tentou fazer uma prece em memória dos genitores, mas não conseguiu. Seu pensamento era como um turbilhão. Cai de joelhos e, num largo abraço, enlaça a fria lápide de mármore branco, como se quisesse abraçar-se aos pais, sentir-lhes o calor, o perfume, a proteção.

Por um longo tempo, permaneceu assim, até que a razão chama-o, espicaçando-o com o terrível agulhão da realidade. Um gélido arrepio percorre-lhe a espinha. Sente o corpo queimar, como se repentina febre o houvesse acometido. Os olhos, muito inchados pela violência do choro, quase não suportavam a luminosidade do meio do dia. Com grande esforço, deixou o pequeno cemitério e retomou para casa.

O almoço foi frugal e quase não comeu. Apenas, a instâncias de *Honoré* é que conseguiu deglutir um pouco de pão com um naco de cordeiro assado, mais uma taça de vinho. Levantando-se da mesa, diz abruptamente:

- É preciso partir, meu bom amigo!... Quanto mais me demorar, pior para mim e maior será o meu tormento!... - e abraça, longamente, seu velho amigo que se desmanchava em lágrimas.

- Mantereis contato conosco, *Monseigneur*? - pergunta o velho mordomo, com o coração arrebatando de tristeza.

- Pode estar certo, *Honoré*, de que estarei atento a tudo que ocorrer por aqui!... -e, tentando animar o amigo, prossegue: - E, não estarei tão distante assim!... Se algo de muito grave acontecer contigo, não hesites em procurar-me!... Tu sabes onde fica a abadia!...

- Manter-vos-ei informado, *Monseigneur*!... Tende boa viagem!... - diz o velho, abraçando-o pela última vez.

Momentos depois, um solitário cavaleiro, com o semblante abatido e, carregando muito mais tristeza que bagagem, cavalgava em direção de *Toulouse*, só que, desta vez, para não mais voltar...

III

A abadia

A abadia de *Saint Michel Aix-en-Provence* era uma construção imponente. Fora erigida no século XIII, toda em granito cinza, circundada por uma muralha alta e larga, que abrigava a construção principal, de tamanho descomunal, feita em dois pavilhões que se juntavam, formando um ângulo reto, à semelhança de um par de asas abertas e em cujo vértice erguia-se a torre única do campanário, muito alta, encimada por uma cruz negra. À época em que fora edificada, quando o espírito da filosofia católica ainda era o da mortificação dos desejos carnis, a abadia chegou a abrigar mais de quinhentos monges. Cinco séculos depois, o pensamento vigente

era outro, e os monges ali internados não passavam de duzentos, vindos de diversos lugares da França e de outros países europeus. Localizava-se mais ao sul de *Toulouse*, próximo de *Carcassonne*, província de *Roussillon*.

A primeira visão que *Vincent* teve da abadia causou-lhe forte impressão. Que destino aguardá-lo-ia dentro daqueles muros cinzentos?... Com que tipo de gente iria conviver?... Por um bom tempo ficou parado, observando, a distância, a construção imponente que se destacava como um monstro mitológico, no meio daquela paisagem bucólica, permeada de campos de cultivo, escuros bosques de cedros e de faias, pomares, olivais e vinhedos bem tratados. De fato, era uma incógnita o que o aguardava. Por fim, resolutamente, calca as esporas em sua montaria e cavalga, decididamente, em direção ao portão da muralha.

Não menos indeciso, puxa com força o cordel da sineta que dispara, avisando o monge porteiro de sua chegada. A portinhola da vigia range nos gonzos, e um rosto sério aponta, perguntando:

- Que desejais, cavalheiro?

- Barão *de Quentin* - responde *Vincent*, com a voz firme. - O abade *du Morel* aguarda-me.

- *Parfaitement, Monseigneur* - diz-lhe, respeitosamente, o monge porteiro, baixando os olhos. - Efetivamente, já sois esperado por Sua Excelência, o abade. Abrirei o portão, em seguida.

O imenso portão de carvalho gemeu nos quícios o peso de seus séculos de existência e, quando o jovem barão ultrapassou o portal de *Saint Michel*, pareceu-lhe ouvir, no recôndito da alma, o verso fatídico de *Dante*: "*Lasciate ogni speranza voi ch 'entrate*".¹³ E, um mal contido suspiro escapou-lhe da garganta.

(13) "Deixai qualquer esperança, ó vós que entraís", em italiano. Verso da Divina Comédia, de Dante Alighieri, numa alusão aos que, pretensamente, eram condenados ao fogo eterno do inferno.

Momentos depois, o monge porteiro indicou a *Vincent* o caminho a seguir, pois o pátio interno da abadia era imenso e ornado com um muito bem cuidado jardim em estilo clássico. Os canteiros, plantados irregularmente, formavam como um labirinto de árvores, sebes e arbustos, numa profusão de sombras, cores e perfumes variados. Alguns monges ali descansavam, lendo ou meditando, e mal notaram a chegada do forasteiro, que visitas de profanos talvez não fossem tão incomuns.

No saguão da abadia, um monge secretário fê-lo aguardar uns instantes e, em seguida, conduziu-o por ampla escadaria de mármore cinza ao pavimento superior onde se situava o gabinete do abade.

O abade *Jean du Morel* recebeu-o com certa cordialidade; era um homem não muito alto, atarracado, calvo, de rosto vermelho e arredondado. Tinha os olhos cinza e usava barba que, sendo já um tanto branca, dava-lhe um ar patriarcal. Vestia o hábito da ordem e o que o distinguia dos demais monges era somente a cruz abacial de ouro maciço, que lhe pendia do pescoço, presa a uma corrente não menos valiosa.

Ao cumprimentá-lo, *Vincent* dobrou os joelhos e lhe beijou a mão. Em seguida, o abade indica a *Vincent* uma pesada cadeira de carvalho, e se senta em outra, diante do rapaz.

- É preciso que conversemos, barão - diz, sério, o abade a *Vincent*. E, prossegue: - Há coisas que desejo saber sobre vós e presumo que tendes também perguntas a fazer-me, não é assim?

- Certamente, Excelência - responde-lhe *Vincent*.

Os olhos cinza do abade *du Morel* fixaram-se firmemente nos olhos de *Vincent*. Era dessa forma que ele sempre falava: fixando fundo nos olhos de seus interlocutores, o que se poderia, facilmente, depreender que era possuidor de uma franqueza inquebrantável.

-Ávida monástica nem sempre é recomendável a todos, barão

- diz ele, sem rodeios, e sem tirar os olhos dos olhos do rapaz, um só instante, desejando sondar-lhe o fundo da alma, através de pers-

picácia incomum. E, acrescenta, direto: - Mormente sobre o que sei sobre o senhor: desilusão amorosa, não é assim?

- Não posso negar-vos que é isso, Excelência - responde-lhe *Vincent*, também empregando certa energia à voz. E, prossegue: -Entretanto, penso que desconheceis que o mundo profano, após a morte de minha eleita, afigura-se-me insofista e sem quaisquer atrativos.

- E, pensais encontrar aqui algum sentido para vossa existência?

- pergunta, incisivamente, o abade.

- Sim, Excelência - responde o rapaz, sem titubear. E, continua:

- Devotando-me à meditação e aprofundando meus conhecimentos em Teologia, certamente, deverei preencher este vazio horrível que se abriu em minha existência!

- Louvável vosso pensamento, barão!... - responde o abade, não muito enfático e, levantando-se, inicia uma caminhada, em círculos, ao redor da cadeira de *Vincent* que se esforçava para segui-lo com o olhar, torcendo o corpo, enquanto o outro falava, de forma insofista: - Mas, como a regra da nossa Ordem é não fazermos profissões de fé *ex-abrupto*, ficareis interno, em *Saint Michel*, por um tempo - o necessário que acharmos, eu e vós, para a vossa permanência definitiva, entre nós -, ou o contrário, caso o desejardes, depois. Provisoriamente, tomareis o hábito, cumprireis o tempo para o noviciado e tereis tempo de sobra para pensardes se é, realmente, o que desejais ou não. De acordo?

Vincent concorda, e o abade toca uma sineta, sendo, prontamente, atendido por seu secretário que se apresenta solícito. Recebidas as instruções, o jovem barão segue o secretário do abade pelos intermináveis corredores da construção descomunal. Minutos depois, param diante de uma porta do que *Vincent* deduziu ser a sua cela.

- Vossa cela, *Monseigneur* - convida, prestativo, o monge. E, completa: - Ainda é cedo e, se preferirdes, podereis descansar até às vésperas e, após as orações, será servida a ceia. É só seguirdes as

filas dos irmãos, após o toque das sinetas, chamando a todos... *Au revoir, M'sieur!*

A cela não passava de um cubículo de reduzidas proporções, semi-escura, pois a janela era estreita e alta e era preciso ficar-se na ponta dos pés para espiar-se lá fora.

Os olhos do rapaz foram-se acostumando à pouca claridade e só então percebeu como o ambiente era pobremente mobiliado, tudo se resumindo a um catre de madeira tosca, recoberto por um colchão de palhas, um baú de madeira lavrada, mas sem quaisquer expressões artísticas, à exceção de uma cruz cruzada, esculpida em alto-relevo sobre o tampo de madeira, mais um tocheiro de ferro, preso à parede de pedras escuras, com um coto de vela grossa. Sobre o rústico lençol que recobria o colchão, havia um hábito de cor creme, e *Vincent* presumiu que deveria livrar-se de seus trajes seculares e envergar aquele.

Mais por curiosidade que pelo princípio de religiosidade, o rapaz despe-se, trocando a roupa de viagem pelo simplíssimo hábito da ordem dos dominicanos, e o toque do tecido rústico em sua pele - coisa que antes nunca havia sentido - causou-lhe um certo mal-estar. Jamais supusera quão desconfortáveis eram as roupas que seus criados usavam, ele que sempre se vestira de cambraias, de sedas e de veludos!... "A pobreza extrema!..." Esse pensamento veio-lhe à mente, de roldão, e só então se deu conta de que, doravante, não teria mais nada de seu.

Novamente, *Vincent* sentiu um terrível calafrio percorrer-lhe a espinha, de alto a baixo, e uma sensação de impotência, de desamparo, invadiu-lhe o ser. Como seria sua vida, dali para frente?... De senhor, membro da nobreza, acostumado aos tratamentos privilegiados que lhe devotavam seus criados, curvando-se, respeitosamente, à sua passagem, e sem sequer ousarem encará-lo ou discutir suas ordens, repentinamente, ver-se, assim, travestido num reles e incógnito monge dominicano?... Certamente, não iria ser muito fácil para ele acostumar-se à nova situação!

O cansaço vence-o, e ele se atira ao singelo leito. Sentiu um imenso peso instalar-se sobre seus ombros e, prestes a cair em profundo sono, pareceu-lhe ouvir uma voz, sussurrando-lhe ao ouvido: "Agora é que se inicia o teu calvário, barão *de Quentin*]..." Quis reagir, levantar-se, mas o sono venceu-o, e ele adormeceu profundamente.

Duas horas depois, acorda sobressaltado pelo retinir incessante de uma sineta e por brados, em voz canónica, que vinham do corredor, chamando os monges para as vésperas. Levanta-se, com certa dificuldade, tendo o corpo ainda extremamente dolorido pelo esforço da viagem recente. Ordena os pensamentos e se recompõe. Em instantes, está no corredor, seguindo uma fila indiana de monges que marchavam silenciosos, rumo à basílica da abadia.

Depois de percorrem intermináveis corredores semi-escuros, adentram o imenso espaço da basílica, onde se oficiavam os rituais religiosos de cada dia. Silenciosos, os monges iam ajoelhando-se todos sobre o frio pavimento de pedras quadrangulares. O interior do templo recendia ao incenso, que fumegava de um turíbulo, carregado pelos monges acólitos, em pequena procissão, ao redor do altar. O celebrante, paramentado para a cerimônia, aguardava impassível, diante do altar-mor, a chegada e a acomodação da irmandade. Chegado o último irmão, inicia-se a cerimônia. As vésperas caracterizavam-se pela celebração do *Kyrie*, e a voz metálica do oficiante, cadenciada, como se fosse marcada por compassos musicais, inicia a ladainha que é respondida, em coro, pela totalidade dos irmãos.

Pouco a pouco, o coração atormentado de *Vincent* foi-se deixando contagiar pelo ambiente de extrema contrição e religiosidade, e o nó na garganta e o infrene desejo de chorar pareceram amainar-se, um pouco, durante as orações.

Uma hora depois, o repicar estrondoso dos sinos no campanário da basílica indicaram o encerramento das vésperas e vieram expulsar *Vincent*, abruptamente, daquele momento mágico em que se vira

envolvido, durante a celebração do ofício religioso. Novamente, formou-se uma interminável fila indiana, percorrendo os corredores infundos da abadia, agora já mergulhados em escuridão, pois a luz do dia esmaecia, estando o sol, naquele momento, lançando os derradeiros raios de uma luminosidade laranja-brilhante.

A fila foi dar no imenso refeitório da abadia, pois era hora da refeição da noite. Os monges, ainda ordenados em fila, abeira-vam-se de caldeirões fumegantes, onde os monges cozinheiros, solícitos, serviam-lhes um prato de sopa de legumes e uma côdea de pão.

Vincent, servindo-se da sopa, senta-se entre dois irmãos que comiam, em silêncio. Com o paladar acostumado aos acepipes de sua mansão, estranhou o gosto quase inosso da espessa sopa de legumes e do áspero sabor do grosseiro pão de centeio que lhe exigia um certo esforço de mastigação e, para beber, vinho de razoável qualidade, contido emoringas de terracota, adrede colocadas sobre a tosca mesa de madeira em que tomavam as refeições.

Uma voz monótona, do alto de um púlpito, lia os salmos, em latim. Profundo amargor toma conta do rapaz, e ele não conseguiu comer. A garganta como que se lhe fechou e, num átimo, o desespero dominou-o. Teve ímpetos de sair correndo dali, mas se sentiu chumbado àquele pavimento de pedras seculares, onde milhares de pés, sustentando sabe-se lá que tipos de dramas, haviam já pisado, no desfilar incontável dos anos de existência da abadia. Quantos terríveis sofrimentos aquelas paredes não teriam testemunhado?... Quantas lágrimas derramadas, em segredo, na fria escuridão daquelas celas!... "Tu te aprisionaste, voluntariamente, e foste pego em tua própria armadilha!..." Novamente aquelas idéias estranhas invadiam-lhe o pensamento. Estaria enlouquecendo?

Um burburinho tira-o daquelas cogitações. Os monges levantavam-se das mesas e se dirigiam para a saída do refeitório. Novamente, em fila, os corredores intermináveis, e o número de monges ia diminuindo, à medida que adentravam suas celas.

Diante da sua porta, *Vincent* parou. Os outros monges, sempre cabisbaixos, continuaram seu destino. Estranho como ninguém falara com ele; aparentemente, não fora notado. O interior da cela estava completamente às escuras. Seriam, aproximadamente, vinte horas, e o mosteiro mantinha seu silêncio imperturbável. O rapaz ficou por alguns instantes, imóvel, no meio da cela, perdido na escuridão. Tateando, conseguiu fazer fogo e acender o coto de vela preso ao tocheiro de ferro que se projetava da parede de pedras, e uma pálida luz quebrou o negrume reinante. Sua sombra projetou-se, monstruosa, na parede oposta. Seu olhar sonda, mais detalhadamente, o ambiente: apenas paredes - paredes nuas e frias - e solidão...

Vincent, então, começa a entender que a solidão, doravante, seria sua companheira inseparável, e a dor, a incontida dor da perda, visitá-lo-ia com frequência. Meu Deus, perdera tudo!... A começar pelos pais, a baronia e... *Céline!*... De todas as perdas, a que mais lhe doera fundo, na alma, certamente, fora *Céline*. E, com o coração dilacerado, fibra a fibra, pela dor da saudade, lança-se sobre o leito, e um choro convulsivo sacode-o, com insistência.

Por um bom tempo, deixou o pranto lavar-lhe a alma. O pranto costuma ser o refrigerio das almas aflitas. Certamente, Deus havia criado o pranto, como válvula de escape às grandes comoções da alma, pelas quais os homens passariam, no difícil e penoso caminho da ascensão espiritual!... E, *Vincent* chorou, copiosamente, e como tinha chorado ultimamente!... Como se fragilizara!... Ávida desar-mara-o, completamente, e ele estava à mercê dos acontecimentos, quase impotente, diante dos fatos, que teimavam em arrastá-lo para esse caminho que não havia escolhido, deliberadamente, para percorrer!... Os sonhos da juventude, a mocidade perdida, seu grande amor não mais existia, e ele estava só...

Neste instante, pareceu-lhe ouvir uma gargalhada cheia de sarcasmo. Estariam zombando de seu sofrimento?... Senta-se, de

chofre, no leito, e perscruta o pesado silêncio do ambiente. Nada. A quietude, na noite, era absoluta: sequer o pio de um mocho.

Estaria enlouquecendo?... Sentiu o sangue martelar-lhe nas têmporas. Estava à beira de um colapso, e arrepios percorreram-lhe o corpo, em ondas geladas. Em breve, tinha o corpo todo molhado de suor e tiritava em febre.

A noite foi-lhe extremamente cruel e, pela manhã, sentiu-se desfalecer. Foi como se estivesse despenhando num negro abismo, e a vertiginosidade da queda dava-lhe náusea, enchendo-o de terror. Depois, *Antoine de Clairmont* vinha até ele, com um dedo em riste, chamando-o de assassino e, com a outra mão, tentava segurar o sangue que se lhe esvaía do peito, aos borbotões, tingindo de rubro o branco da cambraia da camisa. Via-lhe o rosto ir-se empalidecendo, as feições contorcerem-se-lhe, num rictus de dor, chamando-o, repetidamente, de assassino, até que uma golfada de sangue mais violenta sufoca-lhe a voz, os olhos tornam-se-lhe opacos, e ele rodopia sobre as pernas trôpegas e tomba sem vida. Vê a figura imponente de *Henri de Clairmont*, tentando amparar o filho agonizante e lhe lançar o olhar gélido e cortante como o fio de uma navalha e lhe dizer entre dentes: "Pagar-me-ás caro por esta infâmia, maldito!..."

As imagens do fatídico duelo em que matara o velho camarada repetiam-se, sem cessar, e *Vincent*, tomado de terror, como jamais sentira antes, tentava fugir, mas se sentia sem forças, como se estivesse preso ao solo, seguro por forças descomunais e, então, gritou. Gritou a plenos pulmões, até esfalfar-se e enrouquecer. Ninguém o ouvia. Sentia-se perseguido pelo espectro de *Antoine*, que tentava esganá-lo, e desejava correr, escapar dali, mas era tudo inútil!... O pesadelo parecia não ter fim!...

Vincent abre os olhos, e a luz do sol quase o cega. Preme as pálpebras, com força, para reafirmar a visão à forte claridade do ambiente e, ao reabrir os olhos, depara-se com um rosto estranho a fitá-lo com interesse. Não se encontrava mais em sua cela, mas num

lugar mais amplo, mais claro e arejado, uma enfermaria, talvez. Os olhos que o examinavam com interesse eram os de um monge já bem idoso, a dizer pelo rosto, já grandemente enrugado, e pela brancura da barba, das sobrançelas e dos parcos cabelos que lhe restavam abaixo da calva. Mas, era alegre e o cumprimentou jovial:

- Bem-vindo de regresso, irmão!... Como estais?

Vincent articula as palavras com um pouco de dificuldade, pois tinha a garganta dolorida:

- Podeis dizer-me o que me aconteceu? - pergunta, um tanto resabiado, por não ter a mínima noção do que lhe tinha acontecido.

O velhote meneia a cabeça, como se esconjurasse, e responde:

- Nem imaginais o que vos aconteceu, não é?... Pois fazia uma semana que vos encontráveis sem sentido, e já supúnhamos que não mais recobraríeis a razão, meu jovem!... Nós vos encontramos, em vossa cela, entre estertores de febre e gritos de alucinação, bem à beira da morte, e vos trouxemos para cá!... - explica-lhe o velho. E, depois, fazendo ligeira mesura, continua: - Mas, deixai que me apresente: *Jérôme de Contillac*, versado em curas, pois aqui, como não há médicos, faço eu as vezes de curador e de enfermeiro. Vós, entretanto, já sei quem sois: barão *Vincent de Quentin*, consoante fidedignas informações que me prestou nosso piedosíssimo abade!...

- Exatamente, *Père Jérôme*. Posso chamar-vos assim? - diz-lhe o rapaz, entre cortês e admirado pela figura que tinha diante de si.

- Claro, claro!... Aliás, é assim que todos me chamam aqui!... - responde o velho, sempre de bom humor. - Estou interno, na abadia, há quarenta anos!... - e, depois, fazendo-se mais sério: - Mas, disse-me, barão, acho que há algo realmente grave que vos perturba a alma, não é assim?

- Sim, *Père Jérôme* - responde *Vincent*, muito triste. - Devo dizer-vos que me encontro ferido, fundo, na alma!...

- E, acreditáveis que, professando, encontraríeis a cura para os males da alma?... - pergunta-lhe, paternal, o velho.

O rapaz olha-o com os olhos rasos de pranto e diz:

- A princípio, encontrava-me perdido, sem rumo, pois tudo parecia conspirar contra minha vida; acabei por perder tudo: perdi a família, a fortuna, a nobreza, até a mulher por quem era perdidamente apaixonado!... Matei meu antigo rival, num duelo, e isso foi a derrocada final. Ele era filho do conde *de Clairmont*, que deveis conhecer. E, a partir daí, passei a viver acossado, perseguido, como um fugitivo, apesar de o haver matado em duelo!

O velho monge ouviu tudo com a máxima atenção. Depois de ponderar sobre as palavras do jovem barão por alguns instantes, fez um largo gesto com os braços descarnados como dois gravetos que dançavam nas larguíssimas mangas de seu hábito e disse, olhando fixamente para *Vincent*:

- *Felix qui potuit rerum cognoscere causas*,¹⁴ meu tristíssimo jovem!... Por hoje, já conversamos bastante!... É melhor descansardes. Bebei isto - e, enfiou-lhe, goela abaixo, uma colherada de um líquido que tinha um gosto horrível.

Père Jérôme deixou *Vincent* repousando na enfermaria, dizendo que voltaria mais tarde e sumiu, com passinhos ligeiros, apesar da idade que se presumia que realmente tivesse.

A tarde escoava-se lenta, e *Vincent* intrigava-se: o que lhe teria sucedido?... Nunca fora homem de ter delírios ou de deixar-se abater por pouca coisa. Não sofrera provações difíceis nos campos de batalha, defendendo seu país?... Jamais fraquejara ou se acovardara diante do perigo!... Por que será então que agora se encontrava, assim, com os nervos em frangalhos?...

A morte de *Céline* abatera-o. Quando ela morreu, morrera nele também o desejo de viver!... Suspira, profundamente, e as lembranças vêm-lhe à memória.

(14) "- Feliz daquele que pode conhecer as causas das coisas", em latim. Citação do poeta Virgílio.

Alguns meses apenas após a morte de *Céline, Vincent* estava de volta a Paris, pois era preciso tentar esquecer, tentar livrar-se das lembranças amargas, e fora convidado para um sarau, na residência da marquesa *Françoise d'Oubignon*, velha amiga da família, e tivera o imenso desprazer de lá encontrar seu desafeto -*Antoine de Clairmont* - que, da mesma forma, encontrava-se na corte, de férias com a família, e fora, também, convidado para os famosos recitais que se davam na casa da marquesa.

O inevitável aconteceu. Encontraram-se, e *Antoine*, bêbado, fazia-se acompanhar de uma donzela da corte. Um frêmito de fúria apossou-se de *Vincent*. Então era assim que o pulha amava *Céline*?... Tanto a amava que já se divertia nos braços de outra, um mês apenas fazia que sua noiva havia morrido!... Possesso, dirigiu-se ao encontro do rival, pronto a tomar satisfações. *Antoine*, apesar da bebedeira, reconheceu-o de pronto. Bebericava vinho e saudou *Vincent*, levantando a taça, à guisa de um brinde, fazendo paródia à recente morte do rei:³

- *Céline est morte! Vive Céline!*...⁴

Da simples intenção de tomar satisfações pelo descaramento do rival, *Vincent* passa, então, ao ato de loucura, que o infelicitaria para o resto da vida. Apanhando as luvas que se lhe prendiam à cintura, esbofeteia com elas o rosto de *Antoine de Clairmont* que, ruborizando-se e tendo o ânimo exacerbado pela ação do álcool, declara alto e em bom tom:

- *Choisissez vos armes, Baron!*...⁵ O duelo está aceito!

(3)Refere-se à morte do rei Luís XIV, ocorrida em 1715.

(4)"- Céline está morta! Viva Céline!...", em francês. Paródia que a personagem faz à irônica comemoração que os franceses faziam, quando da morte de seus soberanos: "Le roi est mort! Vive le roi...", "O rei está morto! Viva o rei!..."

(5)"Nem só de pão vive o homem!...", em latim.

Três dias depois, numa clara manhã de julho, o filho de *Henri de Clairmont* tombava, trespassado pelo hábil florete de *Vincent de Quentin*.

As lembranças dos trágicos acontecimentos do passado teimavam em atormentar *Vincent*, mormente, quando ele estava sozinho. Ainda por mais três dias, ficou internado na enfermaria, aos cuidados do abnegado *Père Jérôme*, e uma amizade sincera foi brotando entre eles, pois o velho monge despertara grande simpatia no rapaz, que se sentia muito feliz e reanimado, sempre que via o amigo adentrar a enfermaria, para ministrar-lhe as suas drogas, e perguntar sempre: "Como estamos hoje?..." Ambos, então, passavam longas horas conversando sobre diversos assuntos e se conhecendo mutuamente.

Père Jérôme admirava-se da cultura e da vivência de *Vincent*, apesar de o rapaz contar apenas vinte e cinco anos de idade. Por outro lado, o jovem barão ficava boquiaberto, ouvindo o novo amigo que demonstrava possuir uma cultura notável. Discorria com muita facilidade sobre os clássicos da antiguidade, como também sobre os mais recentes acontecimentos, como a morte do rei Luís XIV, sua sucessão problemática, sendo o delfim menor de idade, e a instauração do governo regencial de *Philippe d'Orléans*, e as velhas e intermináveis intrigas com a Espanha e com a Inglaterra.

Vincent admirava-se de como, apesar de o velho monge estar ali interno, tinha conhecimento de praticamente tudo o que ocorria em seu país e na Europa toda!

- Estamos enclausurados, mas não estamos mortos, barão!... "*Non in solo pane vivit homo!*..."⁶ - exclama o velho, dando uma gargalhada. - Se souberdes viver, *Monseigneur*, vivereis bem, até num covil de raposas!...

(6) - "nem só de pão vive o homem!...", em latim

O jovem barão sentiu-se um pouco melhor, ao perceber que aquele lugar, aparentemente frio e horrível, abrigava criaturas como *Père Jérôme* e, a cada dia, certificava-se de que se encontrava diante de um daqueles raros e verdadeiros sábios, difíceis de se encontrar.

- Desejo que saibais, *Père Jérôme* - confia-lhe o rapaz -, que me encontrava desesperadamente arrependido de ter vindo para cá, antes de vos encontrar!... A primeira impressão que tive da abadia não me foi nada agradável!...

- Entendo-vos, barão!... - diz o velho. E, prossegue: - O período de adaptação à clausura é de matar!... Eu, particularmente, acho que o noviciado deveria ser cercado de toda atenção, pois a vida monástica difere de tudo o que se está acostumado por aí fora. Mormente, quando se vem da nobreza, como é o vosso caso!... Mas, eu vos prometo, meu amigo, se quiserdes, vossa vida, doravante, não será mais a mesma, e a abadia poderá ser o melhor lugar do mundo para viver- se!...

IV

A chegada dos artesãos

O sumiço do barão *de Quentin* só foi percebido longo tempo após o seu internamento, em *Saint Michel Aix-en-Provence*. Certo dia, o conde *Henri de Clairmont* espumava de ódio e vociferava palavras contra seu desafeto, pois acabara de receber a confirmação de que fora sagazmente enganado pelo assassino de seu filho.

Quando, finalmente, pensava que havia conseguido a posse das propriedades de seu inimigo, viera-lhe a terrível notícia: tudo já havia sido doado, anteriormente, à Igreja!... E mais: recebera recomendações do chanceler *Émile-Alphonse du Barry*, seu grande amigo na corte, para que não procurasse contendas com a Igreja, pois o governo regencial de *Philippe d'Orléans* vinha mantendo excelentes relações com o Vaticano e não toleraria esse tipo de demanda. Aconselhava-o, sim, que se resignasse com a perda das terras. O conde *de Clairmont* aguardara, por tanto tempo, o desenrolar do processo, e tudo resultara em nada!

Rasgando, furiosamente, a missiva que recebera de Paris, *Henri* chama, aos berros, seu mordomo:

- *Clement!*... *Clement!*... Onde diabos meteu-se esse imbecil?... *Clément!*...

Habitado aos gritos estentóreos do senhor, o esbaforido mordomo veio ter ao salão principal, onde o gigantesco conde, espumando de ódio, escarrapachara-se sobre um divã. Acorrera, também, a condessa, temerosa de que algo de grave pudesse ter acontecido.

- Meu senhor, recebeste más notícias?... - pergunta *Catherine*, tentando acamá-lo. - Vi quando o mensageiro trouxe-te a correspondência da corte.

- Se recebi más notícias?... - esbraveja ele. - Péssimas notícias, minha cara!... As piores possíveis, mas me deixa conversar com este imbecil!

O mordomo, submisso, aguardava as instruções de seu senhor.

- *Clement*, quero que vás, imediatamente, à baronia de *Saint Christophe* e te entendas com o mordomo de lá!... Tu o conheces, não?... Pois bem: arranca do velhote - que já deve andar bem caduco! - tudo o que ele souber sobre o paradeiro do patrão, pois presumo que aquele verme se escafedeu para bem longe!... Se for preciso, suborna-o, compra-o, faze o que quiseres!... Mas, não me voltes sem resposta, entendeste bem?...

- *Parfaitement, Monseigneur!* - diz o mordomo, fazendo-lhe uma reverência e saindo em seguida.

Catherine, com a doçura que lhe era peculiar, dirige-se ao marido:

- Meu senhor, se encontrares *Vincent*, o que farás com ele?... Crês que, se o destruíres, como vem tentando fazer, irás trazer de volta nosso *Antoine*?... Pretendes reparar a morte de teu filho com a morte do filho do que foi o teu melhor amigo?...

- Ora, *Catherine!*... - exclama, contrariado, o conde. E, prossegue: - Sei que não trarei *Antoine* de volta!... Mas, quero reparação, pois minha honra foi ultrajada!

- Sei que irás te enfurecer comigo, mas tenho que te dizer: *Vincent* matou nosso filho, em duelo e, embora os duelos estejam proscritos, desde os tempos de *Richelieu* - e eu também os abomine! -, *Antoine* teve uma morte honrosa e não carece mais que tu tenhas que buscar vinganças que limpem esse pretense ultraje!... Basta de sangue derramado!... - diz a condessa, arrostando-o, ousadamente, com a voz firme.

- *Catherine, Catherine!*... Teu coração é mole como manteiga!... - exclama o conde, agastando-se com as observações que lhe fazia a esposa. E, continua: - Sei muito bem o quanto eras amiga de *Anne de Quentin* e como adoravas esse covarde que matou meu filho, a quem eu amava, por demais!... Entretanto, sinto desapontar-te, mas, enquanto esse verme miserável não perecer na ponta de meu florete, não descansarei!... Moverei céus e terra para encontrá-lo, onde quer que se tenha enfiado, o maldito!...

A condessa deu um longo suspiro. Sabia que nunca conseguiria demovê-lo da idéia de vingar-se do filho de *Anne*. Parecia-lhe ainda vê-lo, com o filho, a brincar pelos corredores do castelo, quando eram meninos!... Meninos tão belos, tão bem tratados!... Quem poderia supor, à época, que teriam destinos tão trágicos?... Um estava morto; o outro, sabia Deus onde se encontrava, perseguido, talvez, mais, pelo remorso. O remorso... O inútil sentimento que serve tão só para desfiar os corações dos homens, fibra a fibra,

causando-lhes dores inenarráveis, porém sem lhes ser de nenhuma serventia... Pobre *Vincent!*... E, discretas lágrimas toldam-lhe os profundos olhos azuis, já tão machucados pelo pranto que se lhe tornara companheiro inseparável nos últimos tempos.

O súbito troar das trompas da torre de vigia do castelo, indicando que alguma visita se aproximava, vem tirá-la de tais pensamentos tristes. O vozeirão do marido, inquirindo-se sobre quem deveria estar chegando, desperta-lhe, também, o interesse e ela se aproxima de uma das janelas do salão.

- De quem se trata? - quis saber o marido.

- Não faço idéia - observa a condessa. - É um carroção, mais uma dezena de bestas de carga e três cavaleiros.

O vozerio que vinha do pátio principal chamou a atenção da criadagem do castelo que ocorreu toda a ver os recém-chegados. O cavaleiro mais velho apeou de sua montaria, e o administrador do castelo, que aguardava ao pé da escadaria que dava ao salão principal, perguntou-lhe:

- A quem devo anunciar?

- *Don Lorenzo Scalchi, signore* - diz o forasteiro, apresentando-se. - Sua Excelência, o conde, aguarda-me.

O administrador galga, ligeiro, os degraus da escadaria e, momentos depois, adentra o salão principal, dizendo:

- *Monseigneur*, acaba de chegar o arquiteto que contratastes. Faço-o entrar?

- Claro! Claro!... Que entre!... - responde o conde.

- Um arquiteto?... - pergunta-lhe *Catherine*, estranhando aquilo. - Sim, minha cara!... Faço-te uma surpresa: vamos remodelar o castelo!... - responde, enfático, *Henri*.

Instantes depois, *Don Lorenzo* entra, fazendo longa mesura:

- *Signore!... Signora!...*

- À vontade, *Don Lorenzo* - diz-lhe o conde, indicando-lhe uma cadeira para que se sentasse. E, continua: - Quero que inicieis as obras imediatamente.

- *Si, Eccellenza* - responde, amável, o italiano. - Mas, antes, é preciso fazer um croqui para vossa apreciação e até mesmo uma maquete, se for o caso.

- Como quiserdes, *Don Lorenzo*. E, quanto a vossos auxiliares, onde pretendeis arrebanhá-los? - pergunta o conde.

-Acho que, em *Toulouse*, deverei encontrar alguns oficiais em cantaria e em marcenaria para o serviço que, creio, não será pouco, pois observo que vosso castelo é de construção muito antiga - observa *Don Lorenzo*, olhando em derredor.

- Este castelo tem seiscentos anos, *Don Lorenzo* - apressa-se em dizer *Catherine*. E, pergunta: - Que tipo de remodelação pretendeis fazer?

- *Signora*, como podeis observar, a arquitetura é primitiva, de linhas retas, quase sem adornos, o que é característica da época em que o castelo foi construído. Entretanto, pretendo atenuar essas formas retilíneas, dando-lhes mais suavidade, com a aplicação de *broderies* em granito e mármore, que poderão ser facilmente incrustadas nas paredes, mediante a escavação de encaixes na rocha granítica. Pretendo executar, também, finos trabalhos em madeira de lei, para o revestimento de paredes interiores, tetos e caixilhos das janelas, que deverão ser trocadas por outras, em forma de vidraças e no estilo veneziano. Abrirei, também, largas janelas, em estilo gótico, nos salões, para que se tornem mais claros, com a adição de vitrais que mandaremos vir de Verona, na Itália... *In somma, tutto sarà fatto così, Signora Contessa*¹

- Perfeito!... - exclama, satisfeito, o conde. E, prossegue: -Agora, podeis acomodar-vos e descansardes da viagem para que, amanhã, possais iniciar as obras.

-A propósito, *Signore Conte* - diz *Don Lorenzo*, ao levantar-se -, trouxe comigo a minha filha. *Apoverella* é órfã de mãe e só tem a mim no mundo!... Vós não vos oporeis a que ela também se instale no castelo, pois não?... É a minha mais fiel companheira e preciosíssima auxiliar nos serviços!...

(1) "- Em suma, tudo será feito assim, senhora condessa", em italiano

Catherine, adiantando-se ao marido, apressa-se em responder:

- Absolutamente, *Don Lorenzo!*... Vós e vossa filha ocupareis aposentos à vossa altura!... Ficai sossegado!

De volta ao pátio, o escultor ordenou aos acompanhantes que apeassem de seus cavalos. O que chamou a atenção de alguns e, principalmente, de certo jovem, que era o chefe das cavalariações do castelo e o encarregado de acomodar as montarias e as bestas de carga de *Don Lorenzo*, foi quando um dos cavaleiros, ao apeiar da montaria, descobriu-se, retirando o chapelão escuro de abas largas e revelando uma cabeleira basta de uns cabelos cor de cobre, que faiscaram brilhos de seda, arrancados ao sol que já se dispunha a cair pelos lados do poente...

- Avia-te, *Tonton!*... - gritou o administrador do castelo ao filho, que parecia hipnotizado pela visão da moça que chegava. -Conduze as alimárias às cavalariações e as alimenta!

O rapaz sentiu-se despertar de um sonho pela voz ríspida do pai que o instava a trabalhar. Jamais tinha visto uma donzela assim!... Que rosto angelical!... Que olhos doces, cor de mel!... Era-lhe difícil tirar os olhos da moça que sequer havia notado a presença dele - que não passava de mais um -, no meio da criadagem que acorrera ao pátio.

Apenas, quando a jovem e o pai desapareceram pela porta que dava acesso à ala dos aposentos a eles destinados, foi que o jovem

Antoine pareceu despertar da visão hipnótica que o acometia e gritou aos companheiros de serviço:

-*Allons!*... *Vite!*...² Conduzamos os animais e a carroça!

Enquanto acompanhava o cortejo de exauridos animais, os quais levava para receber alimento e descanso, *Antoine* ria-se por dentro. Que linda mulher!... Jamais tinha visto pele tão branca!... Que estranha felicidade se apossara dele, apenas havia visto a moça!... Tinha a certeza de que jamais a vira antes e, no entanto, seu coração batera tão descompassadamente que quase lhe saltara boca afora.

(2) "-Vamos!... Depressa!...", em francês.

Que porte majestoso!... Como era elegante ao andar!... Quem seria aquela gente?... Gente muito importante não deveria ser, porque não se trajavam com muito luxo, viajavam com pouca bagagem, e o castelão não os havia hospedado na ala nobre.

Uma multidão de pensamentos e de conjecturas assaltou-lhe a mente, e ele ficou, inusitadamente, calado, enquanto supervisionava os cavaleiros alimentarem os animais. Prestara atenção ao cavalo em que ela viera montada. Aproximou-se do animal e o acariciou, longamente, sussurrando-lhe baixinho:

- Invejo você, rapaz, por ter transportado tão preciosa carga!... A noite instalava-se negra e molhada por uma chuva fina e gelada que, repentinamente, principiara a cair. *Antoine* dá um longo suspiro, volta-se para o grupo de auxiliares e grita:

- É hora de parar!... Vamos comer e dormir!... - e, baixinho, quase inaudivelmente, só para si próprio: - Ou tentar dormir...

V

A sagração de um monge

A sonoridade modulada do cantochão ecoava pelas pequenas capelas laterais e pelo transepto semi-escuro, e o incenso subia em nuvens azuladas até a cúpula no alto da nave da basílica, dando ao ambiente um ar feérico, mágico. Na parte mais alta do altar-mor, Jesus crucificado, com os olhos semicerrados, e as feições contorcidas pelos espasmos da dor excruciante, parecia desejar envolver

toda a irmandade com seus braços abertos, cravados no madeiro. O canto pungente do monge, emoldurando o trecho evangélico de agradável sonoridade, penetrava fundo nas almas, e um frêmito percorre a espinha de *Vincent*, deitado de bruços no chão do templo. A cerimônia de sagração do novo sacerdote iniciara-se havia pouco. O jovem vestia um hábito branco, e lhe haviam raspado o alto da cabeça, para a *prima tonsura*. O bispo, que viera especialmente para a ocasião, e celebrava a cerimônia, perguntara-lhe:

- *Vincent de Quentin*, desejais, de fato, renunciar à vossa condição profana e, doravante, dedicar vossa existência, como sacerdote, à Santa Madre Igreja, obedecendo a seus santos cânones e à sua santa hierarquia?

A voz saíra-lhe firme e resoluta, ao responder afirmativamente. A ordem para que se levantasse e, recebendo o abraço e o ósculo do celebrante, fora definitivamente sagrado sacerdote.

Durante a missa de sagração, *Vincent* rememora o tempo que já passara ali. Alguns longos anos já se haviam escoado desde a sua chegada a *Saint Michel*. Foram anos de estudo, de difícil adaptação à vida monástica. Por outro lado, descobrira novas maneiras de encarar o mundo e suas vicissitudes. A amizade e a constante companhia de *Père Jérôme* foram-lhe de capital importância, na superação daquela fase extremamente difícil de sua vida. Hoje, poder-se-ia notar certa paz em suas feições, e seu olhar era sereno.

Os sinos da basílica anunciam o fim da cerimônia, tirando-o de suas reminiscências. A saída, encontrou *Père Jérôme* que o abraçou, efusivamente, desejando felicidades e lhe dizendo ao ouvido:

-Agora, que efetivamente és um dos nossos, espera-me, à porta de tua cela, pouco antes da meia-noite. Tenho coisas importantes a mostrar-te!...

Pouco antes da meia-noite, quando a abadia toda estava mergulhada em silêncio, *Vincent* divisou o vulto do pequenino monge que se esgueirava cauteloso, pelo corredor semi-escuro, iluminado

apenas pela fraca luz bruxuleante de poucas velas presas aos castiçais de ferro que pendiam do teto.

Ao divisar o jovem sacerdote, que o aguardava na soleira da cela, fez-lhe um sinal para que o seguisse. Caminharam, em silêncio, pelos intermináveis corredores, e chegaram a uma pequena capela, até então desconhecida de *Vincent*. *Père Jérôme* acendeu um coto de vela, e o rapaz pôde observar melhor o interior do recinto que não era de grandes proporções: tinha apenas um altar, com a imagem de Santa Genoveva. O velho monge, a seguir, girou pequena maçaneta disfarçada no alto-relevo que recobria a parede da capela; ouviu-se, então, um discreto estalido, e uma fenda abriu-se por detrás do altar, revelando uma passagem secreta.

Bastou apenas um olhar significativo do velho, para que *Vincent* o seguisse. Passaram ambos pela pequena porta secreta e deram com uma escadaria de pedras, que parecia perder-se para o interior da terra.

Durante um bom tempo, desceram a longa escada que desembocou numa passagem estreita e baixa. O ar era rarefeito e pesado, cheirando a mofo. O corredor parecia, também, interminável. Os dois sacerdotes caminhavam, em silêncio, e apenas se ouvia o arfar da respiração difícil de ambos, e o som abafado de suas pisadas sobre as pedras que recobriam o chão.

Por fim, o velhote estacou diante de larga soleira de pedra, guardada por uma pesadíssima porta de madeira. Fechou a mão e bateu, pausadamente, por três vezes. Do lado de dentro, ouviram-se os ruídos de uma tranca de ferro e a porta gemeu, dolorosamente, em seus quícios. Uma cabeça apontou e perguntou:

- Quem vem lá?

- Os cavaleiros de *Saint Michel!* - respondeu-lhe *Père Jérôme*.

- Entrai, irmãos! - disse o outro, franqueando-lhes a porta. Ao entrar, *Vincent* ficou boquiaberto: o que se lhe deparava diante dos olhos era algo, realmente, extraordinário!... Nos subterrâneos da

abadia, havia uma tal atividade, à noite, que ele jamais supusera que houvesse!

- Surpreso, irmão?... - pergunta-lhe *Père Jérôme*, com a cara mais marota deste mundo.

- Realmente é espantoso, *Père Jérôme!*... Jamais imaginei que houvesse tais coisas por aqui!... - exclama o rapaz, maravilhado.

- Lembras quando te disse que a abadia era o melhor lugar do mundo para se viver?... - diz o velhote, fitando-o, divertido. - Agora tens a resposta!

Os subterrâneos da abadia eram, na realidade, o refúgio para uma certa casta de monges de *Saint Michel*. Havia alguns séculos, tinham fundado uma confraria secreta - "Os cavaleiros de São Miguel" -, que tinha por finalidade proporcionar uma vivência diferenciada a monges que se destacassem pela cultura e inteligência privilegiadas e pela capacidade de administrar os tesouros, as propriedades e o tráfico da influência religiosa, que a Igreja Católica sempre possuiu, através dos tempos. Na realidade, a confraria compunha-se de elementos que formavam a cúpula governante da abadia, detentores de privilégios que os demais monges comuns sequer imaginavam existir ali; eram eles que decidiam o destino de toda a irmandade, e era sempre um deles que ocupava o cargo de abade.

A fraternidade contava, à época, com uns trinta membros, apenas, mas já havia possuído mais de cem, nos tempos áureos da abadia. Os componentes da irmandade estavam todos reunidos, num amplo salão, altamente iluminado por lustres muito bem trabalhados, que pendiam da abóbada do teto, decorado com gravuras nada religiosas: tratavam-se de afrescos, cujos conteúdos eram cenas da mitologia grega, muito bem pintadas, por sinal. A mobília não tinha nada de singelo; pelo contrário, eram móveis requintados, de apuradíssimo gosto; o piso era forrado por grossos tapetes de lã colorida, de excelente procedência, e as paredes eram recobertas por telas de pintores de expressão, bem como de fina tapeçaria oriental.

Ao adentrar o salão, *Vincent* percebeu que era ele o aguardado pelo pequeno grupo que o recebeu com largos sorrisos e gestos de boa acolhida. Sentado confortavelmente em uma poltrona, estava o abade *du Morel*, conversando, animadamente, com o monge secretário, enquanto bebericavam vinho em taças de ouro de fina lavra. O abade acenou, amigavelmente, para *Vincent* e lhe fez sinal para que se aproximasse. Abraçou o recém-chegado, fraternalmente, e lhe disse, bem-humorado:

- Sê bem-vindo entre nós, irmão!... A partir de hoje, serás um dos nossos!... - e, batendo palmas, chamou a atenção da pequena platéia:
- Irmãos, é hora de começar a cerimônia de iniciação de nosso novo membro!... - e, dirigindo-se a *Vincent*, diz-lhe em tom cerimonioso: -
Ajoelha-te, Frater Vincent de Quentin!...

O abade *du Morel*, então, apanha uma espada que lhe passou o monge secretário e toca com ela o peito, os lábios e a testa de *Vincent*, dizendo estas palavras:

-Teu coração, tuas palavras e teu pensamento, doravante, deverão pertencer à Confraria dos Cavaleiros de São Miguel!... Juras, por Deus e pelo sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, fidelidade aos preceitos da Ordem e obediência irrestrita a teus superiores?

- Juro! - responde o jovem monge, com voz firme. O abade encerra a cerimônia, dizendo:

- Levanta-te, irmão! - e o abraça, osculando-o em ambas as faces. Em seguida, os irmãos da confraria, um a um, abraçam-no, osculando-o na face e depois desaparecendo por uma porta lateral.

- Vem, vou mostrar-te o subterrâneo!... - diz-lhe *Père Jérôme*, aproximando-se.

Além do salão usado para as reuniões, *Vincent* percebeu que havia inúmeras salas para onde os outros monges haviam se dirigido e que ora estavam absortos em manusear e ler livros e velhos manuscritos; havia, também, uma imensa biblioteca, com alguns milhares de exemplares de obras raras e outras que versavam sobre os mais variados temas do conhecimento humano, atuais, e da

antigüidade clássica. Entretanto, o que mais chamou a atenção do rapaz foi quando *Père Jérôme* introduziu-o em um amplo e bem montado laboratório.

- Um laboratório!... - exclama *Vincent*, extasiado.

- Sim, um excelente laboratório!... E, é aqui que faço minhas experiências, meu rapaz!... - diz-lhe, enfático, o velho. E, prossegue:

- Tenho ampla liberdade para estudar o que quiser!... E, tu também terás!... É só escolheres o ramo do conhecimento que te aprouver!... Medicina?... Filosofia?... Matemática?... Literatura?... Gramática?... Garanto-te que encontrarás companheiros e mestres para qualquer caminho que resolveres trilhar!...

- É extraordinário, *Père Jérôme*!... - exclama o rapaz.

- Sim, meu filho, aqui somos como reis!... - diz, satisfeito, o velho. E, pondo-se sério, continua: - Entretanto, a única coisa que deves observar, sempre, para não incorreres, jamais, na ira do chefe da Ordem, é nunca traíres nossos ideais e cumprires, fielmente, as missões que te confiarem, sejam elas quais forem!

A partir daquela noite, *Vincent* passou a freqüentar, assiduamente, os subterrâneos da abadia. Deixara a ala dos monges comuns e se transferira para outra, no pavimento superior, com janelas mais amplas, paredes revestidas de madeira trabalhada, tapetes, quadros, um leito macio e confortável, uma escrivaninha; enfim, em tudo diferente à cela que ocupara até então.

Em suas novas instalações, era servido, diariamente, de carnes, de vinho e de frutas secas, luxos dos quais já se havia desabitado havia tempos. Passou a auxiliar *Père Jérôme* na enfermaria, acolitando-o no tratamento dos irmãos enfermos e, também, em casos das redondezas, de criaturas extremamente miseráveis e desvalidas de quaisquer tipos de assistência, mormente, idosos, órfãos e viúvas.

Se seus antigos conhecidos o reencontrassem, dificilmente o reconheceriam, travestido de monge e envergando o peculiar hábito dos dominicanos. Havia envelhecido um pouco, e o rosto tornara-

se-lhe mais magro e emoldurado por uma barba negra, curta e bem tratada. Tinha a expressão fisionômica mais séria; entretanto, estava longe de ser carrancudo ou que demonstrasse hostilidade ou qualquer ar de cinismo. *Vincent* ainda era um belo homem, capaz de despertar intensas paixões. Mal sabia ele que o destino -o grande arquiteto das causas aparentemente fortuitas de nossa existência - preparava-lhe mais uma perigosa armadilha...

Era primavera, os campos estavam pejados de flores multicoloridas e de borboletas. *Père Jérôme* e *Vincent*, como de costume, andavam pelas redondezas da abadia, em socorro aos desvalidos da sorte. A tarde estava morna e radiante e ambos cavalgavam, sem muita pressa, por tortuoso caminho que levava a misérrima aldeia de agricultores. *Père Jérôme*, como sempre, filosofava, e suas idéias eram sempre motivo de gáudio para o jovem monge, seu companheiro fiel, naquelas empreitadas pelas aldeolas da região.

- Para mim, a Igreja pecou e ainda peca em muitos de seus dogmas, meu caro - dizia *Père Jérôme*. - Por exemplo: que dizer do fato de Nosso Senhor Jesus Cristo ter dado o papado a São Pedro?... Que ninguém não nos ouça, caro padre, mas já dissequei a maioria dos livros sacros e mesmo as Sagradas Escrituras e ali nada encontrei pertinente a isso!... Ao contrário, encontrei a promessa feita por Nosso Senhor de que daria tronos a todos os Apóstolos!¹

- Então, a lógica leva-nos a concluir que Nosso Senhor Jesus Cristo jamais pretendeu elevar São Pedro a chefe do Colégio Apostólico! - redargui *Vincent*. - E, o papado não passa de uma bela farsa, arranjada pelos homens!...

- Bela dedução, irmão *Vincent*!... - diz o velho. E, prossegue com seu raciocínio: - Crês que o Cristo, realmente, teria feito isso, se proibiu a São Pedro e aos demais apóstolos de reinarem ou de exercerem qualquer tipo de mando?²

(1) Evangelho de S.Mateus, 19-28

(2) Evangelho de S.Lucas, 22-24 a 26

- Mais ainda, se lembrarmos que, de acordo com a tradição da Igreja, o papado teria duas espadas, uma em cada mão, simbolizando os poderes temporal e espiritual! - observa *Vincent*.

- Veja só, se isso é possível!...- exclama *Père Jérôme*. - Por outro lado, ensina-se que a Igreja está edificada sobre São Pedro; entretanto, se se verificarem as epístolas de São Paulo, mormente a que dirigiu aos Efésios, encontraremos que a Igreja está edificada sobre a fé dos Apóstolos e dos Profetas, sendo que a pedra angular é Nosso Senhor Jesus Cristo!...³ Será que ele teria se esquecido do papado?... - e, dá sua gargalhada estrepitosa.

- Realmente, mestre - concorda *Vincent* -, se o papado fosse algo deveras importante, e o que é pior, se já existisse naqueles tempos do Cristianismo primitivo, por certo, São Paulo teria feito várias e sérias referências a ele!

- Entretanto, isso não ocorre - aquiesce o velho. E, prossegue: - Não se encontra, em nenhum dos Evangelhos, ou em qualquer outro lugar da Bíblia, uma única linha, sequer, acerca desse e de outros dogmas, os quais considero extremamente absurdos!

A meio dessa calorosa discussão, chegam diante de uma velha cabana, nos limites de uma pobre aldeia.

-Vejamos como se encontra a velha *Éponine*!... - exclama *Père Jérôme*, apeando de sua montaria.

O interior do tugúrio era mais desolador ainda. A miséria extrema e, sobre um imundo leito de palhas, coberto por panos grosseiros, a velha *Éponine*, cadavérica, ainda lutava, desesperadamente, para manter-se viva, apesar da febre violenta que a cozinrava, sem piedade. A chegada dos monges fê-la abrir os olhos encovados, e um esboço de sorriso iluminou-lhe o rosto descarnado. A hediondez do quadro fez um arrepio de repulsa percorrer o corpo de *Vincent*. O ar no pequeno aposento era abafado; o odor era quase pestilencial, e o rapaz lutava muito para não vomitar.

(3)Epístola aos Efésios 2-20

Percebendo os apuros do amigo, *Père Jérôme*, mais acostumado às agruras da vida miserável daquela gente, diz a *Vincent*:

-Aguarda-me lá fora; deixa que eu darei os remédios a *Éponine*.

O ar fresco do exterior reanima-o um pouco, mas sentia fortes náuseas e o estômago enjoado. Como alguém poderia viver daquele modo?... Questionava-se sobre o absurdo da condição em que se encontrava a pobre anciã, quando percebeu que uma jovem aproximava-se da residência da velha enferma. Certa curiosidade apossou-se dele, pois aquela figura parecera-lhe, de imediato, muito familiar. Seria possível?... O porte era semelhante, a cor dos cabelos, também. Oh, Deus!... Seria possível!... Não se conteve e lançou um grito rouco:

- *Céline!*...

Aproximando-se, a jovem responde-lhe submissa, com os olhos baixos:

- *Non, M'sieur!... Je suis Héléne...*⁴

- *Héléne!... Héléne!...* - repete ele, com os olhos cheios de pranto, enquanto acaricia, suavemente, os cabelos revoltos e maltratados da mocinha.

Trêmulo, ergue-lhe o queixo, fitando-a nos olhos. Os mesmos olhos, o rosto, os cabelos, até mesmo a voz!... Em tudo, aquela jovem era muito semelhante à sua adorada *Céline!*

Teve ímpetos de tomá-la em seus braços, de abraçá-la, perdidamente, e de beijar aqueles lábios! Oh, saudade!... Que terrível peça o destino estava lhe pregando?... Segurava-a, fortemente, pelo braço, pois não queria que ela se fosse. A jovem, assustada e surpresa com a reação do monge, tentou desvencilhar-se, mas, ao mesmo tempo, sentiu-se, também, atraída pelo olhar marcante daquele belo homem, de traços finos e de mãos bem cuidadas, em tudo muito diferente daqueles com quem tivera contato até então.

(4) "— Não, senhor!... Eu sou Héléne!...", em francês.

Após a surpresa inicial, *Vincent* conseguiu entabular conversação com ela:

- Quem és tu? Onde moras? O que fazes? - dispara-lhe então, de uma só vez, a rajada de perguntas.

- *Moi?!...* - responde-lhe a mocinha, enrubescendo e se enchendo de temor.

- Quem és tu? - corrige-se ele, mas insistindo numa resposta.

- Eu sou *Hélène*, neta de *Éponine...* - explica ela, tímida. - Trabalho nas vinhas e moro com vovó.

- Ah, moras aqui!... Moras aqui!... - repetia *Vincent*, rindo-se de contentamento. E, era tamanho o seu envolvimento com a jovem que nem percebera a chegada de seu amigo.

- Nossa!... Como estás alegre!... A que se deve tamanha alegria?...

- diz *Père Jérôme*, aproximando-se dos dois.

- Veja quem descobri!... - mostra-lhe a jovem, num contentamento imenso.

- Sim, estou vendo... - diz-lhe *Père Jérôme*, sem muita surpresa. - É *Hélène*, a neta de *Éponine...* Por que tanta alegria?

- Porque ela é a cópia mais que fiel de *Céline!* - exclama *Vincent*, efusivo.

Père Jérôme examina a jovem, de alto a baixo, com os olhos pensativos, enquanto cofiava, displicentemente, a barba de fios prateados. Depois, exclama:

- *Facilia descensus averno*,⁵ meu caro!... - e, completa, sério:

- Vamos embora, que já é tarde!

Por longo tempo, cavalgaram em silêncio absoluto. O mutismo do rapaz preocupou *Père Jérôme*:

- Percebo que teu encontro com a neta de *Éponine* fez com que teu coração voltasse a sangrar, não é mesmo?

(5) "- Fácil é o caminho para o inferno", em latim.

O outro se limitou apenas em sacudir a cabeça, afirmativamente. Era patente a amargura que lhe ia pela alma, novamente, desaranjada. Seu encontro com *Hélène* escarafunchara nas velhas cicatrizes, fazendo-as sangrarem e, como sangravam copiosamente!

Naquela noite, *Vincent* não desceu aos subterrâneos da abadia, apesar de *Père Jérôme* haver-lhe prometido participação em experiências incríveis que vinha desenvolvendo, havia tempos. Sentia-se triste, e a saudade de sua *Céline* voltara a atormentar-lhe a alma, sem tréguas. Jamais se esquece um grande amor!... É como uma ferida mal curada que, de tempos em tempos, volta a sangrar. É só surgir uma oportunidade, e ela recrudescer, trazendo as mesmas dores, e a sua cicatrização é longa e dolorida.

A noite tornara-se pesada e longa para *Vincent* e, com ela, a solidão - a velha companheira, desdenhosa e cruel -, que teimava em não abandoná-lo!... A falência dos sonhos da juventude, sonhos de felicidade, ao lado da pessoa amada, vivendo dias felizes, em sua propriedade, gerando filhos belos e saudáveis, e dando prosseguimento à linhagem de sua família. Tudo terminara!... Restara-lhe apenas aquilo: lembranças e, pela primeira vez em sua vida, percebeu que poderia acabar seus dias completamente só. Quando era criança, tinha verdadeiro pavor da solidão!... Prenúncio do que lhe reservaria a vida?

Depois de alguns anos, era a primeira vez que varava a noite, insone. Tentou ler, mas era difícil concentrar-se na leitura. O rosto inocente e o sorriso angelical de *Hélène* perseguiam-no. Meu Deus!... E essa agora?... Esse fatídico encontro viera roubar-lhe a tênue paz que granjeara à custa de desmesurado esforço próprio, para desvencilhar-se de lembranças que o agrilhoavam à pessoa amada. E, agora, tudo brotava, assim, em catadupas, como se quisesse sufocá-lo?... O desespero começa a perturbar-lhe a razão. Tomba sobre a poltrona, desolado e impotente, diante daquela nova peça que o destino pregava-lhe.

O raiar do sol vem apanhá-lo adormecido na poltrona, pois acabara vencido pelo cansaço daquele dia perverso. Desperta mal-humorado, com o corpo todo dolorido pela má postura em que adormecera. As lembranças recentes ressurgem à mente, tisonando-lhe o rosto de profunda tristeza. Estava vivo, e viver era-lhe difícil, dolorido!... Profundo sentimento de autopiedade, então, invade-lhe o ser. Oh, se viesse a morte!... Como morrer lhe parecia sublime, o fim de todo o sofrimento!...

Não deixou a cela até que a tarde caísse. Por fim, resolveu sair e, como conhecia os hábitos de *Père Jérôme*, sabia que iria encontrá-lo, àquela hora, na enfermaria. Ao vê-lo, o velhote sorriu, saudando-o e, como sempre, fazendo pilhérias:

- *Ecce iterum Vincentus!*...⁶

- Salve, *Père Jérôme*! - saúda-o *Vincent*, em resposta. Mas, não pôde deixar de transparecer o mal que lhe ia à alma.

O outro, profundo conhecedor do espírito humano, meneou, tristemente, a cabeça e, sempre filosófico, recitou:

- *Nessun maggior dolore che ricordarsi del tempo felice nella miséria*⁷ - e, completa, muito sério: - Sábias palavras do velho poeta, meu caro!...

Mas, se a vida te parece, assim, tão insuportável, entre estas velhas paredes, embandeira as tuas asas, ganha os céus e voa!... Encontrei, ao que parece, uma substituta muito semelhante à fada que perdeste!... Ao menos na aparência, *mon ami!*... Mas, não te esqueças: *Hélène* não passa de um espantalho, de um grosseiro arremedo de tua *Céline*; e o que te fez achar tão precisas semelhanças entre ambas talvez seja a cegueira da paixão!... Posso garantir-te que essa camponesa analfabeta e de modos rústicos em nada se assemelha à delicadeza da marquesinha *de Vichy!*...

(6)" - Eis que de novo retorna Vincent!em latim.

(7)" - Nenhuma dor maior do que se recordar do tempo feliz na miséria", em italiano. (Dante Alighieri. Inferno, v. 121)

- Como podes dizer tal coisa, se nem conheceste *Céline*? -rebate *Vincent*, aborrecido.

- Num ponto acertaste, *mon chère!*... - redargui o velho. E, prossegue: - Não tive a grata satisfação de privar com a marquesinha *de Vichy*, enquanto ela andava pelo lado de cá; entretanto, não posso dizer o mesmo, agora, que ela anda pelo lado de tá!... -e se ri, gostosamente, como era de seu costume.

- Não entendo o que dizes, *Père Jérôme!*... Queres fazer-me o favor de te explicares melhor? - diz *Vincent*, exasperado com a fala enigmática do amigo.

- Não te zangues, não te zangues!... - apressou-se em dizer o velho monge. - Explico-me: recordas-te de quando te convidei para as minhas experiências secretas, 'dias atrás, e tu nem deste bola?... Pois, muito bem: era isso!... Conversamos, eu e tua amada!...

Vincent deu um salto sobre o velho, agarrou-o pelos panos do manto e tentava segurá-lo pelo pescoço.

-Traidor!... Deste para trair-me, agora?!... - disse o rapaz, sem pensar, movido pelo impulso.

O outro se defendia como podia, posto que era um riquinho de gente, perto do corpanzil de *Vincent*.

- Calma, calma!... Queres matar-me?! - disse, desvencilhando-se dos braços do outro. - Estás desequilibrado!... Deixa-me explicar-te, homem!... Senta-te aí e me ouve!... - e, recompondo-se, enquanto ajustava as dobras do manto que o outro desarranjara, prossegue: - Sempre acreditei que a morte não seria o fim de tudo. Baseando-me nisso, resolvi estudar esse assunto, profundamente. Busquei livros, documentos antigos; vasculhei bibliotecas de velhos mosteiros; estudei o latim, o grego e o hebraico para, mais profundamente, inteirar-me de tudo, mas não vás pensar que me foi fácil chegar aonde cheguei!... Precisei devotar-me muito a buscar o que me interessava; juntar peças, fragmentos, aqui e acolá, pois tudo se afigurava como num intrincado labirinto, cheio de armadilhas e de

portas falsas. Mas, venci!... Sei como trazer almas do outro mundo e falar com elas!...

Vincent, boquiaberto, olhava para o outro. Custava-lhe acreditar no que ouvia.

- Por Deus, como é possível fazer isso, *Père Jérôme*?!...

- exclama *Vincent*, estupefacto. - Sempre soube que, uma vez atravessado o umbral da morte, jamais dela se retoma!... Agora vens dizendo-me que consegues isso!... Como é possível?... Só creio vendo!...

- E verás, meu caro!... E verás!... - responde o velho, dando um tapinha no ombro do rapaz. - Só espero que não me dês o bolo, outra vez, pois temos que reunir condições favoráveis para isso.

- E, quando terei oportunidade de presenciar isso, *Père Jérôme*?

- pergunta o rapaz, cheio de ansiedade.

- Breve, muito breve, meu caro *Vincent*!... Eu te garanto que terás gratas surpresas!... - diz o velho, enquanto sumia porta afora.

VI

A irmandade secreta

No castelo *de Clairmont*, o dia amanhecera preguiçoso e chuvoso. No singelo quarto de dormir, o jovem coudel *Antoine Jouvenchy* espreguiçava-se. Fora uma noite quase insone. Custara a adormecer, e o motivo de tamanha falta de sono fora o belo par de olhos cor de mel da jovem que chegara ao castelo, na tarde do dia anterior. Ria-se sozinho, na expectativa de deixar o leito para mais um pesado dia de trabalho, na estrebaria do castelo. Engraçado! Tinha vontade de

falar com a jovem, de saber como seria sua voz, seu sorriso... Não a ouvira pronunciar palavra; talvez estivesse muito cansada da longa viagem. A voz da mãe tira-o do solilóquio:

- *Tonton! Vite!... C'est l'heure!... Allons!...*¹ Inusitadamente, naquele dia, que surgia ensopado por uma chuva outonal, *Antoine*, cozido de preguiça, hesitava diante do recipiente de latão cheio de água. O dorso desnudo revelava uma musculatura avantajada de quem, desde muito cedo, relacionara-se ao serviço braçal, pesado. Mira-se no espelho de água gelada da bacia, como se não quisesse despertar daquela lomba que, de repente, o acometera. Ah, se pudesse, ficaria o dia todo ali, em seu quarto, sonhando de olhos abertos!... Como ela era linda!...

- *Tonton!...* Que diabos aconteceu a esse palerma hoje?

A voz do pai, incitando-o a aviar-se para o trabalho, causa-lhe um sobressalto. Mergulha as mãos na água gelada. Sua imagem turba-se no espelho d'água, e ele lava o rosto, repetidas vezes, tentando expulsar a moleza. Enxuga o rosto, os cabelos. Reani-ma-se. Veste a camisa, as botinas. Na pequena cozinha, a mãe aguarda-o com a primeira refeição do dia:

- E papai? - pergunta para a mãe.

- Já se foi - responde-lhe ela, absorta nas tarefas da cozinha. *Antoine* apanha o pedaço de pão preto que a mãe adrede já lhe cortara. Unta-o com manteiga e, maquinalmente, leva-o à boca. O sabor da massa tostada enche-lhe a boca de saliva, e ele tem que sobrepor certa força ao maxilar para mastigar o pão grosseiro. Está silencioso, os olhos marrom-escuros pregados nas vigas escurecidas do teto da cozinha. A mãe, estranhando a falta da costumeira loquacidade, pergunta-lhe:

- O que foi? Estás doente?... Nunca te vi, assim, tão calado!...

(1) "— Tonton! Depressa!... Está na hora!... Vamos!..." , em francês.

- Ahn!... - assusta-se com a voz da mãe e se engasga com o pão, tendo um súbito ataque de tosse.

- *Tonton!*... - exclama, espantada, a mãe. - Queres afogar-te, homem?... Hum!... Andas meio estranho hoje!...

- Não há nada, *maman*, fica tranqüila!... - diz ele, meio atabalhoadamente. - Já me vou!... *Au revoir!*...

Enquanto caminhava apressado, para os lados das estrebarias do castelo, sob a fina e gelada chuva de outono, pensava. O que estaria se passando com ele?... Estava traindo-se, seu comportamento estava mudando, e todos já estavam percebendo isso. Subitamente, teve medo. E se descobrissem que estava apaixonado pela nova hóspede do castelo?... Iriam rir-se dele, pois sequer havia falado com ela!... Que coisa estranha!... Como poderia alguém se apaixonar, assim?...

Stella Scalchi, a filha do escultor italiano, despertara, também, havia pouco. Abrira os olhos, acostumando-os à semi-obscuridade da câmara que lhe deram a ocupar no castelo. Espreguiça-se e sente os músculos doloridos pelos incontáveis dias de cavalgada e, ainda, por ter passado todo esse tempo dormindo naquelas enxergas malcheirosas das estalagens da beira do caminho. Sente a suavidade do lençol de cambraia, tão afável ao tato, e o cheiro agradável da roupa bem lavada... Suspira. Finalmente, um pouco de conforto, depois de ter deixado a casa, em Paris!... Ficava tão pouco tempo, em casa, sempre acompanhando o pai, nas suas longuíssimas estadas, no ofício de escultor, arquiteto e restaurador. Entretanto, ela não tinha do que reclamar. Pouca gente, em sua idade, já teria conhecido tantos e tão variados lugares. Estivera em outros países; já conhecia a Alemanha, a Espanha, Portugal, a Itália, onde morara por alguns anos, em Verona, com os parentes do pai, depois que a mãe morrera. A mãe!... Como teria sido sua mãe?... Não a conhecera, pois morrera quando ela era ainda bebê. Fora criada por tia *Mafalda*, a irmã mais velha do pai. Tia *Mafalda* gostou muito de *Stella*; mimou-a tanto, pois não tivera filhas, só rapazes, e sonhara a

vida toda em ter uma menina. Ao lado da tia, que era uma mulher alegre, sempre bem-humorada, teve uma infância feliz, mesmo que o pai somente viesse vê-la, de tempos em tempos, por estar sempre muito ocupado, viajando a serviço. Mas, nunca deixara de vir vê-la, sempre que podia. E, trazia-lhe mimos. Quantas bonecas de louça trouxera-lhe?... Bufos de pano?... Uma dezena. Ri-se das lembranças de menina. Depois, quando cresceu, tinha nove anos, pediu ao pai para levá-la com ele. E, ele a levou, deixando para trás uma tia *Mafalda* desmanchando-se em lágrimas, mas se foi embora. Foi-se para viver com ele, pois o amava. Era seu pai!...

Os olhos de *Stella* acostumam-se à semi-obscuridade do quarto, que ela perscruta curiosa, com seus olhos cor de mel. Levanta-se e abre a janela. Uma repentina lufada de vento gélido, mais os respingos da chuva que caía monótona, fizeram-na dar um súbito e intenso arrepio de frio, pois vestia apenas camisola de cambraia. Espia o céu plúmbeo, pesado e cheio de nuvens baixas. A vista não ia muito longe na paisagem esbranquiçada pela chuva. Que pena, não poderia ver nada naquele dia!... Fecha a pesada janela de madeira e volta para a cama. Brrrr!... Enregelara-se. Cobre-se, e o delicioso calor do leito vai dando-lhe uma sonolência irresistível. Dorme, novamente, e sonha. Sonha sonhos inocentes, pois a jovem ainda não conhecia os ardores da paixão ou os dissabores e frustrações dos que já amaram e muito sofreram.

Nas baías, o serviço era intenso todos os dias. Sob a supervisão do jovem *Antoine*, uma dezena de serviçais esfalfava-se na azáfama diária de alimentar duzentos equídeos de raça, da criação do conde, mais outras duzentas azêmolas, empregadas na lida diária da propriedade, para a tração de carroças e carroções, que transportavam a produção dos campos, mais a tração das charruas, na época da aração das imensas áreas cultivadas com trigo, cevada e centeio. Os campônios vinham retirar as alimárias para as tarefas diárias que o administrador *Jules Jouvenchy* ia-lhes confiando. Quanto serviço!... Muito pouco tempo restava-lhes para pensarem

nas próprias vidas miseráveis, uma vez que, se não cumprissem, à risca, tudo o que lhes era destinado para a jornada, teriam as poucas provisões que recebiam, ao final da semana, ainda mais diminuídas, e lhes seria ainda mais difícil alimentarem a numerosa prole, sempre faminta. Eram tarefas difíceis e árduas, em época em que não existiam direitos nem assistência social; trabalhava-se, enquanto houvesse a luz do sol, catorze, dezesseis horas, e enquanto se tivesse força para tanto.

Quando a velhice que, invariavelmente, vinha muito precoce, como resultado do excesso de trabalho extenuante que tinham que realizar, os pobres campônios, que não conseguissem mais desempenhar as pesadíssimas tarefas a eles impostas, eram relegados à própria sorte. Se tivessem filhos amorosos que os amparassem, ainda morreriam sob um teto, nas miseráveis aldeias a eles destinadas, e teriam algum conforto; caso contrário, seriam lançados à mendicância, à cata da caridade pública que, comumente, era constituída daqueles que já tinham muito pouco para proverem-se a si próprios!

Sucedem-se os séculos e os milênios, e pouquíssimas são as conquistas que o homem comum conseguiu no campo social; continua, ainda, recolhendo as migalhas que caem do sobejo da mesa farta dos poucos poderosos que governam os destinos deste mundo!... A riqueza ostensiva locupleta-se com a miséria e a desdita dessa multidão de infelizes a quem é impedida a participação ao mínimo indispensável para uma vida digna. *Homo hominis lupus*² E, muitas lágrimas ainda serão vertidas nesta arena de dor e sofrimento, enquanto não houver o despertar para um senso de equilíbrio e de equidade entre as criaturas que habitam este orbe de provações acerbos e expiações inomináveis!...

Urge que as consciências despertem para o amor, que liberta, que arrebenta os grilhões atados pela ignorância - a terrível geradora de uma infinidade de malefícios que tolhem a liberdade do homem!

(2) "O homem é o lobo do homem", em latim. Citação de Plauto.

Antoine, naquela manhã, estava estranho. Recostara-se a uma das pilastras que sustentavam o teto das cocheiras e estava mudo. Sentia-se atoleimado e não conseguia desenvolver, a contento, as tarefas de administrar aquela imensidão que eram as baías do castelo. Sabia que, se o pai passasse por ali e visse que o serviço não andava, teria sérios problemas. Mas, quem consegue dominar os pensamentos, que são quais cavalos selvagens, soltos como o vento, pelas pradarias?... O rapaz sabia quão trabalhoso era domá-los e lhes pôr os arreios!... Como obsessão pertinaz, a insigne figura da jovem que chegara ao castelo, na véspera, não o abandonava. Meu Deus, jamais se sentira assim!... Que seria aquilo?

- *Tonton*, *Valet d'Or* está deitado e não quer levantar-se!

A voz do serviçal fá-lo despertar desses devaneios, com um sobressalto:

- Hein?... Que dizes, *Charcot*?...

- Disse-te que *Valet d'Or* está doente!... - repete o outro.

- *Charcot*, *Valet d'Or* é o cavalo predileto de *Jean-Michel*!... - exclama *Antoine*, aviando-se. - Se o bicho morrer, Sua Excelência esfolar-nos-á vivos!... Vem, vamos ver o que ele tem!

O belíssimo corcel negro estava prostrado no chão da baía. Tinha a respiração difícil, as escleróticas avermelhadas e os olhos injetados pelo sangue. *Antoine* examina o animal, abrindo-lhe a boca e lhe espiando a língua.

Mais essa agora, *Charcot*!... - diz preocupado. - O conde vai matar-nos, se meu pai não nos matar primeiro!...

- Que vamos fazer?... - pergunta o serviçal, transido de medo.

- Depressa! Vamos dar-lhe o elixir do abade *Chevreux*!... - ordena ao ajudante.

Aos tropeções, *Charcot* sai em disparada, para um cômodo onde se guardavam ferramentas e eventuais remédios, retornando, em seguida, com um frasco azul-escuro, sujo e encardido.

- Ajuda-me, *Charcot*, vamos derramar-lhe o remédio goela abaixo!

Com alguma dificuldade, fizeram com que o equino engolisse boa quantidade do líquido.

-Agora é só aguardar o resultado. Se a comida fez-lhe mal, em pouco tempo estará de pé - e, virando-se para o outro, diz-lhe, em tom grave: - E, para maior segurança, é bom rezares, *Charcot!*... Ou, então, tu dançarás *le menuet* com um pé só!... E, sob o chicote de *Jean-Michel!*... Tu o conheces muito bem, não?

O outro, apavorado, assente, sacudindo uma cabeça de cabelos revoltos, pois conhecia bem o peso da guante dos amos, e ambos assistem o animal, em silêncio. Algum tempo depois, o cavalo levanta-se, meio trôpego, tentando firmar-se nas patas.

- Escapamos dessa, *Charcot!*... - diz *Antoine*, com o bom-humor que lhe era peculiar. E, acrescenta, em tom jocoso: - Mas, é bom ficar de olho no que se dá de comer a este cavalo, hein?... Ou, quando *Jean-Michel* retomar de Paris e não encontrar seu cavalinho predileto, tu é que lhe servirás de montaria!... Ha! Ha! Ha! Ha!...

O jovem coudel gargalhou, gostosamente, como lhe era de feitio, diante do olhar espantado daquela figura patética que, por fim, acabou por arreganhar um sorriso, numa boca de penúria, que continha apenas alguns cotos de dentes enegrecidos, fincados, às tontas, numa gengiva arroxeadada e inchada. Em seguida, *Antoine* afastou-se, assoviando uma cançoneta. Sua mente acabara por ocupar-se com o trabalho, fazendo-o desligar-se de um par de olhos marrom-claros que brilhavam como estrelas, enfeitando um céu de abril...

Batidas na porta do quarto de *Stella* fizeram-na acordar do sono que retomara naquela preguiçosa manhã chuvosa.

- Entrai!... - diz, despertando, ainda muito sonolenta.

- *Bonjour, mademoiselle!*... *Le petit dèjeuner..?*

A jovem camareira adentra o aposento, portando uma bandeja com o desjejum de *Stella*. Tenta mostrar-se simpática à nova hóspede:

- Eu sou *Marguerite*, criada de quarto do castelo. Quereis que vos auxilie à toailete, *mademoiselle?*

- *Merci, Marguerite*. E, a propósito, sabes de meu pai? -pergunta-lhe *Stella*, demonstrando a simpatia que lhe era peculiar.

- Vosso pai já se levantou e está reunido, no grande salão, com o outro cavalheiro que vos acompanha - responde a criada.

Enquanto prepara a água, os sabões e a toalha, *Marguerite*, de soslaio, sonda *Stella* que penteava os sedosos cabelos acobreados, diante de um espelho oval. A beleza e a delicadeza da outra causaram uma ponta de inveja na serviçal que, terminando de aprontar-lhe os apetrechos para a primeira higiene do dia, diz:

- Tudo pronto, *mademoiselle*. Se não precisais mais de mim...

- Por ora, não, *Marguerite*, obrigada!... Podes retirar-te. Fazendo breve reverência, a criada deixa o quarto, e *Stella* não notou o exame detalhado que dela fizera *Marguerite*, com seus espertíssimos olhos negros como azeviche.

Após o desjejum, *Stella* veste-se e deixa o aposento. Ia procurar pelo pai que, àquela hora, já deveria estar afundado no trabalho. Encontra-o, juntamente com *Frédéric Broulet*, seu oficial de obras, esboçando os projetos de remodelagem do castelo. Ao ver a filha, estende os braços e diz:

- *Stella, figliola mia!... È stata bene?*⁴

- *Si, papà*, estou bem... Dormi maravilhosamente!

- *Bravissimo!*... - exclama *Don Lorenzo*, beijando a filha na testa. - E, então, vais ajudar-nos nos projetos?

- Claro, *papà!*... Para isso é que estou aqui!... - diz ela contente. - Farei os esboços artísticos para a tua apreciação. Apenas desejo que me indiques por onde devo começar.

- Começaremos pelo exterior - explica-lhe *Don Lorenzo*. - Como agora estamos no outono e não chove muito, é melhor que façamos a parte de fora, primeiro.

O trio mergulha nas discussões de trabalho, em redor de uma imensa mesa de carvalho, espalhando réguas, compassos, varas de medir, enfim, o material necessário para a execução do projeto

arquitetônico que seria colocado à apreciação dos senhores do castelo, antes de se iniciarem as reformas. Lá fora, a chuva continuava fina, fria e ininterrupta, molhando até os ossos daqueles que, necessitados de defenderem o ganho do pão diário, tinham de enfrentar a inclemência e as adversidades do tempo.

* * * * *

Na abadia de *Saint Michel*, o tempo transcorria-se sem maiores novidades. *Vincent*, mais amadurecido, passava os dias mergulhado em livros e alfarrábios que desencravava na biblioteca. Com *Père Jérôme*, havia aprofundado seus conhecimentos de latim e grego e aprendera, também, hebraico e árabe, de modo que lhe era facultado o acesso a obras preciosíssimas da antigüidade e que faziam parte do acervo da biblioteca do mosteiro. Tinha especial predileção por tratados de alquimia e achava que os alquimistas eram homens muito inteligentes que haviam se devotado a descortinar os mais íntimos segredos da natureza.

Numa tarde chuvosa daquele outono, estava em sua cela, debruçado sobre um velho tratado de alquimia, encadernado em couro. O alfarrábio era imenso, da época em que ainda não havia a imprensa, e os livros eram feitos, à mão, pelos pacientes amanuenses, comumente, monges de mosteiros como aquele, os quais passavam seu interminável tempo, transcrevendo obras de interesse comum e algumas até veementemente vedadas pela hierarquia eclesiástica instituída, como ocorria, também, ali. Era grande o número de obras do acervo da biblioteca que não continha o *imprimatur*, sendo, dessa forma, proibido esse tipo de leitura. Sob a orientação de *Père Jérôme*, que vivia sempre rebelde e, eternamente, em desobediência à hierarquia eclesiástica, *Vincent* instruía-se, desvendando os escaninhos dos mais variados ramos da ciência e da filosofia, geralmente, temas proibidos ou de difícil acesso ao vulgo.

Desse modo, alimentava sua cultura e se tornava um dos irmãos mais respeitados da confraria. Ocupava, agora, o cargo de secretário geral da abadia, uma vez que o antigo secretário, *Jean Dupont*, estava morto. A morte de *Dupont* ocorrera de forma misteriosa. De manhã, alguns monges que iam para o campo encontraram um cavalo que pastava, sossegado, mas que carregava estranha carga: era o corpo de um homem, com a garganta degolada, e transversalmente jogado de bruços sobre a sela. Os irmãos foram averiguar e, estarecidos, constataram que se tratava do monge secretário geral da abadia e conhecidíssimo de toda a irmandade.

O irmão *Jean Dupont* fazia parte da fraternidade de *Saint Michel* e lhe era franqueada a saída do mosteiro, de madrugada, quando quisesse. *Père Jérôme*, que sabia de tudo que acontecia nos bastidores do mosteiro, havia contado a *Vincent* que *Jean Dupont* era doidinho por uma tal de *Genuh*, senhora bem fornida de carnes e esposa de um certo *Gerard Clemenceau*, proprietário da estalagem *Le Sanglier Doré* que se situava a alguns quilômetros da abadia, na estrada para *Carcassone*.

Era sabido que *Dupont*, envergando elegantes trajes seculares e se fazendo passar por nobre cavalheiro, freqüentava, com certa assiduidade, a espelunca de *Clemenceau*, cortejando-lhe a assanhadíssima esposa que, por certo, notando os belos dotes físicos do impetuoso monge, passou a dar-lhe trela. E *Dupont*, que não perdia uma barra de saia, principiou a morder a orelha da dita matrona, enquanto o marido, cheirando a vinho barato e a queijo azedo, entretinha-se servindo seus fregueses beberrões. Até que, numa fatídica madrugada, o marido traído pilhou-os na estrebaria da estalagem, a meio de um frenético e ardoroso encontro amoroso, e, armado de um afiadíssimo punhal, saltou como um raio sobre *Jean Dupont*, degolando-o de um só golpe. Em seguida, colocou o defunto sobre seu cavalo e o despachou de volta. E, esses espartíssimos animais, como se sabe, conhecem direitinho o caminho de casa...

Foi assim que o posto de secretário geral da abadia ficou vago, e *Vincent*, portador dos dotes necessários para ocupar essa função, foi empossado pelo abade *du Morel* que achou o antigo barão *de Quentin* o mais indicado entre os candidatos. E, o jovem monge sequer supôs que, na indicação de seu nome, houve trâmites de cuja existência ele desconhecia completamente...

No final da tarde daquele dia, o abade chamou *Vincent* a seu gabinete.

- Senta-te, irmão *Quentin* - disse-lhe o abade, com certa gravidade. - Agora que ocupas um cargo na alta cúpula da abadia, fazes parte também do Grande Conselho da Ordem de *Saint Michel*. E, esta noite, quando te dirigires aos subterrâneos, procura, antes, *Père Jérôme* que te conduzirá à sala secreta onde nos reunimos. Temos coisas importantes a discutir.

Vincent sequer supusera, antes de ocupar o cargo de secretário geral, que havia um conselho secreto na Ordem de *Saint Michel*. Era membro da confraria, tinha o acesso franqueado aos subterrâneos; entretanto, nunca imaginara que houvesse tal conselho ou salas secretas. Que mais existiria ali e que ele desconhecia?

Pouco depois da meia-noite, *Vincent* recebeu a visita de *Père Jérôme*, que viera buscá-lo em sua cela.

- O abade falou contigo a respeito da reunião do Grande Conselho?

- Sim, *Père Jérôme*. Afinal, do que é que tratam nesse conselho? - quis saber o monge, já intrigado com tanto mistério.

-Ah, a velha e boa impaciência da juventude!... - diz o velhote, emitindo longo suspiro. E, prossegue: - Acalma-te, meu boníssimo jovem! Saberás, muito em breve!... Vem! - e saiu, dando seu risinho zombeteiro, enquanto caminhava com seus curtos e ágeis passinhos de estorninho.

Nos subterrâneos, *Père Jérôme* tomou uma direção até então desconhecida de *Vincent*. Chegando ao corredor que dava acesso às salas que comumente ocupavam, o velho monge foi mais adiante, até chegarem defronte de uma outra porta, só que de ferro, na qual

se destacava, dentro de um círculo, uma cruz cruzada em alto relevo, encimada por uma inscrição, em latim: *Video bona proboque*.⁵ *Père Jérôme* bateu na porta, pausadamente, três vezes, com a mão fechada. Instantes depois, ouviu-se o ruído metálico da chave girando na fechadura. A porta gemeu pesada, nos quicios, e o rosto de um irmão apareceu. Encarando *Père Jérôme*, perguntou-lhe a senha:

- Que lhe enviou São Miguel?...
- São Miguel enviou-me o anel!... - respondeu *Père Jérôme*.
- Entrai, irmãos - disse o outro.

A sala onde se reunia o Grande Conselho da Ordem era ampla e mobiliada com algumas dezenas de cadeiras brancas, com detalhes dourados, e estofadas em veludo vermelho; o chão era recoberto por fina tapeçaria, bordada com motivos diversos; as paredes eram forradas de madeira clara, onde se esculpiam flores variadas, em alto-relevo; havia, também, várias obras primorosamente pintadas a óleo e enquadradas em largas molduras douradas. Chamava a atenção um imenso quadro, representando o julgamento de Cristo, no Sinédrio. A sala tinha o formato retangular e, na parede menor, oposta à que continha a porta de entrada, havia, sobre um estrado, uma secretária e uma cadeira de espaldar alto, ambas de madeira escura e ricamente trabalhadas. Acima da cadeira, fixado à parede, havia um brasão de bronze polido semelhante ao que se estampava na porta de ferro da entrada.

Alguns poucos irmãos da Ordem conversavam, não mais que dez ou doze, quando chegaram *Père Jérôme* e *Vincent*. O velho monge foi recebido com abraços e sorrisos largos que demonstravam o quanto era querido e respeitado por seus pares.

Um quarto de hora depois, chegaram o abade e mais alguns irmãos da ordem. O abade tomou seu lugar na cátedra. Todos os demais tomaram lugares nas cadeiras.

(5) "Vejo as coisas que são boas e as aprovo", em latim. (Ovídio)

O grupo todo não se constituía de mais de trinta monges. *Jean du Morel* percorreu a pequena assembléia com um par de olhos cinza que, excepcionalmente, naquela noite, demonstravam uma frialdade até então desconhecida de *Vincent*. O chefe máximo da abadia pareceu meditar, por alguns instantes, e, em seguida, com voz firme, disse, encarando seus ouvintes, como era de seu feitio:

- Caríssimos irmãos, convoquei esta reunião, porque algo grave ocorreu em nossa confraria!... Como já é do conhecimento de todos, nosso amantíssimo irmão *Jean Dupont* foi bárbara e covardemente assassinado!... - fez pequena pausa e prosseguiu: - Pois bem, procedemos às investigações e já conhecemos seu traiçoeiro assassino! E, como é norma de nossa Ordem, os covardes devem pagar por seus crimes! Sugiro que o atraiamos para cá, para que seja preso, julgado e condenado, como é de praxe!

Houve um burburinho entre a assembléia, seguido de conversas e cochichos ao pé do ouvido. Depois, o abade bateu com os nós dos dedos sobre a mesa e, imediatamente, fez-se silêncio absoluto.

-A partir de agora, procederemos à votação - disse ele, encarando a pequena assembléia. - Os irmãos que forem contra, levantem-se; os que forem a favor, permaneçam sentados.

A totalidade da assembléia permaneceu sentada, e isso pareceu agradar ao abade que mal disfarçou seu ar de contentamento. Em seguida, disse:

- Precisamos, agora, de um bom plano para enredarmos o verme, e de voluntários para a execução do serviço!

Um monge, ainda jovem e forte, levantou-se:

- *Moi-je, Monseigneur l'abbé!...*⁶

- Muito bem, *Boileau!*... - felicitou o abade ao jovem voluntário. - Quem mais?... *Riault?*... Não?... *Joubert?*...

(6) "- Eu, senhor abade!...", em francês.

Mais um levantou-se: *Joubert*, um monge de meia idade, porém de aparência muito saudável e ar de quem era dono de muita sagacidade.

- *Dupont* era meu antigo camarada! - disse *Joubert*. - Terei especial prazer em fazer o serviço, se Vossa Excelência me conceder esta honra!

- *Parfaitement, frère Joubert*, tu a tens!... - responde-lhe, satisfeítíssimo, o abade e, em seguida, dá por encerrada a assembléia, convocando apenas os voluntários para uma nova reunião íntima, para discutirem o plano de ataque ao assassino do irmão *Jean Dupont*.

No dia seguinte, mal o dia raiou, *Vincent* procurou por *Père Jérôme* que, àquela hora, como de costume, já estava na enfermaria, cuidando de eventuais enfermos. O velhote estava, naquele momento, ministrando um xarope a um velhíssimo e esquelético monge, de cabelos tão alvos como plumas de algodão e que tinha o rosto tão enrugado que parecia um pergaminho retirado de algum mausoléu egípcio. Ao ver *Vincent*, *Père Jérôme* abriu um largo sorriso e fez piada, indicando o caquético monge que mal conseguia respirar:

- *Tempus edax rerum*,⁷ meu intrépido rapaz!... Cuida para que não termines, em cacos, como este aqui!... Ha! Ha! Ha! Ha!... -e, ficando sério, continua: - Mas, como te conheço o suficiente, dize lá o que te apoquentam os miolos, assim, tão de manhãzinha?

- Percebo que, realmente, conheces-me muito bem!... Acertaste mais uma vez, meu estimadíssimo mestre!... - diz-lhe *Vincent*, adicionando uma pitadinha de sarcasmo no falar. - Eu, de fato, tenho algo a picar-me a nuca. Dize-me, como podemos julgar e condenar o assassino de *Dupont*!... Por acaso, não somos monges?...

(7) "- O tempo destrói as coisas", em latim. (Citação de Ovídio)

Não fizemos voto de obediência aos sacros preceitos de nossa religião, que se fundamenta sobre o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, cuja tônica apostólica é o amor a Deus, ao próximo e à prática do perdão às ofensas?... O que ouvi e vi ontem, na sala secreta da Ordem foi, se não me engano...

- Sim, não te enganaste!... - completa *Père Jérôme*. - E, se bem te recordas, tu também tomaste parte na condenação do assassino à morte!... Vejo que não conheces, ainda, o verdadeiro lema da Ordem de São Miguel, meu caro!... A máxima completa é esta: *Video bona proboque; deteriora sequo!*...⁸

- Não te parece que estamos desonrando o hábito que vestimos e quebrando juramentos feitos diante de Deus, no altar, e, o que é ainda pior, caindo em pecado mortal?... - pergunta-lhe *Vincent*, cheio de dúvidas.

- Sentimentalismos, meu intrépido e valoroso jovem!... Puro sentimentalismo de tua cândida alma puritana!... - diz o velho, encarando-o firme. E, prossegue: - Procura a praticidade das coisas e sê mais racional. Raciocina comigo: o que é mais importante, na ordem das coisas, o coração ou a razão?... A própria Natureza responde-nos, antes que tu me digas alguma asneira!... O cérebro, meu pertinacíssimo monge, foi colocado, acima do coração, para comandar as coisas!... Fica, lá no alto, em posição privilegiada, cercado dos sentidos mais importantes, quais sejam a visão e a audição, como um bastião, sempre alerta, vigiando a conduta do ser, não permitindo que este faça alguma bobagem, não concordas?... O coração, por outro lado, fica quietinho, escondido no recôndito de uma cavidade obscura, no imo do peito, e só sabe trair o ser!... O coração - meu valoroso amigo, defensor da moral e dos bons costumes - é o maior traidor que conheço!... Tu já não te sentiste, alguma vez, traído por este órgão maldito?...

(8) “- Vejo as coisas boas e as aprovo, mas sigo as que não prestam! - em latim. (Citação de Ovídio)

Vincent teve que concordar, pois o velhote era firme em seus argumentos. Mas, tentou, ainda, pô-lo contra a parede:

- Não temes, *Père Jérôme*, a morte, a danação eterna?

- Primeiro, não acredito em tais baboseiras, como danação eterna, inferno ou purgatório!... Pura invencionice dos homens! -exclama, enfático, o velhote.

- Mas, então, tua fé difere, em muito, da crença que abraças!... - exclama o rapaz, tentando pô-lo em flagrante contradição.

- Tenho mil motivos e provas muito palpáveis - para convencer até o próprio papa - de que tudo isso que se ensina nas igrejas não passa de puro discurso barato, fundamentado, sim, na má fé dos espertalhões, tidos como doutos, para confundirem as idéias dos fiéis e, assim, mantê-los sempre à unha, para melhor espoliá-los!... - diz o velho. E, continua, sem se embarçar uma só vez: - E, quanto a mim, meu caro, danço conforme a música!... Fui como tu: era da nobreza, nasci em berço de ouro, mas fui roubado pela cobiça de meu próprio irmão, e me vi lançado na mais negra miséria!... E, como acho que não nasci para a mendicância, sobraram-me os amantíssimos, piedosíssimos e sempre abertos braços da santa mãe Igreja que me acolheram e me deram tudo o que tenho; sou-lhe, por isso, eternamente grato e não lhe desobedeço jamais: faço tudo o que me mandam!... E, quanto à vocação, perguntar-me-ás, por certo. E, eu te respondo: nunca a tive, como sei, também, que nunca tiveste; aqui vieste parar por contingência da vida, porque um canalha resolveu apoderar-se do que, por legítimo direito de nascimento, pertencia-te. E, como nós dois, a grande maioria dos que aqui se internam fazem-no não pela fé, mas premidos pela necessidade!... E, é por isso que o corpo da Igreja sempre esteve corroído pelo cancro da apostasia, da corrupção e dos crimes mais hediondos que tu possas imaginar!... Vou apenas citar-te alguns, para alívio de tua consciência: no tempo de São Bernardo de Claraval, o papado foi comprado, com moedas de ouro, pelo então pontífice, Eugénio III; segundo o cardeal *Baronio*, em suas crônicas,

vários papas tiveram amantes que ficaram famosíssimas, e essas cortesãs tinham, em suas hábeis mãos, o poder de indicar, vender, trocar bispados e até de nomear papas!... E, que dizer do Papa Sérgio que teve numerosa prole com sua dileta amante *Marozzia*?... E que vida deslumbrante, carregada de fausto e poder, não viveram Alexandre XI e sua famosíssima Lucrecia Bórgia, reinando até sobre os reis da terra?... Houve alguém que soubesse manejar os venenos com maior maestria que essa cortesã?... Garanto-te que não, meu caro!...

O jovem monge ouvia-o em suas argumentações. Não tinha a coragem de condená-lo, se ele, *Vincent*, fizera o mesmo. Do fundo da alma, tinha enorme afeição por aquele homem que o tratava como a um filho. Limitou-se a abraçá-lo e a lhe dar um beijo fraternal, na testa. *Père Jérôme* deu um tapinha no rosto de *Vincent* e disse:

- Tens muito a aprender, ainda, neste velho mundo podre, meu filho, muito mesmo!... - e, saiu com seus passinhos saltitantes.

VII

Estranhas experiências

No castelo dos condes *de Clairmont*, a azáfama das reformas começara, com a contratação, em *Toulouse*, de algumas dezenas de oficiais carpinteiros, pedreiros e canteiros. O projeto apresentado por *Don Lorenzo* ao conde fora aprovado, na íntegra, e as obras tiveram início, havia uma semana. A jovem *Stella* auxiliara o pai, fazendo os esboços artísticos dos frontispícios que enfeitariam a

fachada que dava acesso ao salão principal do castelo. O pórtico original de entrada constituía-se, apenas, de uma trave de granito negro, grosseiramente talhada e sustentada sobre um par de colunas de imitação jnica, mas que eram, também, de talhe e de acabamento grotescos e sem qualquer preocupação com a formalidade esttica. A própria porta principal do castelo, que dava para o salão, era de madeira pesada e não possuía qualquer esboço artístico, exceção feita s traves de ferro que lhe davam sustentação.

Naquela tarde, *Stella*, após haver terminado de fazer breve refeição com o pai, resolveu dar um pequeno passeio pelo jardim do castelo. Passara a manhã e parte da tarde auxiliando o pai na inspeção e orientação aos oficiais que desenvolviam o projeto de reforma da imensa construção medieval. Não era uma tarefa muito fácil. Havia uma infinidade de detalhes artísticos a desenvolver, e partes a serem refeitas, por não corresponderem à expectativa do projeto inicial. O jardim também seria remodelado, posto que era muito antigo, e algumas das antigas estruturas das alamedas já se haviam esboroadado pela corrosão do tempo; imensas árvores, totalmente deformadas pela insistência das podas, nem sempre feitas com as devidas precauções, apresentavam silhuetas disformes e destoantes do conjunto para o qual foram plantadas. Canteiros de flores, mormente contendo roseiras, desenhavam-se, desordenadamente, permeando as alamedas ensombradas pelos gigantescos plátanos que, apesar do avanço do outono, ainda teimavam em manter boa quantidade de folhas rosa-avermelhadas. A moça caminhava, observando, minuciosamente, todos os recantos do jardim, com dupla finalidade: uma que lhe era peculiar - a admiração das coisas belas da natureza -; a outra, o olho profissional, que desenvolvera com o pai, já procurando arquitetar as modificações e reparos que faria na apresentação daquele jardim. Urgia que se começassem as reformas por ali, também, para que, na primavera, tudo brotasse e florescesse com estrepitoso esplendor.

Stella pára sob um choupo-branco, que estendia sua ramaria, já totalmente desfolhada pela força do outono, como longos braços descarnados, sobre o estreito caminho de seixos por onde a moça viera caminhando. Um observador romântico diria que a jovem, banhada pelos tons pálidos do outono, seria uma rosa de espetacular beleza, enfeitando aquelas alamedas carentes das flores que estavam ausentes, expulsas pela intransigente estação que delas não gostava. A moça amava as árvores, as plantas, mas, principalmente, adorava rosas. Era apaixonada por elas. Senta-se no banco de pedra, sob o choupo, e começa a esboçar desenhos do jardim. Seus dedos delicados vão dando nova vida àquela paisagem, envelhecida pelo tempo. Novas formas de alamedas e novos desenhos de canteiros com formatos diferentes surgem, mas, em todos eles, nota-se a profusão de roseiras. Levanta-se dali, procura outros recantos, e seus esboços vão surgindo, no papel, com facilidade impressionante, mostrando a habilidade que tinha em desenhar - pendor artístico que herdara do pai -, mais as lições que dele recebera. *Don Lorenzo* cursara a escola de artes de sua terra natal, Verona, na Itália, e era realmente um grande artista. *Stella* recebera do pai, também, lições de arquitetura, pintura e escultura e o auxiliava, com excelente grau de perfeição, porque ele era um homem muito exigente, em relação ao que produzia; por isso é que se tomara muito requisitado e não lhe faltavam serviços.

A tarde caía e começava a esfriar. O céu ia escurecendo depressa, e *Stella* resolve retornar para o castelo. No corredor que dava acesso ao seu quarto, encontra *Marguerite*, a camareira, que, fazendo ligeira reverência, diz-lhe afoita:

- Sua Excelência, a condessa, deseja ver-vos, *mademoiselle!*... Há horas que vos procuro!...

- Estava no jardim, fazendo meus esboços; por isso é que tu não me encontraste - diz *Stella*.

- A condessa aguarda-vos, na biblioteca, *mademoiselle* -observa a criada, cheia de pressa, indicando-lhe o caminho a seguir.

Enquanto se encaminhava para a biblioteca, *Stella* sentia-se um pouco ansiosa, pois já fazia uma semana que estava no castelo e ainda não conhecia a castelã. O conde, já o tinha visto de longe, é claro, quando o pai havia lhe mostrado os esboços da reforma do castelo. Achara-o arrogante e antipático, aliás, como era a maioria dos nobres que conhecia. E, a condessa, como seria?

A porta da biblioteca estava aberta, e a jovem, antes de entrar, dá uma ligeira espiadela no interior da sala, que era imensa. Sentada numa poltrona de veludo verde-musgo, estava uma senhora de aspecto venerável, muito entretida, lendo um livro encadernado em carmesim, com detalhes em ouro. Com toques suaves, *Stella* bate os nós dos dedos no batente da porta e diz, com a voz um tanto tímida: - *Madame...*

Catherine de Clairmont, com a suavidade que lhe era peculiar, levanta a cabeça, fecha o livro que estivera lendo e depõe sobre ele o lornhão que empregava para a leitura. Sorri, benévola e candidamente para *Stella*, dizendo-lhe:

- Entra, *ma petite*, entra!... Desejava conhecer-te e vejo que és uma linda moça!... *Stella* é o teu nome, não é?

- *Oui, Madame* - responde a jovem, com um certo alívio, ao perceber o quanto aquela senhora era de modos agradáveis.

- Senta-te aqui, minha filha - diz *Catherine*, indicando para *Stella* uma cadeira. E, prossegue, sempre de modo afável: - Sinto-me muito só, pois meu marido vive sempre às voltas com seus interesses, e meu filho está em Paris.

- Não tivestes filhas, *madame*? - pergunta *Stella*, sentando-se diante da condessa.

Os profundos olhos azuis de *Catherine* que, depois que o filho morrera, haviam se tomado um tanto melancólicos, pareceram a *Stella*, de repente, tomarem-se ainda mais tristes.

- Não, *Stella*. Deus não me deu essa graça... Tive apenas dois filhos - diz a distinta senhora, esboçando um sorriso, carregado de tristeza.

- Dissestes que vosso filho estava em Paris, mas onde está o outro? - pergunta a jovem, demonstrando sincero interesse.

- O outro está morto. Faz já alguns anos... - responde a matrona, baixando, tristemente, os olhos azuis.

- Oh, sinto muito, *madame!* - diz *Stella*, entendendo porque a condessa tinha aquele ar um tanto triste.

- Foi uma tragédia!... - observa a condessa. - *Antoine* - esse era seu nome - tombou mortalmente ferido, num duelo.

- Num duelo, senhora?!... - espanta-se a jovem. - Ai, que coisa triste!... Perder alguém que se ama, assim, dessa forma estúpida!

- Sim, minha filha! - concorda *Catherine*. E, continua: - E, o que é pior: seu assassino era seu melhor amigo!

- Que horror!... Foi deveras uma tragédia!... - espanta-se *Stella* e pergunta: - E, por que duelaram?

- O motivo foi o amor que ambos devotavam a uma mesma mulher. A paixão cegou-os!... - exclama *Catherine* e, olhando a jovem, fundo, nos olhos, continua: E, existiria algo diferente, que pudesse separar dois quase irmãos, senão o amor de uma mulher?... São essas coisas inexplicáveis que nos acontecem, quando o assunto é o coração, não é assim?... Dize-me: a que razão, lei humana ou celestial o coração obedece?

- Por certo, a nenhuma delas, *madame!*... - responde, séria, a jovem. E, prossegue: - As coisas do coração não encontram explicação nas coisas comezinhas. Sequer os grandes filósofos encontraram sentido para isso!

- Concordo - diz a condessa. E, percebendo, por fim, que a moça portava pequena prancha de desenho e folhas de papel presas a ela, pergunta-lhe: - Mas, dize-me que papéis são esses que trazes?

- São esboços sobre a reestruturação de vosso jardim, senhora - explica, gentil, a jovem. E, continua: - Estive passeando por lá e aproveitei o tempo para esboçar alguns projetos os quais colocarei,

primeiro, é claro, à apreciação de meu pai. Se papai aprová-los, serão apresentados a vosso esposo, que dará a palavra final.

- Oh, o jardim!... - exclama a condessa, como se, de repente, houvesse se lembrado de algo que lhe desse prazer. - Há quanto tempo não desço ao jardim!... Se houvesse imaginado que irias até lá, teria ido contigo!... Mas, deve estar muito abandonado, não?... Como não me interessei mais por ele, creio que os jardineiros fizeram o mesmo!

- Não se pode dizer que esteja um primor, *madame* - observa *Stella*. - De fato, encontra-se muito abandonado, e as podas foram muito malfeitas.

- Posso ver teus desenhos? - pergunta *Catherine*, demonstrando profundo interesse.

A condessa e *Stella* passaram então a discutir sobre os desenhos, e a tarde foi despencando-se, dando lugar a uma noite fria e escura, sem nenhuma estrela visível no céu.

Na casa do administrador do castelo, que ficava nos limites do jardim, a pequena família estava reunida, à mesa, para a refeição da noite. *Adèle*, a mãe, *Jules*, o pai, e *Antoine*, o filho, cansados das labutas do dia, comiam, um tanto circunspectos. *Adèle* quebra o silêncio:

- *Tonton*, hoje, na cozinha do castelo, ouvi *Marguerite* dizer a *Claire* que tu estás meio arredio com ela. É verdade?

O rapaz, que andava, já, havia algum tempo, meio esquisito e um tanto alheio à realidade, não havia escutado o que a mãe perguntara-lhe. E, *Jules*, aproveitando a oportunidade, cutuca-o com o cotovelo:

- Cai daí, *Tonton*!... De uns tempos para cá, vives trepado nas nuvens!... Responde o que te pergunta a tua mãe!

A mãe repete-lhe a pergunta, e ele diz:

- Não tenho visto *Margot*, há dias, *maman*.

- Acho bom que a procures, pois anda magoada contigo -aconselha-o a mãe.

Após o jantar, *Antoine* sai para dar uma volta. Já havia escurecido, e ele não notou uma sombra que o seguia, insistentemente, por algum tempo. O rapaz recosta-se a um dos inúmeros pilares da colunata que sustentava a escadaria que dava acesso a uma das torres do castelo. Era um local sossegado e o preferido do jovem coudel, quando desejava ficar em paz. De repente, o vulto que o seguia saltou sobre ele como um felino que, com bote certo, arrojava-se sobre o cachaço de sua vítima.

Grandemente assustado, dá um salto, e ao tentar desvencilhar-se daquele abraço, reconhece a autora daquilo:

- *Margot!*... Quase me matas de susto!... - exclama ele, um tanto aborrecido.

- Assustei-te, *mon cheval sauvage!*...¹ - pergunta ela, abraçando-o.

- Claro que me assustaste!... Lanças-te sobre mim como uma leoa em caça!... - exclama ele, agastado pela brincadeira de mau gosto.

- Sim, meu leão, sou uma leoa à caça de seu leão!... - diz a jovem, com a voz enrouquecida pela paixão, e tenta, com acentuada lubricidade, colar seus lábios ao do rapaz que ainda respirava bastante ofegante, recuperando-se do inusitado susto que ela lhe pregara.

Antoine sente-se, inexplicavelmente, enjoado e tenta desvencilhasse daquele abraço, como se os braços que o enlaçavam fossem tentáculos pegajosos, quais os de um imenso e asqueroso polvo. E, *Marguerite*, ofendida por sentir-se rejeitada pelo namorado, espicaça-o, como era de seu caráter um tanto ignóbil e rancoroso:

- O que é que te mordeu, *Tonton!*... Estás com os bofes azedos?... - pergunta ela, com forte acento de ironia à voz. E, prossegue: - Aliás, andas, assim, meio estranho, há um tempão!... Não foste à minha procura, por quê?... Já te cansaste de mim?... Tens alguma outra na mira?... Anda, responde!..

A avalanche de perguntas que faz é seguida de uma série de socos que a moça dá-lhe no fortíssimo e musculoso peito.

(1) "...meu cavalo selvagem?..." , em francês.

Tentando proteger-se da fúria da rapariga, tropeçam ambos e rolam pelo pavimento de pedras do pátio. Aproveitando-se dessa queda, *Marguerite*, lépida como uma raposa, salta sobre *Antoine*, senta-se sobre seu abdome e, furiosa, tenta bater nas faces do rapaz, mas convence-se de que aquilo seria uma tarefa impossível, pois a força dele era muito superior à sua. Exausta e ofegante pelo esforço despendido, a jovem pára.

Com os ânimos mais tranqüilos e sentados sobre as rochas frias do pavimento do pátio, o rapaz atrai-a pa si, delicadamente, recostando-lhe suavemente a cabeça ao peito. Um choro silencioso apodera-se da moça. Soluços sacodem-na a intervalos, e *Antoine* sente-se comover, por instantes, pela dor que a invadia. Era o culpado daquilo. Mas, o que podia fazer?... Gostara de *Marguerite* e tiveram um relacionamento profundo; entretanto, de repente, tudo terminara e não conseguia sentir mais nada por ela!... Começa, então, a perceber que seria difícil solucionar aquele problema, pois *Marguerite* era, deveras, apaixonada por ele. Instintivamente, começa a acariciar-lhe os negros cabelos, e ela pára de chorar. Depois, mais movido pela piedade que, propriamente, pelo sentimento que antes nutria por ela, beija-lhe os olhos, um a um, algumas vezes, enxugando-lhe as lágrimas. *Marguerite*, então, emite longos suspiros de alívio, sorri e diz:

- Beija-me, *Tonton*...

Antoine beija-a, longamente, mas sem o furor e o ímpeto de outrora, o que foi de pronto, notado pela moça. Mas, ela disfarçou e disse:

- É tarde, *Tonton*. Já vou dormir...

Despedem-se, e cada um foi para seu canto. No silêncio de seu quarto, *Marguerite* cogitava acerca do comportamento estranho do namorado. Sabia que havia algo de estranho com ele e, se realmente houvesse, descobriria, por certo. Ah, se descobriria!...

Em *Saint Michel Aix-en-Provence*, a noite caíra, e os monges pertencentes à confraria desciam aos subterrâneos. *Père Jérôme*

procurava por *Vincente* foi encontrá-lo, como sempre, absorto na leitura de antigo alfarrábio, escrito em hebraico.

- Salve, meu jovem e douto amigo!... O que lê? - pergunta curioso.

- Oh, *Père Jérôme* - alegra-se *Vincent* em vê-lo. - Estou lendo preciosas anotações do século VI que um rabino fez sobre alguns tópicos da Cabala.²

- Muitíssimo interessante, meu jovem, muitíssimo interessante!... - exclama o velhote. E, prossegue, piscando-lhe, marotamente, um olho: - Mas, muito mais interessante que esse velho alfarrábio aí é o que te pretendo mostrar esta noite!... Vem comigo!

Vincent segue o velho mestre até o laboratório em que este costumava desenvolver uma série de experiências inusitadas. Lá já se encontrava *Gervaise*, um outro monge que fazia parte da confraria.

- *Gervaise* fará parte de minha experiência desta noite - observa *Père Jérôme*. - Aliás, sem sua participação, seria impossível realizá-la!

Em seguida, o velho monge tranca a porta do laboratório, aproxima-se dos dois amigos e, dando certa gravidade à voz, explica-lhes:

- Minhas recomendações são mais para ti, irmão *Vincent*, uma vez que o irmão *Gervaise* não terá muita consciência do que aqui ocorrerá; mas, para ti, *Quentin*, que sei que perdes as estribeiras, facilmente, reforço o que disse: nada de faniquitos ou de alterações, ouviste bem?... Presenciarás fenômenos que sequer sonhaste existir!... E, se tivermos sorte, terás uma grata surpresa!...

Em seguida, *Père Jérôme* diminui a iluminação do ambiente e faz *Gervaise* deitar-se sobre uma enxerga adrede preparada. Depois, aplica-lhe passes sobre determinadas regiões da cabeça e murmura algumas frases em hebraico. O monge, como que sedado por força poderosíssima, cai em letargia profunda, quase que de imediato.

(2) Tratado filosófico-religioso hebraico que pretende resumir uma religião secreta, que se supõe haver coexistido com a religião popular dos hebreus. O conteúdo desse tratado pressupõe a decifração de um sentido secreto da Bíblia e uma teoria e um simbolismo dos números e das letras.

O velhote, então, satisfeitíssimo, lança para *Vincent* um olhar significativo, como a lhe dizer que tudo estava indo muito bem. A seguir, nota-se algo estranho ocorrendo nas feições do monge que, pelo menos, aparentemente, parecia tomado de profundo sono: de suas cavidades naturais, quais sejam os olhos, as narinas, a boca e os ouvidos, uma estranha substância vaporosa e altamente fosforescente desprendia-se, avolumando-se e tomando a forma de uma nuvem que pairava a alguns centímetros acima do corpo, que jazia adormecido sobre o catre. Quase de imediato, essa nuvem fosforescente foi tomando a forma humana. A princípio, não se podia definir bem quem se apresentava ali, mas, como num passe de mágica, a totalidade do corpo e as feições do ser foram-se delimitando, com nitidez impressionante, e uma criatura deslumbrante, cheia de vida, apresentou-se.³

Père Jérôme, exultante pelo feito, encara o amigo que, a essa altura, já se encontrava mais fantasmagórico que a criatura que acabava de surgir diante deles. O espírito materializado volta-se para o aterrorizado *Vincent* e só então este pôde, de fato, verificar de quem se tratava e, como consequência, um grito estentóreo brotou de sua garganta, de forma tão possante, que fez as estruturas da abadia tremerem como num terremoto!...

(3) A materialização dos espíritos, segundo Gustave Geley, um dos mais sérios pesquisadores do assunto, processa-se pela condensação do ectoplasma, que se apresenta, em primeiro lugar, para a observação, com a aparência de uma substância amorfa, ora sólida, ora vaporosa; depois, muito rapidamente, de um modo geral, o ectoplasma recompõe-se, tornando-se assim, possível o aparecimento de novas formas, as quais possuem, quando se completa a materialização, as características anatômicas e fisiológicas dos órgãos biologicamente iguais aos vivos: o ectoplasma torna-se, pois, um ser ou uma fração do ser, o qual, por sua vez, depende sempre do organismo do médium, organismo esse de que é uma espécie de prolongamento e em que se dá a sua reabsorção tão logo termine a experiência.

Em seguida, com os olhos desmesuradamente abertos, o assustadíssimo monge gira nos calcanhares e tomba, ruidosa e pesadamente, sobre o chão de pedras do laboratório!

Quando *Vincent* recobrou a consciência, já era dia claro, e estava internado na enfermaria da abadia, com um imenso galo a cantar-lhe na nuca! A cabeça doía-lhe, e tinha o estômago enjoado.

A seu lado, estava *Père Jérôme*, espirituoso, como sempre:

- *Bonjour*, meu corajosíssimo companheiro!... Como estás?...

- pergunta ele, com a cara mais divertida deste mundo, e dá sua costumeira risada zombeteira.

- Ora, não brinques, *Père Jérôme*!... - responde-lhe *Vincent*, altamente agastado com tudo aquilo. E, prossegue: - Aprontas-te-me mais uma das tuas e, desta vez, quase me mataste de susto!

- Tinha-te em conta mais corajoso, meu caro *Quentin*!... -exclama o velho, em tom de galhofa. - Mas, tirando as brincadeiras, o que viste - se é que viste algo! - foi formidável, não?

- Às vezes, não sei quando falas a sério, *Père Jérôme*!...

- retruca *Vincent*, com azedume. E, depois, um pouco mais afável, pergunta: - Mas, dize-me: era ela, não?

- Tiveste alguma dúvida?... Pena que perdeste a razão na melhor hora!... - exclama o velhote, censurando-lhe o comportamento de véspera.

- *Père Jérôme*, conseguiste falar com ela? - pergunta o rapaz, demonstrando tremenda decepção pela preciosa oportunidade que, insensatamente, desperdiçara.

- Sim, é perfeitamente possível falar com "eles"! - explica, enfático, o velho.

- E o que contam?... Como é o "outro lado"?... - dispara *Vincent* as perguntas, cheio de curiosidade.

- Bem, não ocorre, precisamente, o que se pode chamar de um grande diálogo, pois o fenômeno tem curta duração - explica o monge. E, continua: - Quero que tu entendas bem: utilizo-me de forças, as quais ainda desconheço; apenas, sigo instruções de velhos

alfarrábios, escritos por antigos mestres do Ocultismo, que realizavam tais operações, mas sempre muito sigilosas. *Céline de Vichy* disse-me poucas palavras, apenas que se encontra em recuperação e que reencontrou amigos do "lado de lá".

- E, para mim, não disse nada? - pergunta *Vincent* ansioso.

- Ela contava poder falar-te, pessoalmente, mas apagaste na hora aprazada!... Disse que lamenta teu sofrimento, mas pede que te desligues dela, pois a fazes sofrer, também! - relata-lhe, sucintamente, o monge.

- *Père Jérôme*, promete que vamos chamá-la outra vez!... Juro que não te decepcionarei!... - exclama o rapaz e segura, insistentemente, as mãos do velho amigo.

- Ei, acalma-te!... Acalma-te, meu impaciente amigo!... Prometo-te que, em data propícia, faremos tudo de novo!... Mas, vê lá, hein, nada de faniquitos ou porás tudo a perder novamente! - e, solta sua costumeira gargalhada.

Em seguida, recomendou a *Vincent* que repousasse por aquele dia e saiu saltitando, ligeiro como uma lebre, desaparecendo porta a fora, sabia Deus para onde...

Vincent permaneceu deitado, no silêncio da enfermaria deserta, e lhe vieram, então, à mente, fragmentos da aparição da noite anterior. Sim, era ela, pois seu porte majestoso era inconfundível!... Odiou-se, imensamente, pela fraqueza que o fizera perder aquela oportunidade tão inusitada que, a dizer de seu entendimento de até aquele insólito momento, impossível de concretizar-se neste mundo. Mas, então, era possível reverem-se os mortos e até falar com eles!... Da próxima vez, não perderia a oportunidade!... Teria a chance de, mais uma vez, rever e até de falar com *Céline*...

Ri-se, no íntimo. Somente *Père Jérôme* para conseguir um feito daqueles!... Se saísse por aí, contando o que vira, chamá-lo-iam de louco, por certo!

Três dias depois, *Père Jérôme* foi ter com *Vincent* que se encontrava a meio de resolver problemas concernentes à secretaria da abadia.

- Percebo que estás atarefado - diz o velho monge -, mas é importante que saibas que, hoje à noite, deverás tomar o rumo da sala secreta, quando desceres aos subterrâneos.

- Assunto urgente para se resolver? - quis saber *Vincent*.

- Lá tu saberás, meu curioso amigo!... E, a propósito, já te recuperaste do grande susto? - pergunta, rindo-se do outro.

- Repito que, qualquer dia destes, tu acabarás por matar-me de susto com tuas experiências malucas!... - diz o jovem monge, também se rindo e meneando a cabeça.

Era pouco mais de meia-noite, quando *Vincent* descia as escadas que davam aos subterrâneos da abadia. Já se familiarizara com o caminho, depois que vinha percorrendo-o, invariavelmente, todas as noites, já havia quase um ano. Por um instante, pára diante da porta de ferro e, com o coto de vela aceso que trazia, ilumina a cruz cruzada e os dizeres: "*Vídeo bona proboque*". Lembra *Père Jérôme*: "Não conheces o conteúdo da máxima toda. Ela é mais completa: *Vídeo bona proboque; deteriora sequo*." No íntimo, riu-se, enquanto batia na porta de ferro. Também ele optara por seguir as coisas que não prestavam. E, o mais estranho era que, conscientemente, acostumara-se a tomar parte nelas.

O monge que veio abrir a porta comunicou-lhe que os demais partícipes da confraria encontravam-se em outras dependências, cujo acesso dava-se por uma porta lateral do salão de reuniões. *Vincent* abriu a porta e se deparou com um novo túnel que se perdia numa total escuridão. Levantou o coto de vela que carregava e tentou ver se divisava o final da longa galeria, que era baixa e úmida, mas nada pôde perceber. Então, foi caminhar do, devagar, e, depois de razoável distância, deparou-se com nova porta de ferro, que se encontrava trancada. Iluminou-a e nela estavam gravados os mesmos símbolos. Bateu e, instantes depois, franquearam-lhe a entrada a um salão bem iluminado e de proporções consideráveis.

Père Jérôme já se encontrava ali, reunido com os demais membros da confraria. Pouco tempo depois, chegaram o abade e os derradeiros

irmãos. Fato curioso chamou a atenção de *Vincent*: a sala possuía aparelhagem bizarra, que seria um tanto incomum encontrar-se num mosteiro. Cochichou para o velho mestre:

- Como é que se explica a existência aqui dessa parafernália toda, empregada para a tortura humana?

- Explico-te, meu perspicaz, companheiro! - retruca-lhe o velho, baixinho, ao pé do ouvido. - Esta sala serviu, e ainda serve, esporadicamente, para a instalação do Tribunal da Santa Inquisição. E, esses instrumentos aí são prescritos para as mentes, digamos, que encontrem uma certa dificuldade para lembrarem-se de crimes que, eventualmente, tenham cometido contra a moral, os bons costumes ou contra os princípios da Santa Madre Igreja!... São recursos muito úteis aos quais ainda se recorrem como coadjuvantes na persuasão de confissões difíceis de obterem-se!... Digo-te, meu amigo, que há gente duríssima de ser convencida!...

Súbito bater de palmas tira-os do colóquio. Era o abade *du Morel* que chamava a atenção dos presentes:

- Irmãos, a tarefa de vingarmos o assassinato de nosso saudoso *Jean Dupont* está prestes a consumir-se!

Em seguida, o abade faz um sinal significativo com a cabeça para os irmãos *François Boileau* e *Philippe Joubert*, os mesmos que haviam se prontificado para desempenharem a missão de vingança contra *Gerard Clemenceau*, o estalajadeiro que assassinara *Jean Dupont*. Os irmãos vingadores deixaram o salão, por uma porta lateral, e retornaram, pouco tempo depois, conduzindo um homem de aparência robusta, mas que estava dominado, tendo os pulsos e os tornozelos fortemente atados por grossas cadeias. Caminhando com certa dificuldade, o prisioneiro foi colocado diante da pequena platéia, que passou a examiná-lo, curiosa. Só então, *Vincent* pôde observar que o rosto do prisioneiro apresentava fortes hematomas. Os lábios estavam imensamente inchados, e o supercílio direito estava partido, mostrando grande ferimento enviesado; o dorso desnudo revelava-lhe considerável fortaleza, mas, também, talhos

profundos, feitos, possivelmente, por objeto cortante. Tudo indicava que o homem fora, de véspera, muito torturado, a dizer-se do alto grau de seus ferimentos. O abade *du Morel* avizinha-se do assassino e o segura, firmemente, pelo queixo, com a ponta dos dedos; depois, fita-o nos olhos, com um olhar terrível, cheio de ódio e desdém. Em seguida, murmura entre dentes:

- *Vil et misérable!*... Tiveste a audácia de levantar a tua sórdida mão contra um gentil-homem, um cavaleiro de São Miguel?... Pagarás caro por isso, verme abjeto! - e, esbofeteia-o no rosto, repetidas vezes, até cansar-se.

Gerard Clemenceau, sangrando copiosamente pelos antigos e pelos novos ferimentos que acabava de ganhar, não baixa, entretanto, a cerviz. Encara *Jean du Morel* dentro dos olhos e responde aos insultos que recebe:

- Bando de corvos malditos!... Matei-o, sim, e disso não me arrependo!... Ele era um covarde, um falso padre, que me assaltava o lar e corrompia a minha singela e adorada *Genuh!*

- Cala-te, herege infame!... - grita, estentóreo, o abade, esmurando-o nas faces.

Vencido, finalmente, pela tunda feroz que já lhe haviam aplicado, de véspera, e pelo acréscimo de maus tratos que ora lhe propiciava o abade, *Gerard* cai, dobrando os joelhos. Permanece genuflexo, diante do monge que o segura pelos cabelos empastados de sangue. Percorrendo com os olhos a pequena assembléia que assistia muda a tudo, *Jean du Morel*, ofegante e empapado de suor, pergunta:

- Senhores, que fazer com este vil assassino?... Julgai-o, segundo nossos costumes!

Um a um, os partícipes da pequena confraria mostravam o polegar da mão direita voltado para baixo.

- Muito bem!... - assentiu, satisfeito, o abade.

Em seguida, num átimo, e antes que se pudesse perceber, *Jean du Morel* sacou, do recôndito das dobras de seu hábito, um punhal de ponta agudíssima, que tremeluziu no ar e, com um golpe único e

certo, degolou o pobre *Gérard* que sequer teve tempo de perceber o que lhe sucedia. O sangue, então, esguichou abundante, rubro-enegrecido, toldando e escorrendo das alvas mãos do abade que, enojado, sacudia-as, enquanto procurava algo com que pudesse rapidamente limpá-las.

Vincent estava estupefacto e atônito. Empalidecera ao aproximar-se do cadáver do estalajadeiro que jazia inerte, no meio de uma poça de sangue. O abade aproxima-se dele e ordena:

- Irmão *Vincent*, providencia para que se dê um sumiço no cadáver!

Vincent, apavorado, procura por *Père Jérôme* que vem em seu socorro.

- O abade ordenou-me que desse sumiço no cadáver!

- Calma, meu apavorado companheiro!... - exclama o velho. E, prossegue: - Temos jeito para tudo nesta vida!... Ajudo-te. Vamos! Tu, que és forte, arrasta-o, pois há um poço, logo ali, onde se jogam os cadáveres das vítimas dos inquisidores. Um dos nossos não lhes tirará o mérito, não é?... Ha! Ha! Ha! Ha!...

- *Père Jérôme*, às vezes me pergunto se tu tens o juízo perfeito!... - diz o rapaz, meneando a cabeça. - E, veja que tarefa ingrata relegou-me Sua Excelência, o abade!...

- Não reclames, meu piedosíssimo companheiro!... - responde o velho. E, rindo-se: - Pior, se tivesse dado a ti o privilégio de degolares o estalajadeiro!...

Vincent limitou-se a enviar-lhe um olhar furibundo, enquanto que, com dificuldade, arrastava o corpo do pesado *Gérard Clemenceau*, por um curto e abafado túnel; *Père Jérôme* ia adiante, com uma tocha, iluminando o caminho, até chegarem a uma enxovia úmida e abafada e em cujo pavimento de pedras grotescas, havia um imenso círculo escuro - a boca de um poço - guardada por uma grade de ferro.

Vincent depõe o cadáver ao lado do poço e tenta levantar a grade que apresenta uma certa resistência à abertura. Sob penosa insistência, os quícios cedem com um horripilante chiado de ferro

endurecido pelo excesso de ferrugem, e se revela, então, a boca hiante de um imenso e profundo poço. O rapaz preparava-se para atirar o cadáver lá dentro, quando o velho monge diz:

- Espera um pouco! Não podemos despachá-lo, assim, sem nenhum sinal de Cristo!...

Em seguida, faz-lhe o sinal da cruz na testa, nos lábios e no peito, dizendo:

- *Requiescat in pace!*⁴

Vincent empurra o pesado cadáver para a boca do poço e o lança para o silêncio daquelas tétricas profundezas. Alguns segundos de queda livre, e se ouve o surdo baque do corpo chegando ao fundo.

- Missão cumprida, meu valoroso jovem!... Vamos? - convida *Père Jérôme*, puxando-o, delicadamente, pela mão.

No caminho de volta pelo túnel, *Vincent* pergunta ao velho amigo:

- *Père Jérôme*, não te sentes meio culpado por essas coisas, não? Não crês que *Gerard* tivesse um pouco de razão quando abateu *Jean Dupont* que lhe visitava a esposa todas as noites? Afinal, ele era um marido traído!...

- Sempre botando caraminholas à cabeça, meu intrigado amigo!... - exclama o velho. E, prossegue: - Mas, por quem me tomas?... Por algum imbecil?... É claro que *Gerard Clemenceau* tinha razão, e que *Dupont* era um pulha, um adúltero, e o que é pior, um monge perjuro, da pior espécie!... Mas, como já te disse, sê inteligente: não precisas disto aqui? Não foi a única opção que te restou na vida? Repito: é uma questão de inteligência!... Se quiseres ter uma vida boa, faze o que te mandam! Obediência, meu caro, obediência!... Obedece mais e pergunta menos!... Por outro lado, todos condenaram um, em detrimento do outro, que foi absolvido, simplesmente, por ser um monge?... Não!... Tu aprenderás, ainda, como funciona a irmandade! Tu és, acima de tudo, livre, meu caro!... Livre!...

(4) "- Descansa em paz!", em latim.

- Queres coisa melhor que isso?... Os demais, os monges comuns e os padres, de modo geral, não são livres, são prisioneiros de uma série de imposições da própria Igreja e da sociedade, que têm, constantemente, os olhos voltados sobre eles. Nós, servindo aos interesses de nossa confraria, temos, em contrapartida, a liberdade!... E, com isso, praticamos o lema: *Abusus non tollit usum*.⁵ Foi o que costumava fazer nosso saudoso *Dupont*. Que Deus o tenha!... - persigna-se e dá sua gargalhada costumeira. E, arremata, chegando à porta de sua cela: - Sê esperto e aproveita tu, também, a tua liberdade!... Não é porque professaste que te sepultaram vivo aqui!... Ainda és jovem e tens boa parte de tua vida para viveres!...

Quando se dirigia para sua cela, *Vincent* teve que passar, fatalmente, diante do gabinete do abade. Apesar do avançado das horas, pois era madrugada alta, havia luz lá dentro, e *Vincent* ouviu vozes um tanto alteradas. Pé ante pé, aproximou-se mais e encostou os ouvidos à porta. Por sorte, a porta fora, de forma relapsa, deixada alguns milímetros aberta, o que favorecia ao jovem monge ouvir, perfeitamente, o que conversavam lá dentro. Pôde divisar, com muita facilidade, a voz de *du Morel* que se exaltava:

- Perdes teu tempo, *Jujonet*, pois não me arrancarás mais um vintém!... E, acreditas que governo a abadia, sozinho?... Tenho os meus auxiliares, o secretário, o tesoureiro... Ou achas que a chave do cofre é só minha?...

- *Jean*, se quiseres continuar mantendo a tua grande e redonda pança sempre cheia de bons quitutes e de bons vinhos, trata de te espartares! - diz a outra voz desconhecida. - O conde deu-te este lugar e, agora que está em apuros, tu não vais retribuir-lhe o favor?... Sua Excelência foi claríssimo: ou tu mandas o dinheiro, bem depressinha, ou pagarás muito caro por esta rebeldia!

- Juro-te!... Crês que, se eu esvaziar o cofre da abadia, não levantarei suspeitas? - responde, furioso, o abade.

(5) "O abuso não tolhe o uso," em latim.

E, prossegue: -Não vou negar que temos dinheiro; temos muito dinheiro, pois a instituição é muito rica. Mas, e o bispo? Apesar de estar em *Toulouse*, ele sabe de tudo o que ocorre por aqui; há quem o informe!... Tu sabes disso muito bem!

- Dom *Théophile* está pouco interessado nisto aqui! - rebate o estranho. E, prossegue: - Há coisas mais interessantes com que se ocupar por lá!... Mas, já te dei o recado. Estamos aguardando notícias tuas. Se não mandares novidade, ter-me-ás de volta, muito em breve!... *Au revoir!*...

Antes que o estranho deixasse a sala, *Vincent* esconde-se num nicho da parede. Foi possível, então, ver o homem deixando, muito discretamente, a sala do abade. Apesar de o corredor estar fracamente iluminado por poucos tocheiros, *Vincent* pôde, perfeitamente, perceber que não o conhecia. De que tipo de negociata o abade participava?... Será que *Père Jérôme* teria conhecimento daquilo?... Por ora, era melhor dormir, pois o dia seguinte prometia ser cheio, muito cheio, e ele estava muito cansado.

No dia seguinte, *Vincent* acordou sobressaltado. Já era o meio do dia, e os sinos da torre da basílica despejavam seu som tonitruante pelos campos e bosques adjacentes. Ainda meio zozzo, o monge recém-desperto esfrega, insistentemente, com as mãos, os olhos inchados pelo sono pesado no qual estivera mergulhado por umas boas sete horas. Despeja a água fria na bacia de louça e lava o rosto. Totalmente desperto, repõe o pensamento no lugar. Lembra-se do sujeito que estava no gabinete do abade. Estranha conversa *Jean du Morel* e o cavalheiro desconhecido mantiveram. Seria bom procurar *Père Jérôme* que, com toda a certeza, deveria saber do que se tratava. Ele sempre sabia de tudo o que se passava na abadia, pois era uma espécie de confidente geral, do alto ao baixo escalão da irmandade. *Vincent* termina de vestir-se e sai à procura do velho companheiro. Pelo horário, sabia que iria encontrá-lo em sua cela. O quarto que *Père Jérôme* ocupava ficava na mesma ala em que se situava o de *Vincent* que, por serem membros da confraria, habitavam o andar

superior da abadia, que se constituía de compartimentos mais arejados e mais luxuosos que aqueles situados no andar térreo e destinados aos monges comuns.

A cela do velho monge era bem maior que a de *Vincent*. Constituía-se de duas peças contíguas, sendo que uma delas reservava-se para o quarto de dormir, e cuja mobília compunha-se de uma confortável e ampla cama de madeira lavrada, um grande armário fechado e um rico oratório de madeira, em estilo bizantino; a parede era guarnecida de alguma tapeçaria e de gravuras a óleo, representando figuras sacras; o outro compartimento tinha a feição de uma saleta de estudos, com uma estante de madeira, abarrotada de livros encadernados em couro, mais uma porção de papéis avulsos empilhados e outros, enrolados e amarrados com fitas de cetim colorido; uma secretária, com tampo de mármore, e três cadeiras estofadas em cetim azul-escuro. As paredes da saleta eram forradas de madeira escura, trabalhada em alto-relevo, representando batalhas da cavalaria cruzada contra os mouros. *Vincent* pilhou o velhote quando este comia seu almoço. Contentíssimo pela inesperada visita do amigo, *Père Jérôme* abriu-se num largo sorriso, dizendo:

- Salve, meu desaparecido amigo!... Deixa-me adivinhar: estiveste dormindo, até agora, como um porco!... Acertei?... Ha! Ha! Ha! Ha!... Venha, ajeita-te aqui e prova destas iguarias! Estão supimpas!...

Sobre a secretária, estava a refeição de *Père Jérôme*: pão de boa qualidade, carnes assadas, frutas cristalizadas e um excelente vinho. *Vincent* pôs-se a comer com o amigo e, enquanto comiam, perguntou-lhe:

- *Père Jérôme*, descobri algo, por acaso, ontem à noite, e que acabou por deixar-me, deveras, muito intrigado. Resolvi, então vir perguntar-te. Talvez, estejas a par do assunto.

- Dize lá, meu curioso jovem! Sou todo ouvidos!... - fala o velho.

- Era já madrugada alta, quando retomava para minha cela e resolvi subir pela escada em caracol que dá acesso à parte administrativa, pois queria caminhar um pouco mais, para desentupir as idéias daquela podriqueira toda que ainda me enojava o estômago. Pois bem: ao passar diante do gabinete de nosso estimado abade, percebi luz e ouvi vozes, um tanto exaltadas. Pressupondo que se tratasse de alguém que estivesse molestado nosso bem-amado chefe e amigo, predispunha-me a bater à porta e lhe perguntar se precisava de algo, quando notei que a porta estava assim, um tantinho, aberta. Pude, então, espiar lá dentro, sem ser visto. Vi Sua Excelência e um cavalheiro, que nunca vi mais gordo, discutindo, de modo nada amigável, e o sujeito fazia ameaças até graves ao nosso abade!

- Que tipo de ameaças fazia-lhe o forasteiro? - quis saber *Père Jérôme*.

- Queria extorquir-lhe dinheiro, a mando de um conde, mas não disse de que conde tratava-se; às vezes, referia-se a esse sujeito como "chefe"...

Ouvindo o relato, *Père Jérôme* ficou muito sério. *Vincent* até nunca o tinha visto assim tão sério. Acostumara-se a vê-lo sempre brincalhão, fazendo pilhérias de tudo e de todos. Mas, desta vez, vira-o sério demais. Olhou, firmemente, nos olhos de *Vincent*, e disse:

- Por ora, esquece o que viste e o que ouviste ontem! Compreendeste? Para o teu bem, é melhor ficares fora disso!...

Vincent sentiu-se um tanto decepcionado com a resposta e a atitude de *Père Jérôme*, mas o que poderia fazer? Se o amigo não queria dizer, paciência!

O velho monge, entretanto, já reassumira seu costumeiro tom de deboche e disse:

- Meu folgadíssimo companheiro de lutas acerbadas, como não tenho uma vida tão boa como a tua, tenho que me aviar!... Há uma centena de estropiados à minha espera, por aí, e é preciso dar-lhes um pouco de alívio!...

Em seguida, levanta-se e sai ligeiro, saltitando seus passinhos de pardal. *Vincent* correu-lhe no encalço, mas apenas conseguiu ver a carapaça de seu cocuruto, com a tonsura brilhante, que sumia, escada abaixo, rumo aos campos e aldeias...

Uma semana depois, certa noite, *Vincent* procurou por *Père Jérôme*, no laboratório do subterrâneo, mas ele não estava. Encontrou *Gervaise Legrand*, o monge que auxiliava o velhote nas estranhas experiências de trazer os mortos do além, e lhe perguntou:

- Irmão *Legrand*, viste *Père Jérôme*?

- Não, frère *Quentin*, ele não desceu hoje.

Vincent queria consultá-lo sobre um trecho latino de difícil tradução e, como ele não se encontrava no laboratório do subterrâneo, resolveu ir até a sua cela e, assim, verificaria, também, a improvável hipótese de o velho estar adoentado.

Enquanto caminhava pelos extensíssimos corredores da abadia, *Vincent* pensava. O velhote nunca deixava de ir aos subterrâneos. Estaria indisposto? Não, tinha quase certeza de que não era doença, pois estivera com ele, durante a tarde, e não aparentava estar sentindo nada de anormal. Aliás, *Vincent* nunca o vira adoentado ou queixando-se de dores ou achaques, apesar de já ter quase setenta anos. Nessas cogitações, chega diante da porta da cela do amigo, bateu e não obteve resposta. Experimentou a maçaneta e a porta estava aberta. Passou-lhe pela cabeça entrar, pois o amigo poderia estar doente. Entra, e a sala de estudos estava na penumbra, fracamente iluminada pela luz que se projetava de um candelabro aceso na câmara de dormir. Passa para o quarto, supondo que o amigo dormisse, mas seu leito estava refeito, intocado. Percorre os olhos pelo quarto e, mesmo com a pouca luz existente, divisa que havia uma porta deixada semi-aberta. Essa porta destacava-se da forração de madeira da parede e era engenhosamente disfarçada no contexto artístico do forramento. Uma porta secreta!

Vincent apanha um coto de vela de um castiçal e acende-o. Murmura baixinho para si, antegozando o susto que pregaria ao

amigo, quando este soubesse que lhe descobrira a passagem secreta. Por onde andaria o maroto?

Pé ante pé, *Vincent* começa a percorrer o estreito corredor que se afigurava um tanto extenso. Finalmente, divisa claridade. Chegara ao fim. Onde chegara? Não tinha noção, pois um corredor, fechado como um túnel, desnorteia as pessoas que por ele caminham. No final, percebe que havia um visor. Abre-o, um tantinho só, sem fazer o mínimo ruído, e constata que dava para o gabinete do abade. Havia luz, e vozes vinham do interior do recinto. Empertigando-se um pouco mais, *Vincent* pôde ver, através da ínfima fresta, que se tratavam do abade *du Morel* e do cavalheiro desconhecido que ele já havia visto ali, dias atrás. Conversavam, e pela tonalidade da voz, parecia que o abade estava bastante exaltado, pois falava ríspida e grosseiramente, num linguajar bem distinto daquele pelo qual *Vincent* o conhecia:

- *Imbécile, toi, Jujonet, grand imbécile!...* ⁶ Foste imprudente, vindo até aqui!... Sabes que o barão *de Quentin* viu-te saindo daqui da outra vez?... E, *Duchesne*, o tesoureiro, viu-te também!... Se brinco, toda a irmandade pilha-te aqui a freqüentar-me!... E, pelo que me contou o tesoureiro - que ficou de olho nas atitudes do barão, sem que este percebesse -, ele tem a mais absoluta certeza de que o rapaz deve ter ouvido nossa conversa, pois ficou o tempo todo de ouvido colado à porta!... Quando, finalmente, compreenderás que é preciso que tenhas prudência, idiota?...

- Desculpa, não sabia que àquela hora pudesse ser visto!... -diz *Jujonet*, baixando os olhos.

- Desculpa! Desculpa!... E o barão, a esta hora, já deve andar, por aí, bisbilhotando a teu respeito!... E, diabos, por que voltaste? - pergunta-lhe, irritado, o abade.

-Mandou-me *Victorien Villemandier*, acata de mais dinheiro...

- responde o outro, sem encará-lo.

(6) "- Imbecil, *Jujonet*, és um grande imbecil!..." , em francês.

-Ah, o abutre!... Quer mais ouro, hein?... - exclama *du Morel*, com a voz carregada de ironia. E, prossegue, espumando de raiva:

- Que faz ele da dinheirama que lhe envio, todos os anos?... Faz concorrência aos nababos?... Terá, já, alcançado a espantosa cifra de uma centena de concubinas?... Idiota!... Mil vezes, idiota!... Que pensa ele?... Que jorra ouro líquido, nos subterrâneos da abadia?...

-*Jean*, o conde de *Villeamandier* disse que *Louperon* retomou da América - diz *Jujonet*, mudando os rumos da conversa, percebendo que o outro exaltava-se aos extremos. - E, tem ótimas notícias sobre nossos negócios!... Parece que tudo vai de vento em popa!

- Vento em popa! Vento em popa!... Não fosse eu com as minhas extraordinárias idéias, não estaríamos todos enriquecendo, não é? - diz o abade, ainda cheio de raiva. E, continua, juntando forte acento de ironia à voz: - Enxergo longe, meu caro *Jujoneú*... Por outro lado, se eu fosse depender de ti e do conde, já estaríamos todos na miséria!... Quanto achas que gastamos, hein?... O aluguel de quartos de luxo, as mesas fartas, o preço das cortesãs da moda, as viagens de navio, mundo afora, custam verdadeiras fortunas!... E, quantos de nós não estão, neste momento, gozando essa vida?... Tu mesmo retomaste de teu recreio à Inglaterra, há pouco, não?... Quanto gastaste por lá?... E, quem te financiou as esbómiás, nos lupanares de luxo, que sei muito bem, são a razão de tua porca existência?...

Jujonet abaixa a cabeça, por alguns instantes. Depois pergunta:

- E agora, que faremos com o barão de *Quentin*?

- Que faremos com o barão de *Quentin*?... Nada!... - explode, colérico, o abade. E, prossegue: - Nem mesmo temos a certeza de que ele nos ouviu!... E, depois, esqueces-te de que ele é amigo do bispo?... E, amigos chegados, de longa data!... E, o que é pior: Sua Excelência foi amigo de infância do pai dele!... E, outra, das boas, que tu não sabes: o bispo declara-se inimigo figadal do maldito

Henri de Clairmont, assim como o é o jovem barão!... São unidos pelo mesmo ódio descomunal que ambos devotam ao conde!... *Quentin* tem as costas largas, meu caro!... Quem tu achas que o indicou para

cá, senão Dom *Théophile de Lamare*, particular amigo do cardeal *Alphonse-Louis de Villeneuve*, companheiro de ordem e de seminário do cardeal *Hervé Fronchard*, nada mais que o atual secretário do papa!... Todos são gente graúda!... Se algo de anormal suceder-lhe, aqui, podes ter a certeza de que o papa, em pessoa, virá investigar!... E, acompanhado de toda a sua guarda suíça!

- Xii... Não tinha conhecimento de que o rapaz era tão bem relacionado!... - espanta-se *Jujonet*.

- Se é!... - concorda o abade. E, continua: - Por que tu achas que o maldito *Clairmont* não conseguiu dar cabo dele, e nem mesmo o braço do rei alcançou-o?... Bons padrinhos, meu caro, bons padrinhos!... Desses é de que eu e tu careceremos se descobrem o que andamos fazendo!... Quando ele aqui chegou, pensei que fosse um espião do bispo. Depois, observando-o melhor, percebi que não era nada disso. *Delamare* não vai muito com as minhas fuças, pois não foi ele quem me colocou aqui, mas o cardeal *Dévèreux*, tio do conde *Victorien Villemandier*, nosso prezado amigo e sócio. Sempre achei que o bispo desconfia da nossa organização e, se tiver chance, denunciar-nos-á a todos. Por que achas que me vi forçado a dar o cargo de secretário ao barão?... Indicação dele, meu caro!... Ou pensas que eu não tinha alguém de minha confiança para ocupar cargo de tal importância?... Só o fiz, para não levantar suspeitas!...

- No entanto, eu acho que acabei por levantar suspeitas!... -conclui *Jujonet*. E, prossegue: - E, que faremos, agora, que ele é o secretário geral da abadia e tem acesso a essas informações?... Poderá denunciar-nos, se quiser!

- Não sei o que faremos, ainda, meu prezado e perdulário amigo!...

- diz o abade um tanto desolado. E, acrescenta: - Mas, que temos que ficar com os olhos bem abertos, isso temos!...

- *Jean*, e se nós déssemos um jeito no bispo e no barão?... Não seria uma solução?... - pergunta o outro.

- Tenho os braços longos, *Jujonet*, mas não tão longos que possam alcançar o cardeal!... - responde o abade, com um fundo suspiro. E,

prosegue, abrindo largo gesto com as mãos: - Se fizer isso, terei que me meter, também, na arquidiocese, corromper muita gente, levar um saco repleto de ouro!... Mas, mesmo assim, poderemos chamar a atenção, cometendo crimes que envolvam pessoas assim importantes!... Correríamos sérios riscos!... E, se descobrem, então, em que tipo de negócios estamos metidos na América!... Entretanto, por ora, toma!... Leva este dinheiro ao conde

- e atira a *Jujonet* um pequeno saco, contendo luíses de ouro. Em seguida, levanta-se, demonstrando bastante enfado e diz, seca-mente: - Agora, vai e dize a teu chefe para que faça bom uso disso, pois nos custa muito ganhá-lo!

Vincent, com os ouvidos colados à fresta do visor, escutara tudo, estarecido. Então era isso!... *Père Jérôme* tinha razão quando disse que queria deixá-lo fora daquilo!... Que tipo de negócios escusos manteriam na América?... Roubavam o dinheiro da Igreja e se locupletavam com ele!... Eram criminosos perigosos que não titubeavam em matar, para ocultarem seus nefastos desígnios!... E o abade, então?... Um perigoso facínora, travestido de monge!...

Com a cabeça meio zonza, sai dali, o mais rapidamente possível, sem emitir o mais leve ruído. Ao chegar ao quarto de *Père Jérôme*, tem a grata satisfação de encontrá-lo que também chegava.

- Invadindo meus domínios, meu grande e bisbilhoteiro amigo?

- diz, fingindo certa indignação.

Vincent, um tanto desenxabido, por ter sido pilhado pelo dono do quarto, responde:

- Desculpa-me a invasão, *Père Jérôme*. Mas, tu não estavas e, como descobri a passagem secreta...

- Resolveste, então, bisbilhotar! E, a dizer pela tua expressão fisionômica, rendeu-te bastante a bisbilhotice, não?... Pareces um fantasma!... - observa o velho.

- Sim, *Père Jérôme*. Tu não imaginas quanto! - exclama o rapaz, altamente excitado.

- Imagino, imagino, meu caro!... Do covil aonde foste, boa coisa não deves ter ouvido! - conclui o velhote.

- *Père Jérôme*, lembras-te do que te perguntei sobre um cavalheiro suspeito que visitou o abade, na semana passada, à noite?... Pois bem, ali estava ele outra vez. Só que hoje descobri tudo! - exclama o rapaz, cheio de assombro.

-Ah, descobriste tudo, hein?... E eu te disse para ficares longe, lembras-te? - diz o velho, censurando-o.

- Não pretendia descobrir nada, apenas estava explorando a passagem secreta que deixaste aberta! - desculpa-se o jovem.

- Não a deixei aberta! - corrige ele. - Acho que a trava se soltou sozinha. Preciso verificar isso, pois, à tua exceção, ninguém mais sabe da existência dela! O abade sequer sonha que sei tudo o que se passa em seu gabinete! As coisas feitas às claras e, também, às que ele faz às escuras!... Mas, conta-me: o que ouviste? - pergunta interessado.

Vincent, então, passa a narrar-lhe, minuciosamente, tudo que ouvira havia pouco. O outro, apesar de ouvir com atenção, não demonstrava muito espanto, deixando evidente que já tinha conhecimento de tudo aquilo. Terminada a narrativa, o velho diz:

-Não me contaste nenhuma novidade, meu caro! Conheço essa história todinha!... Agora, o que não sabes ainda é em que tipo de negócio estão metidos, na América, não é?... Pois bem, vou dizer-te: tráfico de escravos, meus caro!... Eles têm navios que transportam negros escravizados, na África, para trabalharem na América!

- Que horror, *Père Jérôme*!... Como eles têm coragem de enriquecer às custas disso? - pergunta, estarrecido, o jovem monge.

- Essa gente tem muita coragem, meu caro! Ganham fortunas com o infortúnio dessas pobres e indefesas criaturas!... Mas, é melhor que te cales, como já te preveni antes. Se isso for denunciado, nenhum de nós escapará!... Lembra-te de que também nós andamos cometendo coisas escusas, e a Inquisição ainda funciona!... Fatalmente, ela nos alcançaria e nos enlaçaria, com seus longos

tentáculos, sufocando-nos e nos mandando a todos, um por um, em fila, para conhecermos de perto o maioral dos infernos!...

Vincent olha-o, sério, nos olhos, e nada diz. Uma vez mais seu grande amigo tinha razão...

VIII

O retorno de Jean-Michel

Stella acorda sobressaltada. Já devia ser dia alto, pois a luz coava-se pelos interstícios da janela. Meu Deus!... Lembra-se do pai que a aguardava, para darem continuidade ao serviço de escultura que haviam iniciado. Ele deveria estar furioso, esperando-a!... Veste-se depressa, sem dar muita atenção aos detalhes que lhe requeria a toalete, para não se atrasar mais. Conhecia bem os humores do pai. Ele detestava atrasos!... Sequer tocara a sineta, chamando a camareira para trazer-lhe o desjejum. Desce as escadas, correndo, e vai encontrar o pai, debruçado sobre alguns papéis. *Don Lorenzo* ouve-lhe os passinhos nervosos e se volta. "Agora -pensa *Stella* -, agora, ele vai espalmar as mãos aos flancos e dizer, pausadamente, a célebre frase, acentuando as sílabas das palavras." E, ela sabia de antemão que ele lhe diria em italiano, pois jamais falava francês, quando estava irritado. Dizia que a língua italiana prestava-se mais aos arroubos de exasperação ou de espinafração. Para xingar, maldizer ou blasfemar, o italiano era, segundo *Don Lorenzo*, uma língua perfeita!... E o pai fez, exatamente, o que a jovem previra.

Olhou-a furibundo, espalmou ambas as mãos aos flancos, e trovejou, em italiano, sem economizar ironia:

- *Buongiorno, signora contessa Dolce Far Niente!...*

Lei ha dormito bene?...¹

A frase irônica do pai fê-la enrubescer e baixar os olhos, timidamente. Com a vizinha doce e suave, que lhe era peculiar, desculpa-se:

- *Scusi, papà, mas dormi demais!... Estava exausta!...*

- *Va bene, va bene!...* Estou há horas te esperando!... - troveja *Don Lorenzo*. E, prossegue, mais brandamente, pois, mesmo que desejasse, não conseguia ficar de mal da filha, por mais de cinco minutos: - Agora, senta-te aí e mantém o sorriso!... Tenho que capturar o teu lindo sorriso e prendê-lo na pedra, meu anjo!... Vê que tarefa difícil a minha!... Tens um sorriso como o de um querubim, e esta deusa, para quem o estou emprestando, exibi-lo-á pelos séculos a fio!... Quando as pessoas virem esta estátua, imaginarão: de que criatura angelical roubou-se esse sorriso?

Sentada, imóvel, numa banquetta, *Stella* concordava com o pai, movendo a cabeça, afirmativamente. Fazia muito frio, e o agasalho que envergava era pouco. Na pressa, não quantificara a intensidade do frio que agora começava a enregelá-la. Mas, teria que suportar ou o pai iria espinafrá-la outra vez. Vê, através da vidraça da janela, a luz cinzenta do dia de inverno. Chovia uma chuva fina e monótona. O ar, extremamente gelado, queimava-lhe as narinas. O pai percebe que ela começa a tiritar de frio e diz:

- Não te agasalhaste *bem, piccola Stella!...* É melhor pararmos para comer. Já é hora do almoço, não?

Foi um alívio para a jovem. Um pouco mais e não suportaria, pois na sala não havia aquecimento. Pouco depois, pai e filha comiam, na copa, servidos por um solícito *valet*. O *consommé* fumegante aqueceu *Stella* que, mais corada, ganhava a simpatia do pai.

(1) "- Bom dia, senhora condessa Boa-Vida!... Dormiste bem?... ", em italiano.

- Nos primeiros alvares da primavera, teremos o estatutário do jardim todo pronto - diz-lhe ele, todo animado. E, prossegue: - Quando a temperatura amenizar-se, refaremos os canteiros de rosas e plantaremos as novas mudas dos arbustos que darão formas às novas sebes que desenhaste. A condessa deseja um jardim de desenho clássico, com algumas estátuas em mármore branco, para a entrada principal, onde, hoje, há aquele pátio horroroso, coberto de pedras. Temos de redesenhar, também, a escadaria que dá acesso ao grande pórtico de entrada que, depois de reestruturado, não combina com aquela escada de degraus carcomidos pelo tempo.

Enquanto comiam, *Don Lorenzo* esmiuçava os planos que tinha, à cabeça, para o melhoramento de projetos já encerrados, e de outros, em andamento. *Stella* observava o pai, que tinha o rosto vermelho pelo frio e, também, pelos vapores do vinho que bebia com a refeição; o nariz afilado, ligeiramente arrebicado. De quem teria herdado o nariz?... Dele ou da mãe?... O queixo, um tanto prógnato, a natureza tinha-lhe dado um igualzinho ao dele. Os lábios?... Não, os lábios tinha-os como os da mãe, assim como os olhos e os cabelos. Olhos e cabelos cor de mel... O pai era moreno-claro e calvo. A calva era rosada e brilhante. Mas, caía-lhe bem, juntamente com o restante dos cabelos que lhe davam até os ombros, mais o basto bigode e o cavanhaque triangular, como era hábito à época. O conjunto dava-lhe um ar de nobreza. Porém, não era nobre, pois os *Scalchi*, de Verona, tradicionalmente, haviam sido artistas e artesãos. O pai estudara artes, em Verona e em Florença, na Itália. Já a mãe era francesa, filha de simples estalajadeiros de Paris, e se conheceram, quando *Don Lorenzo* viera à capital francesa, para complementar seus estudos artísticos, e se hospedara na pensão dos pais de *Anne-Marie Beauchamp* - era como se chamava a mãe -, que era linda, mas tinha os pulmões fracos e morrera logo que *Stella* nascera. O pai, então, levava-a para a Itália, onde se criara com seus parentes italianos. Agora, acompanhava o pai aonde quer que ele

fosse, em suas andanças pelos diversos países da Europa, fazendo serviços de arquitetura e de restauração.

Don Lorenzo termina de comer e tira a filha de suas divagações: - *Figliola mia, andiamo via!...*² Vamos retomar ao trabalho! Imóvel, *Stella* continua posando de modelo ao hábil escopro do pai, que vai dando formas sutis e delicadas à brutidade e infor-midade do nívelo mármore. *Don Lorenzo* malha e malha a pedra, incansavelmente. As horas passam, e a jovem permanece imóvel, a exibir sua graça, qual deusa do panteão grego que, descendo à terra, permite que a destreza do artesão perpetue na pedra, em traços indelévels, aquele sorriso marcante...

E, assim, *Stella* passa com o pai os dias cinzentos e frigidís-simos de inverno, ora lhe servindo de modelo às esculturas, ora ela própria, empregando suas habilidades como escultora e pintora, auxilia-o na arte de redecorar o feioso e tétrico solar dos condes *de Clairmont*.

De sua longa estada no castelo, surgiu a amizade com a condessa que a tratava mais como amiga que como a filha do empreiteiro que estava reformando sua casa. *Catherine* falava-lhe muito de sua juventude, vivida em Paris, e dos esplendorosos bailes de gala, nos quais se encontrava sempre o recém-morto rei Luís XIV. Falava-lhe, também, em tom muito confidencial, do verdadeiro amor de sua vida, ao qual fora obrigada a renunciar, por imposição de seu pai, em detrimento de um casamento arranjado com o conde *de Clairmont*.

Certa tarde, *Catherine* mandou uma criada chamar *Stella*. A jovem sentiu-se alegre, por poder espaircecer um pouco, ao lado daquela agradável senhora culta e elegante, e que a tratava como amiga e confidente. Às vezes, achava-se tão insignificante, diante da grandeza daquela mulher!... Será que a condessa não quereria apenas alguém com quem pudesse conversar?...

(2) "- Filhinha minha, vamos-nos!..." em italiano.

Stella considerava-se tão inexperiente nas coisas da vida!... Sequer tivera um namorado!... Não, a matrona era realmente alguém muito especial e a tinha em alta conta. Sabia disso, em seu íntimo. Que bem fazia a amizade de uma mulher tão experiente, a ela que, depois que deixara a casa de tia *Mafalda*, em Verona, só tinha tido, até então, a companhia do pai e de outros homens!... Até se vestia como um deles, quando viajavam!

Stella vai encontrar *Catherine de Clairmont* instalada em um *boudoir* ricamente decorado. O chão era recoberto de tapeçaria do oriente, em lã finamente bordada com detalhes florais multicores; as paredes eram forradas de madeiras escuras, nas quais estavam esculpidos, em alto-relevo, ramalhetes de miosótis trançados a folhas e flores de camélias. As janelas eram guardadas por leves cortinas de renda branca. Havia, também, penduradas às paredes, algumas gravuras em óleo, contendo temas campestres.

Recostada sobre uma marquesa estofada em veludo rosa-claro, *Catherine* lia um livro. Sobre um *guéridon*, havia uma bandeja de prata com guloseimas, uma garrafa de licor de nozes - o preferido da condessa - e duas taças de finíssimo cristal.

Stella, timidamente, aproxima-se da porta da saleta e chama:

- *Madame la comtesse!*...

Catherine depõe o livro e o *pince-nez*, abre seu largo e majestoso sorriso e diz:

- Entra, *ma petite*, entra!... Senta-te aqui a meu lado! Quanto tempo que não nos falamos, não é?... Não queria tirar-te de teu pai, pois sei que o auxilias e muito!...

- Sim, *madame la comtesse*, tenho auxiliado papai no restauro e, também, posando para esculturas - diz a jovem, sentando-se. - Já esculpimos várias delas e vossos jardins ficarão primorosos!

- Tenho a certeza de que tudo ficará uma maravilha, *Stella!*... - exclama a condessa. E, continua: - Tu e teu pai sois artesãos notáveis!... O conde acertou em cheio ao contratar vossos serviços!... Teve excelentes recomendações a vosso respeito!

Catherine tinha as delicadas mãozinhas de *Stella* entre as suas e demonstrava um contentamento inusitado naquela tarde. *Stella* nota a felicidade da amiga e pergunta:

- Posso perceber que estais contente, hoje, *madame!*... Alguma novidade?...

Catherine, enquanto enchia as duas taças com licor, dá uma piscadela marota a *Stella* e sorri.

- Bebe o licor - diz a condessa, passando-lhe a taça. - Espero que gostes, pois é o meu preferido! - e, após degustar pequeno gole da bebida, prossegue: - Sim, hoje estou, particularmente, contente. Lembras-te de que te falei de meu outro filho, *Jean-Michell*

- Sim, perfeitamente, o que se encontra em Paris - responde *Stella*.

- Pois bem: escreveu-nos e diz que estará de volta, em breve! Só aguarda o tempo melhorar!... - exclama a condessa, demonstrando profundo contentamento.

- Que bom, *madame!*... Sinal de que não ficareis tão só! Tereis a companhia de *Jean-Michel!* - observa a jovem.

Os olhos da condessa obnubilam-se, de repente.

- Quisera que assim fosse, *Stella!*... Quisera que assim fosse!...

- exclama ela, com certo amargor à voz. E, prossegue: - *Jean-Michel* tem o mesmo espírito do pai: é um aventureiro nato!... Se despencar o telhado do castelo, ambos jamais serão atingidos, pois vivem no mundo exclusivamente à cata de entretenimento!... E, o que é pior: atrás das piores aventuras!... Não agüentam ver um rabo de saia! Tanto o pai quanto o filho! O outro também era assim. De tal maneira que morreu por conta de arriscado envolvimento amoroso!... Tentei dar-lhes uma educação refinada, calcada em valores ético-religiosos, mas o pai foi totalmente contra. Deu-lhes uma educação mundana como a que ele próprio teve!

- Que triste, senhora!... Pensei que *Jean-Michel* fosse um filho amoroso e que gostasse de vossa companhia, assim como eu gosto!

- exclama *Stella*, também contagiada pela tristeza da outra.

- Pensas, assim, porque gostas, verdadeiramente, de teu pai! - redargui a condessa. E, prossegue: - Mas, os rapazes são diferentes!... Não quero dizer, com isso, que meu filho não gosta de mim!... Não!... *Jean-Michel* gosta, sim, de mim, mas a seu modo, o modo viril, como o pai o criou, sem os ademanes e as delicadezas que não devem ter os verdadeiros homens!... Mas, eu não penso assim. Acho que a educação, sem os exageros da afetação, são cabíveis, sim, aos homens, em qualquer situação, não concordas?

- Sim, *madame*. As mulheres até gostam de homens gentis, não é? - observa a jovem.

- Claro!... Detestamos os grosseirões, isso sim! - concorda divertida a matrona.

E ambas caem numa gostosa gargalhada. Lá fora, a tarde caía lentamente. Depois de breve pausa na conversação, a condessa pergunta: - A propósito, *Stella*, não amas ninguém?... Quero dizer, não tens nenhum namorado?...

Stella sente-se corar um pouco e sorri, mostrando os dentinhos redondos, como se tivessem sido talhados em porcelana muito branca, e diz:

- Não, *madame*. E, não sei se, feliz ou infelizmente, ainda não encontrei alguém que tocasse, profundamente, meu coração.

- És jovem, ainda, *Stella*. Mas, tenho a certeza de que, sendo bela como és, deves despertar o furor de muitos rapazes!... Não é assim?... - observa a condessa.

- Sim, *madame*, e, às vezes, é preciso ser firme com eles - responde a jovem, abrindo-se mais para aquela simpática mulher, em quem já confiava muito e tinha como confidente. - Acho que ainda não vos contei, mas papai ensinou-me a esgrimir, e posso dizer que manejo o florete muito bem!... Sei, também, arremessar punhais e tenho ótima pontaria!... - e sua delicada mãozinha retira, da parte posterior do corpete de seu vestido de veludo azul-claro, um pequeno punhal e o exhibe à espantadíssima *Catherine*.

- Não me digas!... - exclama a matrona, admirando-se. - E eu que pensei que fosses uma juvenzinha frágil!...

- Apenas na aparência, *Madame!*... - diz *Stella*. E, prossegue: - Papai sempre fez questão de que eu aprendesse a defender-me, pois, tendo apenas a ele neste mundo e vivendo quase que exclusivamente entre homens, ver-me-ei, cedo ou tarde, sem a sua costumeira proteção. Nunca se sabe, não é mesmo?

- Tens razão - concorda a condessa. - Nesta época em que vivemos, em que não se pode confiar em ninguém, saber defender a própria vida é um excelente dote que te deixa teu pai!

Por longo tempo, ainda, as amigas conversaram, até que a noite caiu, e *Stella* recolheu-se a seus aposentos.

O inverno estava sendo longo e tristonho como longos e tristonhos são todos os invernos. *Stella* e o pai trabalhavam bastante e de suas hábeis mãos e das dezenas de mãos de seus auxiliares, o velho e casmurro castelo ia tomando feições mais alegres e mais agradáveis.

Quando a primavera chegou, trazendo consigo o céu azul, os pássaros e as flores, pôde-se observar o quanto aquele lugar cinzento e triste despertava diferente, junto com a nova estação. As inovações eram visíveis, e o que realmente emoldurava a sisuda construção medieval eram os dois jardins que o arquiteto *Don Lorenzo* e sua filha haviam projetado. A profusão de cores e o perfume das flores invadiam todos os recantos. Dizia-se que o ar estava perfumado. Fontes de mármore branco jorravam esguichos de água prateada, que desenhavam pequenos arco-íris no céu, dando aos recantos dos jardins uma sensação de estar-se num mundo feérico, e que, a qualquer momento, grupos de fadas e de duendes saíam dos arbustos floridos, brincando como crianças em algazarra. Árvores replantadas, no final do outono, rebentavam em profusão de folhas e flores de coloração variada. Pássaros alegres e folgazões pela chegada da rainha das estações voavam, uns, ligeiros, por entre as árvores, e outros trinavam, com tanto vigor, que parecia fossem explodir-lhes os peitinhos coloridos; abelhas

laboriosas rodeavam arbustos peçados de flores, no afã incansável de recolherem o pólen e o mel dos rebentos multicores.

Stella passeava por entre as aléias perfumadas, e seu corpo delicado poderia, facilmente, confundir-se com mais um daqueles esplêndidos arbustos densamente floridos que compunham o renque por onde ela passava. Não se estranharia, se uma daquelas abelhas operárias pousasse sobre alguma mecha de seus cabelos trançados, confundindo-a com uma inesperada e abundante fonte de mel.

A jovem fora admirar de perto o esplendor da primavera e o efeito que obtivera com o projeto de reestruturação do velho jardim. E, encantava-se, pois estava lindo!... E as flores?... Lembra-se das rosas, as sua preferidas, e vai até os canteiros em que se plantaram centenas de roseiras. E lá estavam elas!... Haviam florescido em profusão e exalavam o adocicado e inebriante perfume que só elas têm!... *Stella* aproxima-se e vai aspirando o perfume de várias rosas. E, cheira tantas rosas que se sente tontear. "Meu Deus, acho que exagerei!...", pensa. Ri-se, no íntimo, e se senta sob um frondoso álamo. Cerra os olhos e se deixa envolver pela variedade de perfumes que temperavam o ar...

Era um domingo de manhã, e o sino da igreja da aldeia de *Sainte Marie Madeleine des-Eaux-aux-Pierres* badalava, ao longe, conclamando os fiéis à missa. Sairia a passear, pelos campos, à tarde, pensou. Não conhecia quase nada daquele lugar. Desde que chegara, havia quase um ano, nunca deixara o castelo ou suas proximidades. E, nunca sozinha. Vivia sempre trancada, trabalhando. Queria sair e sentir o calor do sol aquecendo-lhe a pele tão maltratada pelos rigores do inverno.

De repente, os sons tonítruos das trompas da torre de vigia do castelo tiraram, abruptamente, *Stella* de seus devaneios. Quem estaria chegando?... Levanta-se e, curiosa, caminha até a parte fronteira do jardim que dava para o pátio de entrada do portão principal.

Um pequeno séquito dava entrada: três cavaleiros fortemente armados acompanhavam dois gentis senhores que cavalgavam corcéis ricamente engalanados. A pequena comitiva estacou, e os pajens acorreram, solícitos, auxiliando os senhores a apearem de suas montarias.

Stella observava-os de seu esconderijo, afastando, ligeiramente, os arbustos que compunham a sebe que limitava o jardim com o pátio fronteiro, que ficava diante do pórtico principal do castelo. Admira-se do porte altivo e majestoso dos dois jovens mancebos que, uma vez apeados dos cavalos, galgavam, já, os longos degraus da escadaria de mármore branco que dava acesso à entrada do salão principal.

- Um deles deve ser *Jean-Michel* - murmura baixinho para si mesma.
- Mas, quem será o outro?... A condessa não me falou sobre o outro!...

Ensimesmando-se com a chegada dos forasteiros ao castelo, a jovem, devagar, retoma o caminho de volta ao jardim. Mas, o que queria, mesmo, era aproveitar o sol espetacular do dia e se deleitar com a força que a primavera dá às pessoas!... Como é bom observar a vida pulsar, em derredor, sentir que se está vivo, saudável!... *Stella* teve vontade de correr, como fazia, quando era menina. E, apressou os passos, até afundar-se, jardim afora, perdendo-se nos meandros tortuosos das alamedas sombrias e floridas. A profusão de cores, pássaros, insetos e perfumes era grande. Lá em cima, o sol espalhava seus raios dourados, fazendo com que aquela manhã expressasse, com que força, a estação mais alegre do ano chegara!

Stella senta-se, novamente, só que, desta vez, sob o sol. Cerra os olhos, suavemente, e deixa a tepidez dos raios solares da manhã irem batendo-lhe no rosto até lhe darem uma tonalidade rosada. Era preciso espantar a brancura de neve que o inverno havia-lhe deixado impresso nas faces. Sente os afagos do vento acariciando-lhe a delicada cútis tão maltratada pela inclemência dos meses de frio intenso.

À mente, de inopino, vem-lhe a imagem dos dois jovens rapazes, chegando de viagem. Então, lembra-se da pergunta que lhe fizera a condessa, dias atrás: "Nunca te apaixonaste?" Sonda o recôndito do coração, ainda virgem das paixões. Estaria balançando ao peso de algum novo sentimento?... Faz-se a pergunta. Brincava consigo mesma. De volta, pareceu responder-lhe o coraçãozinho: "A ninguém amas, mocinha!..."

Stella fica séria. Puxa!... Como era difícil se apaixonar!... Não que o porte elegante e a beleza física dos dois jovens não lhe houvessem chamado a atenção!... Claro!... Eram homens bonitos, de fino trato, bem trajados, com andar e gestos elegantes!... Adoraria conhecê-los, falar com eles... Teriam a sua idade, um pouquinho mais, talvez. Sentia a necessidade de conviver com gente jovem como ela. Como seria o pensamento deles sobre arte, filosofia, religião?... Gostariam de música?... Dançariam?... Por certo, viveriam freqüentando a corte, cortejando as donzelas elegantíssimas da nobreza... A jovem dá um longo e profundo suspiro.

Resolveu entrar, pois o sol já estava ficando um pouquinho forte, provocando certa ardência em sua pele delicada e, enquanto caminhava de volta, lembra-se da época em que vivera na Itália e da tia *Mafalda* dizendo-lhe: "Cuidado com o sol ou ficarás sardenta!" E, apesar dos avisos insistentes da tia, havia tomado tanto sol, nas quentíssimas tardes do verão italiano, que havia ficado uma menina magricela e toda sardenta. "Agora terás que passar leite azedo e clara de ovos em neve, todas as noites, para as sardas desaparecerem!" Sorriu, lembrando-se da prestimosa e adorável tia a untar-lhe, com aquela mistura pegajosa, o rosto, o colo e os braços, todas as noites, para que não se tornasse, para sempre, "*una ragazza lentigginosa e spellata!*"³ Pobre tia *Mafalda*).... Como se gostavam!...

(3) "...uma moça sardenta e despelada!...", em italiano.

Mas, agora, a velha tia já estava morta, e *Stella* não poderia mais se atirar em seus tão queridos braços e receber os doces beijos que ela lhe dava, sempre que se encontrava triste ou se sentia só, como naquele momento... Que falta a tia lhe fazia!... Suspiros profundos saem-lhe do peito, e um sentimento de quase desamparo vai tomando conta de seu ser.

A tarde primaveril instalava-se radiosa, banhada da intensa claridade do sol, que ressurgira com toda a intensidade, após os descorados e pardacentos dias de inverno. No grande salão de banquetes do castelo, quatro pessoas almoçavam e conversavam animadamente. O conde e a condessa *de Clairmont* não cabiam em si de contentamento pela chegada do filho que estivera em Paris por quase um ano. *Jean-Michel* retomava a casa, acompanhado do primo *Maurice-André*, filho de um primo do conde *de Clairmont*, o também conde *Frédéric-François de Saint Sulpice*. Os dois jovens pairavam, bastante animados, sobre as novidades da corte.

Depois da morte do velho rei, as questões da sucessão tomaram-se um problema sério, *mon papa* - diz *Jean-Michel*, enfático. - Estivemos à beira de uma guerra civil!

- E eu não sei? - responde *Henri*, orgulhoso de ver o filho, ainda tão jovem, inteirando-se das questões de política que, de certa forma, sempre diziam respeito à nobreza. E, continua: - Sempre achei que *Philippe d' Orléans* levaria a melhor!

- Até que o delfim atinja a maioria, alguém terá que governar em seu lugar! - observa *Maurice-André*, entrando na conversa. - Mas, o que é pior: da linhagem direta, estão todos mortos, à exceção do herdeiro do trono que ainda é um garotinho!

- E que se lhe preguem o olho, dia e noite, meus caros, ou lhe darão uma bela dose de arsênico, como lhe fizeram ao pai!... Ha! Ha! Ha! Ha!... - completa *Henri de Clairmont*, com sua estrepitosa gargalhada.

- Realmente, a cobiça do poder leva a atos cujas conseqüências afiguram-se inimagináveis! - diz *Catherine*.

- A própria morte do velho rei - observa *Jean-Michel* - ocorreu de forma inexplicável!... Sua Majestade, apesar de avançado em anos, nunca adoeceu e gozava de saúde invejável!... E, estranha-se, ainda, o fato de ele ter morrido sem, previamente, adoecer e estar consciente até exalar o último suspiro!

- É o que sempre digo - emenda o conde. - É preciso ter os olhos sempre bem abertos e vigilantes!... Se cochilarmos, os espertalhões darão cabo de nós em três tempos!... A nobreza precisará dar o primeiro golpe, sempre, ou será golpeada, impiedosamente!... - e, conclui enfático: - Que jamais se proscavam os carrascos, nas monarquias, ou os excluídos seremos nós!...

- Sábias palavras, *mon oncle!*... - exclama *Maurice-André*, endossando as palavras do tio e elevando sua taça de vinho à guisa de um brinde.

- E *ton papa, Maurice?*... Que pensa nosso augusto primo acerca dessas coisas? - pergunta o conde ao jovem sobrinho.

- *Mon papa* pensa como vós, meu tio - responde o rapaz. - Conversamos, amiúde, ele e eu, sobre a política, e me diz sempre que o melhor lastro para a sustentação de uma monarquia ainda é o machado do carrasco!...

- Ou a força!... - sugere, brincalhão, *Jean-Michel*, dando sua participação na conversa. E, mais sério, continua: - Mas, brincadeiras à parte, não creio que vá ser fácil a um governo regencial, como o de *Philippe d'Orléans*, manter as coisas em ordem. Observem as fronteiras do país, como se encontram atualmente, após as guerras expansionistas que mantivemos no último século! Será que teremos outros generais tão eficientes como *Conde e Turenne?*... A Espanha tolerará nossa intromissão em seus assuntos de sucessão?... Luís XIV conseguiu colocar o príncipe *Henri d'Anjou* no trono da Espanha, mas os espanhóis tolerarão um rei francês governando-os?... A Holanda e a Áustria aceitarão, pacificamente, o novo desenho do mapa que ora se apresenta?... A Inglaterra nunca suportou a França...

- Coisas piores, *mon petit*, podem ainda acontecer - atalha o conde. E continua, expondo seu pensamento: - Os revolucionários, com toda a certeza, já começarão a pôr as cabeças de fora de seus covis. A princípio, um pouco ressabiados, mas, depois, se deparam com um governo fraco ou ilegítimo, atrevem-se e, com toda a sua fúria, tentarão lançar-se sobre nós, meus caros!... Se não mantivermos os patíbulos permanentemente erigidos, nas praças, e os machados bem afiados para lembrarem aos mais ousados quem é que manda...

- Resta-nos esperar para sabermos de que têmpera é feito Luís XV... E, só o saberemos quando ele, efetivamente, sentir o peso da coroa sobre sua cabeça! - observa *Jean-Michel*.

- E se o deixarem chegar lá!... - completa *Maurice-André*.

- Particularmente, acho que, cedo ou tarde, os privilégios da nobreza cairão - diz a condessa. E, continua: - Sinto ares de mudança. A política centralizadora de Luís XIV funcionou muitíssimo bem com ele no poder, porque foi um homem especial.

Era educadíssimo, haja vista a excelente influência que lhe deu sua mãe, a rainha *Anne*, que como todos sabem, teve uma educação primorosíssima, em seu país, a Áustria. Além disso, o rei era um homem sábio, culto, e cuja esperteza nas negociações era incomparável, além de estar sempre rodeado de conselheiros excepcionais, como *Jean-Baptiste Colbert*, seu ministro das finanças, que reformulou os conceitos de gastos do governo. Foram homens muito capazes que o auxiliaram, enormemente, a reestruturar a monarquia, trazendo-a de volta ao absolutismo; entretanto, as monarquias do mundo vão perdendo, já, há tempos, o caráter absolutista de governar. Será que este modelo de monarquia criado pela França funcionará com todos os tipos de monarcas, ou se prestará apenas aos que são sábios, esclarecidos e bem acolitados por homens realmente patriotas?

- Tendes razão, *ma chère tante!* - observa *Maurice-André*. - E, o que dizer da influência da França na política do mundo? Nosso país é hoje a maior potência bélica que existe, e os ingleses, nossos

arquiinimigos, não descansarão até que não nos suplantem!... E a Holanda, que desponta como potência comercial imbatível?

- Tomara que os franceses tenhamos juízo o suficiente para superarmos tantos problemas que nos rodeiam ou o caos, fatalmente, abater-se-á sobre nossas cabeças! - completa o conde.

- A imensa glória que nos legaram os governos dos monarcas de até então, repito, foram graças à ingerência de inteligências privilegiadíssimas que sempre estiveram ao lado desses monarcas - diz a condessa. E continua: - Que teria sido de Luís XIII e de seu sucessor, Luís XIV, se não tivessem tido a sorte de contarem com as duas insignes figuras, *Richelieu*⁴ e *Mazarin*⁵ que, a meu ver, na realidade, é que governaram este país, com a expressão máxima de sabedoria e de inteligência?

- *Richelieu* sempre foi o meu favorito! - exclama o conde enfático. - E, como dava serviço aos carrascos!... Nem a alta nobreza escapou-lhe à mira, pois mandou executar, dentre outros, o duque *de Montmorency*, o marechal *de Marillac* e o duque *de Bouillon*!

- Além de manter no exílio, em *Blois*, a rainha-mãe, *Maria dei Médicis*, acusada de conspirar contra o rei, seu próprio filho! - completa *Catherine*.

- Concordo que, para governar bem, é preciso manter-se o pulso firme ou até nossa própria mãe dar-nos-á veneno!... - exclama *Jean-Michel* em tom jocoso e dando um beijo na testa da mãe.

Todos acabaram por rir com a pilhéria do rapaz e terminaram o almoço, que transcorreu cheio de contentamento pelo regresso dos jovens que, certamente, trariam nova vida ao soturno castelo que,

(4) Armand-Jean du Plessis, Duque de Richelieu, (1585-1642), foi sagrado bispo aos vinte e três anos e elevado à dignidade cardinalícia, em 1622, e nomeado ministro do governo de Luís XIII.

(5) Jules Mazarin, (1602-1661), cardeal francês, sucedeu a Richelieu como ministro de estado.

mesmo restaurado e decorado com a aplicação de novas estruturas e novas obras de arte, carecia de alegria e de jovialidade. Após comerem, numa atmosfera alegre e descontraída, os convivas passaram a uma aconchegante e clara saleta de estar no andar superior do castelo. Duas amplas janelas em arco abriam-se para o jardim interno, totalmente remodelado e que explodia em cores e perfumes. Uma brisa amena soprava, e os quatro conversavam animadamente sobre os mais variados assuntos, desde os modismos que sempre invadiam a capital até os escândalos mais recentes.

- Não queres descer aos jardins, *Maurice!* - convida *Jean-Michel*, contagiando-se pelos olores primaveris da *Garonne*.

-Acho uma boa idéia, primo! - concorda o outro. E, prossegue: - É bom usar um pouco as próprias pernas, depois de se passar tanto tempo escarrapachado sobre os lombos de um cavalo!

Os jovens, desculpando-se diante dos condes, saem para um passeio pelo jardim. Preferem o jardim interno, por ser maior e por possuir maior abundância de flores e de árvores frondosas. A tarde ia caindo, deixando o ar com uma temperatura agradabilíssima que estimulava as pessoas a saírem, depois de tanto ficarem presas em casa e de terem os movimentos limitados pelo excesso de agasalho que a inclemência do inverno lhes impunha envergarem.

Stella não conseguia ficar recolhida em seu quarto com uma tarde tão convidativa como aquela. Fazia pouco tempo que havia terminado de almoçar com o pai, na copa que ficava próxima a uma das cozinhas do castelo. *Don Lorenzo* resolvera terminar uma leitura, em seu quarto, e a jovem entendeu que ele desejava ficar só. Ela, não, ela queria sair, esticar-se, sair daquele recolhimento involuntário que lhe infligira o inverno.

Aproxima-se da janela para espiar o jardim. Oh! O filho da condessa e seu companheiro misterioso!... Lá estavam os dois, passeando pelas aléias floridas. Haviam trocado as roupas de viagem, por outras mais leves e não estavam usando os chapéus de bicos. Caminhavam, lentamente, sob a sombra das árvores e gesticulavam,

sinal de que conversavam muito. Deveriam ser bastante amigos. E, agora?... Se sáisse, correria o risco de topar com eles. Melhor seria tomar outro rumo. Iria para o campo. Lá havia as flores silvestres e uma profusão de pássaros e de borboletas. Poderia correr, exercitar as pernas, deitar-se sobre a relva, sentir o cheiro das ervas aromáticas...

Stella apanha um chapéu de palhas trançadas e desce para o pátio interno do castelo. Trajava um vestido de cambraia azul-claro e se sentia tão leve como uma borboleta que, deixando o aperto e a obscuridade de seu casulo em que sofrera a longa e penosa metamorfose, agora, embandeirava as asas e se propunha a voitar, de flor em flor, para sugar-lhes o delicioso e reconfortante néctar...

Não queria que a vissem sair sozinha e atravessa o extenso pátio, àquela hora vazio, pois os criados ocupavam-se em fazer a limpeza de seus próprios quartos - o único horário que se lhes era reservado para os próprios afazeres era a tarde dos domingos -, e os soldados que faziam a vigília nas muralhas e nas torres junto ao portão de entrada estavam tão sonolentos, após o almoço, que não perceberiam uma manada de touros, que por ali passasse, mugindo e bufando. Não seria difícil sair do castelo. Conhecia, pelo menos, umas três passagens secretas que saíam do jardim. Havia uma bem próxima à fonte dos cavalos e dirigiu-se para lá. *Stella* chamava-a de fonte dos cavalos, mas, na realidade, era um enorme chafariz circular de granito cinza, semelhante a uma imensa bacia cheia de água, de onde emergiam quatro cavalos que esguichavam jatos de água cristalina pela boca.

Stella achava aquela fonte meio sem graça. Era tão velha que as pedras estavam escurecidas e cheias de limo. Ao lado desse velhusco chafariz, que ficava bem próximo à grande muralha de pedras enegrecidas, havia uma passagem secreta. Da muralha, projetava-se um nicho que abrigava a imagem de São Miguel, em tamanho real, e por trás da estátua do santo, havia um vão, desembocando numa estreita escadaria e passando por um pequeno

túnel que atravessava os alicerces da muralha a qual não era muito larga naquele local; o túnel era também estreito e não muito escuro, o que facilitava a passagem, mormente, durante o dia.

A jovem atravessou o pequeno túnel e se achou do outro lado, a meio de um emaranhado de galhos de arbustos e de tufos de hera que camuflavam a entrada da passagem secreta. A tarde estava tépida, linda, com o sol despendendo seus fúlgidos raios no céu azul-profundo. *Stella* pára, por instantes, enche os pulmões de ar e sente o forte odor dos rosmaninhos que haviam brotado com toda a força da primavera e medravam em profusão pelos campos em derredor do castelo. As matricárias exibiam, orgulhosas, seus tufos de flores amarelo-pálidas, e os estorninhos desferiam seus vôos rasantes, no afã de ir e vir aos ninhos, que estavam prestes a receber a nova ninhada.

Na primavera, o cheiro da natureza era tão agradável!... Os campos pululavam de vida!... Ao longe, a jovem divisa a mancha verde-escura de um bosque de faias e teve vontade de ir até lá, mas, como ele ficava um pouco distante, ela não se atreveu a fazer a caminhada sozinha. Quem sabe, um dia desses, o pai não iria até lá com ela?

Andou por um bom tempo, descobrindo os recantos mais próximos às muralhas do castelo. De repente, ouviu vozes e resolveu ocultar-se atrás de uns tufos de arbustos que medravam entre um par de rochas arredondadas. Dali teria uma visão privilegiada, sem ser vista pelas pessoas que se avizinhavam. Entretanto, logo se arrependeu de ter ficado ali, pois bem depressa descobriu que eram, nada mais nada menos, que os dois jovens que também haviam resolvido passear pelos campos circunjacentes!

Stella sequer respirou quando eles passaram rente às pedras atrás das quais se ocultava. E, se resolvessem parar ali?... Sentiu tanta apreensão que se acorrou, rente ao chão, e nem pôde observar, com detalhes, quem era quem. Os dois rapazes andavam devagar, paravam, retomavam a caminhada, sempre muito devagar, e a moça pôde, perfeitamente, ouvir sobre o que conversavam.

- Não penses, meu caro, que aqui te será fácil arranjaras das tais a que te acostumaste em Paris!

- Queres dizer-me que aqui não há mulheres?...

- Que elas existem, existem!... São meio rústicas, um tanto grosseironas, mas são mulheres!...

- Não sou muito exigente, meu caro primo!... Apenas, digo-te que, se um homem ficar muito tempo sem uma mulher, poderá ter o juízo afetado!

- Ha! Ha! Ha! Ha!... Tu me fazes rir, com tuas idéias, *Maurice-André*... Então, o que dizes dos padres, hein?

- Sinceramente, meu caro, se me quiserem aplicar a tortura máxima, que me encerrem num convento!...

- Mas, dize lá, *Maurice-André*, que achas de, logo mais à noite, sairmos?... Posso apresentar-te a algumas "beldades" da região!... Não são tão perfumadas e elegantes, como as de Paris, mas te garanto que sabem fazer a felicidade de um homem com a mesma mestria daquelas!

- *Parfait, mon cher cousin!*...⁶ Demoravas-te em fazeres-me tal convite!... Não via a hora de poder aventurar-me por estas plagas!...

Como sabes, tenho o sangue da mesma têmpera do dos *Clairmont*, o bom sangue aventureiro!

-E te digo que nenhuma saudade sentirás de Paris!... Palavra de honra!...

Os jovens, em sua pabulagem, sequer supuseram que eram ouvidos e passaram, despercebidamente, pela moça, que permanecera hirta em seu esconderijo. *Stella* mantivera a respiração contida, para que não fosse descoberta pelos dois rapazes, pois não tinha nenhuma vontade de ver-se face a face com eles. E, pelo que conversavam, deveriam ser uns mulherengos daqueles!... Bem que Ihe havia dito a condessa!... Nem bem haviam chegado e já planejavam as incursões amorosas pelos antros de prazer que funcionavam nas inúmeras

(6) "— Perfeito, meu caro primo!...", em francês.

aldeias e em tavernas à margem das estradas. Mas, não deixavam de ser rapagões bonitos!

De volta para o castelo e tomando um rumo diverso do dos rapazes, *Stella* contava os passos. Relutava em deixar a gostosura dos campos e a sombra das árvores, mas a tarde ia declinando e arrastando, atrás de si, o manto escuro da noite que já principiava a tingir de negro o horizonte longínquo. Qual dos dois seria *Jean-Michel*! Eram até bem parecidos um com o outro. Pena que, ao ter que se ocultar atrás das pedras, não pudera depreender quem era um e quem era o outro.

E, a meio de tais conjecturas, refaz o caminho de volta. Era preciso tomar algum alimento, pois a caminhada aguçara-lhe o apetite. O pai talvez já a esperasse para jantarem juntos.

- *Dove lei è andata tutto il giorno, farfallina mia!..?*⁷ - grita-lhe o pai, sorridente, do parapeito da janela de seu quarto, quando divisou a filha que atravessava o pátio lá embaixo. - Procurei-te a tarde toda para passearmos juntos pelo campo!...

- *Ah, papá*, se soubesse que querias ir ao campo!... - exclama a jovem.
- Fui sozinha!...

- Traidora!... Não quiseste a minha companhia?... - diz *Don Lorenzo*, brincalhão. - Mas, sobe, que te aguardo na copa, pois morro de fome!

Daí a pouco, enquanto tomavam a refeição da tarde, pai e filha conversavam:

- Creio que, em mais uns seis meses de trabalho, poderemos entregar a restauração do castelo ao conde e partirmos, minha cara
- diz *Don Lorenzo*.

- É, já passamos muito tempo longe de casa, não é mesmo?... - aquiesce *Stella*. E, completa: - Começo a sentir saudades de Paris!

(7) "- Por onde andaste o dia todo, borboletinha minha?..." , em italiano.

- Paris, Paris!... - repete *Don Lorenzo*. - Ficaremos uns dois meses em Paris e depois iremos à Itália. Desejo rever meus parentes e meus amigos de Verona.

- Verona!... - exclama a jovem. E, acrescenta, com tom de tristeza à voz: - Que pena que lá não se encontra mais tia *Mafalda!*...

- *Mafalda já* foi morar no céu!... Se há alguém que realmente mereça o céu, ela é uma delas!... - diz o homem, entristecendo-se.

- Quanta bondade!... Sempre foi assim: desde mocinha, pois só a conheci de crescida; era bem mais velha que eu, acho que uns dez anos. Mas, há os outros: *Giuseppe, Martino, Lucrecia, Geltrude*...

- Restaram-me apenas os parentes italianos, pois os franceses emigraram todos para a América. Não creio que tenha ficado algum parente de *maman*, pelo menos dos mais próximos - observa a jovem.

- Não, foram todos tentar a vida na América - observa *Don Lorenzo*. E, continua: - Se eu fosse um pouco mais jovem, teria feito o mesmo!... Na América, é possível ter-se uma vida melhor, há mais espaço, mais abundância de comida, pois é uma terra que ainda começa a ser desbravada, conhecida. A velha Europa está cansada. Sempre em guerra, sempre cheia de violência, de miséria, de pestes!...

- *É, papà*, os pobres não têm muitas oportunidades por aqui! - concorda a jovem. E continua, com a voz cheia de tristeza: - São sempre explorados, têm suas forças esgotadas até à última gota, em troca de um naco de pão duro e de um canto, num tugúrio infecto em que possam abrigar-se, enquanto são úteis; depois, quando envelhecem - se é que chegam à velhice - e não podem mais trabalhar, e se não têm quem os ampare, são lançados à mendicância e morrem, sem nenhuma assistência dos poderosos do mundo!

- Muita gente está se perguntando se isso é justo, minha cara - observa *Don Lorenzo*. E prossegue: - Tu, que és uma pessoa inteligente, percebes isso e não te conformas, como muitos outros, que

também têm a cabeça para pensar e não aceitam essa exorbitante desigualdade entre as pessoas. Mas, sei que, um dia, as coisas mudarão!... Deus não poderia ter feito tanta distinção entre seus filhos: para uns, a opulência nababesca; para outros, a miséria cruenta, que embrutece a alma, nivelando-a à dos irracionais! Não há coisa mais triste que a fome, *Stella!*... Os poderosos, um dia, ainda irão descobrir que com a fome não se brinca e, tomara, que não descubram isso tarde demais!

De repente, o som de um clavicórdio ressoa, e uma melodia pejada de expressivos e vivazes acordes invade a quietude da agradável tarde de primavera.

- Um clavicórdio!... - exclama *Stella*, admirada. Seus olhos iluminam-se, denunciando o quanto ela era apaixonada pela música.

- E muito bem executado! - emenda *Don Lorenzo*. Quem será o artista que maneja tão bem o instrumento?

Como eram artistas, ambos sabiam apreciar o que, efetivamente, caracterizava uma apresentação que contivesse reais manifestações de valor artístico. E aquela música estava sendo muito bem executada por mãos realmente hábeis. Tiveram, naturalmente, o interesse e a curiosidade de conhecer tal artista. A criada que os servia retoma da cozinha, e *Stella* pergunta-lhe:

- *Claire*, por acaso sabes quem está tocando, lá em cima, no salão?

- *Oui, mademoiselle!*... É Sua Excelência, a senhora condessa dona *Catherine*. Ela sempre toca *le clavier* quando está feliz - responde, gentil, a criada.

- E por que está feliz *la signora contessa*? - quis saber *Don Lorenzo*. - Há algum motivo especial para isso?

- *Mais oui, M'sieur!* - exclama a criada que, como todo serviçal, também era dada a mexericos sobre os patrões. E, prossegue, enfática: - Não sabeis que o filho dos senhores, *Monseigneur Jean-Michel*, está no castelo?... Retomou de Paris, hoje bem de manhãzinha!

- Tem razão então a condessa de estar contente! - exclama *Stella*. - Entretanto, eu já sabia que havia gente nova no castelo, pois vi quando chegaram. Mas, dize-me, *Claire*, quem é o outro cavalheiro que acompanha o jovem conde?

- Ah, o outro é o primo!... - responde a criada, altamente envaidecida por estar a par de todos os assuntos. - Trata-se de Sua Excelência, o jovem conde de *Saint Sulpice*, de Paris!... Seu nome é *Maurice-André*, e ele já esteve aqui, antes, por algumas vezes, acompanhado dos pais. Esta é a primeira vez que os pais não vêm com ele. A condessa *Élise-Marie*, sua mãe, é muito bonita e elegante. Já o pai é, assim, grandalhão como Sua Excelência, o conde *Henri*, nosso senhor. E tem um vozeirão!... Fala alto, grita conosco e nos mete medo!... Mas, *Maurice-André* é um gentil-homem!... Tão fino, educado!... Trata-nos com respeito e até nos sorri!

A admiração da criada pelo rapaz era patente, tanto que desandara a falar dele numa catadupa de palavras, enquanto seus olhinhos espertos brilhavam. Pobre *Claire*! Mal imaginava ela que esse tipo de homem costumava carregar consigo, na bagagem da alma, uma dúzia de máscaras, com as quais ia ocultando as feições, segundo a necessidade e a conveniência de cada situação!... Trocavam tanto de máscaras que sequer conheciam, eles mesmos, quais eram suas verdadeiras fisionomias!...

"Então é o primo!", pensa *Stella*, descobrindo, afinal, de quem se tratava o outro. Mas, ainda não sabia quem era quem, na verdade.

Qual deles seria o filho da condessa?... Não poderia perguntar para *Claire*, na frente do pai, pois poderia levantar a suspeita de que estaria interessada nos rapazes, o que, fatalmente, iria provocar alguma reação em *Don Lorenzo*. Só não sabia como o pai reagiria diante dessa hipótese. Eles nunca haviam conversado acerca desse assunto. Que pensaria o pai, se ela se apaixonasse?... Aceitaria o fato?... Obstá-lo-ia?... Não sabia responder a essas perguntas.

Risos e retalhos de conversas animadas chegavam até o pátio onde *Stella*, após o jantar, caminhava sozinha, observando o céu, tinto de

uma tonalidade azul-turquesa bem escura, como se fosse um imenso manto real, pejado de estrelinhas faiscantes como prata. A beleza da noite era tamanha que a jovem pára e observa, longamente, aquela magnitude atopetada de pontinhos magnificentes, piscando tremeluzentes no infinito distante.

Quem olhasse do alto e visse a jovem imóvel, sobre aquele pátio de grandes pedras quadranguladas, poderia tomá-la como a derradeira peça que restara sobre o tabuleiro de um imenso jogo de xadrez. A imaginação poderia levar a crer que a mão de um ciclópico enxadrista viria, resolutamente, levantar aquela delicada peça e dizer, triunfante: "xeque-mate!"

E, foi essa mirífica visão de *Stella* que o jovem conde *de Clairmont* teve, quando se aproximou da grande janela de arcos do salão de música, onde estivera até então, com o pai e o primo, ouvindo o pequeno recital que a mãe predispusera-se a apresentar - coisa que ela não fazia havia muito tempo - desde que *Antoine*, seu filho mais velho, fora morto naquele fatídico duelo.

O coração de *Jean-Michel* bateu apressado, à visão inesperada da moça, que permanecia imóvel, lá embaixo no pátio. "Que beleza!... Quem será aquela formosura, ali, perdida?..." O pensamento de jovem conquistador, acostumado aos arroubos aventurecos, fê-lo inventar uma desculpa qualquer para se desvencilhar da companhia dos familiares e sair, o mais depressa possível, para verificar quem era a mocinha que lhe despertara a atenção.

Desce a escadaria, quase a correr, saltando os degraus de dois em dois, e se precipita pelo salão principal até o pórtico de entrada. Uma vez ali, recompõe-se, para aparentar naturalidade, pois não desejava demonstrar que viera tão afoitamente e queria dar ao encontro um tom de casualidade. "Melhor que seja natural. Será mais fácil conquistá-la!..." Pensou isso e sorriu, interiormente, antegozando os momentos excitantes que lhe traria a abordagem da mocinha.

Stella ainda observava o céu como se estivesse magnetizada pela excessiva beleza daquele início de noite e, assim absorta em sua contemplação, não percebeu a aproximação do jovem conde que, propositadamente, caminhara pé ante pé, num andar digitígrado, para que ela não o notasse. E, quando se encontrava bem próximo, quase a roçar-lhe a nuca com os lábios, disse-lhe num tom de voz adrede modulado para tais situações:

- Caístes de lá, *mademoiselle*?...

A jovem, à semelhança dos felinos, deu um salto, pondo-se em guarda, a dois passos do rapaz, e ofegante pela conseqüência do susto recebido, conseguiu exclamar, por fim:

- *Oh, Monseigneur, excusez-moi, que je m'effarouche!... Excusez-moi, s'il vous plait!*⁸

- Assustei-vos, *mademoiselle*?... *Oh, pardon!*... Não tive tal intenção! - diz *Jean-Michel*, fingindo certa consternação por vê-la tão assustada. De fato, não esperava reação assim, da mocinha. Fez-lhe ligeira mesura e continuou a falar, procurando acalmá-la: - Quem sois, *mademoiselle*!... Não me lembro de ter-vos visto por aqui antes...

Ainda um pouco titubeante, a jovem responde:

- Sou *Stella Scalchi, Monseigneur*, filha do arquiteto que restaura esta propriedade.

Largo sorriso de satisfação desenha-se no rosto bem delineado do jovem conde. Desta vez, como era costume à época, faz longa mesura, toma a mão da moça, beija-lhe, delicadamente, a ponta dos dedos que ainda estavam frios e trêmulos e diz, numa voz pejada de sensualidade:

- *Enchanté, mademoiselle!*... E, já que vos assustei, deixai que me apresente: *Jean-Michel de Lisie, Conde de Clairmont!*... Posso também admirar o esplendor desta noite que mais ainda se engalana com tão refinada flor?...

(8) "- Oh, senhor, desculpai-me, assustei-me!... Desculpai-me, por favor!..." , em francês.

Realmente, nada seria mais propício para esta ocasião que vosso lindo nome: *Stella*, estrela!... A propósito, não é um nome francês; não sois francesa, por acaso?

- Sou francesa, sim, *Monseigneur* - responde-lhe a jovem, ainda bastante sem jeito. E, prossegue: - Meu pai é que é italiano; minha mãe, entretanto, era francesa, e eu nasci em Paris.

Porém, pouco a pouco, *Stella* deixa-se levar pela galanteria do rapaz elegante, palrador, de bons modos e, acima de tudo, dono de grande beleza. Não escapou ao exame da mocinha os profundos olhos azuis do jovem conde, sumamente destacados pela tez amorenada e emoldurados por cílios longos e ligeiramente arqueados e por sobrancelhas finas e delicadas que se desenhavam como dois riscos de pincel, delineados pelas mãos de hábil pintor; o nariz era perfeito, reto e correto, de tamanho exageradamente proporcional ao conjunto do rosto. Usava bigodes longos e negros como o cavanhaque triangular que lhe recobria o queixo levemente prognato. Os lábios eram vermelhos e carnudos e lhe revelavam o caráter extremamente sensual. Mas, o que mais lhe acentuava o porte de extrema beleza era o sorriso: sempre presente, deixando entrever dentes perfeitamente constituídos e muito bem cuidados. *Jean-Michel* era um homem alto, do tipo longilíneo, embora não muito musculoso, mas de porte bastante avantajado, pois era dado à prática da equitação e esgrimia muito bem.

Satisfeito com a impressão que causara à jovem, *Jean-Michel* convida-a a caminhar a seu lado, através do pátio, sob a tênue luz daquela noite de primavera e, enquanto caminhavam a passos lentos, entabula conversação:

- És muito bonita, *Stella*!... Posso chamar-te assim?... Então és parisiense?... Tal beleza só poderia mesmo vir de Paris!... - observa o jovem galanteador, tentando conquistar os favores da jovem.

- Bondade de vossa parte, *Monseigneur*! - responde *Stella* com seu jeitinho meigo, já descontraída e, de certo modo, feliz, pois era a primeira vez que se via a sós com um rapaz como aquele.

- Mas, olha lá, deixa de chamar-me de *Monseigneur!* - diz-lhe ele, tentando descontraí-la ao máximo. - Sentir-me-ei melhor se me tratares por meu prenome. Para ti, sou *Jean-Michel*

- Se queres assim, está bem! - diz ela, sorrindo ligeiramente. E, pergunta-lhe, vencendo a timidez: - Pretendes residir aqui ou continuarás a morar em Paris?

- Vivo aqui e, também, em Paris - responde ele. E, prossegue, satisfeítíssimo com a própria atuação: - Temos uma vila na *Place des Invalides*, de forma que passo parte do ano aqui e parte, lá. Mamãe e papai não gostam mais de sair daqui, depois que meu irmão foi morto num duelo, tempos atrás. Mas, os negócios de papai sempre o forçam a viajar à corte e a outros lugares, e eu costumo estar com ele, para aprender como se fazem as coisas, pois, um dia, eu herdarei tudo isto e tenho de preparar-me, agora que sou o único herdeiro da casa *de Clairmont*. E tu, além de acompanhares teu pai, que mais sabes fazer?

Stella enrubesce um pouco, aflorando-lhe a timidez, motivada pelo modo incisivo e direto de falar de *Jean-Michel*. Mas, responde-lhe:

- Ajudo papai nos trabalhos de restauro das peças artísticas, pois sei desenhar, pintar e esculpir.

- Não me digas que és uma artista!... Além da beleza que possuis, também és dona de pendores artísticos?!... - admira-se o jovem.

Jean-Michel fitava-a, insistentemente, enquanto lhe falava. Apenas, não se sabe se havia real seriedade em seus propósitos ou se apenas interesses escusos. Mas, se houve algum, ele soube muito bem ludibriar a perspicácia da jovem.

Aos impressionados olhos de *Stella*, não escapavam os fortes traços da beleza física do rapaz. Ele, realmente, era dono de uma plástica invejável que, aliada aos bons modos e ao maneirismo em voga na época, fazia dele um belo exemplar do homem dos sonhos de qualquer moçoila. E, como ele falava bem!... Tão diferente do falar grosseiro dos artesãos e operários, os quais estava acostumada a ouvir, enquanto trabalhava, invariavelmente, ao lado do pai. Jamais

estivera a sós e tão próxima de um rapaz, de modo que podia até lhe sentir o hálito quente e recendente a licor. Não trazia o rosto empoadado como costumavam fazer os afetados jovens da nobreza, nem o *chignon* loiro com os caracóis frisados; pelo contrário, seus cabelos eram escuros, anelados e longos até as espáduas; cabelos brilhantes, sedosos, bem tratados. Dos longos punhos de renda finamente trabalhada de sua camisa de cambraia branquíssima, surgiam as mãos, que eram grandes, bem feitas, com dedos longos e bem talhados; as unhas eram bem cuidadas, limpas e brilhantes, denotando a excelente saúde que gozava o jovem conde.

O rapaz tratava-a tão carinhosamente que *Stella* desmanchava-se em deslumbramentos. Será que já estaria amando?... E, ele a encantava com suas narrativas sobre a vida na corte. Contava-lhe sobre os banquetes e os bailes de que participava, em Versalhes, como convidado da família real. Então, na imaginação da jovem, um mundo totalmente desconhecido ia desenhando-se; era para ela um mundo impossível de ser alcançado, a não ser através de narrativas como aquelas, pois não nascera nobre, e tais festas eram simplesmente inacessíveis aos plebeus.

Tal pensamento faz nascer-lhe, então, um repentino suspiro de desalento, alertando-a de que se enganava sobre aquele rapaz. Era preciso ter os pés firmes no chão. Ela não era nenhuma condessa, não tinha sangue azul!... Sequer era francesa por inteiro!... Nem tinha nome francês, e a considerariam sempre como estrangeira. Seria mais italiana que francesa, se a tomassem pelo nome: *Stella Scalchi!*... Se ainda tivesse um prenome francês, como *Eléonore*, *Amélie*, *Françoise*, *Marguerite*... Levanta-se, resolutamente, e se despede do rapaz:

- É tarde para os meus padrões de plebéia, *Monseigneur!*...
Desculpai-me pela ousadia!... *Bonne-nuit!*

Jean-Michel não entendeu a repentina mudança de temperamento da jovem. Parecia tão meiga, tão acessível!

- *Halte, mademoiselle!*... Não te vás ainda!... Por acaso eu disse algo que te ofendeu? - pergunta ele, sem atinar com o que se passava com ela.

- *Non, Monseigneur!* Apenas que já é tarde e preciso levantar-me bem cedo amanhã. *Au revoir!* - diz ela.

- Vais deixar-me assim?... - observa ele, visivelmente contrariado. - Pensei que te tivesse agradado!...

- Não sei em que sentido posso agradar-vos, *Monseigneur!*... - rebate ela, firme. - Não vos esqueçais de que sou uma plebéia!

- Ah, as convenções!... Incomodam-te as convenções, *Stella?*... A mim não me incomodam nem um pouco! - diz ele, tentando mostrar que era possuidor de convicções formadas a respeito do assunto.

- Não sei, *M'sieur le comte* - replica a moça. - Para os pobres elas sempre funcionam!... É preciso reconhecer as fronteiras, os limites entre a vossa e a minha condição social. Papai sempre me advertiu sobre tais coisas!

- Não devo pensar que teu pai é antimonarquista, devo? - pergunta *Jean-Michel*, imprimindo falso tom de seriedade à voz.

- Não, não!... Entendestes mal!... - responde *Stella*, já se agastando com o ramo que a conversa estava tomando. E, prossegue: - Papai sempre me fez compreender qual é a posição que devo ocupar neste mundo, apesar de eu o achar injusto e desumano!

Neste instante, *Maurice-André*, aproximando-se da janela, descobre-os no pátio e grita:

- Ah, aí estás, maroto!... Espero-te há horas!... O cavaliariço já está prestes a trazer as montarias. Por acaso te esqueceste da promessa que me fizeste à tarde?

- Não, não!... Perdoa-me, primo, já me vou!... - grita-lhe, de volta, *Jean-Michel*.

Neste ínterim, um palafreireiro aproxima-se do pátio, puxando pelas rédeas dois fogosos cavalos que, a muito custo, mantinham-se quietos à espera de seus ginetes. *Jean-Michel* volta-se, um tanto relutante por deixar *Stella* e, abruptamente, beija-lhe as mãos e diz:

-*Au revoir, Stella!*... Prometo que nos veremos de novo!... - e saiu quase a correr, em direção da escadaria que dava para o salão principal do castelo.

Stella permaneceu imóvel, observando-o afastar-se tão afoitamente. Em seguida, com passos lentos, dirigiu-se para seu quarto. Minutos depois, quando se dispunha a fechar a janela, pôde observar que dois cavaleiros, cobertos por chapelões e longas capas negras, montavam seus afoitos cavalos e disparavam céleres para a escuridão da noite.

IX

A materialização de um espírito

A primavera havia chegado, trazendo sol, luz e um calorzinho aconchegante aos obscuros e frígidos corredores da abadia de *Saint Michel Aix-en-Provence*. O irmão *Vincent de Quentin* espreguiça-se, longamente, diante da janela de sua cela, enquanto observa o jardim fronteiro à entrada principal. Alguns monges deliciavam-se ao sol primaveril, lendo ou, simplesmente, fartando-se da claridade abundante do inefável dia que se descortinava naquela manhã radiante.

Vincent teve vontade de descer ao jardim para também se deliciar ao sol, depois dos rigores do inverno, mas tinha assuntos urgentes a tratar com o abade *du Morel* sobre a administração da abadia. Deixa sua cela e ruma para a parte administrativa, sobraçando uma porção de papéis os quais estivera examinando, desde a tarde do

dia anterior. Algumas irregularidades haviam-lhe chamado a atenção e queria apontá-las ao abade. Tinha, também, uma correspondência sigilosa que recebera do bispo, Dom *Théophile de Lamare*, solicitando que *Vincent* enviasse-lhe informações confidenciais acerca de uma remessa de dinheiro relativa a doações que a irmandade recebera e que, por constituir-se de soma muito alta, não condizia com os valores declarados à administração da diocese pela tesouraria da instituição. O bispo só tomara conhecimento do real valor do montante recolhido pela abadia, através de informações sigilosas de monges ligados à tesouraria, e também, de relatórios secretos que *Vincent* havia-lhe passado, após descobrir em que tipo de negócios o abade e o tesoureiro viviam metidos.

Agora, o que o bispo desejava era que *Vincent* sondasse mais objetivamente a reação de ambos e confirmasse as suspeitas sobre o desvio do dinheiro, para que se justificasse uma intervenção da diocese, na abadia, e, confirmada a fraude, proceder-se à competente punição dos culpados.

Vincent sabia que se tratava de uma empreitada perigosa para si, pois *Père Jérôme* já o havia advertido acerca do caráter daqueles homens que, além da aparência, nada tinham de monges. Encontramos, um tanto ressabiados, no gabinete do abade.

- Sê breve, irmão *Vincent*, pois tenho assuntos importantes a tratar com o irmão *Duchesne* - diz, direto, o abade, tentando dar a maior brevidade possível àquele encontro.

- Serei breve, Excelência - responde-lhe, seco, *Vincent*. E, prossegue:

- Apenas quero informar-vos e ao tesoureiro que a secretaria da diocese solicita informações acerca do real montante das doações recebidas até o final do ano passado, pois o valor tem decrescido muito, de dois anos para cá. Entretanto, através de sondagens feitas pelo próprio bispado, descobriram que, na realidade, o que tem ocorrido é o contrário: as doações têm aumentado nos últimos anos. Sua Excelência, em pessoa, deseja informações acerca desse desencontro de informações. Que dizeis, senhores?

O abade e o tesoureiro trocam um olhar significativo, fato que não passa despercebido pela perspicácia de *Vincent* que para ali viera preparado para sondar as reações de ambos.

Sem perder a sua aparente e costumeira tranqüilidade, *du Morel* levanta-se de sua secretária e caminha em círculos, com os braços cruzados às costas. Pensa por alguns instantes, troca mais uma série de olhares com *Duchesne* e, por fim, acaba por responder, porém de modo firme e sem titubear um só instante:

- Resta saber quem informou tais inverdades a Sua Excelência, que prefere acreditar nessa escória de invejosos e caluniadores -que existe por aí afora - a nós, que sempre fomos retos e justos, na administração dos sagrados bens da Igreja!... - e, prossegue, imprimindo forte acento de ironia à voz: - Estará também o bispo invés-tido da cobiça?... Não se contenta com a fortuna que lhe repassamos todos os anos?... Não sabe ele que retemos para nós apenas o essencial, para que levemos uma vida cheia de frugalidades e de renúncias das exigências da carne?... Querera mais?... Só se nos lançarmos à fome! Deseja Sua Excelência que passemos a pão e água ou que jejuemos além do que já fazemos e venhamos todos a morrer de inanição?... Escreva-lhe, irmão *Quentin*, e diga-lhe que, doravante, todos os internos da abadia de *Saint Michel Aix-en-Provence* viverão de brisa e que todas as doações e rendas das colheitas de nossas propriedades serão repassadas, na totalidade, para o bispado, e ainda que, para provermos nosso sustento, sairemos todos a esmolar pelas aldeias e caminhos da região!... Viveremos da caridade pública!... Satisfeito?

Jean du Morel disse essas palavras, espumando de raiva. *Cabisbaixo*, *Duchesne* permanecia sentado, impassível e mudo, acompanhando as palavras do outro e não foi possível a *Vincent* depreender muito de suas feições. Mas, a reação abrupta e violenta do abade incriminava-os. *Vincent* não havia dado motivo suficiente para que ele vomitasse aquela avalanche de improperios. O excesso de indignação traíra-os, e *Vincent* estava satisfeito. Agora poderia

enviar, com segurança, suas impressões ao bispo. Despede-se de ambos e sai, pois precisava procurar *Père Jérôme* e o informar sobre as novidades.

Uma vez a sós, o abade e *Duchesne* confabulavam:

- E agora, *Jean*, será que eles realmente descobriram alguma coisa ou estarão apenas a preparar-nos armadilhas? - pergunta o tesoureiro da abadia.

- Não, não, *Hippolyte!*... - exclama o abade. E, prossegue, cheio de preocupação: - Eles sabem, sim, e sempre achei que um dia seríamos descobertos!... O bispo não é trouxa!... Tinha a certeza de que ficaria por aí, bisbilhotando coisas!... Idiota foi *Villeamandier* em achar que não seríamos descobertos!

- Que pretendes fazer agora? - pergunta o outro.

- Não sei, preciso pensar, para não fazer besteiras e deixar uma longa cauda por aí, à vista, para depois ter que me enforcar nela!... Mas, algo é preciso fazer, com urgência!... - observa o abade, demonstrando profunda preocupação. E, ordena: - Apanha um cavalo, ruma a todo galope para o castelo do conde e o informa sobre o que sabes, sem omitires nada, entendeste?... Diga-lhe que aguardo instruções urgentes!

Neste ínterim, *Vincent* procurava por *Père Jérôme* e acabou por encontrá-lo na enfermaria, cuidando de um monge que sofria de hidropisia. Fez sinal para que o velhote o acompanhasse a um canto reservado e lhe sussurrou:

- *Père Jérôme*, as suspeitas do bispo confirmam-se!

- Eu tinha quase certeza de que tudo era verdade, meu investigador companheiro!... - exclama o velhote. E, continua: - Entretanto, acautela-te, pois os velhacos não são de brincadeira!... Já tiveste provas da ferocidade deles!

- Sim, meu amigo, mas acho que os amedrontei, pois tirei o abade fora do sério! - relata *Vincent*.

- Fizeste isso!?... - exclama o velho, arregalando os olhos. E, prossegue, cheio de preocupação: - Acho bom que te cuides, se tens ainda algum amor à vida!

- Prometo que tomarei cuidado - diz *Vincent*. E, acrescenta: -Não te esqueças de que sei defender-me muito bem!

- Sei que és um espadachim de primeira, mas o arsênico não precisa usar o florete para mandar alguém para o inferno!... - observa o velho. E, continua: - Doravante, apanha tua comida no refeitório e bebe o vinho do tonel comum. Caso contrário!... -e faz um gesto significativo com a mão, como se decepasse o próprio pescoço.

Vincent dá uma gargalhada, troçando da preocupação do velho amigo e o abraça, ternamente, pois o tinha como a um pai, tamanha era afeição que lhe devotava.

- Zombas de mim, mas tenho razão!... Estou há muito tempo aqui e tenho visto coisas que te poriam os cabelos em pé, meu corajoso amigo!... - diz *Père Jérôme*, também rindo, e meneando a cabeça. Depois, ficando sério, acrescenta: - Vem preparado, esta noite, ao laboratório do subterrâneo, que tenho uma surpresa para ti.

- Não me digas que farás aquela experiência maluca novamente?... - pergunta *Vincent* interessadíssimo.

- Sim, e espero que não tenhas faniquitos, desta vez, meu assustado companheiro! - e, some para o corredor, nos seus passinhos apressados e saltitantes.

A noite já ia bem avançada, quando *Vincent*, um pouco ofegante, chegou ao laboratório do subterrâneo. *Père Jérôme* impacientava-se pela demora do amigo:

-Eis-te, afinal, meu impontual amigo!... Já começava a acreditar que te havias precipitado em algum alçapão secreto!

- Desculpa-me, *Père Jérôme*, mas caí no sono, após o jantar, e só vim despertar agora! - observa, envergonhado, *Vincent*.

- Vida de monge, meu caro, vida de monge!... - exclama, divertido, o velho. -Comer, dormir e pensar bobagem!... Ha! Ha! Ha! Ha!...

-Teu humor é insuperável, *Père Jérôme*... Mas, o que estamos esperando para começar? - pergunta *Vincent*, ansioso para presenciar o estranhíssimo fenômeno.

- Começaremos já - diz o velho. - Escancararemos as portas do além, de novo, e quem sabe, desta vez, não terás coragem de encarar, face a face, a tua amada que nos precedeu na grande viagem sem retorno?... Entretanto, antes, é preciso derrubar o irmão *Gervaise Legrand* do leito. Vê como dorme e ronca como um porco!... Cansou-se, também, de esperar-te e, como ele é exatamente como tu - amante da boa mesa - costuma encher em demasia o estômago, que depois lhe pesa tanto e lhe embota o cérebro de tal modo que o comilão acaba sempre dormindo a pregas soltas!

O velho monge aproxima-se de *Gervaise Legrand* e, com o dedo indicador, cutuca-lhe, vigorosamente, o volumoso ventre. O dorminhoco acorda sobressaltado, e *Père Jérôme* diz-lhe:

- Vamos, irmão *Legrand*, nosso convidado já chegou!... Continua deitado aí que vou induzir-te ao transe.

Em seguida, o velho monge aplica uma série de passes sobre a região frontal do cérebro do irmão *Gervaise Legrand* que, instantes mais, caía numa espécie de sono cataléptico.

Desta vez, *Vincent*, adrede preparado para o fenômeno, passa a observar, atentamente, o que ocorria no ambiente. *Père Jérôme* havia diminuído, sensivelmente, a claridade, mas era perfeitamente possível divisar-se o que acontecia ali. Uma vez adormecido, *Gervaise* enrijeceu o corpo como se fosse um cadáver e, instantes depois, estranha substância fosforescente principiou a vaporizar-se de seus orifícios naturais, condensando-se, em forma de uma nuvem brilhante, que pairou no ar, a certa altura acima do chão.

De repente, a nuvem foi tomando a forma de uma pessoa; a princípio, de maneira imprecisa, vaga, mas depois, como se ágeis mãos esculpisse aquela massa informe, um rosto de feições definidas foi ganhando forma, diante dos dois monges que observavam tudo com profundo interesse. E, então, um grito de dor

misto com alegria escapou da garganta de *Vincent*. Diante dele, linda como um anjo, que caía das alturas, estava ela: *Céline!*

Foi preciso que o rapaz reunisse todas as forças para que, novamente, não caísse desacordado diante daquela visão insólita! Porém, tomba de joelhos, pois as pernas se lhe fraquejaram, e o pranto, abundante, sufocou-lhe a garganta que, enrouquecida, sequer conseguia pronunciar o nome da amada. Por meio de quais sortilégios inacessíveis ao vulgo era possível trazerem-se os mortos de volta do túmulo?... Seu olhar passeia, então, do fantasma para o rosto sério do velho mestre, como se quisesse inquiri-lo sobre o que fazer naquela situação.

Nem *Père Jérôme*, que vinha devotando sua vida a minorar os mais terríveis sofrimentos humanos, conseguiu furtar-se à emoção pela dor do amigo. Condescendente, sorriu para *Vincent*, incitando-o a aproximar-se da aparição luminescente que estava ali de pé, à sua frente, e lhe estendia, ternamente, os braços.

O jovem monge, arrebanhando as forças com extrema dificuldade, ergue-se e caminha trôpego para o espírito que o aguardava com os braços abertos.

- *Vincent! Mon amour!...*

A voz do espírito ecoou nítida e cristalina. Chorando, *Vincent* ajoelha-se diante da jovem, segura-lhe as mãos e as beija. Sim, eram as mãos de *Céline!*.... Conheci-as tão bem, não poderia estar enganado!...

- *Céline!... Por quê?...*

A pergunta, que ele trazia guardada no peito, havia tanto tempo, saía-lhe, e ela sabia a resposta.

- *Mon amour*, eu e tu tínhamos velhas contas a acertar, e o que, aparentemente, afigura-se como injustiça é, na verdade, a Grande Justiça Divina a cumprir-se!... Tenho que ser breve, entenda, não temos muito tempo!... Estou sempre contigo em pensamento. Sê bom e fiel a Deus! Honra o lugar em que te encontras!... Já bastam

os crimes terríveis que cometemos no passado!... *Adieu, mon amour!*...

Segundos depois, a aparição esmaecia no ar e, num redemoinho, a nuvem vaporosa tomava o caminho de volta, sendo reabsorvida pelo corpo de *Gervaise* que permanecera adormecido o tempo todo e alheio ao que ocorria.

Vincent, ainda ajoelhado, soluçava baixinho, grandemente emocionado. *Père Jérôme* aproxima-se de *Gervaise* e, aplicando-lhe uma série de passes longitudinais desde a cabeça até os pés, tira-o do torpor em que mergulhara. Alguns minutos depois, o monge acorda muito bem disposto, como se nada lhe tivesse acontecido.

Mais tarde, *Vincent* e *Père Jérôme* conversavam a sós, depois que *Gervaise* resolvera ir, de vez, terminar sua digestão do jantar, refestelado em sua cama, na imperturbável solidão de sua cela.

- Jamais poderia supor, *Père Jérôme*, que seria possível, uma vez morto, alguém voltar a viver e conversar conosco, com tamanha perfeição! - observa *Vincent*, ainda assombrado pelo fenômeno a que assistira.

- Como pudeste comprovar, é perfeitamente possível, meu caro!... - diz o velho. E, prossegue: - Pena que a humanidade ainda esteja tão longe de poder observar tão espantoso fenômeno, sem incluí-lo no rol das aparições fantasmagóricas ou, no que seria pior, como obra de bruxaria!... E, corrijo-te: *Céline* não voltou a viver para conversar contigo! Ela está viva, só que em algum outro lugar, ainda desconhecido de nós!

- Então, tudo o que aprendemos e o que ensinamos acerca da morte está errado! - observa o rapaz.

- Na realidade, meu bom *Vincent*, tudo está errado e muito pouco ou nada sabemos acerca desses assuntos! - concorda o velho: -Mas, se te aprofundares nos tratados ocultistas dos povos da antigüidade, verás que tinham um conhecimento bem diferente do que prega o Cristianismo na atualidade! Entretanto, posso garantir-te

que, nos primórdios do movimento cristão, era comuníssima a crença na imortalidade da alma e na reencarnação!

- Criam na reencarnação!?!... - admira-se *Vincent*.

- Sei que te espantas com isso, mas o dogma da reencarnação foi extinto da Igreja por um edito do imperador Justiniano,¹ no ano de 553. E, o que é pior, para que se calassem certos comentários que envolviam sua esposa, a imperatriz Teodora!

- Explica melhor esse fato, *Père Jérôme!* - solicita *Vincent*, cheio de curiosidade.

- Explico-te, explico-te!... - diz o velho, com sua peculiar solicitude. -

Foi assim: A imperatriz Teodora era uma prostituta, uma famosa cortesã, antes que o imperador dela se enamorasse perdidamente e a tomasse por esposa. Entretanto, nem Justiniano e nem Teodora poderiam, simplesmente, através de um decreto, apagar o passado infeliz da imperatriz da mente do povo que a conhecia muito bem. E, numa tentativa desastrosa de conseguir desven-cilhar-se desse passado incômodo, Teodora, com a aquiescência do esposo, mandou executar, uma a uma, todas as suas antigas companheiras de profissão, pensando assim, apagar essa nefanda época de sua vida! Mas, a conseqüência desse massacre foi desastrosa: todas as vezes que Teodora desfilava ao lado do imperador, nos cortejos solenes ou festivos, pelas ruas de Constantinopla, o povo passou a execrá-la e a vaticinar situações terríveis para a próxima reencarnação da imperatriz prostituta para que resgatasse os crimes terríveis que cometera, na tentativa de livrar-se do passado escabroso. O imperador, furioso com os impropérios e insultos que a populaça dirigia à sua esposa, decretou, então, num acesso de fúria, a proibição da crença na reencarnação!

(1) Flávio Pedro Sabácio Justiniano. (483-565), recebeu o título de César, em 525, e em 527, foi proclamado imperador de Roma.

- O que me contas é incrível, *Père Jérôme!*... - diz o rapaz. E, pergunta: - Mas, e a hierarquia da Igreja aceitou esse decreto, passivamente, sem protestar ao ver proibido assim um dogma tão importante?

- Dividiram-se, à época, as opiniões e houve até ameaças de um cisma - diz o velho. E, continua: - Entretanto, não te esqueças de que quem mandava na Igreja e nomeava os chefes eclesiásticos era o imperador! E, muitos bispos e cardeais não desejavam, de modo algum, perder seus cargos, não é mesmo?... Foi fácil, então, descobrir um meio termo e contentar as partes: criou-se, assim, o dogma da ressurreição!

- Que, na realidade, se pensarmos bem, adapta-se melhor às aspirações daqueles que desejam dominar através do medo e das superstições! - conclui o rapaz.

- Muito melhor é governar os ignorantes que os sábios, meu espartíssimo amigo! - concorda o velho monge.

- Agora, *Père Jérôme*, responde-me: é possível trazerem-se os mortos sempre que quisermos? - pergunta *Vincent*.

- Ainda não sei, *mon ami* - diz o velho. - Venho estudando esse assunto, profundamente, mas muita coisa ainda é mistério para mim!... Trago comigo muitas indagações. Não sei, por exemplo, se algum mal advirá ao irmão *Gervaise*. Até o presente momento, nada de mal sucedeu-lhe, pois continua gordo e tem o apetite de um leitão!... Mas, não estarei minando-lhe as forças?... Outra questão: não são todas as pessoas que se prestam a fornecer o elemento que permite ao espírito fazer-se visível. Desconheço o que é essa substância fosforescente² e de onde vem. Testei centenas de pessoas, mas somente o irmão *Gervaise* possui a capacidade de favorecer o fenômeno.

(2) Trata-se do ectoplasma, substância fluídica que emana do corpo do médium, através de seus orifícios naturais, e que se presta à realização dos fenômenos de efeitos físicos.

E, só muito recentemente consegui controlar esse mecanismo. Não vou dizer-te que foi fácil, pois houve muitas e muitas tentativas frustradas e outras das quais nem quero lembrar-me!

- Tiveste surpresas desagradáveis? - pergunta *Vincent*.

- E como! - exclama o velho. - No princípio, não tinha idéia de como se processava o fenômeno de materializar os espíritos e, então, punha-me, todas as noites, a desencadear forças sobre as quais não tinha o mínimo conhecimento e conseqüente controle. Inúmeras vezes, meu caro, trouxe coisas que não queria, absolutamente, trazer!

- Não me digas!... Quem tu trouxeste do além e que não querias ver? - pergunta, curiosíssimo, o rapaz.

- O abade *Froussard!* - diz o velho.

- *Froussard?!...* - exclama *Vincent*, mal contendo o riso. - Teu arquiinimigo, aquele que tentou envenenar-te por diversas vezes, pensando que querias tomar-lhe a cruz abacial?

- Sim, em pessoa!... - diz *Père Jérôme*. E, prossegue: - E, quase que me dá uma surra daquelas!

- Ha! Ha ! Ha! Ha!... - explode *Vincent*, numa ruidosa gargalhada, até às lágrimas. E, após conseguir conter-se do acesso de riso, pergunta: - E, como justificarias o fato de teres levado uma bela tunda de um espírito?

- Passaria por doido, não é mesmo?... - diz o velho, também rindo-se da comicidade do inusitado fato.

- Ou por bruxo a invocar o demônio!...

- Brincadeiras à parte, meu amigo, nem sempre temos o prazer de receber apenas as visitas esperadas... Há as inesperadas também! - observa o velho, tomando-se sério.

- Mas eles vêm sem serem convidados? - pergunta o rapaz.

- Não sei, *Vincent* - diz o velho. E, prossegue: - Mas, dá um trabalhão danado fazê-los voltar a seu mundo, principalmente, se forem inimigos nossos!... Portanto, nesse caso, toda a cautela é pouca!

Mais tarde, em sua cela, já deitado em seu leito, *Vincent* não conseguia conciliar o sono. A imagem de *Céline* não o abandonava. Meu Deus!... Tivera a prova irrefutável de que não existe a morte!... Tudo não passa de uma ilusão!... Não podia entender direito como as coisas processavam-se, mas agora sabia que sua adorada *Céline* não estava morta. E, de repente, um pavoroso pensamento perpassou-lhe a mente como um lampejo: nesse caso, *Antoine de Clairmont* também não havia morrido!

Neste instante, na penumbra do aposento, pareceu-lhe, então, divisar de forma muito tênue, a imagem etérea, quase imperceptível, do rival e antigo amigo morto por ele num duelo. *Antoine de Clairmont* estava ali, diante dele, a mão direita sobre o peito, premendo o ferimento causado pela estocada certa de seu florete e de onde parecia vazar-lhe o sangue ainda quente. A aparição, com um par de olhos terrivelmente faiscantes de ódio, rilhava os dentes, com ganas de atirar-se sobre o estupefato *Vincent*. Os lábios do espectro moviam-se, parecendo dizer algo, enquanto caminhava trôpego, desejando lançar-se sobre o assustado monge e estrangulá-lo!

Um grito rouco escapou da garganta de *Vincent* que, de um salto, levantou-se do leito e, pondo-se de pé, sentiu os pêlos do corpo todos se eriçarem, e uma onda de um fluido extremamente incômodo banhou-lhe o corpo de alto a baixo. O coração batia-lhe, descompassadamente, e forte apnéia acometeu-o. Sentiu estranha vertigem, seguida de forte zumbido nos ouvidos e, em seguida, desfaleceu, tombando, pesadamente, sobre o frio chão de pedras.

Vincent só recobrou os sentidos de manhã, quando o sol já despontava pleno, no horizonte. A cabeça doía-lhe enormemente e tinha náuseas. Levantou-se, despendendo imenso esforço e teve de controlar-se para não vomitar.

Com dificuldade, arrastou-se e se lançou sobre o leito onde se deixou ficar até tarde, pois estava passando muito mal. A boca estava como que colada por amarga e espessa saliva, e arrepios de

frio sacudiam-lhe o corpo, embora a temperatura estivesse amena, como sói acontecer nos dias de primavera.

Com muita dificuldade, adormeceu novamente e, quando o badalar dos sinos da basílica estrondou, anunciando as orações do meio-dia, acordou sobressaltado. Sentia-se um pouco melhor. Embora ainda sentindo dores pelo corpo todo, conseguiu levantar-se e, com mãos trêmulas, verteu um cálice de vinho goela abaixo.

O líquido reconfortante reanimou-o e, em pouco tempo, conseguiu vestir-se. Precisava ver *Père Jérôme* e lhe contar sobre aquela aparição, pois o velho amigo sempre tinha explicações para tudo.

Não precisou procurar muito; foi encontrá-lo na enfermaria, cuidando de um jovem monge que havia partido o osso de uma das pernas, ao rolar escada abaixo. O rapaz chorava de dor como uma criança. *Père Jérôme*, alegre como sempre, saudou o amigo, fazendo troça:

- Salve, meu dorminhoco companheiro!... Isso são horas de te levatares?

- Tens razão, *Père Jérôme*, Mas, preciso falar-te, logo que termines aí - diz *Vincent*.

Uma hora depois e, encanada a perna do jovem monge, *Vincent* e *Père Jérôme* conversavam.

- Dizes, então, que viste o fantasma do jovem conde *de Clairmont!* - pergunta o velho.

- Juro-te por esta luz que brilha, *Père Jérôme!*... E, como o abade *Froussard* desejou fazer contigo, *Antoine* quis enforcar-me!... - exclama *Vincent*, ainda bastante atormentado por tudo aquilo.

- Não me digas!... E o que fizeste? - pergunta, sério, o velho.

- Nada!... Caí desacordado e só recobrei a consciência hoje de manhã!... - responde-lhe o rapaz.

- Ha! Ha! Ha! Ha!... - explode *Père Jérôme*, numa incontrollável gargalhada, e lhe é difícil parar de rir. Repete, entremeando as palavras com acessos de riso: - Tu não suportas mesmo essas coisas, não é?... Ha! Ha! Ha! Ha!... Desculpa-me, irmão *Vincent!*... Ha! Ha!

Ha! Ha!... Mas, não consigo parar de rir!... Tu estás sempre desmaiando diante dos fantasmas!... Ha! Ha! Ha! Ha!...

O velhote riu tanto que seus olhos chegaram a lacrimejar. *Vincent* sentia-se um tanto apatetado diante do amigo que, aparentemente, não levava a sério sua terrífica narrativa.

- Desculpa-me, *Père Jérôme*, mas nunca sei o que fazer diante dessas situações. Entende-me, é algo inusitado, não é mesmo? -diz o rapaz, um tanto chateado.

Recompondo-se do acesso de riso, *Père Jérôme* enxuga os olhos com um lenço de cambraia branca. Depois assoa, ruidosamente, o nariz e, olhando fixamente nos olhos do jovem monge, diz-lhe:

-Brinco contigo, irmão *Vincent!*... O que me dizes é deveras sério!... Se o espectro do jovem conde *de Clairmont* vem aparecendo-te dessa maneira, é porque te devota ódio de morte e busca vingança! E, como já sabes, não morremos, apenas perdemos o corpo que, por um determinado tempo, todos nós envergamos. Quando feriste o conde, mortalmente, tiraste-lhe o corpo, mas não a vida, como, erroneamente, crê a maioria dos homens! Daí a razão de tantos crimes de morte, quando se crê que, matando o corpo, mata-se também a alma!... Terrível engano, meu amigo!... Foi por isso que Nosso Senhor Jesus Cristo, em seu Evangelho, alerta-nos: "...mas a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra".³ Se bem entendermos o que diz o texto evangélico, aconselha-nos a não alimentarmos contendas e pinimbas que, fatalmente, desembocarão em inimizades e ódios cruentos. O que não dizer de homicídios, não é mesmo?

Queres dizer que *Antoine de Clairmont* aguarda-me, no além, o dia de ir à forra comigo? - pergunta *Vincent*.

Podes ter a certeza disso, meu amigo! - afirma o velho. E, prossegue:

(3) Evangelho de S.Mateus, 5-39

- Se o conde tenta alcançar-te, mesmo estando ele morto e tu, vivo, o que não fará quando se apanhar face a face contigo, no além, não é mesmo?

- Que coisas malucas estás dizendo-me, *Père Jérôme!*... Como posso saber que essas aparições não são apenas efeito de alucinação? - observa o rapaz, ainda cheio de incertezas.

- Então terás de ter à conta de alucinação, também, a aparição da marquesinha *de Vichy!*... - observa o velho. - Não foi o que me pareceu, ontem à noite, *d'accord?*

- Então estou perdido!... *Antoine* fará de tudo para prejudicar-me! - conclui, estarrecido, o rapaz.

- Podes ter a certeza disso, meu caro!... - diz o velho e acrescenta, sério: - E, se soubesses o quanto um pretense morto pode atacar a um vivo e tirar-lhe a paz!...

- Repito: o que estais dizendo é algo que realmente abala as estruturas da humanidade inteira!... - observa *Vincent* e continua em tom grave: - E, por que então, os homens teimam em não crer, e os que conhecem tais coisas não as divulgam?... Eu próprio cometi um terrível desatino, do qual começo a arrepende-me, por não ser conhecedor dessas coisas à época! Hoje, por certo, não tiraria a vida de *Antoine de Clairmont!*

- Sábias conclusões, meu amigo, embora tardias! - diz o velho. E, continua: - Mas, tu podes reconhecer o quão benfazeja seria a divulgação dessas coisas ditas ocultas. Entretanto, grandes interesses antigos e atuais não permitem que se vulgarizem esses conhecimentos! Principalmente, ao mercadejo da fé, não é mesmo?... Muita gente não gostaria de ver-se desalojada dos palácios episcopais e declinar o solidéu, o báculo e a mitra...

- Como nós, não é mesmo, *Père Jérôme?* - observa, chistoso, o rapaz.

- Como nós, meu astuto amigo, que somos sustentados pela ignorância alheia!... - concorda, rindo, o velho. E, prossegue: -Mas, brincadeiras à parte, acredito, piamente, que, no futuro, todas essas

coisas serão do conhecimento de todos e, creia-me, este mundo será um pouquinho melhor do que é hoje!

- Crês, mesmo, que o mundo irá melhorar um dia? - pergunta *Vincent*.

- Sim, e me baseio uma vez mais na sabedoria cristã: "*Ninguém acende uma candeia para pô-la debaixo do alqueire...*"⁴ Tenho a absoluta certeza de que o Cristo referia-se a tais conhecimentos, e nunca a falsas interpretações como as que vimos fazendo até então. Fazes-me lembrar a parábola do homem insensato, e acho que vivemos "*edificando nossa casa sobre a areia*";⁵ e dia virá em que os rios do esclarecimento transbordarão e derrocarão nossas casas. Não se pode casar ciência com religião, meu jovem, sem que haja comum acordo!... Só se conseguem importantes idéias, enquanto as mentes continuarem obnubiladas pelo negrume da ignorância; mas, o mundo gira e as novas gerações sempre pedirão mais e mais até que o cabedal de idiotices esgote-se, e não se terão mais tantas asneiras a apresentar-lhes e, então, fatalmente, sobrevirá o caos!

- Ou, então, escancarem-se as portas da verdade a todos! -conclui o rapaz.

- E, muitos gordos e lustrosos prelados terão que trabalhar, não é mesmo?... Ha! Ha! Ha! Ha!... - ri-se, pândego, o velho.

Vincent acaba por passar o restante do dia em companhia de *Père Jérôme* que, depois de muito tempo, convidara-o a sair pelos campos, em visita a enfermos que, na qualidade de monge versado em curas, fazia, amiúde, pelas aldeias da região.

A tarde estava amena, temperada por uma brisa agradável, e o sol brilhava num céu cor de anil. Os dois cavalgavam pelos campos que rodeavam uma pobre aldeia de campônios e, ao passarem por um tugúrio quase em ruínas, *Vincent* lembra-se de que ali estivera, tempos atrás, em companhia de *Père Jérôme*, e lhe diz:

-Acho que aqui já estive contigo certa vez...

(4) Evangelho de S.Mateus, 5-15

(5) Evangelho de S.Mateus, 7-26

- Sim, aqui moravam a velha *Éponine* e sua jovem neta, *Hélène* - diz o velho.

- E o que é feito de ambas?... Parece-me estar em ruínas o casebre - observa *Vincent*.

- A velha *Éponine* morreu de tuberculose, há tempos, e depois disso, a neta mudou-se não sei para onde, pois nunca mais a vi. Deve ter ido à busca de parentes que residam em lugar distante, pois a avó era a única pessoa que a moça tinha por estes lados. Essa gente, *Vincent*, não tem absolutamente nada de seu, a não ser os braços para trabalharem, como escravos, para enriquecerem mais ainda os donos das terras! E, quando não correspondem mais aos anseios dos patrões, são escorraçados como cães hidrófobos!... E, ai deles se não saírem!...

Funda introspecção abateu-se sobre o jovem monge, ao lembrar-se de que a neta de *Éponine*, *Hélène*, era a cópia mais que fiel de *Céline*. Por onde andaria a jovem *Hélène*!... Só, neste mundo, talvez não tivesse mais com quem morar e andaria, pelas estradas, prostituindo-se, a troco de um pedaço de pão, como faziam milhares de outras jovens como ela, relegadas à própria sorte!... E, isso, enquanto fosse um pouco jovem; depois, envelhecida e envilecida pelos maus tratos e pelas doenças venéreas, acabaria morta numa sarjeta qualquer!... Pobre *Hélène*, tão graciosa e tão menina ainda!...

A voz do velho companheiro tira-o dessas amargas reflexões:

- Como pensas que nosso piedosíssimo abade irá sair-se dessa enrascada em que se meteu?

- Por enquanto, tive poucas conversas com ele, depois de o ter colocado à parede, juntamente com *Duchesne*. Anda bastante arredo e me evita; restrinjo-me a conversas acerca da administração dos negócios e nada mais - diz *Vincent*.

- Volto a insistir: é bom que te acauteles!... - observa, preocupado, o velho. E, continua: - Ainda não te esfolaram vivo, porque sabem que és protegido do bispo; caso contrário, já estarias naquele poço

imundo do subterrâneo, fazendo companhia a *Gerard Clemenceau*, o estalajadeiro que ajudamos a ir para o inferno, lembraste-te?

- Se me lembro!... - exclama *Vincent*. E, prossegue: - Mas, eles não ousarão fazer-me mal; ao menos por enquanto...

- E *Duchesne*, será que já retornou? Disseste-me que ele estava desaparecido - observa *Père Jérôme*.

- Não, não creio que tenha voltado - diz *Vincent*. - Não o vejo há uma semana e, na abadia, ele não teria lugar para esconder-se por muito tempo. Mas, sei onde está: no castelo de *Villemandier*. Deve ter ido lá, a mando do abade, em busca de instruções. *Du Morel* é esperto, mas não é muito inteligente. O cabeça de toda a quadrilha é o conde.

- Tens toda a razão. Mas, ainda temo muito por tua segurança - diz *Père Jérôme*. E, sugere: - Não seria melhor que tu também sumisses por algum tempo?

- Mas, aonde iria? - observa *Vincent*. - Fujo de *du Morel* e sou apanhado por *Henri de Clairmont*!

- Poderias ir para *Toulouse*! - exclama *Père Jérôme*, batendo na testa com a ponta dos dedos. - Claro!... Por que não pensei nisso antes?... Tu dirás que o bispo te chama, e eles ficarão ainda mais temerosos!... Queres apostar?... Duvido que te impeçam de ir!... Só será necessário que te guardes muito bem ou te arrancarão as orelhas, nalguma emboscada que te armarão pelos caminhos!

- Começo a achar que a tua idéia é brilhante, *Père Jérôme* - diz o rapaz. - E, quanto à emboscada, adoraria que o conde de *Villemandier* estivesse entre eles, para que sentisse o peso de meu florete!... Ha! Ha! Ha! Ha!...

- Que és um espadachim de primeira, não duvido, mas cautela nunca é demais, meu caro! - observa o outro.

- Entretanto, se vou ausentar-me da abadia, por longo tempo, necessitarei de uma autorização do abade, não é mesmo? E, para que não se levantem mais suspeitas sobre mim, será preciso que o convite parta do bispo, não achas? - sugere *Vincent*.

- Quanto a isso, encarrego-me de escrever-lhe, e logo receberás uma missiva com o lacre vermelho e dourado do bispado para justificares a tua ida a *Toulouse*... - diz o velho.

- Bem pensado, *Père Jérôme*... - exclama, satisfeito, o rapaz. A tarde já esmaecia, e o sol, lançando chispas vermelhas, era lentamente engolido pelo horizonte tingido de fogo pelo luar do arrebol, e dois cavaleiros solitários, como duas manchas escuras, perdiam-se a meio do imenso campo verde que ondulava, açulado pela suave brisa vespertina.

X

Nas malhas da paixão

Stella desperta com o forte troar das trompas da torre de vigia do castelo, anunciando a chegada de visitas. Quem seria tão cedo?... Curiosa, levanta-se, na semi-obscuridade do quarto de dormir, e abre uma fresta da janela que lhe possibilitaria observar a chegada dos forasteiros. Um séquito composto de uma dezena de cavaleiros acabava de adentrar o pátio principal, e o mordomo já estava a postos, ao pé da escada, em sua impecável libré azul-escura. Alguns criados haviam acorrido, pressurosos, a segurar as rédeas das montarias, para que os cavaleiros pudessem apeiar com mais segurança. Ouve o ruído dos cascos batendo, impacientes, contra as pedras quadranguladas do pátio, e a voz firme do mordomo perguntando:

- A quem devo anunciar, *Monseigneur*?

- Conde *Victorien de Foux*, senhor de *Villeamandier*! - responde uma voz tonitruante.

O mordomo faz meia volta e, célere, galga os degraus da escadaria principal, enquanto três cavalheiros, cobertos por chapelões negros e envoltos em longas capas escuras, destacam-se do grupo, seguem-no e desaparecem pelo pórtico da entrada principal do castelo. Os demais componentes do cortejo permanecem à espera, no pátio. Certamente, seriam os soldados que escoltavam seus senhores pelos caminhos peçados de salteadores e ladrões que viviam da rapina de viandantes incautos e desprevenidos.

Stella já se dispunha a fechar a janela e se voltar para o interior do quarto, quando algo inusitado chamou-lhe a atenção: sobre o largo parapeito de pedras da janela, jazia um ramalhete de belíssimas rosas brancas, ainda molhadas pelo orvalho da manhã, prova de que haviam sido colhidas havia pouco. Apanha o ramalhete, que trazia as hastes das flores unidas por um grosso cordão de linho, e o aproxima do rosto.

Segue-se, então, um momento mágico, em que a jovem sente-se tocar por aquele gesto de extrema sensibilidade e gentileza, e se deixa envolver pelo suave perfume que exalavam as flores recém-colhidas. As pétalas aveludadas das rosas tocam-lhe a delicada tez do rosto, como se fossem beijos de algum audacioso amante que, sorrateiro, ali tivesse aparecido de supetão.

Intensa felicidade invade-lhe o ser. Alguém a presenteava com rosas!... Como adivinhara que ela amava tanto as rosas?... E, logo as brancas, suas favoritas?... O pai, certamente, sabia de sua predileção pelas rosas brancas, mas ele não correria tanto risco, assim, escalando a parede de pedras, apenas para colocar o ramalhete no parapeito de sua janela. Então, quem seria o gentil cavalheiro?...

A lembrança de *Jean-Michel* veio-lhe, naturalmente, à mente. Ah, por certo havia sido ele!... Para realizar ato tão impetuoso, que requeria as habilidades de um excelente alpinista, só poderia ter sido *Jean-Michel*, que deveria estar acostumado a tais proezas em

suas conquistas amorosas. Ah, *Jean-Michel*, tão bonito, tão rico, mas tão distante de seu mundo!...

Esse pensamento trouxe a *Stella* certa consternação, pois ela tinha consciência de que não passaria de mais uma aventura para o jovem e impetuoso conde, acostumado a ter ao alcance das mãos tudo o que desejava. Alçar-se à nobreza era o sonho de qualquer um; entretanto, não conhecia ninguém que tivesse dado tal salto, e os que tentaram, foram terrivelmente ludibriados!... O pai advertira-a inúmeras vezes acerca desses fatos. As castas eram diferentes, e havia um abismo quase intransponível entre elas. Tolos os que criam que poderiam, uma vez nascidos sem o sangue azul, vir a ser um deles!

A jovem senta-se sobre o leito, acariciando, ternamente, as rosas que aconchegara ao colo. O perfume inebriante das flores fê-la chorar. Não amaria nunca?... Seu ser ansiava por amor, tinha desejos de ter um homem a seu lado, que a amasse e a respeitasse, acima de tudo, para juntos construïrem um lar. Estava cansada de não ter parada, de estar sempre viajando, sempre morando em lugares diferentes, longe de seu próprio lar. Queria ter uma casa, o marido, os filhos!... Queria cozinhar para ele, lavar as suas roupas, conversar com ele, quando chegasse cansado do trabalho estafante, mas honrado e digno. Coisas tão simples e comezinhas, mas tão distantes de sua realidade!... O pai educara-a de forma diferente, como se educa um homem, não uma mocinha sentimental como era ela. É certo que tivera uma educação formal e artística de primeira, mas se cansara!... E o coração?... Educa-se o coração, por acaso?... O pranto queima-lhe os olhos, e ela chora, deixando as lágrimas brotarem, aos borbotões, pela primeira vez em sua vida, até se transformarem numa torrente incontrolável que a sacudiu, violentamente, em espasmos de dor. A dor da alma que, como navalha afiadíssima, corta fino e doído, fundo na carne...

O choro convulsivo deixa-a prostrada no leito, ao lado do ramalhete das delicadas e perfumadas rosas brancas, que recebera de um desconhecido naquela manhã...

Neste comenos, no salão principal do castelo, estavam reunidos três cavalheiros que aguardavam o castelão. Eram o conde *Victorien de Foux*, *Hippolyte Duchesne*, o tesoureiro da abadia, e *Jujonet*. O conde *de Foux* estava de pé, agitado, e andava de um lado para outro, torcendo as mãos, demonstrando o quão impaciente estava. Os tacões de suas botas batiam, insistentemente, no piso de pedras polidas do salão, arrancando um som surdo e irritante. Rilhando os dentes, como se mastigasse as palavras, vocifera para os dois companheiros que permaneciam sentados:

- *Clairmont* também o odeia e, unidos, será mais fácil mandá-lo para o inferno!... Vereis, meus amigos, ora se vereis!...

- É preciso ter cautela, *Victorien!*... - diz *Jujonet*, aparentando tranqüillidade. - Façamos as coisas, sem deixarmos rastros, ou teremos que sair correndo e abandonando nossas coisas pelo caminho...

- *Jujonet* está certo, caro conde - fala *Duchesne*, tentando acalmar o outro. - Conheço o barão *de Quentin*, pois vivo com ele e sei que tem total apoio do bispo de *Toulouse*, de quem é amigo desde longa data. Se pretendeis matá-lo, é preciso fazer tudo de modo que pareça acidente ou coisa semelhante, senão...

- Senão toda a cúria desabarará sobre nós, não é mesmo? - atalha o conde, profundamente irritado. - E, depois que meterem as garras em nós, nem satã irá nos salvar, não é?

- Tens alguma dúvida? - observa *Jujonet*. E, continua: - Sequer o rei pôde fazer algo contra o barão... Já te esqueceste?

Nesta altura da conversa, a voz tonitruante de *Henri de Clairmont* fez-se anunciar:

-*Bonjour, mes amis!*... ¹ Que grata surpresa!... A que devo tanta honra?...

(1) "— Bom-dia, meus amigos!...", em francês.

- exclama ele, abraçando, efusivamente, os visitantes, um a um.

- Problemas, *Henri*, problemas! diz-lhe o conde *de Foux*. E, continua: - E que te dizem respeito, também!

Sentam-se os quatro, e *Clairmont* dirige-se a *de Foux*:

- Dize-me o que te aflige, *Victorien*!

- Fomos descobertos, meu caro!... Sei onde está teu velho desafeto, e foi ele quem nos delatou! - conta-lhe, lacônico, *Victorien de Foux*.

- Que me dizes!?... Encontraste o maldito!?... - berra *Clairmont* com um sobressalto.

- Sim, e se esconde atrás de uma roupeta dos dominicanos, em *Saint Michel Aix-en-Provence*!... - responde-lhe *de Foux*.

- Não!... Estás brincando comigo!... - e, o olhar de *Clairmont* ilumina-se, de repente. - Trouxeste-me tal alegria hoje?

- Por que haveria de mentir?... - diz *de Foux*. E, prossegue: - Mas, prepara-te que ele acaba de aprontar mais uma das suas: descobriu tudo sobre nossos negócios e nos denunciou à cúria!

- Demônio!... Desta vez, não me escapa!... Quero eu mesmo matá-lo!

- explode *Clairmont*.

- Calma, *mon ami*, calma!... - diz *de Foux*, tranqüilizando-o. E, prossegue: - Se fosse fácil matá-lo, eu mesmo já o teria feito!... Antes, seria bom que ficasses a par de tudo. Conto-te...

A intervalos, ouviam-se altas imprecações de *Henri de Clairmont*, à medida que *Victorien de Foux* ia narrando-lhe os fatos. Depois, confabulavam os quatro a meia voz:

- Precisamos armar, então, um plano para matá-lo, sem deixarmos pistas - diz *Clairmont*.

- Sobre isso já estávamos de acordo - observa *de Foux*. - O abade em pessoa recomenda que, se formos descobertos, teremos que correr como ratos chamuscados ou seremos esmagados como vermes!

- Deixando para trás tudo o que juntamos todos esses anos? - troveja *Clairmont*, irritadíssimo. - Jamais!... Prefiro a morte a fugir como um rato!

- Entretanto, poderá não haver outra saída! - exclama *Duchesne* um pouco aflito. - Não conheceis o peso da mão da Inquisição!...

- És um covarde, *Duchesne!* - explode *Clairmont*, dando um soco no peito do tesoureiro da abadia. E, continua: - Por onde anda *Louperon*?... Já voltou da América?... Olhem lá que nos engana a todos!... *Guillaume Louperon* é um pirata deslavado, assassino e mentiroso!... Eu já o ajudei a livrar-se da forca, uma vez, intercedendo junto ao duque de *Guise*, mas não confio nele!... E, a dizer que tem sangue azul!...

- Ter sangue azul não garante a probidade moral de ninguém, meu caro conde! - observa *Jujonet*, com uma forte pitada de cinismo às considerações de *Clairmont*. E, continua: - Todos sabemos que *Louperon*, antigo marquês de *Marsillac*, estourou os bens de família nas rodas de jogo e nos bordéis de luxo de Paris e até vendeu o título nobiliárquico para saldar dívidas!... E, como não tinha mais um vintém, teve que se virar, engajando-se num navio pirata!

Com o rabo dos olhos, *Victorien de Foux* lança para *Jujonet* um olhar faiscante de raiva e o corrige, indignado:

- Corsário!... Como ousas dizer que nosso camarada é um pirata?!... *Louperon* refez sua fortuna de modo ordeiro. Acho que não sabes bem a diferença entre um pirata e um corsário!

- De modo ordeiro?!... Ha! Ha! Ha! Ha!... - explode, numa ruidosa gargalhada, o conde *Henri de Clairmont*. - Ah, meu velho, defendes teu amigo, porque és como ele!... Aliás, tu financiaste o primeiro navio, para que ele entrasse no ramo da rapinagem!... Ha! Ha! Ha! Ha!... E, lucrastes tanto, tu e ele, que hoje tendes uma frota, não é mesmo?... E, sei bem de onde tiraste o dinheiro para financiar aquele navio, meu caro!...

Victorien de Foux levanta-se, indignado. E, vermelho de fúria, diz ao anfitrião:

- Não vim até aqui para ser humilhado por ti, *Clairmont!*... E, se queres mesmo saber, tudo o que disseste é verdade!... Mas, tu também estás metido nisso até o pescoço!... Ou te esqueces de que

és sócio no negócio de traficar escravos da África para a América?... Agora, chega!... Vim para dizer-te que o maldito barão *de Quentin* denunciou-nos ao bispo de *Toulouse*, e corremos o risco de perder tudo!

- Ou até de balançarmos numa bela forca, meu caro conde! - diz *Duchesne*. - Todos nós estamos metidos nesta negociata e, se a denúncia for adiante, seremos todos presos!

- Sempre corremos riscos, covarde! - diz *Clairmont*, fuzilando-o com o olhar e deixando patente que abominava o tesoureiro da abadia. E, continua: - Ou tu achas que não sei o risco que corro, com os galeões espanhóis e, agora, também os ingleses, patrulhando o mar e perseguindo os navios piratas?... O tráfico de negros é mais seguro e dentro da lei!... Se *Louperon* está à cata de mais dinheiro, é porque está roubando-nos!

- Posso garantir-te que *Louperon* não está a roubar-nos, meu caro conde! - exclama *Victorien de Foux*. - Apenas que três dos nossos navios foram abatidos pelos espanhóis e tivemos que os repor, o que não ficou nada barato, pois bem sabes quanto custa equipar uma nau de linha!

- E, para isso, continuaram metendo a mão no dinheiro da abadia!... E, às claras, deixando um rastro de moedas por onde passaram, não é mesmo? - grita, estentóricamente, *Henri de Clairmont*. - Custava serem um pouco mais discretos?

- Discretos!? - levanta-se, furioso, *Victorien de Foux*. - Tivemos que roubar alguns milhares de luíses e querias que fosse como?... Ora, não sejas cínico!

- Bem, bem, deixemos de brigas!... - diz, por fim, o conde *de Clairmont*, percebendo que os ânimos exacerbavam ao limite. E continua, mais afável: - Temos de encontrar uma solução plausível para este impasse que nos criou aquele miserável!...

- Então o que sugeres? - pergunta *de Foux*.

- Que temos de matá-lo, não resta a menor dúvida! Mas, como fazê-lo, sem levantar suspeita sobre nós? - observa o conde *de Clairmont*.

- Sou do ponto de vista de que temos que fugir, enquanto é tempo - diz *Duchesne*.
- Fugir?! - exclama *Clairmont*, demonstrando irritação com a sugestão do outro. - Só saio daqui morto!
- Se matarmos *Quentin*, teremos de matar o bispo também - observa *Jujonet*, do fundo de sua costumeira fleuma.
- E também, o arcebispo e o papa!... - exclama *de Foux*, furioso.
- E, nessa brincadeira, mataremos o clero todo!... Ha! Ha! Ha! Ha!...
- escancara-se *Clairmont*, numa ruidosa gargalhada.
- Senhores - exclama *de Foux*, sério -, sugiro que atraiamos *Quentin* para uma armadilha, longe da abadia, e lá o matemos, dando sumiço no cadáver!
- Sim - concorda *Clairmont*. - De preferência, num desses bordéis de beira de caminho, para dar mais firmeza ao fato. Não nos será difícil encomendar um matador para a façanha, e armar uma briga de bodega, para o caso de o bispo tentar uma investigação posterior sobre a morte de seu protegido.
- Muito bem! - exclama, contente, *de Foux*. - Agora, voltaremos e nos deteremos na abadia, para termos um colóquio com *Jean du Morel*, pois caberá a ele descobrir um estratagema para que o barão morda a isca!
- Não ireis sem almoçar comigo, companheiros!... - exclama *Clairmont*, satisfeitiíssimo.

A luz do sol iluminava fortemente o salão principal onde se encontravam os quatro, indicando que o dia já avançara bastante. *Henri de Clairmont*, solícito, convida-os a passarem ao salão de banquetes onde já se lhes preparavam farta comezaina. Lá, aguardavam-nos a condessa, o filho e o sobrinho. Apresentados os cumprimentos dos visitantes, inicia-se o almoço a meio de risos e palestras animadas pelo copioso vinho servido.

Passaram o resto da tarde entre comilanças e bebedeira de vinhos e licores e, quando se dispuseram a partir, a noite já vinha caindo,

célere. Resolveram, então, pernoitar no castelo e partir aos primeiros albos da manhã do dia seguinte.

Mal o dia seguinte clareava, o ruído de inusitada azáfama de criados, num vozerio nervoso, mais o bater de cascos no piso de pedras e o relinchar de alimárias fizeram com que fosse quebrada a costumeira tranqüilidade das manhãs no castelo.

Stella acordou com o barulho que vinha do pátio fronteiro, e a curiosidade fê-la levantar-se e espiar lá embaixo, pela fresta da janela que apenas entreabriria para não ser notada. Verifica que eram os mesmos cavaleiros da véspera que ora estavam de partida. Criados prestativos seguravam as rédeas dos fogosos cavalos que ansiavam por partir. Alguns minutos mais e o séquito saiu em marcha, com os cascos dos animais arrancando sons cadenciados e surdos do piso de pedras, à semelhança do toque de caixas de uma fanfarra num desfile militar. O olhar da jovem segue o cortejo até vê-lo desaparecer, transpondo a muralha pelo portão principal-

Do alto da torre de vigia, um soldado dá a ordem para trancarem o portão, que se fecha com um estrondo.

Stella decide, então, escancarar a janela para espreguiçar-se, banhando-se nos primeiros raios do sol nascente, quando nota, novamente, sobre o parapeito de pedras, o insólito presente que se repetia como na manhã anterior: o ramalhete de rosas brancas!

O coração bate-lhe, descompassado. O delicado gesto toca-lhe profundamente a alma! Apanha, com as mãos trêmulas, o ramalhete de rosas brancas, ainda salpicadas com gotículas frias do orvalho. Desta vez, leva as flores até os lábios e as beija, delicadamente. Aspira o aroma, repetidas vezes, e sente o perfume inebriante tontear-lhe a cabeça. Diz, baixinho, abraçando-se às flores:

- Beijo-te, amado, sejas tu quem fores!... Se adivinhaste que amo as rosas tanto assim, é porque, algures, já nos conhecemos!... Amo-te, mesmo sem saber quem és...

Tão absorta estava em seu enlevo com as flores que não ouviu que batiam à porta. A maçaneta gira, delicadamente, uma cabeça aponta e diz baixinho:

-*Stella!*... Estás aí?...

O inesperado chamado fez *Stella* assustar-se e procura re-compor-se, apressada:

- Oh, *Claire*, entra, por favor!... Estava distraída!... A criada entra, carregando uma bandeja.

- Teu desjejum - e, percebendo o ramalhete de rosas que a outra trazia junto ao regaço, exclama: - Oh, recebeste flores!... *C'est un magnifique bouquet de roses!*...²

Stella, que ainda abraçava o ramalhete de rosas brancas, cora por instantes. Controlando-se, pergunta à criada:

-*Claire*, tu que te levantas sempre tão cedo e andas por todo o castelo, não viste, nunca, alguém colhendo flores de madrugada?

-Ah, andas recebendo flores e não sabes de quem, *n'est-ce pas?*... - observa a criada, com um sorriso maroto nos lábios. E, prossegue: - Mas, não, não vi ninguém colhendo rosas, *ma chérie!*...

- Estranho, *Claire*, pois venho recebendo essas flores, anonimamente, e sempre que abro a janela, de manhã, lá estão elas sobre o parapeito! - diz, intrigada, *Stella*.

- Uh-lá-lá!... - exclama a criada, efusivamente, e rindo muito.

- Então, temos um admirador secreto?... E, muito forte, pois, para colocar as rosas aí, tem de escalar um bom pedaço de parede!... -diz isso, aproximando-se da janela e espiando a altura até o chão.

- Forte, mesmo, ou um alpinista!...

- Quem poderia ser, *Claire?* - pergunta a outra.

- Não tenho a mínima idéia, *ma amie!*... Um soldado, um cavaliço, um criado?... Não sei... - responde a criada. E, achando tudo muito divertido, continua: - Mas, que tens um admirador secreto, lá isso tens!... *Que belle chance!*...

(2) "É um magnífico buquê de rosas!...", em francês.

- Não sei se é sorte, como dizes, *Claire*... - observa *Stella*. E, prossegue, mostrando-se altamente intrigada: - Mas, quem será?

- Tenho uma idéia para sabermos quem é teu admirador secreto! - exclama a criada.

- Dize lá! Farei qualquer coisa para descobrir, pois isso já está intrigando-me muito! - diz *Stella*.

- Certamente, ele apanha as rosas bem de manhãzinha, ainda, quando todo o castelo dorme - observa a criada. - Então, levantar-me-ei mais cedo, amanhã, e virei bater à tua porta, alertando-te da hora. O alpinista misterioso deverá fazer um mínimo de ruído, não é mesmo?... Então, tu o apanharás com a boca na botija!... *D'accord?*

- De acordo, *Claire*!... - concorda, muito animada, a jovem escultora.

- Amanhã descobriremos quem é o tal admirador misterioso!

Uma vez só, no quarto, a imaginação de *Stella* voa. Não seria *Jean-Michel*?... Ele insistira tanto, queria conhecê-la melhor, porém ela se mostrara tão ríspida que ele sequer tentara aproximar-se, como da primeira vez. Vira-o outras vezes, mas estava sempre em companhia do primo e se limitara a saudá-la, de longe, um tanto friamente. Será que o jovem conde não estaria tentando aproximar-se dela de novo, só que, desta vez, de modo romântico, mais cavalheiresco, buscando, assim, conquistar-lhe o coração?

A dúvida é um sentimento que incomoda e carrega apreensões e inconstância ao pensamento das pessoas. *Stella* sentia-se intranquila.

Não seria bom comentar esse episódio com o pai?... Ele era mais velho, experiente, e poderia aconselhá-la. Sim, durante o almoço, contar-lhe-ia tudo, pois não era bom ocultar tais segredos que, fatalmente, seriam descobertos por ele. Viviam num ambiente tão restrito, como era o castelo, onde seria impossível esconder tais coisas por muito tempo. Havia muitos olhos e muitos ouvidos perscrutando tudo o tempo todo...

Veste-se e desce para o trabalho, pois o pai, certamente, já a aguardaria, no salão de festas, para o término do trabalho de restauração. De fato, *Don Lorenzo*, assoviando uma cançoneta alegre,

já recomeçara o meticuloso trabalho de entalhar a madeira escura dos painéis que recobririam parte das velhas e enegrecidas paredes de pedras do salão de festas. O desenho era minucioso, representando ninfas, faunos e outras figuras mitológicas que bailavam, sob um dossel de trepadeiras floridas, numa clareira de um bosque.

- *Buongiorno, signorina!*... - saúda-a, festivamente, o pai. -Dormiste bem?

- *Si, papà!* - responde-lhe de volta a jovem, embora os olhinhos marrom-mel traíssem-na, demonstrando que estava um pouco confusa.

Don Lorenzo Scalchi conhecia, profundamente, a filha e não lhe passou despercebido que ela estava um pouco ansiosa. A jovem já havia se enfronhado no serviço e, ora com um formãozinho, ora com um pequeno e delicado escopro, com a delicadeza que lhe era peculiar, ia dando forma aos desenhos que iam surgindo em alto relevo na peça de madeira. O pai, profundamente entretido, também cinzelava a madeira, com a precisão do mestre que era. Vez por outra, espiava a filha, com o canto dos olhos, e sabia que ela escondia algo. Estava por demais concentrada no serviço e não trocava mais que duas ou três palavras com ele, o que era diverso do caráter da moça, que gostava de prostrar-se com o pai e até mesmo de dizer-lhe algumas pilhérias.

A manhã transcorreu-se assim, sem que *Stella* dissesse algo ao pai. A tarde já avançava, e *Don Lorenzo*, depondo o material de escultura, bradou, sorridente:

- *Ho fame io, e tu?*³

- Também estou faminta, *papá*. Podemos parar para o almoço - diz ela.

Deixam o salão de festas e vão para a copa, no andar inferior. Enquanto comem, *Don Lorenzo* pergunta:

- *Che cosa c'è, figliola mia?*...⁴ Sinto que me escondes algo...

- Tens bom faro, *papá!*... És quase um gato!... Olha que te contratam, para pões fim aos ratos do castelo!...

Don Lorenzo dá boas gargalhadas com o fino humor da filha. Mais por perceber que, se ela estava fazendo piadas com ele, o que a incomodava não deveria ser nada de grave.

- Mas, que tens algo escondido aí dentro, tens, não tens?...

- pergunta ele, em tom jocoso, e lhe apontando o peito com um dedo.

- Tenho, *papá*, c vou dizer-te - diz ela, encarando-o.

Don Lorenzo passa a acompanhar, com profundo interesse, a narrativa da filha acerca das rosas que vinha recebendo. E, contrariamente ao que *Stella* esperava, o rosto do pai ia iluminando-se, e seus olhos brilhavam de satisfação. Terminando de contar-lhe tudo, espantou-se ainda mais ao ouvi-lo exclamar, efusivo:

- *Bravo!... Bravíssimo, Stella!... Tu non sai come sono contento!...*⁵

- Deveras, *papá?!...* - exclama ela. - E eu tão preocupada com isso!...

- Ah, *Stella*, não sabes como ficaria feliz, se te apaixonasses, de verdade, por alguém que realmente fosse digno de ti!... Juro-te!...

- diz *Don Lorenzo*, apertando, afetuosamente, a mão da filha. E, continua: - Não sabes o quanto me preocupo em saber que posso ir-me, sem que te tenhas casado!... Enganas-te, se pensas que tenho ciúme de ti!... Todas as noites, em minhas orações, peço a Deus que não permita que eu deixe este mundo, sem que, antes, tenhas constituído a tua família!

Duas grossas lágrimas deixam os olhos de *Don Lorenzo* e, rolando, face abaixo, molham-lhe as rosadas bochechas. Abraça-se à filha, comovido. Como a amava!... Era a doce herança que lhe deixara a esposa, ao ir-se tão jovem!

(3)"- Estou faminto, e tu?", em italiano.

(4)"- Que é que há, filhinha minha?... ", em italiano.

(5)"- Bravo!... Brevíssimo, Stella!.... Tu não sabes como estou contentel!...", em italiano.

- Não tens idéia de quem seja? - pergunta à filha, também ele, agora, cheio de curiosidade.

- *Não, papá;* ou melhor, acho que pode ser uma pessoa... - diz, reticente, *Stella*.

-Ah, então desconfias de alguém!... Vá, lá, não sejas tímida!...

- encoraja-a *Don Lorenzo*, muito ansioso.

- Não sei se devo, *papa*... É apenas uma suspeita!... - exclama ela, sentindo-se imensamente inibida diante do pai.

- Suspeita ou não, agora quero saber!... - diz *Don Lorenzo*. E acrescenta, piscando-lhe, marotamente, um olho: - Quem sabe não acertas, hein?

- Está bem, papà! - aquiesce ela, por fim. E, prossegue: - Mas, veja bem: eu disse que é apenas uma suspeita, não certeza!

- Dize, dize ou me matas de curiosidade!...

-Acredito que talvez seja o jovem conde *de Clairmont!* - diz ela, de uma só vez, e enrubesce, em seguida, baixando os olhos. Não teve coragem de encarar o pai.

Don Lorenzo deixa escapar uma expressão de grande surpresa. Mal consegue responder à filha:

- O que dizes?!... Como podes dizer tal coisa?!... Tiveste algum encontro com ele?... Agora quero saber tudo!... - consegue fazer, por fim, uma avalanche de perguntas, num timbre de voz que começava a chamar a atenção.

- Fala baixo, *papà!*... - diz *Stella*, preocupada. - Não quero que nos ouçam!... Tu sabes como são os criados!...

- Está bem - concorda *Don Lorenzo*. - Tens razão, este assunto é delicado demais para ser tratado aqui!... Vamos até meu quarto.

Don Lorenzo estava excitadíssimo com a revelação que lhe fizera a filha. Então era isso a esquisitice dela?... Estaria apaixonada pelo filho do castelão? Não conseguia conter-se e queria saber de tudo:

- Agora estamos sós, *figlia mia!*... Não pode ser o que me contas!... Logo ele?!... - exclama, dando mostras de profunda preocupação.

- Não, *papa*, não quis dizer que estou apaixonada por *Jean-Michel*; disse-te que apenas desconfio ser ele o admirador misterioso que deposita flores no parapeito de minha janela, de manhã

- explica *Stella*.

- Mas, tens que ter um motivo para acares que seja ele! -exclama, um tanto confuso, *Don Lorenzo*.

- Vou explicar-te - e, conta ao pai os momentos que conversou com o jovem conde e a tentativa de flerte.

- Ah, bom!... É ele! - diz *Don Lorenzo*, abrindo um largo sorriso. E, continua: - Só tu não percebes o quanto os rapazes olham-te com interesse, minha cara!... E sei que esse condezinho aí não ficaria de fora!... Rendeu-se também à tua formosura!

- Ah, *papà!* Tu sonhas!... - exclama *Stella*, baixando, triste, o rosto. - Achas realmente que alguém da nobreza possa interessar-se por alguém que não seja de seu meio?... Tu mesmo me disseste várias vezes que me acautelasse com isso!... Esqueceste?

- Não, não me esqueci, mas tu és uma princesa e deixas qualquer homem boquiaberto, minha cara!... Quem sabe?...

- diz ele, erguendo-lhe, delicadamente, o queixo, com a ponta dos dedos.

- Não alimento ilusões, *papa!*... - diz ela. - E, depois, disse-me a condessa que o filho é a cópia fiel do pai: mulherengo e doidivasas!... Se a própria mãe diz...

- Tens razão, mas não te custará nada averiguares se é ele mesmo o autor da façanha... - diz *Don Lorenzo*, numa tentativa de convencê-la a verificar quem, de fato, era o rapaz que lhe fazia a corte de modo tão peculiar.

Naquela noite, *Stella* custou a conciliar o sono. Uma sucessão de pensamentos díspares ocupava-lhe a mente, abrindo espaço para uma insónia teimosa e incomum. Quando, finalmente, adormeceu, já passava da meia-noite. Rolara tanto na cama, como jamais havia feito em toda a sua vida. Advinham-lhe as primeiras tribulações, das que soem acometer todas as criaturas neste mundo, quando se

Ihes avizinha o tempo de tomarem as rédeas do próprio destino. É sempre doloroso crescer, ficar adulto, ter que se defrontar com as primeiras grandes adversidades da vida, e as coisas do coração sempre são tidas como provas difíceis e, na maioria das vezes, dolorosíssimas, comprometendo o ser, por completo, sem lhe dar tréguas.

Para *Stella* não fora diferente: o fato de já estar bastante adulta e, numa época em que as moças costumavam casar-se até os quinze anos, ela já poderia considerar-se uma solteirona. Poderia ter se casado, já havia tempos, se tivesse desejado. Mas, e o pai? Pensara nele, que só tinha a ela neste mundo e, se ela o tivesse deixado, ele já teria morrido de tristeza, por certo. E o amor?... Casar-se por casar, simplesmente, com um oficial de carpintaria ou um escultor, sem amor, que vida poderia esperar?... Ter uma porção de filhos, uma família. Mas, *Stella* queria mais que isso, queria o amor - todo o seu ser ansiava por amor - e sabia que um dia iria encontrá-lo, cedo ou tarde, e então, decidir-se-ia. Tinha consciência de que o pai desejava vê-la casada, mas, ao mesmo tempo, ele ficaria só. *Jean-Michel* vinha-lhe à mente, sorridente, lindo, os olhos azuis como os da condessa *Catherine*; o hálito perfumado, e a voz quente e aveludada. Seria ele seu grande amor?... Mas, ah, infelicidade, seria um amor impossível, irrealizável!... Dessa forma, ela não queria, pois certamente seria rejeitada, senão por *Jean-Michel*, mas pelo pai do rapaz, de quem já conhecia a fama!... À condessa, sabia que pouco lhe importavam as convenções sociais e a aceitaria de braços abertos; entretanto, o conde só a veria como uma diversão passageira, da qual o filho deveria tirar o máximo proveito e, em seguida, deitá-la fora, como se faz com uma garrafa de vinho vazia, após se ter deliciado com seu inebriante conteúdo.

Depois, cai num sono agitado, cheio de sonhos incompreensíveis em que se via perseguida por cães ferozes que ameaçavam estraçalhá-la com dentes brancos, agudíssimos, que se projetavam de bocas hiantes e de onde escorria espessa saliva. De madrugada,

desperta com leves toques dos nós dos dedos na porta. Acorda, um tanto sobressaltada, pois estava muito escuro ainda, e lhe custou um pouco para localizar-se a meio das trevas reinantes no ambiente. Tateando e, com certa dificuldade, conseguiu localizar a pederneira e o fuzil, para petiscar as fagulhas, fazer fogo e acender a vela do castiçal que mantinha ao lado do leito.

Abriu uma meia porta e se deparou com *Claire*, que lhe sussurrou, quase inaudivelmente:

- *C'est l'heure, mademoiselle!...*⁶ E bem cedo, mas não posso ficar, pois já tenho tarefas a fazer na cozinha.

- *Merci, Claire!...* Estarei atenta! - agradece, gentil, a solicitude da criada.

- *Je te désire très bonne chance, ma amie!...*⁷ Mas, quererei saber das novidades, hein!... *Au revoir!* - despede-se *Claire*, perdendo-se na escuridão do corredor.

Stella apaga a luz, deixando o quarto mergulhar, novamente, na escuridão, e se senta no leito, ouvidos atentos, pronta a decifrar qualquer barulho que viesse do exterior da janela. O tempo escoava-se, devagar, e apenas se ouvia o ruído leve do vento assoviando, baixinho, ao passar pelas frestas dos caixilhos da janela. Embalada pela suave cantiga do vento, *Stella* principia a cochilar e despende esforços enormes para manter-se acordada - consequência da insónia que tivera quase toda a noite.

Entretanto, um bom tempo depois, acorda assustada, pois já amanhecia e, ainda um pouco atordoada, corre até a janela e a escancara. Ali estavam elas, sem o frescor do rocío, posto que haviam sido enxutas pelo ventinho ameno que soprava insistente, naquela manhã, mas estavam ali: brancas, atadas num buquê pelo mesmo tipo de cordão de serrapilheira...

(6)"- Está na hora, senhorita!...", em francês.

(7)"- Eu te desejo muito boa sorte, minha amiga!...", em francês.

Stella apanha as flores e as abraça com cuidado. O coração bate-lhe apressado. O mesmo perfume!... Ah, como aquele gesto lhe tocava o coração!... Entretanto, chateia-se: perdera a oportunidade, pois adormecera e não conseguira flagrar seu admirador secreto. Pena!... O pai e *Claire* ficariam desapontados com ela, mas que fazer? Estava exausta, não havia dormido bem e acabara por cair no sono.

Ninava as rosas, abraçando-as junto ao colo, sentindo-lhes o odor e conversando com elas:

- *Oh, mes petites!... Combien je vous aime!...*⁸

Batidas na porta tiram-na do enlevo com as rosas. Era *Claire*, trazendo-lhe o desjejum:

- Então, *mademoiselle*, descobriste o tal? - pergunta a criada, cheia de curiosidade. - Vejo que te trouxe rosas de novo!

- Sim, *Claire*, trouxe-me flores, outra vez, mas não o vi! - diz, chateada, *Stella*.

- Como não o viste? Não deu tempo? É tão rápido assim? - despeja a criada urna avalanche de perguntas.

- Não, não, *Claire!* Depois que saíste, eu dormi! - responde, envergonhada, *Stella*.

- *Mais non, mademoiselle!...* Dormiste?! - exclama, desapontada, *Claire*.

- Sinto muito, *Claire*, mas é que não havia dormido direito... Sabes como é, a ansiedade e o nervosismo tiraram-me o sono - esclarece *Stella*, demonstrando forte abatimento.

- Mas, não desistiremos, não é? - pergunta a outra, procurando injetar-lhe, novamente, o ânimo.

- Oh, não!... - exclama a jovem escultora. - Agora é ponto de honra saber quem é o autor desta façanha, não é mesmo?

- Ai, ardo-me de curiosidade, *mademoiselle!...* - diz a criada, não economizando suas efusivas demonstrações de simpatia pela jovem artesã. - Torço para que seja alguém à tua altura e de teu gosto!

(8) "- Oh, minhas pequenas!... Como eu vos amo!...", em francês.

- Dize-me, *Claire*, já te apaixonaste de verdade? - pergunta *Stella*.
- Oh, *mademoiselle!*... E como me apaixonei! - exclama, feliz, a criada.
- E posso saber quem é o eleito de teu coração? - pergunta, curiosa, a outra.
- *Mais oui, mademoiselle*, não é segredo para ninguém!... - responde *Claire* e prossegue cheia de orgulho: - Trata-se de *François Fourèges*, o capitão da guarda do castelo. Tu o conheces?
- Sim, de vista. É um belo rapagão, hein? - diz *Stella*, não poupando elogios ao noivo da outra. - Tiveste bom gosto!
- *Merci, mademoiselle!*... - agradece a criada, fazendo ligeira reverência. E, continua: - Vamos casar-nos em breve. A condessa deu-nos a sua bênção e permitiu que ocupássemos um aposento de casal e, como *François* é militar de confiança do conde, tem o direito de morar na ala dos servidores mais graduados. Se ainda estiveres por aqui, serás minha convidada para a cerimônia que o padre *Dévèreux* realizará na capela do castelo!
- Oh, que bom, *Claire!*... Fico feliz em saber que já delineaste teu futuro ao lado de quem amas! - diz *Stella*, demonstrando sincera alegria pela felicidade da amiga.
- *Oui, mademoiselle*, e dou graças a Deus, pois não tenho mais ninguém neste mundo; já tenho dezenove anos e, se não tivesse encontrado *François*, não sei o que seria de mim! - diz a criada.
- És uma moça bonita, *Claire*, e tens todo o direito à felicidade, como qualquer um!... - observa *Stella*. E, baixando os olhos, cheia de tristeza, prossegue: - Quanto a mim... só Deus sabe o dia em que poderei estar, assim, feliz como tu!
- Ah, *mademoiselle*, não digas tais coisas!... - diz a criada, condoendo-se pela tristeza da amiga. - Tenha confiança!... Teu príncipe aí está a trazer-te flores!
- Torço para que seja realmente meu príncipe, como dizes, *Claire*, porque já me desanimo... - diz *Stella*, com um profundo suspiro.
- Quem sabe não é o jovem conde *Jean-Michel*, hein? - diz *Claire*, piscando-lhe, marotamente, um olho.

Stella tem um ligeiríssimo e quase imperceptível rubor que, apesar de efêmero e instantaneamente controlado, não passou despercebido da espertíssima *Claire*.

- Viste só?... Há quem balance teu coraçãozinho, não é mesmo? - observa a criada, dando um risinho patusco. E continua: - Não a culpo por isso, *mademoiselle*, pois *Jean-Michel* é tão bonito e elegante que mexe até com o coração das estátuas do jardim!... Mas, se tu o amas, luta por ele!... A propósito, não será ele o autor dessa façanha de pôr rosas à tua janela?

- Acho que em ti posso confiar, *Claire* - diz *Stella*, vendo na amiga a confidente de que precisava. - E, confesso-te: já pensei ser ele o misterioso admirador, e também, que meu coração sente-se atraído por ele!

- Não sei se te felicito ou se tenho pena de ti, *Stella!* - exclama *Claire*. E, prossegue, um tanto titubeante: - Mas, como te dizer?... Com a mesma intensidade com que é bonito e atraente, *Jean-Michel* é também volúvel e conquistador!... Vive à cata de aventuras!... Tu já deves ter percebido, pois ele e o primo saem à noite e só voltam de madrugada; dormem praticamente o dia todo para, novamente, mal escurecendo, voltarem à caça de novas aventuras!... Percebes?

- Já o sabia, *Claire* - diz *Stella*, extremamente abatida. E, prossegue, profundamente desalentada: - Tudo o que me contas é verdade. Entendes, agora, o meu drama?

- E o pior é que nem as criadas escapam de seu apetite! - observa *Claire*. - Vive perseguindo-nos a todas, sem nos dar tréguas!

- Não me digas!... Já te perseguiu alguma vez? - pergunta *Stella*.

- Sim, muitas e muitas vezes, e me foi muito difícil escapar de suas investidas!... - diz a criada, profundamente indignada. E, prossegue:

- Entretanto, muitas moças servem no castelo, e existem aquelas que gostam e cooperam, cedendo aos desejos do jovem conde...

- Que delas apenas se aproveita... - atalha *Stella*.

- Infelizmente, sim, *mademoiselle*, e sinto muito ter de dizer-te tais coisas.

Stella deixa escapar profundo suspiro que traduziu toda a incerteza que lhe ia pela alma. Mas, ergue-se e, resoluto como sempre, diz:

- Creio no destino e nas surpresas - boas ou más - que ele, invariavelmente, costuma reservar-nos, em cada curva de nossa vida. Mas, *ma bonne amie*, meu pai aguarda-me e, se não quiser levar uma bronca daquelas, devo apressar-me! - e sai, para juntar-se ao pai que, àquela hora, já devia estar mergulhado no trabalho.

De fato, *Don Lorenzo* já trabalhava no atelier, montado num pequeno salão do andar superior, ao lado da biblioteca, onde a condessa costumava passar horas, lendo, e era comum *Catherine* ir, de vez em quando, dar uma espiada em ambos que trabalhavam, nesse tempo, no restauro de antigas pinturas a óleo do acervo do castelo. Eram antigas obras, adquiridas pelos ancestrais do conde, e que necessitavam de trabalho meticuloso de reparo e restauração da pintura original, serviço que *Stella* e o pai sabiam executar com magnífica perfeição.

Don Lorenzo abre largo sorriso ao ver a filha e pergunta-lhe, curioso:

- *Ed allora, figlia mia, è scoperta l'ammiratore segreto?*

- *Non, papà* - diz-lhe *Stella*, meio desenhada. E, em seguida, narra-lhe toda a aventura da véspera, incluindo o plano que armara com *Claire* e conclui: - Mas, não pude descobri-lo, porque eu dormi...

- Dormiste!?!... - admira-se o pai. E, depois, cai na gargalhada: - Ha! Ha! Ha! Ha!... Vejo que estás deveras interessada em descobrires teu admirador secreto!... *Non è vero?*... Ha! Ha! Ha! Ha!...

- Não zombes de mim, *papà!*... - diz a jovem, enrubescendo. - Não te passou que posso ter dormido, de manhãzinha, exatamente por não ter conseguido pregar os olhos quase a noite inteira?

- *Oh, scusatemi, figlia mia!*...¹⁰ - diz *Don Lorenzo*, abraçando-a, ternamente. - Preocupou-te tanto assim?

(9) "- E então, minha filha, descobriste o admirador secreto?", em italiano.

(10) "- Oh, desculpa-me, minha filha!...", em italiano.

- *Si, papá* - responde ela, e um par de lágrimas rolou-lhe face abaixo, embotando-lhe o brilho dos dois olhinhos marrom-mel, costumeiramente vivazes até então.

A atitude da filha, cheia de dolorida e sincera inquietação, chama a atenção do pai, principiando a preocupá-lo.

- *Stella!... Ah, figliola mia!...* - exclama ele, altamente condoído pela situação conflituosa em que se achava a filha. E, prossegue, tomando-a, ternamente, nos braços: - *Magoei-te?... Desculpa-me, per favore!...* Não sabia que estavas levando isso tão a sério!...

- E não deveria? - diz a jovem, encarando-o com os olhos rasos de pranto. E, prossegue, cheia de dor: - *Trata-se de minha vida, papá!...* Não vês que já estou crescida demais, que envelheço?

Don Lorenzo abraça-a mais fortemente, percebendo que a filha estava sentindo-se desprotegida e era preciso amá-la ainda mais, dar-lhe todo o carinho de que precisasse. Sempre fora assim: tinha-lhe sido o pai e a mãe, ao mesmo tempo, e se esforçara imensamente para preencher aquela sensação de vácuo que a morte da esposa deixara na vida de ambos. Mas, agora sabia que as coisas começavam a complicar-se, pois a jovem tinha que decidir sobre seu próprio destino, e quem conseguiria barrar o tempo, que estava passando e, inexoravelmente, ia imprimindo sua marca indelével em tudo e em todos?... Teve pena da filha e teria de consolá-la muito, pois não queria vê-la triste ou doente.

- Não te deixes levar assim, *Stella...* - diz *Don Lorenzo*, numa tentativa de reerguer-lhe o ânimo. - És jovem ainda, bela, e o que é melhor: tu tens com o que te manteres, neste mundo. Temos nossa casa, em Paris, e serviço não te faltará nunca, pois és uma artista de primeira!... Olha, se não te aparecer o príncipe encantado, não precisarás atrelar-te a um desses grosseirões e beberrões que enxa-meiam por aí, para teres um teto e um pedaço de pão para comeres!... Vês?... A vida não está tão mim assim para ti, não é mesmo?

A jovem esboça um tímido sorriso e beija as faces do pai. Ah!, como o amava, e tem um ligeiro calafrio ao pensar que um dia, talvez, tivesse que viver sem ele.

O dia transcorre-se a meio do serviço que a faz esquecer-se dos problemas de sua vida. Ah, se todas as criaturas soubessem quão eficaz para a alma é a terapia do trabalho, que auxilia imensamente a minimizar o peso dos tormentos e a suportar-se, com mais equilíbrio, o agulhão das dores e das aflições que cercam a quase totalidade dos que vivem neste mundo!

A noite, após o jantar, *Claire* veio ter com *Stella*, para combinarem a espreita para a manhã subsequente e ajustaram repetir o mesmo da noite anterior.

Entretanto, ao despertar sob o chamado da criada, quando ainda era madrugada alta, mais uma decepção: o tempo havia mudado, e chovia muito. *Stella* acabou por concluir que as pedras das paredes deveriam estar por demais escorregadias, e ninguém seria tão maluco a ponto de arriscar o pescoço, caindo de uma altura daquelas e espatifando-se lá embaixo, somente para presenteá-la com um buquê de rosas brancas!... Resolveu voltar para a cama e dormir até que o dia amanhecesse.

Quando acordou, de manhã, e abriu a janela, deparou-se com um dia que surgia cinzento e molhado por uma chuva de primavera, e o parapeito de sua janela estava vazio...

Intimamente, sentiu-se feliz. Entretanto, teria ele, realmente, desistido?... *Stella* aproxima-se, então, mais do parapeito da janela e, projetando o corpo para frente, consegue espiar o chão do pátio, lá embaixo, coberto de pedras molhadas pela chuva. "Vê-se que é ajuizado", pensa, e se ri, no íntimo. Depois, fecha a janela, pois os pingos da chuva fria molhavam-lhe o rosto e a franja dos cabelos ainda despenteados.

Pouco depois, no atelier, encontra o pai que já trabalhava e lhe conta a novidade.

- *Ebbene* - diz *Don Lorenzo*. - Só me faltava ser um maluco que escalasse paredes molhadas, *non è vero?*

Estavam imersos no meticuloso trabalho de restauro de peças antigas, quando se ouviram ruídos de cavalos que chegavam em disparada e estacavam, bruscamente, juntamente com gritos estentóreos, solicitando socorro rápido e, a seguir, deu-se um tremendo corre-corre de criados afoitos, pelos corredores, chamando a atenção de *Don Lorenzo* e da filha que, depondo os apetrechos de trabalho, aproximaram-se da janela e espiaram o pátio fronteiro, no momento em que um magote de serviçais desaparecia, cuidadosamente, um cavaleiro que aparentava estar muito ferido.

- Quem será? - pergunta, intrigado, *Don Lorenzo*.

- *Non lo so, papà*, mas parece alguém que está muito ferido!... Não dá para perceber de quem se trata, pois está envolto numa capa!... Mas espere!... O outro que se descobre é o conde *Maurice-André!* - observa, *Stella*.

- Tens razão... é ele mesmo!... - concorda *Don Lorenzo*. - Que será que houve?

Os criados acabavam de desaparecer o ferido, com muito cuidado e, improvisando uma maca com um tecido grosso estendido, carregavam-no, com muito jeito, para dentro do castelo, através da porta principal de entrada.

- *Papà*, acho que o ferido é o jovem conde *Jean-Michel!*... -exclama, muito agitada, a jovem.

- Tens razão, *Stella!*... - assente *Don Lorenzo*. - Se o outro que o acompanha é o primo, o ferido só pode ser o jovem conde *de Clairmont*, pois vivem saindo juntos!

Ambos resolvem sair para os corredores e logo encontram *Marguerite*, a criada, que vinha carregando panos ensangüentados, e *Stella* pergunta-lhe:

- *Marguerite*, podes dizer-nos quem chegou ferido?

- *Oui, mademoiselle!...* Foi ferido o jovem conde *Jean-Michel!* - responde, esbaforida, a criada.
- Que horror!... - exclama *Stella*. - E, tu sabes como ele está, e como foi?
- Ainda não sei os detalhes, *mademoiselle* - explica a criada, um tanto nervosa -, mas parece que lhe deram um tiro de pistola!
- Um tiro?! - exclama *Don Lorenzo*, indignado. - Sabes ao menos onde lhe acertaram o tiro?
- Vi-o de longe, mas deu para perceber que o acertaram no peito, acima, perto do ombro esquerdo; parecia estar sem sentidos e sangrava muito! - relata, lacônica, a criada.
- Pobre *Jean-Michell* - exclama *Stella* profundamente condoída.
- Sua Excelência, o conde, está desesperado, pois já perdeu o outro filho em situação trágica, como deveis saber - diz *Marguerite*.
- Sim, sim, sabemos tudo! - explica-lhe *Don Lorenzo*.
- E quem cuida do ferido? - pergunta *Stella*.
- O padre *Dévèreux* pensa o ferimento, e o capitão da guarda, que já esteve na guerra, ajuda-o. Mas, não vi muita coisa, pois, assim que instalaram *Jean-Michel* no leito, expulsaram-nos todos de lá e só pedem coisas que lhes passamos através da porta que mantém fechada - relata a criada.
- E a condessa? - pergunta *Stella*.
- *Madame la comtesse* permanece no quarto, ao lado do filho. Mas, não a vi desesperar-se; apenas tinha os olhos cheios de lágrimas - diz a criada.
- Pobre mãe! - exclama *Don Lorenzo*. - Primeiro um, agora o outro! *Marguerite* sai apressada atrás de seus afazeres, e *Stella* e o pai, profundamente chocados com o acontecido, retornam para o ateliê. Faltava-lhes ânimo para reiniciarem o trabalho. Lá fora, a chuva continuava teimosa, tirando o brilho e o esplendor da primavera.
- Por que achas que atiraram nele, *papà?* - pergunta *Stella* ao pai que permanecia calado, pensativo.

- Como saberia?... - diz *Don Lorenzo*, fazendo um gesto vago com as mãos. E, prossegue: - Somente os dois é que poderão relatar o que aconteceu. Mas, garanto-te que coisa boa não deve ter sido, pois ambos vivem, todas as noites, à cata de aventuras, não é mesmo?

- É provável que tenhas razão, *papà!* - diz a jovem, um tanto entristecida. - Alguém que foi traído pode ter descoberto a traição e...

- As tragédias passionais costumam surgir de ciúmeiras ou de traições, minha cara - atalha *Don Lorenzo*. - Mas, tudo não passará de especulação, até que se revele a verdade.

- Se revelarem... - observa a jovem. E, mudando de assunto, pergunta: - E, depois, convém irmos visitá-lo?

- Como não?... Seria grande indelicadeza de nossa parte, se não fôssemos vê-lo!... - diz *Don Lorenzo*. - Não digo que devamos ir hoje, mas, dentro de dois ou três dias, pediremos que nos receba em visita. E, se for ele o teu admirador secreto?... Hoje não recebeste as rosas, não é?... Não achas uma estranha coincidência?

-Ah, papai, tirando conclusões apressadas de novo?... - diz a jovem, censurando-o, enrubescida. - Tenho a certeza de que não se trata de *Jean-Michel*.

- Não tenho tanta certeza, minha bonequinha, não tenho tanta certeza!... - exclama *Don Lorenzo*, divertindo-se com o rubor das faces da filha. - Mas, faria bom gosto em vê-la condessa!

- Voas mais alto que uma águia, *Don Lorenzo!* - exclama a moça, dando-lhe um abraço carinhoso. E, prossegue: - Mas, deixemos de sonhos infantis!... Não estás com fome?

A azáfama que se instalara no castelo, após a chegada do ferido, amainara-se, e se pôde então concluir que o ferimento não havia tido a gravidade que se pensou ter, a princípio.

Tomando a refeição na copa, *Stella* e o pai ficaram sabendo que o projétil havia-lhe penetrado o lado esquerdo superior do tórax, abaixo do ombro, sem atingir, entretanto, qualquer parte vital. Porém, o rapaz perdera muito sangue e se encontrava muito

debilitado. O conde já havia despachado um mensageiro em busca de um médico, em *Toulouse*, e que este deveria chegar ao castelo no dia seguinte.

Sentindo-se mais aliviados com as novas notícias, tomaram a refeição e, em seguida, após ligeiro descanso, reiniciaram suas atividades no ateliê de restauração.

O dia transcorreu sem maiores novidades e, também, a noite. Devido ao acidente que vitimara o jovem conde, *Claire*, provavelmente muito mais atarefada, desvinculara-se da obrigação de vir acordar *Stella*, de madrugada, ao menos temporariamente.

De manhã, ao levantar-se, *Stella* correu ansiosa, a abrir a janela, e as rosas não estavam lá. O coração começou a bater-lhe, descompassado. O pai tinha razão: era ele!... Meu Deus, não poderia haver tanta coincidência!... Senta-se na poltrona e cobre o rosto com as mãos. Estaria amando *Jean-Michel*?... No dia anterior, ao saber que era ele o ferido, teve vontade de correr até seu quarto e pensar a sua ferida, de ficar com ele ou, simplesmente, tomar a sua mão e lhe dar forças, enquanto o socorriam.

Batidas na porta tiram-na de suas reflexões. Era a criada com seu desjejum, mas não era *Claire* que a servia naquela manhã.

- *Marguerite*, por onde anda *Claire*? - pergunta *Stella*.

- *Claire* reveza-se com outras criadas junto ao leito do jovem conde, ferido ontem, *mademoiselle* - observa a serviçal, mostrando-se excessivamente cansada.

- E, por acaso tens novidades sobre a recuperação de *Jean-Michel* - pergunta *Stella*, bastante ansiosa.

- Não, *mademoiselle*, ainda não, pois tive de me afastar esta noite para ajudar a cuidar de um outro ferido - diz a criada, emitindo profundo suspiro.

- Mais um?... - espanta-se *Stella*. - De quem se trata?

- Meu noivo, *mademoiselle* - diz a criada. - Deslocou o ombro, ontem, ao sofrer a queda de um cavalo.

- Oh, sinto muito! - exclama *Stella*. - E, como está teu noivo?

- Passa bem; apenas ganhou séria luxação no ombro e não poderá fazer nada por um bom tempo.

- Estimo melhoras a teu noivo, *Marguerite*, e, se vires *Claire*, diga-lhe que desejo falar-lhe - diz *Stella*.

- *Parfaitement, mademoiselle-*, responde-lhe a criada, deixando o quarto.

Novamente a sós, *Stella* retoma às conjecturas: como deveria portar-se em relação a *Jean-Michel*?... Certamente, ele tentava conquistá-la e estava conseguindo, pois apostara na hipótese de ela ser romântica, e ela o era. Sentimental e romântica até demais!... E, descobrira seu ponto fraco: era uma esteta por excelência e amava receber flores, mormente as rosas, às quais atribuía a expressão máxima da Beleza

- nada as superava em beleza e requinte de singeleza - e tinha a capacidade de passar longo tempo admirando-lhes as formas perfeitas, misto de graça e simplicidade.

Num vaso, ainda vicejavam as últimas rosas que recebera. Teimavam em permanecerem viçosas, apesar de colhidas já havia dois dias. *Stella* aproxima-se do buquê, que ainda exalava perfume com certa intensidade, e lhe sorve deliciosos e longos haustos que lhe adocicam o coração. Ah, seria o amor tão doce como o perfume das rosas?...

Veste-se, após o desjejum, e vai ao encontro do pai no ateliê. *Don Lorenzo*, como sempre, precedera-a no trabalho.

- *Buongiorno, papà!* - cumprimenta-o, com a naturalidade costumeira.

- *Ah, figliola mia, buongiorno, buongiorno!*... - responde-lhe o pai, alegre.

Don Lorenzo gostava quando a filha falava-lhe em italiano. E, satisfeito, pergunta-lhe:

- *Ed oggi, è venuto il ragazzo delle rose?*¹¹

- *Non, papà*, não sabes que ele está ferido? - exclama a jovem, rindo-se.

(11) "- E hoje, veio o rapaz das rosas?", em italiano.

- Brincas comigo, marota? - diz *Don Lorenzo*, beliscando-lhe, carinhosamente, uma bochecha rosada.

- Dize-me, *papá*, seria de bom alvitre visitá-lo hoje? - pergunta *Stella*.

- *Perchè non?* - diz, contente, *Don Lorenzo*. - E, irei contigo, se quiseres.

- Claro que quero que vás comigo, *papà!* - exclama, feliz, a jovem.

Após o almoço, *Stella* e o pai solicitam a permissão para visitarem o jovem conde, e a condessa em pessoa condu-los até o quarto de *Jean-Michel*.

O ferido estava lúcido e, ao avistar a jovem adentrando-lhe o quarto, abriu-se em largo sorriso.

- *Stella!*... - exclama o jovem, com a voz fraca, mas perfeitamente audível por todos. - Que surpresa tu me fazes!...

- Vim para ver-te, mas não desejo que te esforces, pois vejo que estás um tanto debilitado!... - observa *Stella*, fazendo-o acalmar-se.

- É bom mesmo que não te esforces - diz-lhe a mãe. E, prossegue, cheia de cuidados: - Perdeste muito sangue e ainda te encontras muito fraco. Sei que *Stella* faz-te bela surpresa, mas não veio aqui para matar-te!

- Claro, claro, *maman!*... - concorda o jovem, porém teimando em manter as delicadas mãos de *Stella* entre as suas. Depois, olhando fundo nos olhos da jovem, diz: - Que bom que vieste!... É horrível permanecer no leito, horas a fio, sem nada para fazer!

- Deram-vos um belo castigo, *signore contei* - observa *Don Lorenzo*. E, prossegue: - Contudo, ainda não estais fora de perigo; para tanto, é preciso muito resguardo!

Neste ínterim, adentram a câmara de *Jean-Michel*, o pai e o primo; este, ao deparar-se com *Stella*, abre largo sorriso, pois conhecia o secreto desejo de *Jean-Michel* em relação à jovem e, piscando um olho malicioso para o enfermo, diz:

- *Enchanté, mademoiselle!*... - curva-se, fazendo-lhe exagerada mesura, enquanto beija a ponta dos dedos da mão que *Stella*, delicadamente, estendera-lhe.

O conde, com a arrogância que lhe era peculiar, mal cumprimentou *Stella* e o pai, com ligeiro movimento de cabeça. Em seguida, com o vozeirão que lhe era típico, monopolizou toda a conversa, com assuntos que pouco interessavam a *Don Lorenzo* e à sua filha.

Após um quarto de hora, alegando o trabalho que os esperava, pai e filha dispõem-se a sair. *Jean-Michel*, entretanto, pede em voz baixa a *Stella* que volte a vê-lo, beijando-lhe, delicadamente, as mãos quando a jovem despediu-se dele.

Os dias subseqüentes ao acidente de *Jean-Michel* sucedem-se, sem maiores acontecimentos, salvo a partida do conde *Henri* e do sobrinho, para uma viagem de negócios, a Paris. Após o acidente do primo, *Maurice-André* passou a acompanhar o tio em suas andanças pelo condado, relegando o enfermo ao castigo do leito. Naquela ocasião, acompanhava o tio a Paris e aproveitaria para rever os pais de quem se dizia saudoso. Mas, ao primo, que morria de inveja de sua viagem, prometera retornar ao condado, assim que o tio regressasse.

Jean-Michel riu-se, no íntimo, porque conhecia o real motivo de *Maurice-André* não desejar permanecer em Paris por muito tempo: o marquês *Valérie de Minonchet* havia jurado matá-lo, se o pilhasse distraído. O motivo? O marquês havia surpreendido *Maurice-André* e sua jovem filha, *Henriette-Marie*, em situação bastante comprometedor para ambos e, chamado à responsabilidade, o jovem conquistador negara-se a se casar com a marquesinha, alegando que a jovem não era mais nenhuma donzela casta e pura que ainda merecesse ser tomada por esposa, a não ser por algum imbecil qualquer que não a conhecesse bem. O marquês, ofendidíssimo, disparara-lhe um tiro de pistola, mas, como era um péssimo atirador, errara o alvo; entretanto, *Maurice-André*, precavido, passara a esconder-se de *Minonchet*, pelo menos até que alguém lhe desposasse a já desonrada filha.

Uma semana após o acidente, *Jean-Michel* convalescia devagar, porque, embora o ferimento não lhe tivesse tirado a vida, não fora

tão sem gravidade assim; pelo contrário, só conseguira sobreviver a ele, por ser jovem e bastante saudável. O ombro doía-lhe muito, e tinha o braço esquerdo imobilizado. Qualquer movimento um pouco mais brusco que tentasse fazer era seguido de dor lancinante. A mãe fazia-lhe companhia, e o jovem começava a descobrir o quanto ela o amava de verdade, diferentemente do pai e do primo que muito pouco ficavam com ele, enfronhados que estavam em constantes viagens pelo condado e pelas aldeias da região, sempre alegando negócios. Mas, ele sabia muito bem quais eram os verdadeiros negócios... Do pai, uma amante em cada aldeia, e, do primo, as mulheres da vida, que sempre se conseguiam, a troco de algumas moedas, pelas aldeias e vilarejos da região.

A mãe não saía nunca. Depois que *Antoine* fora morto no duelo, negava-se a sair. Lia muito, era uma pessoa extremamente culta, mas, ali, perdida nos confins da *Garonne*. Estranho como se acostumara à vida provinciana, ela que sempre vivera no fausto da corte de Luís XIV, a mais rica e mais intelectualizada da Europa!

Naquela tarde de primavera, *Catherine* lia uma das tragédias de *Racine*¹² para o filho. Sabia que ele era falto de cultura e aproveitava a chance para mostrar-lhe o quão importante e interessante poderia ser a aquisição do conhecimento. Entretanto, o rapaz parecia enfadado. Decididamente, saía-se ao pai: avesso à intelectualidade.

- Canso-te, *Jean-Michel*? - pergunta-lhe *Catherine*, com doçura, e interrompendo a leitura.

- Ah, *maman*, mentir-te-ia, se dissesse que me alegro com tais coisas!... - exclama ele, grandemente enfasiado.

- E o que queres que te faça para que não te sintas assim tão entediado? - pergunta *Catherine*.

(12) Jean Racine, (1639-1699), poeta e dramaturgo francês, autor de famosas tragédias, dentre as quais *Andrômaca*, *Britânico*, *Berenice*, *Fedra* e outras obras célebres da dramaturgia universal.

- Far-me-ias um favor, *maman?*... - diz ele, enquanto lhe brilham os olhos azuis, repentinamente avivados com a possibilidade de sair daquele marasmo em que se via, forçadamente, mergulhado.

- Mas claro que sim, *mon chéri!*... - diz *Catherine*, afagando-lhe os cabelos um tanto revoltos e necessitados de penteado mais apurado.

- Dize, e eu farei!

- Manda chamar *Stella*, a artesã...

Catherine, a princípio, hesita. Ia dizer-lhe que não seria bom tirá-la de seu serviço, àquela hora, e, ainda, temeu por *Stella*, a quem prezava muito, pois conhecia muito bem o filho; por fim, aquiesceu, já que permaneceria ali, com os dois, e sabia que *Jean-Michel* não apresentava, pelo menos no momento, condição alguma de molestar a jovem.

Resolutamente, *Catherine* aciona a sineta e é prontamente atendida pela criada que assoma, solícita à porta:

- *À votre service, Madame la Comtesse!*¹³

- *Claire*, vai ao ateliê e dize à jovem artesã *Stella* se digna vir até nós neste momento - ordena a condessa, com voz firme, entretanto, sem perder a costumeira afabilidade. - Dize-lhe, também, que eu e o jovem senhor *de Clairmont* sentir-nos-emos honrados com a sua companhia.

Esplêndido sorriso desenha-se no rosto de *Jean-Michel*, cuja aparência andava um tanto esquelética, como consequência do acidente, e *Catherine* nota-lhe, então, no rosto, uma indisfarçável satisfação, durante os momentos em que ele antegozava a chegava da belíssima jovem.

Pouco depois, ouvem-se passos leves no corredor, e uma vozinha de som agradável anuncia-se, no limiar da porta do quarto:

- *Pardon, Messieurs!*...

(13) "- Às vossas ordens, senhora condessa!", em francês.

- Oh, entra, *Stella!* - convida-a, solícita, a condessa. *Jean-Michel* encara a moça, perdido de paixão. E, o olhar impertinente que ele lhe lança fá-la corar. Parecia querer devorá-la com os olhos, tamanha era a paixão que *Stella* despertava-lhe. Mas, corrige-se, apressado, tão amestrado que era nas artes da sedução. Se desse tanta bandeira assim, poderia afugentá-la ou o que seria pior, a mãe poderia desconfiar e estragar tudo, pois ele conhecia de sobra os ideais puritanos da condessa. Assim, abrandando o furor da paixão que o consumia e, dando um toque mais singelo à expressão fisionômica, gentilmente, convida a jovem a sentar-se numa poltrona ao lado de seu leito e, docemente, toma-lhe as delicadas mãos entre as suas e as beija, carinhosamente, dizendo, com aquele tom de voz quente e macio que despertara, também nela, aquela paixão ardente:

- Sou-te muito grato por teres vindo, *ma belle!*...

- *Vous êtes très gentile, Monseigneur!*...¹⁴ - responde-lhe a jovem, de forma gentil, e corando ligeiramente.

Stella sentia-se mais e mais atraindo por aquele par de olhos azuis profundos. E, eram olhos tão marotos que despertavam nela coisas que antes nunca sentira por homem algum. Seria isso o amor?... E, se não lhe opusesse mais resistência e deixasse aquele sentimento invadi-la e a consumir como o fogo na palha seca?... Começava a entender como lhe seria difícil resistir aos encantos daquele belo rapaz que a desejava como se deseja a um bem de incalculável valor.

Jean-Michel mantinha entre as suas as mãos de *Stella* e as acariciava, beijando-as, amiúde. E, a cada toque daqueles lábios mornos e carnudos em sua pele, a jovem estremecia e tinha ligeiríssimos calafrios que lhe percorriam o corpo de alto a baixo. Iria trair-se, por certo, pois não conseguia conter-se: era forte demais a atração que lhe despertava a proximidade do rapaz, seu hálito, seu perfume, seu olhar cativante...

(14) “- Sois muito gentil, Senhor!...” , em francês

Às vezes, sentia-se tontear e, se ele tentasse beijá-la, naquele instante, certamente, não lhe resistiria.

Catherine observava-os e não lhe passava despercebido o fogo que lhes ia à alma. Teriam já se encontrado antes? Era preciso ficar de olho ou a mocinha pagaria caro por aquele envolvimento.

- *Stella*, tens idéia de a quantas anda o trabalho de restauro das peças antigas?... Levará ainda muito tempo? - pergunta a condessa, tentando tirá-los daquele idílio em que se envolviam.

- Não resta muito mais a fazer, *Madame* - responde, solícita, a jovem.

- Papai já dispensou todos os outros auxiliares e mantém apenas *Broulet*, seu ajudante permanente. Creio que, em alguns meses, daremos por terminado o trabalho em vosso castelo.

- E, já sabes para onde irás, assim que deixares o castelo? - continua *Catherine*, fazendo perguntas, tentando tirá-la daquele envolvimento mais íntimo com o filho.

- Já conversamos sobre isso, eu e papai, e iremos para nossa casa, em Paris, onde descansaremos por alguns dias. Depois, pretendemos ir à Itália, em visita aos nossos parentes, lá ficando até o final do ano - observa a jovem que, dentro de sua simplicidade, ainda não percebera ser ela o pivô de um velado jogo entre a mãe e o filho.

- Jantas comigo, *Stella*? - pergunta *Jean-Michel*, trazendo-a de volta a seu terreno, pois havia percebido que a mãe tentava tirar a moça de seu lado.

- Não sei!... - responde ela, titubeando um pouco e olhando, surpresa, para a condessa, pois aquele convite, feito de chofre, apanhara-a desprevenida.

Catherine, percebendo-lhe o embaraço, ocasionado pelo inesperado ataque do filho, sorri condescendente e, imprimindo tom amável à voz, diz:

- Aceita, *Stella*!... Teremos imenso prazer em que jantes conosco esta noite!...

Jean-Michel mal conseguiu esconder a contrariedade, ao ouvir que a mãe incluía-se no convite para jantar; o que ele realmente pretendia era ficar a sós com a donzela, mas, ao que lhe parecia, a mãe não pretendia deixar que isso acontecesse. Estaria protegendo a jovem?... Com quais interesses?... Ligeira irritabilidade perpassou-lhe, rapidamente, porém o que importava é que a jovem ali estava, diante dele, e que poderia gozar de momentos idílicos ao lado dela, mesmo a mãe estando presente.

A noite caía, e escurecia devagar. Acenderam-se as luminárias na ampla e luxuosa câmara de dormir do jovem conde, e *Stella* admirava-se de quão cercado de conforto estava o enfermo. Encontrava-se recostado em rico leito, lavrado em pesada madeira escura, em que se esculpiam cabeças de javalis e de cervos, e recoberto por macio colchão de penas de ganso e lençóis de cetim amarelo-ouro; havia quatro colunas que sustentavam um baldaquino de tecido grosso e colorido, em que se estampavam motivos florais diversos. Cortinas de veludo azul guardavam as janelas altas e amplas, em forma de ogivas que se cruzavam, no alto, formando ângulos agudos, característica da arquitetura gótica. O requinte e o luxo desmedido eram vistos em toda a parte. As paredes, a princípio, construídas de rocha escura, eram totalmente recobertas de madeira de lei trabalhada em lavor e em alto-relevo. Havia também obras de arte variadas, distribuídas entre luminárias de vidro colorido com pedestais de bronze e de ferro batido, ricamente trabalhados, mais gravuras a óleo e esculturas em mármore e em granito. O teto, recoberto de gesso branco, era todo dividido em quadrados de margens douradas, dentro dos quais havia desenhos que representavam cenas bucólicas, tão em voga na época.

Stella, que ajudara a redecorar vários daqueles ambientes, estava acostumada às obras de arte; entretanto, para si própria, não possuía nada de luxo, não vivia cercada de facilidades, como o jovem conde. Tinha, sim, uma vida de lutas, de trabalho incessante,

ao lado do pai. Era a primeira vez, entretanto, que se via honrada com um convite daqueles.

A condessa instruíra a criadagem para que se lhes servissem o jantar na câmara de *Jean-Michel*, e uma ligeira azáfama instalou-se ali para a montagem de uma mesa que contivesse os manjares para a refeição da noite.

Uma hora depois, acomodados junto a simpática mesa que se improvisou ao lado do leito do rapaz, os três iniciaram o jantar, servidos por pequeno batalhão de serviçais que se mantinha a postos e solícito a atender ao menor desejo dos três comensais. *Jean-Michel* servia-se com certa dificuldade, dado o ferimento que tinha no ombro esquerdo, mas que não o impedia de levar os alimentos à boca, com a mão direita. Conversavam, animadamente, enquanto saboreavam pratos muito diferentes daqueles que eram servidos à *Stella* e ao pai, na copa.

- Sabias, *Jean-Michel*, que *Stella* é muito versada em pintura e é, também, uma escultora de mão cheia? - diz a condessa ao filho.

- Não me digas!... - exclama o rapaz, fingindo estar deveras impressionado com a revelação. - Tens mais esses predicados, *ma belle*?

- Vossa mãe exagera, *Monseigneur!*... - observa a moça, sentindo-se lisonjear pelo rapaz.

- Notaste, *Stella*, que não tenho nenhuma obra que me represente?... Nenhum quadro, nenhuma escultura, nada!... - diz o rapaz, olhando para a mãe. E, continua: - Se eu morrer, esquecerão bem depressa de minhas feições, *n'est-ce pas, maman?*

- O mesmo que aconteceu com teu irmão!... O que nos restou de *Antoine*?... Apenas este minúsculo desenho de quando ele era criança, incrustado nesta jóia que trago sempre atada ao meu pescoço - diz *Catherine*, abrindo a pedra do camafeu, atado a preciosíssimo cordão de ouro maciço, ricamente trabalhado, que lhe pendia ao colo, e exhibe para *Stella* a minúscula pintura de um menino risonho.

Depois, prossegue, baixando os olhos, cheia de tristeza: - Nada mais nos restou, que lembre as feições de *mon pauvre Antoine*...

- E, para que isso eventualmente não aconteça comigo, sugiro que *Stella* represente-me em algo: um quadro, um busto!... Que dizes, *ma chère*?... - diz *Jean-Michel*, beijando-lhe ardentemente o dorso da mão.

- Sentir-me-ia honrada em esculpir-vos uma herma - diz *Stella*, sentido-se lisonjear pelo convite.

Catherine fitou-a com um certo olhar de preocupação. Ah, como são tolas as mulheres e como se deixam prender facilmente nas armadilhas desses conquistadores!... Mas, estaria por perto e não permitiria que o filho cometesse algum grave desatino com aquela pobre criatura que desconhecia, por completo, as maldades que certos homens são capazes de cometer com certas donzelas despreparadas e incautas!... E, para não parecer que desaprovava o fato, diz:

- Somente este acidente para fazer-te ficar em casa e quieto, *mon petit*... Ou, por que é que tu achas que *Antoine* não tem nenhum retrato? Quem o faria ficar horas, imóvel, posando para um pintor? Sequer conseguia ficar quieto por cinco minutos!... Como tu, estava sempre em busca de algo emocionante para fazer, não é mesmo?... E, *Stella*, não penses que será fácil mantê-lo imóvel, passivo, para que o immortalizes em algo!... Vê como é impaciente e vive mexendo-se no leito como se algo o estivesse, constantemente, incomodando!...

- Ora, *maman!* - diz o jovem, censurando as observações da mãe. - Assim, irás desestimular nossa adorável artista!

- Desta vez, *Madame*, ele não poderá sair daqui e é preciosa oportunidade para legá-lo à posteridade! - diz a jovem, demonstrando que estava mais solta e que tinha bom humor.

- Envaideces-me com tais comentários, *ma chérie!*... - diz ele, tomando as mãos de *Stella* e as beijando, calidamente. Depois, prossegue, fitando-a, jactancioso: - E, as pessoas do futuro poderão

admirar-se de como era intensa a beleza do conde *Jean-Michel de Lisle*, senhor de *Clairmont*, não é mesmo? - conclui, rindo-se, inchado como um pavão.

O jantar transcorria-se devagar, enquanto a noite caía amena, lá fora, cheia do canto de grilos e do pisca-piscar de infinitas estrelas, num céu cor de safira. O vinho era afável ao paladar, e *Stella* sentia-se tomar por leve e agradável zonzeira proporcionada pela bebida. A companhia do rapaz e a crescente atenção que ele lhe dedicava causavam nela excitante sensação de prazer. O jovem conde, amiúde, completava-lhe a taça de fino cristal com o saboroso licor, que a moça ia bebericando, tingindo-lhe, temporariamente, de vermelho, os delicados e brancos dentes. E, ela lhe sorria, com os lábios ainda mais corados, incendiados que estavam pela força do vinho, e deixavam *Jean-Michel* mais perdido de paixão do que já se encontrava.

- *Le canard rôti c 'est magnifique!...*¹⁵ - exclama o jovem, incitando *Stella* para que comesse do prato que lhe sugeria.

A condessa observava apreensiva o perigoso envolvimento de ambos. Que bom, se ele realmente se interessasse por jovem assim meiga e graciosa, que não trazia a afetação e os vícios que costumavam manchar, precocemente, as moças da nobreza!... Entretanto, sabia que não era assim. O filho encantava-se, era certo, pela beleza da jovem, mas não a levaria a sério, a ponto de desejar tomá-la por esposa. E, haveria, ainda, a interposição e o impedimento que o pai dele faria a uma união como essa: o conde jamais permitiria que o filho se casasse com uma plebéia, sem perspectiva de trazer, como dote, uma ou duas herdades, com um ou dois castelos como contrapeso! Conhecia muito bem a desmedida ambição de seu marido!... Se ela, *Catherine*, não tomasse o partido da jovem, esta seria, certamente, mais uma no rol das conquistas do filho e,

(15) "- O pato assado está magnífico!..." , em francês.

uma vez saciado o furor da incendiária paixão que ora o consumia, iria deitá-la fora, sem um pingo de comiseração. Já havia visto essas coisas acontecerem tantas vezes com o outro filho que, por sinal, tinha perdido a vida numa pendenga por mulheres.

Encerram o longo jantar com manjares nunca antes provados por *Stella*. E, a imaginar que se tratava de um jantarzinho íntimo, do dia-a-dia dos condes, pensou a jovem. Como levavam uma vida diferente da sua, despreocupados, sem se inquietarem com o que teriam que fazer dali a pouco!... E, já era tão tarde - quase vinte e três horas!... Não estava habituada a dormir em horário tão avançado assim, pois teria que pular da cama, bem cedo, ou o pai iria dar-lhe uma bronca daquelas, se perdesse a hora! Levanta-se, então, um tanto sem jeito, e se despede, meio atabalhoadamente:

- *Je me suis très enchantée, Madame et Monseigneur!...* - diz, fazendo ligeira reverência e, prossegue, balbuciando, um tanto timidamente:
- Mas... é tarde para mim e tenho de recolher-me!... *Merci beaucoup, pour la soirée!... Très enchantée!... Bonne nuit!...*¹⁶

Stella deixa a câmara de dormir de *Jean-Michel* quase a correr e, em poucos minutos, estava em seu próprio quarto, com o coração batendo apressado. Mal consegue fazer a toailete noturna e se lançar ao leito, com a intensa preocupação de adormecer logo; entretanto, uma vez deitada, quem disse que conseguia conciliar o sono?... A imagem do jovem conde bailava-lhe na tela mental, expulsando-lhe o sono para bem longe. Premia os olhos, fortemente, com o intuito de apagar a figura do rapaz que insistia em ficar, roubando-lhe a tranqüilidade e o relaxamento que lhe propiciariam adormecer. Vê-o, sorrindo, os dentes grandes, ligeiramente redondos, bem torneados e alvos; sorria-lhe com os lábios e com os olhos... Ah, os olhos tão azuis, profundos como o céu de primavera!...

(16) “- Estou muito encantada, senhora e senhor!...(.)...Muito obrigada, pela noite!... Muito encantada!...Boa noite” ...”, em francês.

E, ele lhe beijava as mãos, com os lábios grossos e quentes, chamando-a *ma belle*.

Longos e intensos calafrios percorriam-lhe o corpo, estremecendo-a fortemente. Meus Deus!... Seria amor aquilo?... Estaria, de fato, amando *Jean-Michel*?

De repente, como se acordasse de um sonho perigoso, sente medo, e uma estranha sensação de impotência invade-a. Não poderia, absolutamente, apaixonar-se por aquele rapaz!... Tinha todos os motivos do mundo para não se deixar envolver; entretanto - e o terror toma conta de seu pensamento -, prometera fazer-lhe um busto!... E, agora, como faria para desvencilhar-se de tal encargo?... Estava perdida!... Que fazer?... Lembra-se da condessa. E, se falasse com ela, expondo-lhe seus temores?... Como reagiria?... *Catherine*, por certo, quererá ajudá-la, pois já lhe fizera algumas insinuações acerca do caráter volúvel do filho. E, foi neste comemos que acabou por adormecer, vencida pelo cansaço e pela descarga emocional que recebera naquela noite.

De manhãzinha, quando acordou, vêm-lhe à mente, ainda um tanto confusa pela dificuldade que tivera em adormecer, resquícios de um sonho, no qual ela e o conde jantavam, recostados em almofadas, num imenso leito coberto por lençóis de cetim vermelho, e ele lhe acariciava, delicadamente, a face, ao mesmo tempo em que lhe oferecia pedaços de *canard rôti à la sauce grise*,¹⁷ espetados num reluzente garfo de prata maciça.

Profundo pesar invade-lhe o ser. Que deveria fazer?... O pai, certamente, aconselhá-la-ia. Vestiu-se e lhe foi ao encontro no ateliê.

Don Lorenzo, à semelhança de exímio ourives, examinava, detalhadamente, uma tela do século XVI, que representava um galeão com as velas enfunadas, enfrentando um mar de ondas encapeladas, cujas cristas brancas espatifavam-se contra a quilha da embarcação.

(17)"pato assado ao molho pardo", em francês.

Stella aproxima-se tão sorratamente que ele mal lhe nota a chegada.

- *Figliola mia, buongiorno!... Come stai?...¹⁸* - exclama ele, beijando-a, afavelmente, à testa.

- Estou *bem, papà*. Vejo que te interessa muito este quadro! -observa a jovem

- Sim, é uma preciosidade!... - exclama ele, excitadíssimo. E, prossegue, mostrando-lhe o quadro: - Vê: mal dá para se ler o nome de quem o pintou, o velho *Perugino!*¹⁹

- Realmente, é magnífico! - observa *Stella*, deixando-se contagiar pela animação do pai. - Vais arrolá-lo para a restauração?

- Sim, e será o próximo da lista. Deixo-o para ti!... - diz *Don Lorenzo*, olhando-a, firme, com os olhos lambuzados de ternura.

- E achas que terei habilidade para tanto? - pergunta ela, cheia de modéstia.

- Se não te achasse capaz, não serias meu braço direito, minha cara! - exclama *Don Lorenzo*, dando-lhe delicados tapinhas à bochecha.

- Oh, *papà*, amo-te tanto!... - diz isso, já em lágrimas, e se abraçando ao pai.

- *Ma, che cosa c'è, figliola mia?...²⁰* - pergunta *Don Lorenzo*, consolando-a, ao notar-lhe o desespero na voz. - Não queres" confiar em teu velho pai?

O choro arrebenta-lhe em catadupas, sacudindo-a convulsivamente. *Don Lorenzo*, preocupado, fá-la sentar-se numa poltrona e tenta consolá-la:

- *Figlia mia!... Che succede?...²¹* Conta-me tudo e quem sabe não poderei ajudar-te? - pergunta ele, bastante apreensivo pelo estranho comportamento que a filha apresentava naquela manhã.

(18)"- Filhinha minha, bom-dia!... Como estás?..." , em italiano.

(19) Pietro Vannucci, (1446-1524), famoso pintor italiano do século XVI, cognominado ElPerugino.

(20)"- Mas, o que é que há, filhinha minha?..."., em italiano.

(21)"- Minha filha!... O que está acontecendo?..."., em italiano.

- Ah, papà, papà!... Quando nos iremos daqui?... Estou tão confusa!...
- exclama ela, entre lágrimas.

- Logo, logo, iremos embora, figliola!... - diz *Don Lorenzo*, condoído pela dor sincera que lhe revelava a filha e, abraçando-a forte, cobre-a de beijos. Depois, prossegue, na tentativa de allear-lhe os ânimos:

- Mas, não tão de repente!... Temos muito a fazer, ainda, e o conde não nos pagou. Como poderemos chamá-lo a acertar as contas, se não terminamos o serviço?... Peço-te um pouquinho mais de paciência que, dentro de mais alguns meses, poderemos ir-nos, definitivamente, deste lugar!... *Sta bene?*

O choro da jovem continuava profundo, pungente, entrecortado de soluços que, a intervalos, sacudiam-na, violentamente. *Don Lorenzo* não conseguia atinar com o que ia à alma da filha. Começava a preocupar-se, mas, por ora, ela sequer conseguia falar.

O pranto é uma válvula de segurança, que Deus colocou nas pessoas, com a finalidade de extravasar-lhes o fogo que, invariavelmente, nos momentos de difíceis provações, incendiar-lhes-ia a alma. Passado o ápice da amargura que lhe queimava a alma e, mais aliviada, depois de amainado o furor do tormento que a consumia, através da crise de choro, *Stella* abre-se ao pai, contando-lhe tudo, inclusive a promessa que fizera ao jovem conde de esculpir-lhe uma herma.

Don Lorenzo, depois de ter ouvido atentamente a narrativa que lhe fizera a filha, respira um tanto mais aliviado. Então era isso: ela estava apaixonada e não queria admitir!... No íntimo, sente uma ponta de satisfação, pois a danadinha havia conquistado o coração de um conde!... Enxuga-lhe, carinhosamente, resquícius de pranto que lhe ficara às faces e a beija, carinhosamente, na testa.

- *Figlia del mio cuore!*²² - diz *Don Lorenzo*, num tom quase teatral. - Choras porque amas um homem?!

(22) “ - Filha do meu coração!”, em italiano.

- *Papà!* - exclama *Stella*, espantando-se com a naturalidade com que o pai encarava aquilo tudo. - Acho que não me entendeste bem!...

- Oh, claro que te entendi, *mia bella!*... *Ho capito molto bene!*... ²³ - diz-lhe o pai, piscando-lhe um olho, marotamente.

- E achas que deveria sentir-me muito feliz?! - pergunta-lhe *Stella*, às raias da exasperação, com a passividade do pai, diante do que ela lhe expunha. - Estou começando a pensar que não me tomas a sério!...

- Como podes pensar tal asneira? - diz-lhe o pai, mal contendo o riso. - Tenho vontade de rir, isso sim!... Vê bem: minha filha está prestes a tornar-se uma condessa, e eu devo chorar?!

Stella agora sabia que não poderia contar com o pai; ele estava, decididamente, deslumbrado com a perspectiva de o conde tomá-la por esposa. Será que não conseguia enxergar que o conde era um conquistador barato, que vivia correndo atrás de todo rabo de saia que se lhe cruzasse o caminho?... Ah, como o pai se enganava, e como ambos sofreriam por causa disso!... Tentou, uma vez mais, argumentar com ele:

- Deixa-me, então, partir para Paris; *Broulet* acompanhar-me-á, retomando, em seguida, para terminar o serviço contigo, e eu te aguardarei em nossa casa. Por favor, *papà*, deixa-me partir!... - diz ela, súplice.

Don Lorenzo olha para a filha e quase se deixa comover pela maneira como a filha suplicara-lhe a aquiescência para deixar o castelo, antes do tempo previsto. Percebe o quanto a moça estava sofrendo, mas deixá-la partir sozinha para Paris, apenas em companhia de seu serviçal, embora de confiança, não seria nada confiável. Tenta, então, convencê-la do contrário:

- Crês que ficarei sossegado, sabendo-te sozinha e desprotegida em Paris?... - diz ele e prossegue, tentando persuadi-la com argumentos: - Não, minha cara, e, por outro lado, tua ajuda é-me imprescindível;

(23) "...minha bela!...Entendi muito bem!..." , em italiano

- que farei sozinho sem a tua prestimosa colaboração?... Não levaria apenas alguns meses mais para encerrar o serviço, mas alguns anos!... Tu sabes o quanto nosso ofício é meticuloso, e me prestas ajuda inestimável. Eu e tu, em pouco tempo, daremos cabo de tudo e aí então partiremos, de vez, para casa. E, quanto ao fato de temeres o tal condezinho galanteador, se não o queres, paciência!... Tomar-te-ás condessa em outra ocasião!... - ri-se e, atraindo-a para si, cobre-a de inúmeros e ruidosos beijos.

- Ah, *papá*, és um brincalhão incorrigível!... - exclama a jovem, acabando também por rir, diante da observação bem-humorada do pai.

- Agora, se ele insistir em que tu lhe faças uma herma, é bom fazê-la; mostra-lhe teus dotes de exímia escultora e, quem sabe, tu não lhe colocarás uma coleira, hein? - observa ele, em tom jocoso.

- Não achas que um bridão seria melhor? - sugere *Stella*, zombeteiramente.

- Sssh!... Se nos ouvem, mandam encarcerar-nos! - observa *Don Lorenzo*, mal contendo o riso. - E, então, tu verás quão delicioso é passares a pão e água, metida numa enxovia imunda!...

- Não brinques, *papà*!... - diz *Stella*, recompondo-se. E, fazendo-se séria, pergunta: - Então achas, mesmo, que devo fazer-lhe a herma?

- Sim, e tenho um bloco de mármore branco, de excelentes dimensões, que restou de nossos trabalhos anteriores, e creio que poderás trabalhá-lo até em tamanho natural, se quiseres - observa *Don Lorenzo*.

Alguns dias depois, o mordomo vai até o ateliê e entrega a *Stella* um bilhete de *Jean-Michel*: era um convite para que a jovem visitasse-o, assim que ela terminasse as suas tarefas, no final daquela tarde.

Don Lorenzo percebe a apreensão da filha e a aconselha:

- Vá, sem medo, minha filha! Acho que tu sabes defender-te!... Passava das seis horas da tarde, quando *Stella*, timidamente, achega-se à porta dos aposentos de *Jean-Michel*. A porta encontrava-se cerrada, e ela bate, com os nós dos dedos. Surpreende-se ao ver

que *Jean-Michel*, em pessoa, vem abrir-lhe a porta, sorridente, e trajando um *robe de chambre* de cetim cinza-claro; apenas, mantinha o braço esquerdo descansando numa tipóia que se sustentava em seu pescoço. Estava visivelmente bem de saúde e de excelente humor. Abrindo largo sorriso de satisfação, em que mostrou os dentes muito alvos, disse, amável, ao beijar, delicadamente, a mão que a moça havia-lhe estendido, no limiar da porta:

- *Entrez, entrez, ma chérie! _____ Je me suis très enchanté!...*²⁴

- Surpreende-me o fato de já estardes de pé e caminhando, *Monseigneur* - diz *Stella*, sentando-se numa poltrona que, amavelmente, indicara-lhe o conde.

- Oh, sim, sinto-me bem e já posso, perfeitamente, deixar o leito e caminhar por aí, *mademoiselle!* - diz ele, sem tirar da jovem, um só instante, os profundos olhos azuis, como se quisesse magnetizá-la, à semelhança do que fazem certas serpentes às suas indefesas presas, antes de lhes desferirem a picada fatal.

Stella começa a sentir um mal-estar com a insistência daquele olhar. Só então percebe que estão a sós, no quarto, e um calafrio percorre-lhe o corpo de alto a baixo. E, se ele a atacasse, será que alguém viria em seu socorro? Instintivamente, procura pelo minúsculo punhal, que mantinha sempre escondido nas dobras de seu vestido. "Se ele tentar algo, mato-o sem piedade!" O pensamento veio-lhe de roldão. Será que teria mesmo coragem de matá-lo? Teria a vantagem da surpresa, posto que o rapaz jamais iria imaginar que ela estaria armada com um punhal. Tranqüiliza-se: "Se ele me atacar, mato-o!"

- E vossa mãe? - pergunta *Stella*, procurando dar naturalidade à voz.

(24) "- Entra, entra, minha querida!... Estou muito encantado!...", em francês.

- Minha mãe sente-se indisposta hoje. Instei para que nos fizesse companhia, mas alegou ligeiro incômodo, uma dor de cabeça, creio, e se recolheu a seus aposentos. E, a propósito, jantas comigo outra vez? - convida ele.

O convite, uma vez mais, surpreendeu-a. Deveria aceitar?... E, se recusasse, qual seria a reação dele?... Se aceitasse, não lhe estaria dando esperanças?...

-Vejo que titubeias... Não confias em mim?... Se quiseres, peço a *Clement* que permaneça conosco... - diz *Jean-Michel*, acariciando, delicadamente, o queixo da jovem, com a ponta dos dedos.

Ele se achegara, tão demasiadamente, que a jovem pôde sentir-lhe o hálito quente e perfumado bafejando-lhe às narinas, já dilatadas pela respiração grandemente excitada por aquela atrevida proximidade. Sente-se zonzear. Como lhe era difícil opor resistência àquele homem!... Traía-se, e ele percebia, ah, como percebia!... E, divertia-se como um gato que mantivesse um aterrorizado camundongo preso às unhas pela comprida cauda e que, antes de devorá-lo, sentisse imenso prazer em, pretensamente, deixá-lo escapar, para depois, lépido, saltar diante do fujão e, tomando-o de surpresa, agarrá-lo, de volta, com as afiadíssimas garras.

- Confio em vós, *Monseigneur*... Sei que sois um cavalheiro!... - observa ela, na esperança de fazê-lo entender que estava percebendo o jogo.

- Agradeço-te pela confiança, *ma chérie!*... - diz o conde, sentindo que avançava sobre o território inimigo. E, fingindo seriedade que, decididamente, não possuía, acrescenta: - Mas, para que tudo fique ainda mais perfeito, suplico-te, chama-me por *Jean-Michel!*...

- Não me é fácil fazer o que me pedes, pois existe uma barreira intransponível entre nós!... - diz *Stella*. - Entretanto, se isso te deixa feliz, esforço-me; porém, com uma condição: somente quando nos encontrarmos a sós.

- Perfeito, perfeito!... - concorda o rapaz, enlaçando-a pela cintura. E, continua, na tentativa de caçá-la: - Apenas, não compreendo a que barreira intransponível tu te referes!...

- Pertencemos a mundos diferentes, *Jean-Michel!*... - diz ela, de modo firme. - Já te disse isso uma vez e pensei que havias entendido; entretanto, parece-me que voltas à carga!

- Olha que me ofendo com teu palavreado, *ma belle!*... - diz ele, afastando-se, abruptamente, dela. Mas, era apenas galhofa. Em seguida, volta ao ataque, mudando o rumo da conversa: -Decidiste quando começarás a esculpir-me a herma?

- Se queres que eu realmente a faça, poderemos começar amanhã - diz ela e lhe conta sobre a peça de mármore de cuja existência falara-lhe o pai.

- *Parfait!* - exclama ele, esfregando as mãos de contentamento. E, continua: - Começaremos amanhã!

Lá fora, a noite já caíra, cobrindo tudo com o seu manto de crepe, pejado de estrelas brilhantes. *Clement*, o mordomo, anuncia que o jantar já estava para ser servido, e *Jean-Michel*, cavalheirescamente, oferece o braço à jovem. Que belo par formavam, caminhando, lado a lado, elegantemente, pelos corredores que levavam ao grande salão de banquetes!... Ele a conduzia e exultava de contentamento; ela o olhava, de soslaio, imaginando como seria sua vida, se realmente se tomasse a senhora *de Clairmont*...

XI

Inesperado reencontro

Vincent decidiu que partiria para *Toulouse*, assim que fosse possível, pois tinha plena consciência de que corria sério risco de perder a vida, depois que denunciara ao bispo as atividades escusas do abade. *Père Jérôme* sabia como agia aquele facínora e tinha razão em temê-lo; apenas ambos aguardavam, ansiosos, a resposta que lhes deveria enviar o bispo, oficializando o chamado de *Vincent* a *Toulouse*. Seria dessa forma que o jovem monge poderia pedir autorização ao abade para ausentar-se; dir-lhe-ia que o bispo chamara-o para esclarecimentos sobre a administração da abadia o que, fatalmente, chamaria mais suspeitas sobre a sua cabeça, além daquelas que, obviamente, já existiam. Entretanto, longe dali, e sob a proteção de Dom *Théophile*, estaria a salvo.

Certa tarde, *Vincent* e *Père Jérôme* confabulavam na biblioteca que, àquela hora, andava às moscas, pois a maioria dos irmãos estava reclusa em suas celas para o descanso e a meditação da tarde.

- A resposta de Dom *Théophile* custa a chegar, *Père Jérôme*, e começo a preocupar-me - diz *Vincent*.

- Tens razão em te preocupares e é bom que não baixes a guarda, pois, ao menor descuido, apanhar-te-ão e darão cabo de ti, sem piedade! - observa o outro.

- Ainda mais que estiveram todos reunidos aqui, novamente. E, pelo visto, têm novidades!... Pena que não pudemos ouvir-lhes o conciliábulo!... - diz *Vincent*.

- Entretanto, pode-se imaginar o que combinaram!... - exclama o velho. E, prossegue: - No mínimo, como farão para matar-te, sem levantarem suspeitas!....

- Concordo com o que dizes, *Père Jérôme*, e só não o fizeram ainda, porque temem ao bispo, que é meu amigo e protetor! - diz *Vincent*, emitindo profundo suspiro.

- Não fariam essa besteira tão a descoberto!... - observa *Père Jérôme*. - São descarados, mas nem tanto!... Apenas arquitetam alguma armadilha para enredarem-te, *mon ami!*... - e, conclui, fitando, sério, o outro: - Não tenhas a menor dúvida de que, quando estiverem certos da funcionalidade de seu plano, matar-te-ão como a um verme!

Vincent sentia-se desolar, pois não poderia deixar de manter-se vigilante o tempo todo; tinha de comer no refeitório, juntamente com os monges comuns, para não incorrer no risco de ser envenenado, e evitava caminhar sozinho pelos corredores demasiadamente desertos e em horários impróprios.

Entretanto, essa sua agonia encerra-se, certa tarde, quando, da janela de seu gabinete de trabalho, percebe que o portão principal abre-se para dar entrada a um estafeta que trazia a correspondência para a abadia. E, um quarto de hora depois, seu rosto ilumina-se, pois lá estava a missiva episcopal, na mão do irmão que se encarregava de distribuir a correspondência. Conhecia o envelope peculiar da diocese: branco, grande, com o selo vermelho e a fita amarela, pendendo do lacre.

Afoitamente, rompe o selo do envelope e lê o conteúdo da missiva: sim, era o que tanto esperava!... Dom *Théophile* convocava-o a prestar esclarecimentos urgentes junto à administração da diocese e a partir o quanto antes.

Lépido como um garoto, abandona o que fazia e sai em busca de seu velho amigo e mestre. Vai encontrá-lo em sua cela, recostado em seu leito, coisa rara de acontecer àquela hora, o que chama a atenção de *Vincent*:

- Não me digas que estás doente!

- Por que não posso ficar doente?... Crês que sou de pedra? - diz-lhe o velho monge, após emitir uma sucessão de espirros ruidosos.

- Ah, estás resfriado!... Queres que te apanhe algum remédio na enfermaria? - pergunta-lhe, solícito, o rapaz.

- Para este meu mal, só se pedires ao Criador que, encarecidamente, extinga a primavera!... - exclama o velho, terrivelmente agastado.

- Que despautério estás dizendo?!... Por acaso, acabas também de perder o juízo?!... - exclama *Vincent*, espantando-se com a inusitada acidez humoral contida na resposta do amigo.

-Assim o fosse!... - responde, enfezado, o velho. - Mas, trata-se do maldito... *a-a-a-t-chin!!!!*. pólen!... Vês?... Sou alérgico ao pólen!... *a-a-a-t-chin!...*

Uma série de ruidosas esternutações sucede-se, tirando a tranqüilidade do velho monge que se sentia exasperar diante do incômodo que lhe causava a coriza proveniente da inalação do pólen das flores que abundavam na época.

- Se és alérgico ao pólen, por que é, então, que foste meter-te a cheirar flores por aí? - diz-lhe *Vincent*, tentando fazer pilhéria com tal situação que enfurecia o amigo e lhe tornava ácido o humor que, via de regra, costumava ser muito afável.

- Que carta é essa que trazes aí? - pergunta, curioso, *Père Jérôme*, percebendo, por fim, o envelope que o outro trazia à mão.

- Dom *Théophile* respondeu-nos - diz *Vincent*, alegre.

- Ufa!... Que alívio!... - exclama o velho. - Agora tu podes partir e o faze sem delongas!

- Parto amanhã, *Père Jérôme*. Agora vou ter com o abade! -diz o rapaz, doido para ganhar o mundo.

- Não sei se... *a-a-a-t-chin!!!!*... me encontrarás vivo, quando retomares de mais essa enrascada em que te meteste, porque acho que, em breve, acabarei por espirrar até os miolos para fora da cabeça!... - diz *Père Jérôme*, fazendo grande esforço para despedir-se do amigo, a meio daquela terrível crise alérgica. - Entretanto, desejo-te sorte e... *a-a-a-t-chin!!!!*... vai em paz!... Lembra-te de que juízo à cabeça nunca é demais!... *a-a-a-t-chin!!!!*...

Vincent sentiu pena, pois a situação do velhote era lastimável. Abraçou-se ao amigo, demoradamente, para despedir-se, saindo, em seguida, à procura do abade.

Jean du Morel olhou desconfiado para a carta que *Vincent* estendia-lhe. De antemão, sabia qual era a origem daquela correspondência. Leu-a, em silêncio, sem demudar de sua fisionomia um mínimo traço do que lhe era habitual: pétrea, endurecida, fria como o mármore. Em seguida, pergunta a *Vincent*, devolvendo-lhe a carta:

- Quando pretendes partir?

- Amanhã, Excelência, se não vos opuserdes, é claro! - responde-lhe *Vincent*.

- Podes ir; tens a minha permissão - diz o abade, secamente.

Mal o dia raiou, e *Vincent*, envergando trajes seculares, cavalgava rumo a *Toulouse*. Atrás de si, ao menos temporariamente, ficava a velha abadia de onde ele não saía, fazia já mais de cinco anos. Um sentimento de liberdade invade-o; repentinamente, sente vontade de mandar tudo às favas e tomar outro rumo.

Do alto de uma colina, olha para trás e vê, recortada contra a luminosidade do horizonte, a silhueta tétrica e escura da abadia - os muros altos, os telhados enegrecidos pela tinta do tempo, a torre do campanário da basílica, projetando-se para as alturas. Um calafrio percorre-lhe a espinha, e ele, então, teve ímpetos de voltar a seu antigo lar, rever os lugares que lhe foram tão caros, na infância e na juventude; a velha mansão onde crescera, alegre e despreocupado, ao lado dos pais. Vem-lhe, à lembrança, *Honoré*, o velho e bom mordomo. Estaria vivo? Não recebera mais notícias, nada. O passado estava, decididamente, enterrado, e o barão *Vincent II de Quentin* deixara de existir, no momento em que ultrapassara o limiar dos portões daquela abominável instituição.

Não tivera muita escolha: deixara-se levar pelo fogo avassalador de um incontornável sentimento de ódio que desencadeara uma tragédia que, agora, não podia reparar. E, como se arrependia!... Entretanto, era tarde!... Perdera tudo: perdera a mulher que amava, a fortuna, a liberdade; caíra em desgraça e estava na iminência, também, de perder a vida...

Ah, se pudesse fugir, buscar novos lugares!... Dizer que se habituara à vida monástica, já seria demais!... Aquilo, não se habituaria nunca!... Sempre fora livre e gostava da liberdade, de passear, de cavalgar, sentindo o vento batendo no rosto. De repente, o cheiro dos bosques, denunciando a força da primavera, reacende-lhe velhas sensações que apenas dormitavam no imo de sua alma. O coração começa a bater-lhe mais forte, e ele sente a pujança de sua juventude querendo saltar para fora, qual um garanhão contido que, de repente, ganhando a liberdade, saísse afoito, saltitando e escoiceando o ar, a esmo.

Era o homem dentro dele, jovem, bonito e forte, gritando que queria deixar aquela prisão horrível: queria amar e ser amado!... Vem-lhe, de inopino, à boca, o gosto dos beijos de sua amada; seu cheiro, sua pele branca e fresca e a maciez de seus cabelos... Profundo suspiro sai-lhe do fundo do peito, tão cheio de dor, que pareceu arrancar-lhe e trazer consigo, também, o coração, ainda pulsante.

Toda a viagem deu-se assim: um misto de alegria, por ter deixado aquelas frias paredes da abadia e, por outro lado, mesmo cavalgando a toda brida, rumo a seu novo destino, permanecia nele a sensação de que continuava só, prisioneiro de uma solidão da qual não conseguiria escapar, mesmo fazendo todo o esforço deste mundo.

Triste ironia!... Desejava fugir, mas era refém de sua própria vida!... Por mais paradoxal que pudesse parecer, esse pensamento trouxera-lhe profundo amargor à alma. Por que não poderia ter direito à felicidade?... Que o impedia, naquele momento, de fugir, de ganhar novos horizontes?... E, se fosse para a América?... Poderia ir a *Le Havre* e se engajar, como marinheiro, num navio mercante que rumasse à América e, uma vez estando lá, daria novo rumo à sua vida. Ninguém saberia jamais de seu paradeiro, pois o território americano era imenso, e lhe seria fácil desaparecer, sem deixar qualquer pista.

As idéias que lhe vinham à mente eram realmente tentadoras. Mas, no íntimo, não queria deixar seu país; amava a França e, no fundo, nutria ainda a esperança de que, um dia, pudesse reverter a situação em que se encontrava e ter de volta o título e a riqueza que havia perdido.

A abadia não era muito distante de *Toulouse*, de modo que, antes que desse meia-noite, ele já batia forte, com o punho fechado, no portão do pátio da mansão episcopal, acordando o padre mordomo que acorreu solícito, para abrir.

- Sua Excelência já se recolheu, *Monseigneur* - diz o monge, reconhecendo *Vincent*. - Mas, tenho ordens expressas para receber-vos.

Após ter tomado ligeira refeição, *Vincent* acomoda-se e, já deitado, pensa no que o aguardaria dali para frente. Certamente, o bispo iria mantê-lo ali, na diocese, ocupando um cargo administrativo qualquer, o que não deixaria de ser uma vida monótona e enfadonha. Por mais culto que o bispo fosse, sua companhia não seria tão agradável, divertida e cheia de surpresas quanto a amizade e a convivência que tinha com *Père Jérôme*. Ao velho monge, sim, *Vincent* devia o fato de sua vida não ter sido o inferno que deveria ser, a princípio, logo que se internara na abadia. Não fosse a amizade do velho, teria enlouquecido, por certo. Mas, ali, não teria a companhia diuturna do amigo, nem as suas brincadeiras ou a sua cultura e seus sábios conselhos, sempre à mão. Será que o bispo agiria da mesma forma para com ele?... Ser-lhe-ia também como um pai?... Hierarquicamente, era-lhe superior, o que poderia trazer uma certa barreira no relacionamento entre ambos; por outro lado, havia a amizade de família e o respeito mútuo...

Quando acorda, de manhã, o dia já ia adiantado. Caíra num sono pesado, pois estivera cavalgando por mais de dezesseis horas, apenas parando para rápidos descansos. Veste-se e vai ter com o bispo que o aguardava em seu gabinete.

- Fico feliz, em vê-lo são e salvo, meu bom amigo! - diz-lhe Dom *Théophile*, abraçando-o efusivamente. - Fizeste boa viagem?

- Desculpo-me pelo avançado da hora, Excelência, mas estava muito cansado - explica-se o rapaz. - Cavalguei sem interrupções pelo caminho, pois temia pernoitar pelas estalagens.

- Fizeste bem!... Todo cuidado que tomares ainda será pouco! - diz o prelado.

- Já pensastes sobre o que farei doravante? - pergunta-lhe *Vincent*, um tanto ansioso pelo destino que lhe reservava o bispo.

- Pensei e cheguei à conclusão de que não ficarás na mansão episcopal - diz Dom *Théophile*. - Como monge e vestido como tal, chamarás atenção, posto que é a um monge que procurarão, concordas?... Pois bem, permanecerás em trajes seculares e, como preposto da diocese, habitarás uma propriedade que temos nos arredores de *Toulouse*. Usarás, também, um nome falso; dessa forma, não te localizarão com facilidade se, de repente, resolverem dar cabo de ti.

- Entendo, Excelência, e acho que é o mais acertado - diz *Vincent*, sentido-se mais animado com a perspectiva de habitar lugar mais agradável. - Pensastes também no nome que deverei usar doravante?

- Ainda não, mas que me dizes de... - o bispo pensa um pouco e acrescenta: - *Frédéric Versignon*?... E, também, espalharemos o boato de que tu és de Paris e amigo do cardeal *de Chanterre*!

- Perfeito, Excelência!... - exclama *Vincent*. E, pergunta, sem esconder a grande satisfação que lhe invadia a alma: - E, quando devo ir até lá?

- Imediatamente e, quanto menos apareceres, será melhor para ti - observa Dom *Théophile*. - Lá encontrarás tudo pronto, criadagem, roupas seculares... - e lhe entrega, a seguir, uma bolsa de couro, acrescentando: - Aqui tens o dinheiro suficiente para tuas despesas pessoais. Evita, repito, de apareceres!... Só o faze, se for estritamente necessário!

A propriedade distava apenas quatro quilômetros de *Toulouse* e, seguindo as prévias orientações do bispo, *Vincent* achou-a com relativa facilidade. Cavalgava, através de estradinha margeada de bosques de faias, até que se deparou com um alto portão de grades em ferro fundido, preso a duas pilastras quadrangulares de pedras escuras, que se destacavam de muro alto, também de pedras quadradas. Ao lado direito do portão, e presa ao muro por grossos parafusos de bronze, havia uma placa de ferro fundido, com os dizeres em alto-relevo: *Manoir des Pommiers*.¹

Pouco tempo depois, *Vincent* desapeava de seu corcel, diante de aveluscada mansão, que se escondia no meio de bem tratado bosque. Apesar de possuir aquela aparência secular, o casarão mostrava-se convidativo, à primeira vista. Notando-lhe a chegada, um servidor acorreu solícito, fez ligeira reverência e disse:

- *Bonjour, Monseigneur, soyez bienvenu!...* ² Eu sou *Pierre Bresson*, administrador da propriedade, e vós deveis ser o novo preposto, pois não?

- *Parfaitement, Pierre*. E, meu nome é *Frédéric Versignon*

- diz *Vincent*, apresentando-se. E, em seguida, ordena ao homem:

- Por favor, traga a minha bagagem.

Galgando os degraus da grande escada de mármore que dava acesso à entrada principal, *Vincent* observava a arquitetura do palacete. Era de bom gosto, apesar de exibir, um tanto exageradamente, os traços do estilo clássico. Deveria datar do final do século XVI, a dizer da exorbitância das linhas retas do telhado, que era plano.

O rapaz, decididamente, não apreciava muito o estilo que haviam copiado dos antigos, como redescoberta e conseqüente volta ao modelo grego de inspiração para as artes, que ocorrera dois séculos antes. "Sinal de que as coisas devem mudar constantemente," pensa.

(1) "Solar das Macieiras", em francês.

(2) '- Bom-dia, senhor, sede bem-vindo!...', em francês.

"Imagina, se todos gostássemos de uma coisa só, Para sempre!... Estaríamos habitando as cavernas até hoje!..." No íntimo, ri-se de seus pensamentos.

Pierre vinha-lhe imediatamente atrás, carregando, com certa dificuldade, os dois sacos de viagem que o outro trouxera consigo e, ao mesmo tempo, quase sem fôlego, ia indicando a *Vincent* as direções que deveria tomar até que chegassem ao aposento que lhe havia reservado, no andar superior.

- *Votre chambre à dormir, Monseigneur*³ - diz-lhe *Pierre*, ao adentrarem a espaçosa e bem decorada câmara.

Ao ficar só, no aposento senhorial, *Vincent* lembra-se de seu próprio quarto, em sua antiga mansão. A cama com o baldaquino, o colchão alto e macio, os móveis de boa lavra, a tapeçaria, a decoração das paredes, com obras de arte, as cortinas de veludo vermelho, emoldurando as amplas janelas que traziam um grande retalho do céu e os perfumes da natureza ali para dentro do recinto... Quão diferente era aquilo tudo da sua singela cela na abadia!... Suspira. Quanto tempo ficaria ali, gozando daquela delícias, despreocupadamente?

A semelhança de um colegial, arroja-se sobre o leito, que o recebe com fofo ruído; sente, então, o frufriular de suas roupas, roçando-se ao cetim dos lençóis, como num temo abraço de boas vindas que lhe dava o leito aconchegante. Ri-se e chega quase a gargalhar, deitado de costas sobre a cama. Preme, fortemente, os olhos e se imagina, então, vivendo ali, para sempre, livre, despreocupado!... De repente, do riso, vem-lhe o pranto - pranto quente, amargo. Faltar-lhe-ia a peça principal para a sua felicidade... Que lhe importaria estar ali, rodeado de comodidades, se não tinha seu amor?

A magia do lugar desaparece, como que por encanto; então, ele se senta no leito e olha em derredor.

(3) "— Vosso quarto de dormir, senhor", em francês.

O ambiente, de inopino, perde a graça: tudo parece estar desbotado, anacrônico, sem-graça. A realidade cai-lhe sobre os ombros como uma rocha de desmesurado peso, arrastando-o, impiedosamente, de volta à razão. Ah, a malevolentíssima razão que, sempre atada à realidade, fere-nos, mortalmente, com sua impiedosa crueza!... Por que se iludir?... Estava morto; morreria no mesmo dia em que *Céline* morreu.

Sentiu-se, então, como um cadáver que tão somente aguardava o momento em que piedosas mãos viessem realizar seu sepultamento.

Deixa o quarto, derreado pelo peso de lembranças tão cruéis. Iria passear pelo jardim e pelo bosque, travar conhecimento com o lugar em que - gostasse ou não - teria de morar, doravante, e não sabia por quanto tempo, ainda.

A forte luz do dia fere-lhe a vista e ele preme os olhos, por alguns segundos, para habituá-los à claridade. Vestia uma camisa de cambraia branca, calções de malha amarelo-palha, mais a sobrecasaca de gorgorão de seda azul-escura e o chapéu preto de três pontas. Continuava sendo um belo rapaz, de porte esbelto, esguio, e metido em roupas seculares de fina confecção, que em nada lembravam as do pálido e abatido monge, forçadamente aprisionado em *Saint Michel Aix-en-Provence*.

Caminhava pelas alamedas da propriedade, observando tudo, minuciosamente, e tomando nota, na memória, de cada recanto que se apresentasse digno de registro.

Passa bom tempo vagando pelo bosque que rodeava a mansão. Percebe que a propriedade não era muito extensa e que se destinava, basicamente, à moradia ou veraneio, pois não notara qualquer atividade agrícola ou criatório de animais; exceção feita, entretanto, a um pomar de maçã, relativamente extenso, que vicejava entre o bosque e os limiares da propriedade. Que fariam com tantas maçãs? Precisava saber. Em pouco tempo, havia percorrido quase toda a propriedade, descobrindo que havia, ainda,

um pequeno estábulo, um pequeno barracão de tijolos à vista, que se encontrava trancado, e algumas poucas casas de pedra para os serviçais. Na realidade, a propriedade era bem pequena. No passado, deveria ter sido a casa de campo de nobres de *Toulouse*, e hoje, por fazer parte do rol das propriedades eclesiais, na certa, fora doação de alguém que professara. Bem parecido com o que ele fizera!... Triste ironia!... Sabia que ele não era o único no mundo a fazer tal coisa. Que triste drama não esconderia, também, aquele lugar?

O sol já ia alto, indicando que passava muito do meio-dia. Sentiu fome e resolveu voltar. No meio do caminho, encontra *Pierre Bresson*.

- Estava à vossa procura, *Monseigneur* - diz-lhe o serviçal, enxugando o suor que lhe escorria testa abaixo, com um lenço de limpeza duvidosa. - Preocupava-me convosco, pois já passa muito das duas horas e não tomaste nenhuma refeição ainda!

- Tens razão, *Pierre!* - responde-lhe *Vincent*. - Meu estômago já reclama por algum alimento.

- Como ainda não conhecemos vossos hábitos, ordenei que vos fizessem o almoço para o meio do dia - diz o serviçal, enquanto caminhava a dois passos atrasados de *Vincent*, como era hábito à época.

- Está correto, *Pierre*. É por esse horário que costumo tomar minha refeição do meio do dia. A propósito, há muitos criados na casa? - pergunta *Vincent*.

- Não, *Monseigneur* - responde-lhe, solícito, *Pierre*. E, prossegue relatando, enquanto caminhavam: - Creio que, como já pudestes observar, a propriedade é pequena. Na casa, temos três criadas, duas das quais são cozinheiras; para o serviço externo, temos um jardineiro, um palafrenero, que também faz as vezes de cocheiro, e a mim, que sou o capataz, e vivo correndo para todo canto, pois é preciso que tudo funcione bem. A propósito, esquecia-me de dizer-

vos: acaba de chegar uma nova criada de quarto, enviada por Sua Excelência, o bispo, para vosso serviço particular.

- Dize-me, *Pierre*, que fazeis com todas as maçãs que produzem tantas macieiras? - pergunta, intrigado, *Vincent*.

- Ah, as maçãs!... - o homem pareceu gostar do novo preposto que tanto se interessava pela propriedade. E, mostrando muita boa vontade, explica: - Fazemos sidra, *Monseigneur*. Aliás, é a única coisa que se produz aqui - e a fazemos muito bem, pois nossa bebida é muito bem aceita -, e toda a nossa produção é rapidamente vendida pelos arredores. O próprio bispo é grande apreciador de nosso espumante!

- E o que fazem à época da colheita? - pergunta o rapaz, sempre curioso. - Ao que parece, há um bom número de árvores no pomar.

- Contratamos trabalhadores temporários e colhemos tudo rapidamente - explica o outro. - Já, para a confecção da sidra, recebemos, durante três meses, as irmãs do convento de *Saint 'Anne de Chapelle*, que nos auxiliam no preparo da bebida. O convento localiza-se no outro lado do vale, a apenas três quilômetros daqui. Não sei se notastes, mas há um lagar, no limiar do pomar, e as monjas lagareiras vêm, na época precisa, para o preparo do vinho. Toda a renda reverte-se, depois, parte para nós e parte para o convento.

- E onde se armazena a produção? - quis saber *Vincent*. - O lagar não me pareceu tão grande assim!

- Temos uma grande adega subterrânea, cuja entrada dá exatamente para o interior do lagar, e é onde armazenamos toda a produção. Se quiserdes, após o almoço, mostrar-vos-ei o local. Faz pouco tempo que encerramos a última safra e fechamos tudo para que o vinho descanse um pouco, antes de ser comercializado - observa o capataz. E, prossegue, cheio de orgulho: - Esmagamos grande quantidade de frutos e a nossa produção foi excelente!

Chegando à mansão, *Vincent* sobe ao seu quarto para descansar um pouco, dando ordens a *Pierre* que só o chamassem para o almoço

daí a meia hora. Após lavar o rosto e se refrescar, observa-se no grande espelho, fixado acima do toucador. Estava tomando-se um homem maduro, tinha completado, já, trinta anos, e suas feições iam ganhando a gravidade da madureza. Engraçado como tinha quase os mesmos traços do pai: a cabeça grande; a testa ligeiramente inclinada; as sobrancelhas eram um pouco grossas e levemente arqueadas nos lados; o nariz reto, um pouco afilado; os lábios bem desenhados, emoldurados pelo basto bigode negro. Sorri, e se lhe apontam os dentes incisivos, grandes, quadrados, com ligeiras irregularidades na disposição que, ao invés de trazerem qualquer toque de fealdade, davam-lhe certo tom de graça, de peculiaridade. Tinha, realmente, muita semelhança com o pai; da mãe, herdara a cor dos cabelos, de tonalidade castanho-escuro, e a pele um pouco mais clara que a do pai, que era mais amorenado e tinha os cabelos negros.

A lembrança dos genitores arranca-lhe profundos suspiros. Eram suspiros de saudade. Que falta eles lhe faziam, posto que estiveram sempre presentes em sua vida, sempre amigos, a seu lado! Que vida inútil estava levando!... Era o único herdeiro de sua estirpe e se acovardara diante do inimigo! Os barões de *Quentin* morreriam ali, com ele... Esse pensamento traz-lhe imensa revolta contra o homem que destruíra a sua vida. Ah, maldito *Henri de Clairmont*... Fora pouco o que fizera com sua vida, e queria destruí-lo ainda mais?... Que morte maior pode-se imputar a um homem, que lhe tirar o amor de sua vida?... Sente o ódio reacender-se, violentamente, em seu coração, e crispa as mãos como se desejasse sufocar o antigo desafeto até a morte.

Após a violenta explosão de ódio, sente as pernas fraquejarem e se deixa sentar, pesadamente, sobre uma poltrona. Enterra o rosto, em ambas as mãos; tinha-o congestionado pela dor e desfigurado pelo desgosto, e só não chorava, porque já estava cansado de chorar. Até de chorar cansa-se o homem, quando a vida só lhe apresenta o pesado guante e o chicote inclemente, cobrando-lhe tão-somente

dores e dissabores. Só teria paz no coração quando um dos dois morresse. Ódio assim só se aplaca com sangue, e sangue derramado com muita raiva, com muita violência...

Leves batidas à porta tiram-no desse terrível solilóquio. Com a voz um tanto enrouquecida pelo excesso cometido e procurando recompor-se o mais rapidamente possível, ordena que se entre para, logo em seguida, emitir outro grito, só que de estupefação, ao avistar a jovem criada que adentrava seus aposentos:

- *Hélène!... Qu 'est-ce que fais-toi ici?!...⁴*

A criada que vinha chamá-lo para a refeição também se espanta por encontrá-lo ali, e não era ninguém mais que *Hélène*, a neta da velha *Éponine*, que ele conhecera numa visita que fizera ao casebre delas, tempos atrás, em companhia de *Père Jérôme*, quando este tratava da doença da velha. Surpreso, dá-se conta de que era ela a sua nova criada de quarto.

- *Je me suis Hélène, Monseigneur, votre servante...⁵* - diz a jovem, com delicadeza, e fazendo ligeira reverência.

Hélène apresentava-se um tanto mais bem tratada de quando *Vincent* a conhecera, tempos atrás. Estava mais branca, mais corada. Tinha, realmente, muita semelhança com *Celine*.

Vincent aproxima-se da jovem, toma-lhe as mãos e a olha nos olhos. Fizera isso, espontaneamente, num ímpeto, impulsionado pela magia daquele reencontro.

- *Hélène!... Hélène!...* - repete o rapaz, segurando-lhe as mãos e sem conseguir tirar seus olhos dos olhos da jovem que se sentia encabular. - Lembras-te de mim?... Em *Saint Michel Aix-en-Provence?*... - pergunta, ansioso, pois se lhe afigurava de suma importância que ela se lembrasse dele.

(4) "- Hélène!... Que fazes aqui?!..." , em francês.

(5)"- Sou Hélène, senhor, vossa criada..." , em francês.

- *Oui, je me souviens de vous... Mais, pardon, Monseigneur!...*⁶ Vosso almoço... - tentava dizer-lhe a moça, sentindo-se vexada, porque ele lhe prendia, fortemente, as mãos, entre as dele.

Vincent, extasiado, não a ouvia: sentia-se aprisionado pelo rosto da jovem. E, como bebia a imagem de *Hélène!*... Meu Deus, era como ter *Céline* de volta, ali, ao alcance das mãos!... Não poderiam ser tão parecidas!... Por força de que terrível sortilégio estaria aquilo acontecendo?... Que estranho mistério e que espantosa coincidência encontrá-la justamente ali!

- Dize-me, *Hélène*, como chegaste até aqui? - pergunta ele, relutantemente, soltando-lhe as mãos.

- Depois que vovó morreu, não tinha mais ninguém neste mundo; então, resolvi deixar a aldeia e tentar a vida aqui, em *Toulouse* - relata ela, com certo acanhamento de encará-lo nos olhos. E, prossegue, muito timidamente: - Depois de muito procurar, em diversos lugares, sem nada conseguir, e quando já estava quase passando fome, fui pedir ajuda ao vigário da igreja de *Saint Sulpice*. Ele, então, ajudou-me a encontrar esta colocação. Hoje é o meu primeiro dia de trabalho...

Como *Vincent* se sentiu feliz em encontrar a jovem ali!... Tomado de grande alegria, teve ímpetos de abraçá-la, mas se conteve. E ela, aparentemente, nem havia notado o fato de ele não envergar o hábito de monge: reconhecera-o, também, de imediato.

Passado o primeiro impacto do reencontro, *Vincent* segue-a ao salão de refeições, que ficava no andar térreo. Mal conseguia comer, tomado que estava pelas fortes emoções de ter reencontrado a pobre *Hélène*, que permanecia ali, de pé, ao lado da copeira, que o servia, solícita.

Hélène, por sua vez, mantinha os olhos baixos, em atitude servil, como estava habituada e como fora educada, pois nascera para servir, como lhe ensinara a pobre avó.

(6) "- Sim, lembro-me de vós... Mas, perdão, senhor!...", em francês.

Vincent olhava para ela, amiúde. Era bonita, mesmo em trajes de criada. O vestido de musselina preta, o avental branco e *la toque blanche*, cobrindo-lhe os cabelos, arranjados num coque, preso à nuca. Tinha o porte belo, a danadinha!... Seu coração ardeu de desejos, e ele teve ímpetos de estreitá-la aos braços, de beijar-lhe os lábios. Era o antigo fogo da paixão que se reacendia, pois era um homem, acima de tudo, e, um dia, amara uma linda mulher!... Difícil era-lhe esquecer tais coisas... Lembra *Père Jérôme*, e o que ele lhe havia dito sobre *Hélène*: "Ela não passa de um grotesco arremedo da marquesa de *Vichy*!..." Estaria tão cego pela paixão que não enxergaria a realidade?... Não, decididamente, não havia perdido o juízo: *Hélène* lembrava, sim, a outra, e com excessos de detalhes, por sinal...

Levanta-se da mesa de refeição e pretendia dirigir-se à biblioteca. Lembrou-se então de que sequer conhecia, detalhadamente, a casa e pediu a *Hélène* que o acompanhasse. Sentia um prazer enorme em estar com ela, queria conversar com ela, vê-la a seu lado, sentir o seu perfume adocicado, embora sabendo, de antemão, que ela não usava perfume algum. Paradoxal aquilo, mas quem ama sabe que a pessoa amada cheira bem; cheira sempre o perfume que gostamos de cheirar... Ou seria possível pensar-se que o amor não teria cheiro?... Como a mais sublime das coisas poderia não ter cheiro?... Inconcebível essa idéia!... E, *Hélène* tinha o perfume de uma grande paixão...

- Sabes ler, *Hélène*? - pergunta-lhe ele, ao chegarem à biblioteca, que exibia uma infinidade de volumes ricamente encadernados.

- *Non, Monseigneur* - responde-lhe a jovem, mecanicamente. *Vincent* observa que aquela passividade em sua voz demonstra que, para ela, saber ler ou não nunca havia tido a menor importância ou que a ausência da cultura contida nos livros houvesse-lhe feito qualquer falta até então. Tinha sido assim, e quem se importava com ela? Não passava de uma simples camponesa, que

nascera apenas para servir. Mas, ele se importava com ela, sim, e lhe pergunta:

- Queres aprender a ler, *Hélène*? Posso ensinar-te, se quiseres... -*Moi-je?!... Mais non, Monseigneur!...*⁷ - espanta-se a jovem, corando muito, posto que fora pega de surpresa pela pergunta feita de chofre.

Vincent estava altamente abalado. Sentia o sangue agitar-se nas veias e não conseguia controlar-se com a proximidade da jovem. Ela, decididamente, mexia com os sentimentos dele, e ele não conseguia conter-se. A respiração tomava-se-lhe difícil, o coração batia descompassado. Aproxima-se dela que, passivamente, dada pela inexperiência ou pela inocência, ou ainda, pela necessidade de submeter-se, a qualquer custo - em detrimento da fome e da miséria a que estaria sujeita -, não o repele. Pelo contrário, a proximidade daquele homem forte e bonito também mexia com ela.

- Quero estar com você, *Hélène!*... - sussurra *Vincent*, tomando, delicadamente, o queixo da jovem, com as mãos.

Em seguida, chega seus lábios aos dela, que lhe recebem, passivamente, o primeiro beijo...

Naquela noite, *Vincent* não conseguia conciliar o sono. O fogo da paixão por *Hélène* consumia-o, sem piedade. Mas, ele não relutava, não opunha resistência. Era bom sentir aquilo, novamente, e, desta vez, não deixaria a paixão aniquilá-lo, não. Submeter-se-ia a ela, embebedar-se-ia dela, até se fartar!... Quem poderia impedi-lo?...

De manhã, acorda com leves toques na porta. Ainda no leito, ordena que entrassem. Era ela, *Hélène*, que lhe trazia a bandeja com o café.

- *Bonjour, Monseigneur!*... - saúda-o, com sua vozinha, que muito se assemelhava ao ronronar de uma gatinha. - *Je vos porte votre petit déjeuner...*⁸

(7) "- Eu?!... Não, senhor!...", em francês.

(8) "- Bom dia, Senhor!... (...) - Trago-vos vosso desjejum...", em francês.

Delícia das delícias, tê-la ali, ao alcance das mãos!... Bastaria ordenar, e ela faria o que ele mandasse. Não era a sua criada *de chambre*

-*Merci beaucoup, Hélène...* - diz-lhe, gentil. E, fitando-a com olhos ardentes, ordena: - Fecha a porta.

Vestindo apenas a camisola de dormir, *Vincent* levanta-se do leito, atrai-a para si e a beija ardentemente. A paixão extrava-se-lhes, em catadupas, e eles se deixam levar. Pobre *Hélène!*... De que terríveis dores e humilhantes provações poderia ter-se poupado, se tivesse colocado o mínimo de resistência àquele incêndio passional, pelo qual se deixara incautamente arrastar!...

E, essa cena repetiu-se inúmeras e inúmeras vezes, pelos meses que se seguiram. *Vincent* sentia-se feliz, achando que amava *Hélène*; *Hélène* pensava que *Vincent* a amava, e que ela se tomaria condessa ou qualquer coisa assim. Ele não era rico, bonito, e o dono da casa?... Quem lhe poderia dizer o contrário?... Aliás, o restante da criadagem e mesmo *Pierre* sabiam do enlevo a que ambos entregavam-se; mas, o que tinham a ver com aquilo?... Sequer sabiam, na realidade, quem era *Vincent*.

Entretanto, a paixão desenfreada a que se entregaram, sem a devida responsabilidade a que se devem submeter as criaturas que se envolvem em relacionamentos assim profundos, levou-os a consequência inesperada. Certa manhã, *Hélène* relutava em submeter-se aos carinhos de *Vincent*. Mostrava-se arredia e deixava transparecer demasiada preocupação.

- Que tens, *Hélène?* - pergunta o rapaz, tentando enlaçá-la e atraí-la para junto de si, no leito.

Hélène, entretanto, esquiva-se dos braços dele e, mal disfarçando o descontentamento, diz:

- Hoje não... Estou indisposta...

- Não acredito em ti! - exclama ele, contrariado.

Vincent salta do leito e a agarra pelos flancos. Tenta beijar-lhe a nuca, mas ela se desvencilha e diz, com certo azedume na voz:

- Não és capaz de respeitar-me um só dia?... Já te disse que não estou bem hoje!... Não crês em mim?

O rapaz percebe, então, que o que ia à alma da jovem devia ser algo realmente sério. Mudando sua atitude, pergunta-lhe, em tom paternal:

- Dize-me o que tens, *Hélène!*... Nunca te vi assim!... Não queres confiar em mim?

Então, observa estarrecido, que ela parecia chorar. De início, apenas dois bagos grossos de lágrimas rolaram-lhe face abaixo; depois, ligeiro soluçar sacudiu-a repetidas vezes. *Vincent* insiste:

- Dize-me, *Hélène*, o que te aflige?... Magoaram-te?...

A jovem, apoiando o rosto no ombro do rapaz, limita-se apenas a sacudir a cabeça, negativamente. E, ele continua:

- Magoei-te eu?... Se fui eu, dize-me: peço-te perdão, olha!... A reação foi apenas o aumento do choro. Nada parecia fazê-la falar. *Vincent*, então, afasta as pesadas cortinas de veludo vermelho, e o sol nascente projeta, repentinamente, um quadro luminoso no espesso tapete de lã que recobria o piso do aposento, revelando dourada miríade de grânulos de pó a dançar lânguido bailado no foco luminescente. Pôde, assim, ver-lhe melhor o rosto. Estava um pouco pálida e, percebendo que o rapaz encarava-a, ergue, timidamente, os olhos e revela um rosto marcado pela dor do desencanto.

- Se não me dizes, como vou saber por que choras?... - diz *Vincent*, exasperando-se.

Hélène percebe, então, que ele poderia perder a calma e balbucia, temerosa e reticentemente, numa voz quase inaudível:

- *Je me suis grosse!*...

A revelação cai sobre ele como uma saraivada de pedras: grávida!... Mas, ela não poderia engravidar!... Ele não poderia ser pai, jamais!... Oh, como ela poderia saber?!... E, que culpa *Hélène* poderia ter, se

não lhe dissera, na realidade, quem ele era?... A confusão instala-se em sua mente. Apavora-se e tenta dizer algo:

- *Ce n'est pas possible, Hélène!... Dis-moi: tu te trompes, n'est-ce pas?*

- Não, eu não estou enganada: estou grávida, sim!... - reafirma a jovem, olhando fundo nos olhos dele.

Hélène não consegue sustentar-lhe o olhar por muito tempo, e o pranto brota-lhe, mais abundante, trazendo soluços que a convulsionam fortemente.

Vincent toma-se de paixão pela jovem. Gostava dela, embora já houvesse descoberto que não a amava. *Père Jérôme* tinha razão: *Hélène* era apenas um arremedo de *Céline*; não possuía, nem de longe, o requinte e a *finesse* da marquesinha de *Vichy*, a quem ele tanto amara. Aquela jovem, que estava ali diante dele, não passava de uma camponesa, e todas as tentativas que *Vincent* fizera para tirar-lhe os hábitos grosseiros da educação que ela recebera da avó - pessoa também inculta e rude - tornaram-se infrutíferas. Além disso, demonstrara ser um tanto geniosa e ciumenta, traços de personalidade que a sua amada *Céline*, decididamente, não tinha. Mas, deixara-se levar pela paixão, que tudo encobre, inclusive os defeitos mais proeminentes, que os olhos da razão teimam em não ver. E, uma vez aplacado o fogo dos desejos, surgiram os desenganos, as divergências de caráter... E, ele só descobriu - pena que um pouco tarde! - que, para que dois seres, efetivamente, apaixonem-se, é necessário que haja mais que simples atração física: é preciso, além dos arroubos passionais, que as almas também se cumpliciem, tornem-se únicas, fundam-se... Eis a magia do amor!

Essa criança já nasceria marcada pelo abandono, pois ele não poderia reconhecê-la como pai. Primeiro, porque era um monge, e os monges, costumeiramente, não eram pais; depois, o que tinha de seu para criar a criança?...

(9) "- Isso não é possível, Hélène!... Dize-me: tu te enganas, não é?", em francês.

Nada, pois era pobre e dependia da ordem religiosa para manter-se. Se apostatasse, teria que fugir, carregando *Hélène* consigo.

Por um momento, veio-lhe à mente a idéia de fugir. Sim, fugiria com *Hélène* para a América e, juntos, criariam o filho. Quase lhe disse isso, mas hesitou, ao acorrerem-lhe outros pensamentos interferentes. Fugir como um bandido?... Não, ele não era um facínora, um fora-da-lei. Os verdadeiros criminosos ficariam ali, impunes, e gozando dos bens que lhe pertenciam?... Não, e, pelas histórias que ouvira sobre o Novo Mundo, sabia que a vida lá não era fácil, que havia também dificuldades imensas, e ele não tinha nada, absolutamente nada de seu, e não estava nele roubar a tesouraria da abadia, como faziam o abade e seus asseclas. Queria ficar e viver ali!... A França era o seu país, a sua terra, e ele não tinha nenhuma aptidão por aventuras extremas como aquela. Depois, segundo os relatos que lera sobre a América, lá havia selvagens, com os quais deveria disputar a posse da terra, matando-os, destruindo-lhes o lar!... E, também, estranhas febres que dizimavam os colonos aos milhares! Não, decididamente, deveria haver outra maneira para livrar-se daquele problema.

- Dize-me, *Hélène*, desde quando percebeste a gravidez? -pergunta-lhe, bastante ansioso e amargurado.

- Acho que estou no terceiro mês ou bem próximo disso -responde ela, cabisbaixa.

Precisava dizer a ela o que lhe viera à mente, mas ainda não sentia ter a coragem suficiente para tal. Como ela reagiria?... Quais Pretensões *Hélène* alimentaria acerca desse relacionamento que ambos mantinham?... Era algo que lhe doeria muito, na alma, mas teria que lhe dizer.

Aproxima-se da moça, que soluçava baixinho, toma-a nos braços e a abraça, ternamente. A seguir, beija-lhe a testa, encimada pela *toque blanche*, engomada e impecavelmente branca, que lhe escondia os

cabelos, rigorosamente penteados e presos à nuca. Depois, beija-lhe a face, ainda molhada de pranto, e lhe sussurra ao ouvido:

- Ouve bem, *Hélène*, o que vou dizer-te e espero que sejas compreensiva: tu não podes, em hipótese alguma, ter este filho!

Hélène desvencilha-se, bruscamente, dos braços do rapaz e dá dois passos para trás. Fita-o com um par de olhos arregalados e, alterando a voz, diz-lhe:

- Que dizes?!... Agora desejas matar teu filho?...

- Não, não!... Fala baixo, queres que nos ouçam?!... Não quis dizer isso!... Entendeste mal!... - diz o jovem, preocupando-se com a iminente ameaça de escândalo.

- Não?!... E, como farei para não ter teu filho?... Existirá outra maneira que, por acaso, eu desconheça? - exclama ela estentórea, arrostando-o.

A reação da moça fê-lo estremecer. Que faria?... Tinha que lhe contar que era um monge; mas, ela já não o tinha visto, envergando o hábito da ordem, quando se encontraram pela primeira vez, lá no casebre da avó?... Será que se esquecerá?

- Tente compreender, *Hélène*, eu não posso ser pai!... Não observaste, em *Saint Michel*, quando nós nos encontramos, pela primeira vez, que eu usava um hábito de monge?...

A jovem fita-o com olhos firmes, porém tremendamente carregados de tristeza, e sua voz sai clara, como se inspirativa força impulsionasse-a:

- Não me lembro se usavas um hábito ou não; lembro-me, apenas, de que me olhaste com ternura, como nenhum outro homem havia feito antes; lembro-me, claramente, de que reparaste em mim e que tocaste meu rosto, levemente, com teus dedos, e acariciaste meus cabelos, revoltos pelo vento; lembro-me, sim, de que me dirigiste palavras temas que me fizeram tremer de emoção, posto que nenhum outro homem me houvera, antes, dito coisas daquele modo; lembro-me, com tamanha nitidez, de que eras um lindo homem, fino e perfumado, que tomou as minhas mãos entre as suas

e as beijou, olhando-me, fundo nos olhos, com olhos de paixão, e me chamando de *ma douce Céline!*... Sei que me tomas por rude e ignorante, mas esta foi a vida que Deus me deu: não tive outra escolha!... Tu vinhas de outro mundo e, se eras um padre, que importância isso tinha para mim?... Não me disseste nada, e eu nada te perguntei; apenas nos deixamos envolver e aqui temos o fruto de nosso amor!... Agora não o queres?... Que faço eu com ele?...

- Ouve, *Hélène*, eu não tenho nada de meu; dia desses terei que retornar a *Saint Michel*; para lá, não poderei levar-te e, muito menos, com um filho a tiracolo! - diz *Vincente*, às raias da exasperação.

- Triste então será a minha sina! Pois, aqui, também não me quererão e, ainda mais, quando souberem que espécie de criada sou!... - observa ela, com extremo amargor à voz.

Ambos tinham sério problema a resolver, pois *Vincent*, a qualquer momento, poderia ser chamado a retomar a *Saint Michel* ou ir para um outro mosteiro, em qualquer outro lugar deste mundo. Difícil ser-lhe-ia convencer *Hélène* a dar um fim àquela gravidez indesejada.

De repente, súbita idéia vem-lhe à mente como um clarão: seu velho amigo e médico, *Ferdinand Petit!*... E, encontrava-se ali mesmo, a poucos quilômetros, pois vivia em *Toulouse*, onde clinicava. Restava-lhe, então, convencer a jovem a fazer o aborto, coisa que lhe custaria apenas um pouco de lábia, pois sabia que, no fundo, *Hélène* gostava dele e faria tudo o que mandasse. Profundo suspiro de alívio escapa-lhe da garganta. No íntimo, alegre-se, pois era como se, repentinamente, arriasse imenso peso que lhe maltratava as costas já tão sobrecarregadas.

Procura pensar em algo bem convincente para dizer a ela e se mantém, longo tempo em silêncio, enquanto maquina seu plano. Depois, mudando o tom da voz, diz para *Hélène*, acariciando-lhe, delicadamente, a face, com o dorso da mão, como costumava fazer:

- Pensando bem, *ma chérie*, acho que me expressei mal; não deveria ter dito para não teres o bebê!... Quero dizer que ainda é cedo para

pensarmos em filhos. Apenas guardava segredo do fato de eu estar deixando a Igreja. Vê: não sou mais um padre, pois não estou mais usando o hábito!... Era um segredo que não deveria compartilhar com ninguém; entretanto, agora tu sabes e, para que eu possa esperar a liberação de meus votos eclesiais, eu não posso ter nenhum impedimento, entendeste?... Isso não quer dizer que, depois que eu me livrar deles, não possamos casar-nos e termos uma dúzia de filhos!... Entendeste?... Assim que me liberarem dos votos, iremos embora, eu e tu, para a América e, lá, construiremos a nossa família. Que tal?

Hélène afasta-se um pouquinho para olhá-lo nos olhos; precisava encará-lo, ver-lhe o rosto, pois sabia que ele estava mentindo e, por mais que houvesse tentado, não lhe fora suficientemente convincente. Profundo abatimento então se apossa dela, e suas pernas que, enquanto ele lhe falava, já iam, paulatinamente, perdendo a capacidade de sustentar-lhe o corpo, ora fraquejam d vez e, primeiramente, ela cai de joelhos sobre o tapete; depois, amontoa-se, recolhida, pequena, sobre as pernas, e um nó imenso, do tamanho do mundo, obstrui-lhe a garganta, impedindo-a de falar, de chorar... Fica, ali, impotente, diante dele que, atônito, vê-a ir despencando para o chão.

E, *Vincent* não fez nada, não a amparou, pois, momenta neamente, não entendeu o que se passava com ela.

A seguir, soluços baixinhos, secos, sem pranto, principiaram a sacudir a jovem. Sentia-se mais só do que antes estivera. O que a estava ferindo de morte era a certeza de que ele não a amava; se a amasse, certamente, não estaria mentindo e pedindo que ela fizesse aquela monstruosidade!... Entendera muito bem o que ele pretendia que ela fizesse!... E, como lhe doía saber que ele a enganara!... A cabeça principia, então, a latejar, a pesar-lhe. Como o desencanto pode destruir uma existência, em pouquíssimos minutos!...

Pesados momentos passam-se, e eles se mantêm presos num silêncio duro e monstruoso para ambos. *Vincent* tentou raciocinar, procurar uma saída para a situação.

- Levanta-te, *ma chérie*... - diz, tomando-lhe a mão e fazendo-a erguer-se do chão.

A jovem, sem esboçar resistência, deixa-se erguer, maquinalmente. Não diz nada, sequer o fita uma só vez. Mantém baixos os olhos e soluça, fracamente, um choro seco, quase sem lágrimas. *Vincent* senta-a no leito e se acomoda ao lado dela. Em seguida, toma-lhe uma das mãos e a beija, ternamente.

- Gostaria que entendesses que, por ora, essa é a melhor solução... - diz *Vincent*, imprimindo certa gravidade à voz, pois desejava que ela compreendesse que a situação era realmente grave para ambos, e que teriam de resolvê-la, em comum acordo. E, continua, um tanto inflamado: - Ou, tu pensas que eu estou gostando dessa atitude?... Achas que, por acaso, sou algum monstro, que tomo essa decisão por canalhice?... Não, minha cara, dói-me tanto em mim, quanto em ti!... Se pudesse, levar-te-ia comigo ao fim do mundo!... Apenas gostaria que acreditasses em mim e fizesses o que te peço!... Depois, com tempo e com planejamento, constituiremos nossa família. Se cair nos ouvidos do bispo que te engravidei, nem quero imaginar! Não podes supor a quais castigos e provações submeter-me-ão!... É isso que queres para mim?... Terás um filho, sim, mas um filho sem pai!... Repito: e isso que desejas?...

Hélène nada diz. Apenas limita-se a levantar-lhe os olhos vermelhos e muito maltratados pelo excesso de choro. *Vincent* continua, pois teria que convencê-la a procurar o doutor *Petit*, voluntariamente, sem citar nomes ou situações que a tivessem colocado naquela condição indesejável. Se ele conseguisse ficar de fora, tanto melhor!

- Olha, *Hélène* - continua ele -, que queres que eu diga para convencer-te de que é melhor tirares essa criança o quanto antes?... Vamos, dizel!... Crês que eu te queira mal, somente por exigir que faças isso ou que vá abandonar-te em seguida?... Posso jurar que

não te abandonarei jamais, e que te farei muito feliz ainda, sem termos de encontrar-nos às escondidas!... Melhor: casar-me-ei contigo, assim que me liberarem dos votos!... Que dizes?...

Hélène responde-lhe com profundos soluços. Não tinha forças nem vontade de brigar com ele, naquele momento. Levanta-se, meio trôpega, e mal consegue balbuciar, sem encará-lo:

- *Je quitte...*¹⁰ - e sai, como uma sonâmbula.

- Espera, *Hélène*, não me deixes!... - exclama *Vincent*, na tentativa de segurá-la ali.

Hélène sai, e ele permanece só. O desespero, então, começa a dominá-lo. Se os outros soubessem, o que diriam?... Que diriam o bispo, *Père Jérôme*?... Não, decididamente, não poderia ser pai daquela criança!... Mas, que fazer?... Falar com *Ferdinand Petit*, aconselhar-se com ele?... Talvez o amigo médico tivesse a solução.

Intimamente, gostaria que *Hélène* mesma resolvesse esse problema. Teimosa, por que não aceitava?... Seria tudo tão simples, e ele ficaria fora do assunto; ninguém precisaria ficar sabendo. Escrúpulos a essa altura do relacionamento deles?... No fundo, havia sido tão bom, pois ele estava mesmo precisando desafogar-se, sentir-se viver novamente!... E, agora, aquilo tinha de acontecer, para estragar tudo?... Era bem verdade que não estava em seus planos apaixonar-se por *Hélène*; mas, seria, também, culpado por não ter previsto que *Hélène*, fatalmente, poderia vir a apaixonar-se por ele?

Ah, como as pessoas gostam de passar por cima dos sentimentos alheios, semeando dissabores, desencantos e ressentimentos!... Obtêm, com isso, uma infinidade de inimizades que, invariavelmente, transformam-se em processos obsessivos contundentes, cuja cura, na maioria dos casos, é longa e penosa para ambos os lados. Mas, que fazer?... É a manifestação do egoísmo, em sua mais fina crueza e plenitude, e que arrasta, atrás de si, uma caudal de desgraças.

(10) "- Eu estou saindo...", em francês.

E, para os crimes progressos, as pessoas têm a expiação -que se faz no presente -, trazendo-lhes a dor e a ausência de paz; para as aflições futuras, vão se valendo, desde já, de novas doses de egoísmo, de mentira, de orgulho, de interesses mesquinhos que, fatalmente, tirar-lhes-ão a paz vindoura!... Dessa maneira, os homens vão arrebetando as suas pontas, quebrando suas praganas e se esmerilhando, em contato com o reboio da dor, até ressurgirem, lá adiante, no crepúsculo dos tempos, como seres luzentes, heróis vencedores, porque vitoriosos sobre suas próprias imperfeições...

Vincent decide, por fim, aguardar mais um pouco, pois tinha a certeza de que iria convencê-la, cedo ou tarde, a abortar o bebê. Vestiu-se e saiu. Diante da casa, encontra *Pierre* que o aguardava para decidirem sobre assuntos pertinentes à administração da propriedade. Ele acaba, então, passando o dia todo envolvido no trabalho e chega a noite, sem que tivesse visto *Hélène*.

Durante o jantar, pergunta à copeira:

- *Sabine*, por acaso sabes onde se encontra *Hélène*?
- *Non, Monseigneur* - responde-lhe, solícita, a criada.
- Se a vires, manda-a ter comigo, entendeste?

Terminado o jantar, *Vincent* dirige-se à biblioteca. Ia ler um pouco até que lhe viesse o sono. Estava um pouco nervoso, ansioso para pôr fim ao problema que surgira. Apanha um volume, a esmo, sem sequer observar-lhe o título. Senta-se numa poltrona, ao lado de um luzeiro que ardia sobre um *guéridon* de madeira escura. Folheia o livro, displicentemente, sem, entretanto, fixar-se ao conteúdo da leitura. Prestava, sim, atenção à porta, na esperança de que *Hélène*, de repente, assomasse por ela.

Entretanto, as horas passavam-se, o sono vinha-lhe sorrateiro, embaralhando-lhe a cabeça, as pálpebras pesando-lhe, imensamente, e ela não vinha. Era já bem próximo da meia-noite, e *Vincent* deduziu que ela não viria. Magoara-se, talvez, com ele, ou, então,

Sabine ter-se-ia esquecido de dar-lhe seu recado. Paciência, iria dormir e, no dia seguinte, falaria, novamente, com ela.

De manhãzinha, acorda com leves batidas à porta. De antemão, sabia que não era *Hélène* que lhe trazia o desjejum. E acertara: era *Sabine*.

- *Bonjour, Monseigneur!*... - diz-lhe a criada, carregando uma bandeja de prata com sua refeição matinal. - *Je vos porte le petit déjeuner.*¹¹

- *Merci beaucoup, Sabine* - diz-lhe *Vincent*, um tanto desen-xabido por ver que não era *Hélène* a trazer-lhe o café da manhã. Contrariado, pergunta para a criada: - A propósito, ontem, não deste o recado a *Hélène*?

- *Mais oui, Monseigneur!*... - diz a criada, espantando-se. - Dei-lhe o recado, sim!... Encontrei-a, em seu quarto, e me disse que estava com forte dor de cabeça, mas me garantiu que vos procuraria!...

- Está bem, acredito em ti - responde *Vincent*, um pouco mais afável.

- Entretanto, agora, quero que procures por *Hélène* e lhe diga que venha ter comigo com urgência.

A criada deixa o quarto, e *Vincent* toma seu desjejum, sem fome, levando o alimento, mecanicamente, à boca. Uma legião de pensamentos díspares e confusos entupia-lhe a cabeça; não conseguia manter uma linha coerente de raciocínio, tamanha era a excitação que o acometia. Ele era assim: sempre tivera que resolver, rapidamente, seus problemas ou se veria consumir pela ansiedade, diante da hipótese de não conseguir livrar-se deles, o mais depressa que pudesse.

Acabava de vestir-se, quando ouve fracas batidas à porta. Conhecia o toque: era *Hélène*. Manda-a entrar e se depara com uma mulher arrasada e, literalmente, em frangalhos. A jovem observa-o, com profundo desestímulo, e diz com a voz fraca:

- Desculpa-me, por não te ter servido esta manhã... *Sabine* deve tê-lo feito a contento, não?

(11) "- Bom dia, Senhor!... (...) - Eu vos trago o desjejum", em francês.

Vincent sente-se tocar pela situação da jovem. Não imaginava que ela pudesse ser tão sentimental. Aproxima-se dela e a beija, suavemente, à testa:

- *Excuse-moi, ma belle!*...¹² - diz-lhe ele, fazendo-a sentar-se na poltrona. - Vejo que não dormiste bem e que te deixaste levar por emoções que, sinceramente, gostaria que não demonstrasses... Mas, que posso fazer?... Não sou dono de teus sentimentos!... Porém, advirto-te, com seriedade: poderei deixar esta casa, a qualquer momento, e como ficarás?... Já pensaste sobre isso?... Creio que sabes que não hesitarão, um só instante, em lançar-te à ma, logo que perceberem que estás grávida!... Ainda mais, tratando-se de uma propriedade da Igreja como é esta!... Queres ser lançada à mendicância com teu filho aos braços?

Hélène fita-o com os olhos rasos de pranto. Sente-se derrotada e, então, meneia, tristemente, a cabeça e diz, com a voz entrecortada de soluços:

- Dize-me o que devo fazer... - e, cobre o rosto com as mãos, como se quisesse esconder-se do mundo pela grande vergonha com a qual acabava de concordar.

Vincent sente-se reacender, e seus olhos faíscam felizes, pela consecução do que ele desejava. Abraça-a, então, beijando-lhe a face e os olhos ensopados de lágrimas.

- Muito bem, *ma chérie!*... Eu tinha a certeza de que irias fazer o que fosse melhor para todos nós!... - exclama ele, emitindo profundo suspiro de alívio. E, reavivando-se, prossegue, altamente estimulado: - Vou dizer-te o que fazer: hoje mesmo, irás ter no endereço que te darei a seguir, e dirás ao doutor *Petit*, antigo amigo meu, para que faça o serviço. Escrever-lhe-ei, também, uma carta, para que ele te dê a assistência necessária. Verás que tudo sairá a contento!... *D'accord?*...

(12) "- Desculpa-me, minha bela!..." , em francês.

Vincent, ali mesmo no quarto, redige uma carta a *Ferdinand Petit*, o médico amigo da família de tantos anos, solicitando que lhe fizesse aquele favor e dando as explicações que achou necessárias. Pouco depois, fechava o envelope, lacrando-o com seu antigo anel; não havia dito nada ao amigo sobre sua atual situação; dir-lhe-ia, pessoalmente, em outra ocasião. Depois, entrega o envelope lacrado a *Hélène*. A jovem segura a carta entre os dedos, olhando-a, demoradamente. Seu rosto demonstra intenso desencanto; não chora mais, tem os olhos parados, os lábios quedos: não diz palavra. Levanta-se, silenciosa como uma sombra, e deixa o aposento, sem encarar *Vincent* uma vez sequer...

Sozinho, no silêncio do quarto, *Vincent* sente-se aliviado. Parecia ter-lhe saído imenso peso das costas. *Hélène* ficaria bem, e era até compreensível que ela se sentisse daquela forma; entretanto, depois de o fato consumado, de resolvido o problema e, quando retomassem seu idílio, rapidamente se esqueceriam daquela triste página de suas vidas. Ele sabia que deveria ficar, ao que tudo indicava, por um bom tempo ainda, em *Manoir des Pommiers*, e queria a companhia de *Hélène*. Afeiçoara-se a ela e descobrira o quanto era bom ter as carícias de uma linda mulher, sempre que desejasse.

O verão já ia alto, e ondas de calor invadiam o quarto, convidando-o a sair. Lá fora, sente o sol forte queimar-lhe o rosto. *Pierre* saía para o pomar, e ele foi junto. Era época de se despenderem cuidados extremos com o pomar, pois as macieiras - que, exuberantemente, tinham florescido na primavera - à época, já exibiam seus rebentos pomiformes verde-escuros, que medravam à deleitosa canícula estival, e assim preparavam, no recôndito mágico da química inorgânica, as doçuras que, dadivosamente, ofertariam no outono vindouro.

- *Pierre*, por acaso viste se *Hélène* já saiu? - pergunta *Vincent*.

- Dei-lhe a incumbência de ir a *Toulouse*, levar-me uma carta a um amigo.

- Sim, *Monseigneur* - responde *Pierre*. - Ela veio ter comigo, logo de manhã, para comunicar-me que saía. É assim que toda a criadagem deve agir, ao deixar a propriedade, mesmo quando recebe ordens superiores. Só estranhei o fato de estar levando uma maleta. E, só não vos comuniquei o fato - que supus desnecessário -, porque ela me exibiu o envelope com vosso sinete sobre o lacre, não é assim?

- Perfeito, *Pierre!* - diz-lhe *Vincent*, muito satisfeito, ao constatar que ela, efetivamente, fizera o combinado.

Passa boa parte da manhã junto de *Pierre*, acompanhando o trabalho no trato do pomar que, diga-se de passagem, esbanjava exuberância, tanto das árvores, que se apresentavam muito bem podadas e conduzidas, como na safra que prometia ser extremamente profícua.

À tarde, redige relatórios à diocese sobre as atividades da propriedade e aproveita, também, para escrever cartas aos velhos amigos que havia tempos não encontrava. Lembra-se de *Jacques de Montaigne*. Sua propriedade ficava ali pelos arredores de *Toulouse* e decidiu que, qualquer dia, iria visitá-lo de surpresa. Lembra-se também de *Jean-Baptiste de Vichy*, o irmão de *Céline*, e lhe escreveu longa carta. À noite, desacostumado à solidão, sente a falta de *Hélène*. Como estaria?... Àquela hora, tudo já deveria estar resolvido e, no dia seguinte, com certeza, ela estaria de volta. Tinha-lhe dado um luís¹³ de ouro, para que tomasse um coche, ao retomar; *Toulouse* não ficava muito distante, mas, como ela certamente perderia sangue, estaria fraca e, emocionalmente, muito combalida, *Vincent* não desejava que ela se arriscasse a andar aqueles quilômetros a pé. Pobre *Hélène!*... *Vincent* havia-lhe dado a moeda de ouro para que ela comprasse, também, uma roupa bonita!... Quem sabe não se sentiria melhor, agora que não carregava mais aquele fardo incômodo que, fatalmente, faria ambos sofrerem?... Sente a ausência e muita pena de *Hélène*. Por que a deixara ir-se só?...

(13) Antiga moeda francesa de ouro, cunhada a partir do século XVII.

Principia a temer por ela. E, se algo de ruim lhe tivesse acontecido?... Por que, diabos, a deixara ir-se sozinha?... Acovardar-se!... O filho não era de ambos?... Começa a desesperar-se. De repente, um estranho tremor, seguido de súbito mal-estar, sacode-o. Sente os cabelos e os pêlos do corpo todo se eriçarem, involuntariamente. Quer gritar, levantar-se da poltrona em que se sentava, mas as pernas não lhe obedecem. Então, divisa, como se fosse de névoa, a imagem de *Antoine de Clairmont* que se materializa, ali, diante dele, na semi-obscuridade do quarto de dormir.

O espectro tinha uma aparência horripilante: trazia os cabelos desgrenhados; a tez, lembrando a palidez cadavérica, emoldurava um rosto desfigurado, com olhos ejetados, rodeados de profundas olheiras escuras; os lábios, num ríctus, exibiam um misto de escárnio e ódio, e *Vincent* ouvia-o, nitidamente, pronunciar: "*Assassino!...*"

Envidando esforço extremo, *Vincent* consegue levantar-se da poltrona e caminhar alguns passos para, em seguida, tombar, pesadamente, sobre o fofo tapete de lã que lhe abafa o ruído da queda.

A manhã subsequente vai encontrá-lo descomposto, ainda sobre o tapete. Passara a noite ali, sem sentidos. Ao acordar, sente a cabeça martelando, e um gosto horrível vem-lhe à boca: havia vomitado sobre a roupa e sobre o tapete. Soergue-se sobre os cotovelos e, pela fraca luz que se coava através das pesadas cortinas de veludo vermelho, pôde perceber que já amanhecera havia algum tempo. Com muita dificuldade, e se agarrando à mobília, consegue reerguer-se do chão. Cambaleante e com passos trôpegos, joga-se sobre o leito, que range sob o peso de seu corpanzil. Sentia-se pessimamente e tinha náusea. No íntimo, torcia para que a criada viesse logo lhe servir o desjejum, para que pudesse tomar um gole de vinho e, assim, reanimar-se.

Um quarto de hora interminável passa-se até que ouve as fracas batidas à porta. Era *Sabine*, com a bandeja do café, e *Vincent* pede

que ela lhe sirva um pouco do vinho de uma garrafa que mantinha sobre um pequeno aparador. A criada espanta-se em vê-lo, assim, tão descomposto e preso de uma palidez mortal.

Serve-lhe o cálice de vinho, e *Vincent* mal consegue deglutir o líquido, pois tinha a garganta embotada por uma baba espessa, pegajosa.

- *Êtes-vous bien, Monseigneur?...¹⁴* - pergunta-lhe a criada, preocupando-se com o estado lastimável em que se encontrava o rapaz.

Vincent responde-lhe apenas com um grunhido quase imperceptível. Sorve o vinho, em pequenos goles, e vai sentindo que o álcool devolve-lhe, gradualmente, a força vital. Alguns minutos depois, sente-se um pouco melhor e diz à criada:

- *Sabine*, assim que *Helene* retomar de *Toulouse*, manda-a vir ter comigo.

- *Mais comment, Monseigneur?!...* - espanta-se a criada, com a pergunta que lhe fez *Vincent*. E prossegue: - Não sabeis que *Hélène* se foi, de vez, daqui?!...

- Não, não!... - diz ele, agastando-se: - Quem se equivoca és tu!... *Hélène* foi a *Toulouse* e deverá retomar ainda hoje!... Pede-lhe que venha a mim, assim que chegar.

- Desculpai-me, *Monseigneur* - diz a criada, insistindo -, mas *Hélène* partiu ontem, levando todos os seus pertences. Até se despediu de mim!...

- *Ce n'est pas possible, Sabine!¹⁵* - exclama *Vincent*, tentando levantar-se do leito, mas sente a cabeça girar, e lhe vem, novamente, a vontade de vomitar.

- Sim, *Monseigneur!*... O que vos digo é verdade!... - reafirma, com determinação, a criada. E, prossegue: - Também eu estranhei o fato de ela estar partindo, assim, de repente; entretanto, disse-me que a avó adoecera e que precisava de cuidados.

(14)"- Estais bem, senhor?...", em francês.

(15)"- Isso não é possível, Sabine!...", em francês.

- Por isso, é que deixava *Manoir des Pommiers* e que não mais voltaria.

A hipótese de não ver mais *Hélène* desagradava-o. E agora?... Será que ela, realmente, havia feito o aborto?... Teria de ir ter com *Ferdinand Petit* para descobrir.

Permaneceu o dia todo acamado, pois não se sentia bem. Todas as vezes que tinha aquela visão horripilante de *Antoine de Clairmont* acontecia o mesmo: pesado quebrantamento abatia-se sobre ele, custando-lhe algum tempo para recobrar as forças.

No dia seguinte, ainda se encontrava muito enjoado para cavalgar. Tomava refeições leves e permanecia no quarto o tempo todo. Queria recuperar-se, o mais rapidamente possível, para descobrir o que *Hélène* havia feito de fato. Será que, efetivamente, havia procurado o médico?... Enquanto não se certificasse, não sossegaria.

Aquela noite foi-lhe, particularmente, pejada de pesadelos terríveis. Num deles, via-se no meio de um combate violento contra dragões monstruosos que tentavam devorá-lo a mordidas. As bocas hiantes dos monstros bafejavam um hálito quente e pútrido, e ele lhes ia decepando as cabeças a espada, com golpes certos, desferidos sôfrega e rapidamente. Jatos de sangue fumegante esguichavam-se dos pescoços decepados e lhe encharcavam a roupa toda, tingindo-a de vermelho-enegrecido. E, ele continuava, no afã interminável de cortar as cabeças, pois, a cada uma que rolava, outra brotava, instantaneamente, no mesmo lugar.

Acordou de madrugada, tremendo e ensopado de suor. Estava um pouco febril, em consequência das fortes emoções da véspera. Levanta-se, cambaleante, e se senta na poltrona. O quarto estava mergulhado na mais negra escuridão, e ele teve medo. Tateando, apanha o fuzil e a pederneira e, com certa dificuldade, petisca o fogo, acendendo uma luminária. A fraca luz bruxuleante das velas arranca formas grotescas às coisas, fazendo-as dançarem um fantasmagórico bailado que se projeta nas paredes. *Vincent* fica, durante longo tempo, olhando a estranha dança das formas que iam

ganhando movimento, como se um grupo de diabretes ali se houvesse reunido, para celebrar um ritual sabático. A intervalos curtos, tiritava, premido pela febre que o acometia.

Levanta-se, com dificuldade, e bebe um pequeno cálice de vinho. O calor reconfortante da bebida fê-lo sentir-se um pouco melhor. Veste o roupão sobre a camisola e se senta, novamente, pois estava insone. Ia esperar amanhecer, para descobrir o que acontecera a *Hélène*.

Já havia amanhecido, quando *Vincent* acorda com um sobressalto, pois adormecera sentado na poltrona. Em instantes, a criada trazia-lhe o desjejum, e ele lhe diz:

- *Sabine*, diz a *Pierre* que irei a *Toulouse* e que preciso do coche para daqui a uma hora.

Mal toca no café e, em seguida, veste-se. Cinquenta minutos depois, já tomava o coche que o aguardava, estacionado diante da entrada principal da mansão. O cocheiro era o velho *Didier*, que também tratava dos animais da propriedade. *Vincent* dá ao cocheiro as instruções sobre o caminho que deveriam seguir e partem, imediatamente, rumo à casa do doutor *Ferdinand Petit*.

Poucos quilômetros separavam a propriedade da cidade de *Toulouse*, onde clinicava o amigo. O médico não o aguardava, e *Vincent* teria de contar com a sorte para encontrá-lo em casa, pois, às vezes, clientes chamavam-no de longas distâncias, e ele passava dias fora de casa.

Quase uma hora depois, o coche estacionava diante da casa onde residia e também clinicava o amigo. *Vincent* apeia do carro, abre o pequeno portão de ferro que dava acesso à casa e toca a sineta. Alguns minutos de espera e aparece a governanta de *Petit*, a velha *Haydée*, que abre uma fresta da porta e aponta a cabeça, para espiar quem era.

- *Oh, bonjour, M'sieur le Baron!... Entrez, entrez, s'il vous plait!...*¹⁶ - diz a criada, reconhecendo o visitante.

(16) "- Oh, bom-dia, senhor Barão!... Entrai, entrai, por favor!..." , em francês.

- Em seguida, abre-lhe a porta e o faz entrar: - Anunciar-vos-ei ao doutor!... Tende a bondade de aguardar, senhor!... - e, some para o interior da casa.

Pouco depois, surge o doutor *Petit*, sorridente e jovial como sempre.

- Meu velho camarada!... - diz o médico, abraçando *Vincent*. - Onde te meteste por tanto tempo?...

- *Mon ami!*... - diz *Vincent*, correspondendo-lhe ao abraço cordial.

- Mas, dize-me, por onde andaste?... Soube por *Honoré*, teu velho mordomo, que havias viajado; entretanto, ainda te é tão fiel que não me quis dar uma pista sequer de teu paradeiro atual!... Fidelidade canina, meu velho!... - brinca o médico.

- Ah, meu bom *Honoré!*... - exclama *Vincent*. E, depois pergunta, imprimindo certa amargura à voz: - Viste-o há pouco tempo, então?

- Não faz muito tempo que lá estive; uns cinco ou seis meses, creio... Fui chamado às pressas para realizar um parto difícil, e sabes de quem era o filho?... De um velho amigo teu: *Jean-Baptiste de Vichy!*...

- Verdade?... Casou-se ele então? - pergunta *Vincent*.

- Sim, casou-se com a marquesa *Françoise-Marie de Pez*, por quem era perdidamente apaixonado, lembras-te?

- Sim, lembro-me, é claro!... - e, com expressão dolorida nas feições, diz baixinho: - Ao menos ele, no meio de tantas desgraças, conseguiu ser feliz...

- Sim, e já lhe nasceu o primogênito, um menino, que recebeu o nome do avô: *Leon*.

Uma nuvem de tristeza passa pelo rosto de *Vincent*, e *Petit*, que era conhecedor da dramática vida do amigo, toma-lhe a mão, aperta-a, solidário, e diz:

- Sei que esses nomes trazem-te dores e lembranças das quais desejas livrar-te, meu caro!... - e, a seguir, pergunta: - Mas, a que vieste?... Não estás doente, estás?...

Vincent suspira fundo. Como diria a ele?... Ordena as idéias e principia:

- *Ferdinand*, procurou-te anteontem uma jovem que se encontrava grávida - *Hélène* é seu nome -, propondo-te lhe fazeres um aborto?

- Sim, e fato curioso: pareceu-me, a priori, que eu a conhecia, mas não sabia de onde!... - expõe-lhe, intrigado, o médico.

- Respondo-te de onde te pareceu conhecê-la: ela não é o retrato, mais que fiel, de *Céline de Vichy*! - observa *Vincent*.

- Justamente!... - diz *Petit*, batendo aponta dos dedos na testa. - É daí que lhe vem a semelhança!... Só que não conseguia lembrar-me!...

- E então, fizeste-lhe o serviço? - pergunta *Vincent*, mal sofrendo a ansiedade que lhe roía a alma.

- Não!... Não vivo fazendo isso, assim, abertamente, a torto e a direito, a qualquer uma que me bata à porta!... - exclama, sério, o médico. E, prossegue, com certo ar de aborrecimento: - Não sabes que isso é crime?... Fiz esse favor, algumas vezes, e eventualmente ainda faço, mas apenas a amigos mais chegados, para livrá-los das enrascadas em que vivem se metendo!... - e completa, abrindo-se num sorriso malicioso: - Como tu, se, um dia, acontecer-te!...

Vincent ri um riso amarelo, sem graça. Só então percebe que *Hélène* não tinha entregado a carta de recomendação, e que *Petit*, conseqüentemente, desconhecia quem era o pai da criança.

- Mas, como a conheces?!... - pergunta *Petit*, percebendo, de repente, que o amigo poderia ter algo a ver com o caso.

Vincent teve que pensar rápido. Contaria a verdade a ele ou mentiria?... Optou por mentir:

- Não sei se sabes, mas estou engajado no exército, e *Hélène* engravidou do filho de um general, pessoa muito influente no governo de *Philipp e d'Orléans*. Pois bem, o general não gostaria de modo nenhum, de ver mocinhas grávidas de seu desmiolado filho fazendo escândalos à sua porta, neste momento. Como sou ordenança do general e conhecedor de seu desespero para resolver logo o problema, e sem ter ele de enfrentar maiores complicações, fiz-lhe o favor, indicando-te à mocinha. Só estranho, porque te escrevi uma carta de recomendação!... Ela não ta entregou?

- Não, não se referiu a teu nome, em momento algum!... Simplesmente, desconhecendo esses fatos, neguei-me a provocar-lhe o aborto!... Entretanto, a velha *Haydée* comentou comigo que a jovem lhe solicitou, ao sair, o endereço de uma parteira -explica o médico.

- Será que *Haydée* sabe de algo?... - pergunta *Vincent*, agora sem se preocupar em esconder a enorme preocupação que o dominava. - Não posso voltar, sem levar uma resposta positiva ao general.

Petit chama pela governanta e lhe expõe o caso.

- Sim, senhor, ela, efetivamente, solicitou-me o endereço de uma parteira e eu, então, indiquei-lhe a velha *Madeleine Fouché*.

Vincent, mais que depressa, dispôs-se a sair, em busca da tal parteira. Queria esclarecer tudo, o mais rápido possível. *Petit* estranha tamanha pressa:

- Já te vais, assim, a toque de caixa?... Pensei que ficarias, ao menos, para almoçar comigo, para que conversássemos um pouco, relembrar velhas coisas!...

- Urge que eu volte logo!... Meu regimento está acampado no *Roussillon*, e obtive licença do general, apenas para certificar-me se tudo saiu a contento. Veja, sequer estou usando uniforme, para não levantar suspeita! - diz *Vincent*, arrematando sua mentira.

Despede-se do amigo e sai à procura da residência de *Madeleine Fouché*, conforme lhe indicara a governanta de *Petit*.

Instalado no coche, que rodava devagar, sacolejando por uma rua um tanto esburacada e mediada por casas decrepitas, sujas e judiadas pela mão inclemente do tempo, *Vincent* refletia sobre o que havia dito a *Petit* e se admirou da facilidade com que andava mentindo ultimamente. Não que se vangloriasse de tais façanhas, mas o fato de andar dando dentadas à verdade, mutilando-a, já estava fazendo parte de seu dia-a-dia. Mas, era uma questão de sobrevivência!... Paradoxal, aquilo: andar mentindo, enganando, para poder sobreviver!... Que ironia!...

Espia, através da janela do coche, as casas enegrecidas pela corrosão do tempo. Telhados escuros, janelas fechadas, pessoas e olhares furtivos, fugidios, medrosos...

Súbito, o carro estaca diante de uma casa que, na verdade, era bem mais um casebre, devido à penúria em que se encontrava. O telhado, pendente para frente, dava a sensação de que desabaria a qualquer momento; as portas e janelas eram de madeira escura grotescamente talhada, mal se encaixando nos caixilhos e batentes; as paredes eram de pedras, cortadas irregularmente e cobertas por uma película escura que poderia ser sujeira ou limo seco.

Vincent desce do carro e bate na madeira da porta com os nós dos dedos. Alguns minutos passam-se sem que se ouvisse qualquer movimento no interior da casa. De repente, conseguiu ouvir ruídos de passos que se aproximavam da porta. Uma tranca move-se, a velha porta geme nos quícios enferrujados e mal azeitados, e um rosto esquelético aponta, um tanto resabiado.

- *Madame Madeleine Fouché*? - pergunta *Vincent*.

- *Qu 'est-ce que voulez-vous?*¹⁷ - responde-lhe a velha com outra pergunta.

- Posso entrar? - solicita *Vincent*. - O que temos de conversar é muito importante para mim, *Madame*.

Madeleine Fouché olha-o, desconfiada, com uns olhinhos redondos de coruja, mas aquiesce, franqueando-lhe a porta.

O interior do tugúrio não era menos desolador e miserável. Uma lúgubre semi-obscuridade dominava o ambiente onde se divisavam as sombras grotescas de poucos móveis em péssimo estado de conservação. A velha indica-lhe uma poltrona cujo estofado havia sido, outrora, coberto de veludo rosa e que, no momento, exhibia seu recheio de estopa, em rasgões de variados tamanhos.

(17) "- Que é que deseja?", em francês.

- Dizei-me, *Madame Fouché*, procurou-vos, anteontem, uma jovem moreno-clara, de cabelos castanhos, para que lhe fizésseis um aborto?

A pergunta objetiva que lhe faz *Vincent* deixa-a desconcertada e temerosa. Tenta mentir:

- Vem tanta gente, aqui, *Monseigneur!*... - exclama ela e finge puxar pela memória, revirando os olhinhos de coruja e meneando a cabecinha encimada por um coque de cabelos sujos e maltratados.

Depois, com um pretense olhar vago, perdido em inexistentes reminiscências, e simulando uma humildade que, decididamente, não possuía, declara: - Acho que não me lembro de quem talais...

- Vede bem, *Madame*... É muito importante que puxeis pela memória!... - diz *Vincent* e, lembrando-se de que aquele tipo de gente só fazia as coisas à vista de dinheiro, retira um luís de ouro do bolso e o coloca na palma da mão aberta, diante das fuças da cobiçosa fabricante de anjos. E lhe diz, fitando-a nos olhos: - Talvez isto aqui possa fazer-vos lembrar...

A moeda de ouro arrancou faíscas à pouca luz que se fazia na sala, iluminando também de cupidez os olhinhos espúrios da velhota. Ávida, lança-se sobre o dinheiro; *Vincent*, entretanto, mais ligeiro que ela, fecha a mão e esconde a moeda.

- Primeiro a resposta, *Madame!* - diz-lhe com voz firme.

- *Il va bien, il va bien!*...¹⁸ - exclama a velha, grosseiramente. E, continua: - Vou dizer-vos: estive, sim, essa jovem a quem vos referis, e eu lhe fiz o serviço. Satisfeito?... Agora, passai-me a grana e dai o fora daqui!

- Esperai um instante mais, pois quero detalhes! - diz *Vincent*, sem se deixar intimidar pela grosseria da velha.

-Arre!... Sois impertinente, *Monseigneur!*... - exclama, irritada, a velha bruxa. E, prossegue: - Como posso saber se posso dar-vos informações sobre a donzela?...

(18) “ - Está bem, está bem!...” , em francês.

Na verdade, não sei quem sois e nem quem ela é!... Por acaso, não sois da polícia de *Toulouse*, sois?... Só me faltava essa!...

- Ficai tranqüila, *Madame*... - diz *Vincent*. Depois prossegue, em tom de ameaça: - Entretanto, se não me disserdes tudo o que desejo saber, bem que posso dirigir-me ao inspetor *Dubarry* que, por sinal, é meu velho conhecido, e lhe contar o que andais fazendo por estas bandas...

- Está bem, está bem!... Sois muito convincente!... - diz *Madeleine Fouché*, lançando-lhe um olhar furibundo. E, prossegue: A mocinha apareceu-me aqui e disse estar em apuros. Precisava fazer o serviço, pois o noivo não lhe queria honrar o compromisso feito. Fiz-lhe, então, o aborto e correu tudo bem, se é isso que vos preocupa.

- E, como ela vos pagou?... Tinha dinheiro?... - pergunta *Vincent*.

- Lógico que me pagou! - espanta-se a velha carniceira. E, dando um forte acento de ironia à voz, acrescenta: - Acaso achais que faço isso por caridade, apenas para salvar mocinhas e gentis-homens de situações embaraçosas?... Ah, *Monseigneur*, e me pagou com cinco bons luíses de ouro, como esse que tens aí escondido em vossa mão!... - disse isso, abrindo um sorriso horrível que lhe deixou entreverem uns dentinhos enegrecidos e meio corroídos pelo avanço da cárie.

Vincent então entendeu que, para pagar a velha, *Hélène* havia usado todas as suas economias mais o luís de ouro que ele lhe havia dado. Pelos seus cálculos, ela ficara sem um tostão.

- Só mais uma coisa, *Madame*: disse-vos ela, por acaso, que rumo tomaria, ao sair daqui? - pergunta ele, desejoso de conhecer, em detalhes, como tudo havia se passado.

- Não, não me disse nada! - responde a velha, bruscamente. E, continuou: - Durante o serviço, ela não disse palavra; agüentou tudo firme, sem soltar um ai!... Mocinha corajosa!... Agora, se me dais licença!...

Indelicadamente, *Madeleine Fouché* encerrou a conversa. Mostrava-se muito ansiosa e não tirava os olhos da mão em que o rapaz guardava a moeda.

Vincent levanta-se, predispondo-se a sair. Antes, porém, lança-lhe a moeda, que descreve uma curva brilhante, no ar. A velha, lépida como uma gata, apanha-a com agilidade e a guarda, imediatamente, no bolso do casaco surrado.

Lá fora, *Vincent* teve que apertar os olhos para acostumá-los à claridade intensa. Sorve longos haustos de ar que o refazem de imediato do ambiente nauseabundo e tresandante a mofo, a que estivera sujeito no interior da choupana.

Já no carro, a pergunta insistente: para onde teria ido *Hélène*?... Estaria enfraquecida, sem dinheiro... E, se adoecesse?... Nova inquietação, então, aperta-lhe o coração.

Em casa, não tinha ânimo para deixar o quarto. Sentia a falta de *Hélène*, queria estar com ela. Como era ruim ficar só, novamente!... Quando escurece, *Sabine* vem chamá-lo para a refeição da noite, mas ele não teve vontade de comer. Aproveita a presença da criada e conversa com ela:

- *Sabine*, tu e *Hélène* vos tornastes amigas, não?

- Sim, senhor. Desde que ela aqui chegou, nós nos tornamos muito íntimas - responde a criada.

- Fazíeis confidências uma à outra? - pergunta, cheio de esperança de que a criada contasse-lhe algo sobre o sumiço de *Hélène*.

- *Oui, Monseigneur*... - responde ela.

- Tu sabias que mantínhamos um caso? A criada cora e baixa os olhos, diante da pergunta direta que ele lhe faz.

- Não precisas responder, se não quiseres, *Sabine*... - diz-lhe com a voz cheia de dor e de expectativa.

A criada, entretanto, vencendo a timidez, responde, torcendo o avental, com mãos nervosas:

- Sim, senhor, eu sabia de tudo...

- Sabias, também, que ela estava grávida?
- Sabia... - responde a moça, corando e desejando esconder o rosto no avental de musselina branca.
- *Helene* contou-te, também, sobre o que lhe pedi que fizesse com o bebê?
- Sim... - responde ela, tartamudeando, de forma quase inaudível.
- Ela te disse, também, que iria embora em seguida?

Sabine já estava às raias do terror, quase entrando numa síncope nervosa. *Vincent*, percebendo o desequilíbrio extremo da jovem, acalma-a:

-Acalma-te, *Sabine!*... Nada tenho contra ti!... Pelo contrário, estás a prestar-me um favor inestimável, pois já me desesperava por *Hélène* ter desaparecido dessa forma!

Mais tranqüila, a moça continua:

- *Hélène* estava muito desesperada com a situação em que se metera; pensava que Vossa Excelência iria desposá-la!... Pobrezinha, bem que eu a avisei!... Mas, tinha um monte de ilusões à cabeça e vos cedeu, sem medir as conseqüências!... Agora... - e desata a chorar, deixando extravasar o nervosismo que a acometia.

Vincent exaspera-se com aquilo. Desejava, ardentemente, que ela falasse, mas o pranto entupia-lhe a garganta, embargando-lhe a voz. Por mais que ele a encorajasse e instasse para que ela falasse, sua voz não saía. Que remédio? Tinha de consolá-la, procurar acalmá-la, deixando-a à vontade, sem qualquer tipo de coação.

Depois de um pranto que durara uns bons minutos, *Sabine* acabou dizendo, como se soprasse as palavras:

- Agora, só lhe restou o convento!... Nenhum sonho mais!... Tudo acabado!... - e lhe volta o choro doído, profundo, sincero, pelo trágico destino da companheira.

Ah, então ela também professara!... Apieda-se mais ainda da jovem, pois ele conhecia, de sobra, o que era estar aprisionado num mosteiro!... Pobre *Hélène!*... Quão triste e vazia ser-lhe-ia a vida,

doravante!... Mas, melhor assim do que a prostituição e, depois, a sarjeta, para coroar-lhe o fim da existência!

- Tens, realmente, a certeza de que ela foi para um convento? - pergunta *Vincent*, pois precisava certificar-se de que *Hélène*, ao menos, não morreria à míngua, sem um teto.

- Foi o que me disse, antes de partir - responde a criada, com profundo desgosto.

- Ao menos sabes para qual convento dirigir-se-ia?

- Disse-me que iria pedir asilo em *Saint'Anne de Chapelle*, o convento que fica a poucos quilômetros daqui, e é o das monjas que nos auxiliam na produção do vinho.

Menos mal, ainda, pois poderia certificar-se, *in loco*, indo até lá para averiguar.

E, foi o que acabou fazendo. No dia seguinte, levantou-se bem cedo e foi caminhando pela estradinha ladeada de plátanos que dava acesso ao convento das monjas de *Saint'Anne de Chapelle*.

Quarenta minutos depois, e debaixo de um delicioso sol de verão, puxava o cordel da sineta do portão exterior do convento. Enquanto aguardava que o atendessem, examinava o lugar: a construção de porte regular não apresentava, nem de longe, a grandeza e a exuberância da abadia em que morava; *Saint' Anne de Chapelle* deveria ter, no máximo, uns quatrocentos anos de existência; o muro e as paredes eram construídos de grandes pedras de granito escuro, cortadas regularmente; as janelas altas e estreitas eram guardadas por grades de ferro. "Prisão maldita e indevassável!...", pensa *Vincent*, demonstrando certa repulsa pelo lugar.

A portinhola da vigia do portão principal abre-se, e o rosto redondo de uma monja, com zigomas rubicundos, aponta e pergunta secamente, numa voz meio máscula:

- Que desejais, cavalheiro?

- Sou o preposto de *Manoir des Pommiers* - responde-lhe *Vincent*. - Desejo falar com a priora.

- Aguardai um momento - responde ela e lhe fecha, indelicadamente, a portinhola às fuças.

Longos minutos depois, ouve passos batendo nas pedras do piso do outro lado do portão. A chave gira na fechadura, e o pesado portão de madeira gira, doloridamente, nos quícios já gastos pelo tempo. A monja porteira aparece, gorda e mal-humorada, franqueando-lhe a entrada ao pátio interior.

- Sua Excelência receber-vos-á, em seguida, cavalheiro - diz, secamente, a *Vincent*. - Fazei a gentileza de acompanhar-me.

Vincent seguiu-a, até que fazendo um pouco de esforço, porque a freira andava ligeira, apesar do excesso de banha que, de maneira nenhuma, parecia incomodá-la ou tolher-lhe os movimentos.

Depois de caminharem através de longo corredor, a monja fê-lo esperar em uma saleta.

- A propósito, *Madame* - pergunta-lhe *Vincent*, com certo respeito -, como se chama a priorosa?

- Sua Excelência tem por nome *Amélie de Chanteuil* - responde-lhe a monja, olhando-o com muito desdém e acentuando, pedantemente, o tratamento, que *Vincent* esquecera-se de empregar, ao referir-se à priorosa.

Depois de um quarto de hora, surgiu a monja, ostentando ao pescoço a cruz prioral de ouro, que reluzia, em oposição ao branco níveo do linho do soqueixo e do peitoral de seu hábito, que se destacava do restante do conjunto, que era do mesmo tecido, só que negro. A priorosa cumprimenta *Vincent*, entre séria e grave, fazendo-lhe ligeira reverência.

- A vosso dispor, *Monseigneur*.

- *Vincent de Quentin, Madame* - apresenta-se à monja, respondendo-lhe à mesura. - Conforme já deveis saber, sou o preposto de *Manoir des Pommiers*, e esta minha visita tem dupla finalidade: a primeira é a que já vos faço, a de apresentar-me, pois temos negócios em comum, não é mesmo?

A monja desarma-se um pouco mais, e se pôde notar-lhe um certo sentido de alívio aos olhos azuis. Era uma mulher alta, de uns cinqüenta anos; já deveria ter sido muito bonita, a dizer-se pelos traços nobres que se divisavam em seu rosto um tanto altivo. Deveria ter pertencido à nobreza, por certo, e normalmente era isso que acontecia a esses cargos de comando que só eram ocupados por pessoas que, invariavelmente, tinham tido boa educação.

Seu rosto abre-se um pouco mais e, demonstrando um leve traço de simpatia, diz a *Vincent*:

- Agradecemos-vos a visita, *M'sieur de Quentin*. Sempre tivemos muito boas relações com *Manoir des Pommiers*, desde que iniciamos, conjuntamente, a produção de vinho; nossas terras são poucas, e o convento não conseguiria manter-se, se não fosse a parceria convosco. Somos-vos, imensamente, gratas. O antigo preposto, *M'sieur Olivier Proudet*, visitava-nos amiúde.

Vincent, atenciosamente, ouvia-a falar. Sondava-a, enquanto ela falava. Será que lhe responderia sobre o que, realmente, desejava saber?... Teria que se arriscar. E o fez, assim que a priora deu-lhe chance:

- Torço, *Madame*, fervorosamente, para que as relações entre o convento e *Manoir des Pommiers* permaneçam sempre as melhores possíveis!

Diz essas coisas de modo solene e sentencioso. A freira, olhando-o fria como uma estátua de mármore, limita-se a responder, apenas:

- *Merci beaucoup, M'sieur de Quentin!*

Em seguida, *Vincent* dá uma inflexão mais suave à voz e, aproximando-se um tantinho mais da freira, diz-lhe, quase a cochichar:

- Entretanto, *Madame*, há mais um favor que vos peço, encarecidamente, e vos serei muito grato, se me puderdes responder... -faz um breve e proposital silêncio e, em seguida, continua: - Por acaso, pediu guarida, em vosso convento, uma jovem por nome *Helene*, ainda esta semana?

Amélie de Chanteuil olhou-o um tanto ressabiada. Para comandar uma instituição como aquela, havia de ser muito desconfiada. Entretanto, o homem que estava diante dela era um dignitário da Igreja, de confiança da diocese e, se o próprio bispo confiava nele, quem era ela para desconfiar do sujeito? Ainda relutou um pouco, mas acabou dizendo. Não queria complicações maiores para si e que, certamente, poderiam advir, se não lhe dissesse a verdade.

- Sim, Senhor *de Quentin* - diz-lhe ela, voltando a seu tom seco habitual, cheio de reserva -, *mademoiselle Hélène Dumont* procurou-nos há dois dias. E, sabemos de onde provém; por isso é que vos estamos dando essa informação. A pobrezinha encontra-se em estado lastimável, mas ficará bem, eu vos garanto!... Por acaso, sabeis o que lhe aconteceu?... Ao que nos consta, era vossa criada, em *Manoir des Pommiers*...

Pelas lalas da priorosa, *Vincent* depreendeu que ela sabia sobre o que *Hélène* havia feito; entretanto, deu mostras de que não tinha conhecimento do fato todo e, decididamente, não seria ele a entregar-lhe a informação. A mentira flui-lhe dos lábios, fácil, bem arquitetada:

- O que sei, *Madame*, é sobre desilusões amorosas, decorrentes de um romance que essa jovem mantinha com um palafreheiro da propriedade vizinha. Nada mais é de meu conhecimento, além disso.

Breve silêncio estabelece-se entre ambos, e a priorosa já se dispunha a despedir-se, quando ele, de inopino, retoma a conversação, pois lhe era sumamente imprescindível que saísse dali a par de tudo. Então, pergunta:

- Por acaso a jovem foi aceita em noviciado?

- Sim, e já está residindo em nossa no viciaria - responde-lhe a priorosa, dando mostras de enfado com o prosseguir daquele interrogatório.

Vincent, sabedor de tudo o que precisava, apressou-se em despedir-se da priorosa:

- Recomendações à jovem *Helene*, quando a virdes, *Madame*. Dizei, também, que lhe estimo as melhoras e que fez a escolha certa - diz essas palavras, beijando, respeitosamente, a mão que a monja apresentou-lhe.

Lá fora, o dia estava bem adiantado, e ele teve fome. Teria que caminhar um belo trecho até a mansão, mas, em contrapartida, sentia-se aliviado, pois acabava de tirar algumas toneladas dos ombros. Agora, era só retomar à vida sem graça, pejada de solidão e de fantasmas a rondarem-lhe os dias e as noites intermináveis.

Quando chegou em casa, uma hora depois, pois viera bem devagar, outra surpresa aguardava-o: diante da escadaria principal, estava estacionada uma carruagem tirada por duas parelhas de belos cavalos brancos. Aproxima-se, curioso, e divisa, à porta do carro, o brasão da diocese. Dom *Théophile* estaria ali?

Estava. Demonstrando certa impaciência, o bispo esperava-o havia mais de uma hora. Ninguém da casa sabia onde *Vincent* se metera e já o haviam procurado em todos os lugares possíveis.

Dom *Théophile* estava impaciente, andando de um lado para o outro, na biblioteca. Ao vê-lo chegando, exclama:

- Até que enfim!... Onde é que te meteste que ninguém te achava?

- Fui até *Saint'Anne de Chapelle* ter um dedo de prosa com a priorisa. Não a conhecia ainda.

- Bem, bem, mas de nada te adiantará conversas com a priorisa de *Saint 'Anne de Chapelle*, depois de escutares o que tenho a dizer-te!... Senta-te aí e me ouve. Recebi uma carta de *Jérôme de Contillac*, teu velho companheiro, não é?... Pois, então, o velho e bom *Jérôme* relata-me inusitados acontecimentos em *Saint Michel*. *Jean du Morel* e *Duchesne*, a quem conheces muito bem, fugiram, após espoliarem o cofre da abadia e tudo o mais que puderam carregar!... Agora, o cargo vagou-se, e *Henri de Vanois*, o secretário que te substituiu, responde, interinamente, pela irmandade. Mas, não posso deixar tamanha responsabilidade sobre os ombros de *Vanois*!... Ele é muito jovem, ainda, e inexperiente demais para tal cargo. Então, meu caro,

como o perigo que te rondava já passou, agora é a tua vez: eu te nomeio o novo abade de *Saint Michel Aix-en-Provence!*... Arruma as tuas malas c parte para lá imediatamente!

XII

Novamente, as rosas

No castelo de *Clairmont*, a jovem escultora *Stella Scalchi*, após passar a tarde toda envolvida no trabalho que desenvolvia com o pai, no ateliê de restauro, resolve descer ao jardim, para dar um passeio e desanuviar a cabeça do estafante dia que tivera. A tarde de meio de outono estava morna e, para os lados do poente, algumas poucas nuvens cor de cobre encobriam pequenina parte de um maravilhoso e encantador céu azul-cobalto. O jardim, àquela hora, estava quedo e quase não havia mais pássaros; os poucos remanescentes apressavam-se em buscar o abrigo dos ninhos ou dos galhos das árvores mais altas. Também as borboletas haviam-se recolhido aos seus abrigos, deixando o espaço para as mariposas, as donas da noite, que já principiavam a ensaiar seus vôos desgraciosos e mal direcionados. Espalhados pela diversidade de canteiros, arbustos, troncos, galhos e folhas de árvores, os insetos músicos afinavam seus instrumentos, emitindo uma profusão de zumbidos, assobios, cricrilares e chiados, preparando-se para a desatinada sinfonia noturna que executariam.

Stella sorve largos haustos de ar, o que lhe reanima um pouco as idéias. Já ia fazer dois anos que estava morando ali, e sentiu saudades de Paris. Lá, as tardes de outono eram agradabilíssimas para passear-se pelos bulevares, aproveitando os derradeiros raios do

sol. Caminhar, sem muito destino, sob as árvores que se desfolhavam lânguidas, e observando as pessoas que passeavam despreocupadas, depois da faina diária, e se deleitando com o que ainda restava do outono, antes que a terrível frialdade do inverno chegasse e confinasse a todos dentro de casa, ao lado de um fogo aceso.

A jovem demonstrava profundo cansaço e, além disso, havia marcas de preocupação, franzindo-lhe a testa branca e delicada. Pensamentos recorrentes não a queriam deixar em paz. Fazia o possível para afastá-los, mas, persistentes, lá estavam de volta e teimavam em dominar-lhe a mente. Pensava em *Jean-Michel*. Havia algum tempo, vinha esculpindo-lhe o busto. Lentamente, de suas hábeis mãos, a bela figura do rapaz tomava forma; sob o destro manejar do escopro e do cinzel, pacientemente, ia transformando em linhas delicadas o que antes era apenas a bruteza da pedra. *Stella* tinha estado com ele, diariamente, durante boa parte da primavera, e agora, o verão já ia a meio, e ainda não terminara a escultura.

Conversavam muito, enquanto ela trabalhava, e deu para conhecer-lhe, razoavelmente, o caráter, apesar de o moço apresentar personalidade esquiva e escorregadia como um peixe cheio de limo. *Jean-Michel* era mestre em dissimulações e habilíssimo em escapar de situações que o pudessem comprometer como grande galanteador e conquistador de muitas mulheres que, indisfarçavelmente, era, e a mentira fluía-lhe dos lábios com tamanha facilidade que seu raciocínio tinha que saltar rápido de um ponto a outro, para não se deixar apanhar em patentes contradições. *Stella* sabia que ele era um rapaz de hábitos perigosos; entretanto, sentia-se imensamente atraída por ele e lutava, com a reserva de forças que ainda possuía, para resistir a essa atração que, fatalmente, não lhe traria bons resultados. Tinha consciência de que *Jean-Michel* jamais a desposaria, pois não passava de um reles aproveitador de donzelas que, usando e abusando dos próprios encantos físicos - que, diga-se de passagem, não eram poucos -,

ganhava o coração das mulheres e delas se aproveitava, a seu bel-prazer, e, em seguida, farto até às orelhas, deitava-as fora, sem nenhum peso em sua rala consciência. E, o que era pior: *Jean-Michel* estava perdidamente apaixonado e não conseguia entender por que a jovem opunha-lhe resistência à corte.

Lançava, então, toda a sua sedução sobre a pobre moça e a cercava por todas as vertentes, por todos os meandros da conquista - arte em que ele era mestre -; entretanto, ela não lhe cedia, e aquilo exasperava-o. Já tentara, inclusive, abraçá-la e a beijar à força, fato que, segundo ele acreditava, ao provar-lhe o sabor ardente dos beijos, ela se deixaria, fatalmente, conquistar. Entretanto, a moça lutara e lhe escapulira dos braços, ligeira e hábil, com uma destreza de espantar, deixando-o só, feito um idiota!... E, não há coisa pior que a rejeição!... *Jean-Michel*, então, teve ímpetos de correr atrás dela, apanhá-la pelos cabelos e de lhe dar umas boas bofetadas, pois mulher alguma jamais o havia rejeitado antes. Sentiu tamanha raiva dela que chegou a morder os lábios até sangrar. Depois, arrependeu-se e deduziu que, com *Stella*, teria que empregar uma abordagem diferente. E, passou a sondar-lhe o comportamento para descobrir-lhe possíveis pontos fracos. Ela deveria ter algum, e ele, fatalmente, iria descobrir...

A partir da cena chocante em que ele havia tentado agarrá-la à força, *Stella* passou a não mais lhe freqüentar os aposentos, e a escultura da herma ficou parada por longo período. *Jean-Michel* também não a procurou; deixou passar um bom tempo - duas semanas -, mas voltara, novamente, à carga.

Dando, então, mostras de estar profundamente arrependido por tê-la agarrado à força, pedira-lhe perdão, e lhe suplicara inúmeras vezes, para que voltasse a trabalhar em sua herma. Mas, ela permanecia inflexível, e *Jean-Michel* chegou até a falar com *Don Lorenzo*, para que este convencesse *Stella* a terminar-lhe o serviço. A moça, então, a instâncias do pai, acabou por ceder aos perseverantes rogos, agora de ambos, e voltara ao trabalho; entretanto, sentia-se

insegura ao lado do rapaz, pois ele não parara de fazer-lhe a corte. O jovem conde era por demais insistente e a olhava com olhos tão ardentes de desejo que ela, muitas vezes, sentia-se atrapalhada na concentração do que fazia. Ralhava, então, com ele, porém o obstinado rapaz não a tomava a sério e, folgazão como era, tinha sempre de estar a imitá-la e a tentar fazê-la rir, tirando-a do ar sério e compenetrado que procurava manter.

Que triste dilema apoderara-se de sua alma!... Com o pai não podia contar, pois *Don Lorenzo* achava tudo aquilo simplesmente hilariante e se deleitava com os apuros da filha, tentando livrar-se da paixão que teimava em tomar-lhe o coração. Sentia-se mais inclinado a aceitar a corte que o rapaz fazia-lhe à filha, porque o jovem conde, na tentativa de reconquistar a atenção da moça, aproximara-se do pai dela, cercando-o de conversas e elogios à obra que vinha realizando no castelo. Acumpliciaram-se, então, um ao outro, para fazê-la ceder ao pedido de namoro que *Jean-Michel*, descaradamente, havia proposto a *Don Lorenzo*, numa tarde em que ambos, no ateliê, haviam entornado alguns pares de copos de vinho. Entretanto, como não suportava aquele tipo de brincadeira que faziam com ela, *Stella* saíra do ateliê, abrupta e furibundamente, deixando-os sós, a meio de etílicas gargalhadas.

Ao pai não poderia jamais se queixar de solidão, pois ele, certamente, diria que ela já estava dando-se ao luxo de escolher e que havia até declinado do pedido de noivado de um conde. Pobre papai!... Como era fácil enganá-lo: bastaria que lhe dessem a beber algumas taças de vinho de boa safra...

Stella caminhava a meio desse turbilhão que lhe queimava a cabeça e acabou parando diante da peanha de mármore branco que sustentava a estátua de Afrodite que o pai havia esculpido e para a qual ela posara como modelo. Ainda não tinha tido tempo de admirar a obra, depois que fora colocada em seu lugar definitivo.

Ergue o olhar para admirar a escultura que representava a divindade da beleza do amor e estranhou algo, pois havia um

ramalhete de rosas brancas, colocado entre os níveis braços da estátua. A deusa mantinha as flores junto ao colo, e seu rosto altivo, esculpido em traços perfeitos, olhava para a jovem, lá do alto. *Stella*, então, sente um calafrio percorrer-lhe o corpo, pois lhe pareceu que Afrodite, rindo o seu frio riso de pedra, dizia-lhe, invejosa: "Vês?... Também eu recebo rosas!..."

De repente, a visão daquelas rosas fê-la lembrar-se das que recebia, de manhã, no parapeito de sua janela, e que, abruptamente, não mais colocaram, depois que *Jean-Michel* sofrera o acidente. Ficara tão preocupada com a recuperação da saúde do jovem que se esquecera, por completo, das rosas! Nunca lhe perguntara sobre as rosas!... Que cabeça a sua!... Iria perguntar-lhe sobre as rosas e, definitivamente, descobrir se era ele mesmo o autor daquela façanha!

Permanece, ainda, por alguns minutos, olhando para a estátua com o ramalhete ao colo. Se algum forasteiro chegasse, de repente, e a visse daquele jeito, acharia muito estranho o fato de ela estar ali, observando-se a si própria, eternizada na pedra!

A noite começa a cair, colorindo tudo de negro, e ela resolve entrar. Precisava comer algo, embora não sentisse fome.

Passa mais uma noite muito mal dormida; aliás, suas noites estavam-se tornando assim, ultimamente. A tremenda carga emocional que a acometia minava-lhe a resistência nervosa, e era só bem tarde da noite que, vencida pelo cansaço, conseguia, finalmente, adormecer.

De manhã, acorda moída e tem vontade de permanecer no leito, pois a noite insone tirara-lhe todo o bom ânimo de que precisaria para desenvolver a extenuante tarefa de restaurar o acervo de peças antigas do castelo. Entretanto, o pai precisava de seus préstimos e, se ela não o ajudasse, mais demoraria sua volta para Paris, e era o que *Stella*, decididamente, não desejava que acontecesse. O quanto antes voltasse para casa, melhor seria para ela.

Esse pensamento reforçou-lhe um pouco o desgastado ânimo, e ela deixa o leito, no exato momento em que *Marguerite* batia à porta, trazendo-lhe o desjejum.

Stella não gostava de *Marguerite*, pois a achava um tanto insolente, de modos atrevidos e grosseirona.

-*Marguerite*, por onde anda *Claire*?... Há dias que não a vejo - Pergunta para a criada.

- *Claire* prepara-se para o casamento, *mademoiselle*; por isso é que não a vês - responde a criada, sem esconder a antipatia que devotava à companheira. E, prossegue, cheia de ironia: -Ganhou alguns dias de folga, e quem paga o pato somos nós: serviço dobrado!

A serviçal também parecia não morrer de amores por *Stella* e a tratava de forma brusca e insolente, tanto é que não fazia nenhuma questão de servi-la, deixando o serviço para *Claire*, com quem *Stella* sempre mantivera um relacionamento amigável e cheio de camaradagens.

Marguerite, àquela manhã, percebendo que a outra não estava muito bem, e fugindo um pouco à hostilidade gratuita que lhe devotava, arriscou puxar conversa, enquanto lhe ajeitava a bandeja sobre a mesinha:

- *Claire* achou um bom partido, *mademoiselle*, pois o capitão *François Fourèges* é um homem daqueles! - diz isso, piscando um olho, maliciosamente. - E resolveram casar-se no final do mês.

Stella senta-se para tomar seu desjejum, e *Marguerite* afasta as cortinas para deixar o sol entrar. *Stella*, sentido o ar um pouco difícil para respirar, pede à criada que abra, também, a janela.

Marguerite abre a janela e solta uma exclamação:

- Mas, que graça!... Há um ramalhete de rosas no parapeito!... *Stella* levanta-se e, com um salto, está junto à outra. -Deixa-me ver!... - diz a jovem artesã, ansiosa para ver as rosas.

- Vê!... Ainda estão úmidas de orvalho!... - observa a criada, passando o ramalhete para as trêmulas mãos da outra.

Stella apanha as rosas e as chega ao colo. Feliz, sente-lhes o perfume adocicado e lhes beija as pétalas viçosas e macias como seda. *Marguerite* observa-a, boquiaberta, sem nada compreender.

- Tens um admirador secreto, *mademoiselle?!...* - pergunta, surpresa com o fato, sem, entretanto, deixar de adicionar uma ponta de inveja, conforme era de seu feitio.

- Sim, *Marguerite!...* - responde *Stella*, com repentina vivacidade adicionada à voz, motivada pelo inusitado do acontecimento que se repetia, depois de tanto tempo. E, continua dizendo à boquiaberta criada: - É realmente secreto, pois não sei de quem se trata!...

A outra, subitamente, tem um sobressalto, e um calafrio percorre-lhe a espinha de alto a baixo: sabia muito bem quem é que tinha o costume de presentear com flores!... E com rosas brancas!... "Ah, miserável, se fores tu, pagar-me-ás caro!"

O pensamento perpassou a mente de *Marguerite*, num átimo, sem que *Stella* lhe tivesse percebido a mínima alteração na fisionomia, tão hábil era a criada na arte de dissimular as coisas. Rapidamente, deixa o quarto, alegando urgentes afazeres na cozinha. Prometia-se que iria ficar de espreita como o mais fiel dos cães de guarda e, se fosse, realmente, quem ela imaginava que fosse que estava presenteando a "pedante de Paris" - pois era assim que ela, no íntimo, referia-se a *Stella* -, ambos pagar-lhe-iam caro, ah, se pagariam!...

Só, no quarto, *Stella* acariciava o buquê de flores. Estranho, mas a imagem do jovem conde parecia-lhe não estar relacionada àquelas flores; sentia-se tão bem com aquele mimo, que não era o mesmo sentimento confuso que sentia quando se encontrava junto de *Jean-Michel*; pelo contrário, o rapaz transmitia-lhe medo, insegurança.

Veste-se, sem tirar os olhos das rosas. Iria, sem falta, naquele dia mesmo, tirar a sua dúvida a respeito das flores.

No ateliê, encontra o pai, mas não lhe diz nada sobre as rosas. Não queria ninguém mais se envolvendo naquela história; infelizmente, *Marguerite* ficara sabendo, também, e achava a criada tão sonsa que

seria capaz de espalhar o fato pelo castelo inteiro!... Mas, que lazer?... Não poderia ter adivinhado que, logo naquela manhã, o fato repetir-se-ia.

À tarde, vai ao encontro de *Jean-Michel*, que a aguardava, todo animado, para darem prosseguimento à escultura da herma.

Era difícil mantê-lo imóvel, pois ele tentava, a todo instante, aproximar-se de *Stella*, com o fito de lançar sobre ela toda a sua carga de sedução que, ressaltando-se, incomodava-a sobremaneira; entretanto, para não se indispor novamente com ele e com o pai, desviava-se de seus galanteios, ora levando-os em conta de pi-lhérias, ora simplesmente ignorando-os, fazendo de conta que não os ouvia. Certo momento, *Stella* pergunta a ele, de chofre:

- Dize-me, *Jean-Michel*, gostas de flores?

- Sim, por que não gostaria de flores?... Sou um sujeito romântico e, todo romântico gosta de flores!... - responde ele contentíssimo em vê-la puxar conversa.

-Ah, que bom, que gostas de flores!... - exclama ela, cheia de satisfação, percebendo que ele mordera a isca. E, continua:

- Dize-me, *mon chéri*, com que tipo de flores presentearias a mulher que amas?

- Sem dúvida nenhuma, dar-lhe-ia um ramalhete de violetas, pois adoro o perfume dessas florezinhas miúdas, mas cativantes e perfeitas para enfeitarem um encontro de amor!...

- E por que nunca me deste violetas?... - pergunta ela, jogando a cartada final.

- Por quê?... Por quê?... - diz ele, atrapalhando-se na resposta.

- Porque não temos violetas por aqui!...

Stella limita-se a olhá-lo com desdém. No íntimo, satisfaz-se ao pensar: "Mentiroso!... O que não falta nos jardins do castelo são canteiros de violetas!... Bastaria que ordenasses ao jardineiro, e ele te colheria cestos delas!..."

Decididamente, não era ele quem a presenteava com rosas. Voltava ao ponto de partida: quem seria seu admirador secreto?... Mas,

descobriria, cedo ou tarde, ah, se descobriria!... E, decidiu que seria naquela noite mesma que ela iria apanhá-lo em flagrante.

Termina a sessão de trabalho com *Jean-Michel* e se recolhe, declinando, delicadamente, o convite que ele lhe fizera para jantarem juntos. Pretendia dormir bem cedo e, conseqüentemente, estar acordada,, bem de manhãzinha, para saltar da cama, ao menor ruído que ouvisse em sua janela. Descobrir quem estava apresentando-a com as rosas já se tornara uma obsessão para ela.

Deitada na escuridão e no silêncio do quarto, *Stella* medita sobre o que descobrira em relação a *Jean-Michel*. Aumentara a rejeição que sentia em relação ao jovem conde. Decididamente, não conseguiria amá-lo, mesmo que quisesse. Era um homem belo e rico, embora um tanto folgazão e demasiadamente mulherengo; entretanto, não era nada mais, nem menos do que a maioria dos homens de sua época e de sua posição social. Recriminá-lo-ia por ser assim? Teria, então, que recriminar a grande maioria dos cortesãos pelo aulicismo em que viviam, a meio de vícios e degradações morais de todo o tipo; só que ela tinha o direito de escolher, e aquela não era a vida que desejava para si. Preferia mil vezes acabar só a viver entre costumes que achava tão extravagantes.

Adormeceu e sonhou com a mãe, que não conhecera, a não ser através de um retrato que dela fizera o pai, logo que se casaram. No sonho, a mãe vinha buscá-la para morarem juntas, numa cidade distante e desconhecida, e ela ficara vibrante de felicidade por ter a mãe do lado - situação que, na realidade, nunca vivera -, em virtude de a mãe ter morrido logo após seu nascimento, e o pai tê-la deixado aos cuidados da saudosa Tia *Mafalda*, em Verona.

Acorda e se entristece, ao verificar que tudo não passara de um sonho, e teria de enfrentar o peso da terrível realidade. De um salto, deixa o leito e corre à janela, abrindo-a, afoitamente, pois percebeu que havia dormido demais. Àquela hora, certamente, seu admirador já a teria visitado. E tinha: sobre o parapeito, jazia o

buquê com as últimas rosas do outono; não tão esplêndidas como as da primavera, mas rosas brancas e perfumadas!

Stella apanha o buquê, delicadamente, e o aconchega ao colo, aspirando-lhe o odor característico, já tão conhecido. Emociona-se com aquele ato que, de tão singelo, chegava a ser carregado de sublimidade, e lhe tocava fundo o coração, até às raias da emotividade. Àquela manhã, como se encontrasse um pouco mais vulnerável, situação motivada pelo sonho que lhe fizera lembrar-se da mãe, dois grossos bagos de lágrimas rolam-lhe face abaixo e se casam ao frio rocío que molhava as níveas pétalas das rosas. Nina as flores como se ninasse o seu verdadeiro amor, ali tão perto, mas, ironicamente, ainda desconhecido dela!... Apodera-se, então, de seu coração, como incêndio devastador, o desejo de conhecer aquele homem que lhe tocara fundo na alma, antes mesmo de conhecê-lo.

De repente, lembra-se de *Marguerite* que, em breve, deveria estar ali, trazendo-lhe o desjejum e resolve esconder as flores. Não queria que a criada visse as rosas e as oculta, então, dentro do armário, trancando-o a chave. Em seguida, fecha a janela e se deita, novamente. Dez minutos depois, batidas à porta indicam-lhe que a criada já ali estava.

Um tanto desconfiada, *Marguerite* depõe a bandeja sobre a mesinha; depois, dissimuladamente, abre a janela e, de modo ligeiramente disfarçado, vasculha o parapeito, à procura do pretense buquê de flores que supunha ali haver.

Desenxabida, não se dá por vencida e, voltando-se, corre os olhos, meticulosamente, pelo aposento, agora totalmente às claras, em busca das flores.

Stella percebe-lhe a busca silenciosa e, no íntimo, ri-se e pensa: "Como é abelhuda!..." A outra, no entanto, não se dá por vencida. E, fingindo apenas lembrança e não sério interesse, pergunta:

- Hoje não recebeste flores, *mademoiselle*?...

- Não, *Marguerite*... - responde *Stella*, entrando naquele jogo de dissimulações.

Desapontada, *Marguerite* morde o canto da boca e, fazendo ligeira medida, deixa o aposento. Enquanto caminhava, ligeira, pelos corredores, em direção à cozinha, rilhava os dentes e pensava: "Maldita!... Pensa que me enganou?... Não perde por esperar!..."

Tão logo teve um pouco de folga, a criada deixou subrepticamente a cozinha e, antes que lhe percebessem a ausência, tomou o rumo das estrebarias. Tinha que falar com ele, olhando-o fundo nos olhos! Ah, maldito!... Se fosse ele, pagar-lhe-ia caro!...

Espumando ódio, encontra um cavaleiro e lhe pergunta:

- *Charcot*, viste *Tonton*?

- Vi-o, há pouco, pelos lados do pavilhão das fêmeas - responde o serviçal, apontando-lhe a direção e estranhando a inusitada visita da jovem, ali, àquela hora.

A seguir, *Marguerite* sai feito uma doida, procurando, desesperadamente, pelo namorado, dentro do imenso pavilhão, pejado de éguas presas em suas baias individuais. No ambiente abafado, os animais debatiam-se, molestados por moscas que os importunavam, mordiscando-lhes em redor dos olhos, da boca e das narinas. Sem se incomodar com o forte bodum exalado pelos eqüinos e, depois de inspecionar uma boa porção de baias, finalmente, acha o coudel acorçado numa delas, dando alimento a uma égua recém-parida, que se encontrava deitada ao lado de sua cria. Então, com passos digitígrados, como os de um felino traiçoeiro, a criada aproxima-se por trás, e ao perceber que ele murmurava algo audível, pára e permanece, por alguns instantes, ouvindo e observando o namorado entretido em dar de comer ao bicho. E o rapaz, enquanto oferecia, amorosamente, pequenos feixes de feno ao eqüino, falava-lhe baixinho, como se lhe confidenciasse:

- Sabe, *Chloè*, hoje, levei-lhe flores outra vez!...

A égua olhava-o com os olhos tranqüilos, mascando sossegadamente o feno, pois estava acostumada aos carinhos do rapaz.

Ouvindo aquilo, *Marguerite* fica possessa. Crispa, então, os dedos, e enterra as unhas nas palmas das mãos. Se tivesse uma arma,

certamente, matá-lo-ia, sem pestanejar, tamanho era o ódio que dela se apossava. O pensamento martelava-lhe: "Malditos!... Malditos!..." E ele continuava, quase sussurrando aos ouvidos do animal:

- E, fico só imaginando como é que ela está se sentindo!... Súbito, ele ouve um terrível urro, semelhante ao de uma fera que recebesse um ferimento de morte. E, a seguir, antes que pudesse pôr-se em guarda, sente-a saltar-lhe, traiçoeiramente, sobre o dorso, enterrando-lhe as unhas ao pescoço e, concomitantemente, mordendo-lhe, fundo e doloridamente, o ombro direito.

Chlòè assusta-se com a intempestiva chegada de *Marguerite*, emite um longo relincho e se levanta com as ventas dilatadas. *Antoine*, pego de surpresa pela atitude traiçoeira da moça, num ato instintivo e empregando a força muscular que possuía, com um só golpe, arranca a fera de sobre seus flancos e a lança por terra.

Caída no chão da baía, toda descomposta, com o rosto e os cabelos cheios de palha de feno, e dando urros como os de uma ursa acuada, *Marguerite* arrosta o rapaz, transtornada de ódio. Em, seguida, ligeira como uma cobra, levanta-se e tenta unhar-lhe o rosto. Tentativa inútil, pois o rapaz, todo músculos, domina-lhe a fragilidade feminil, com facilidade. Estupefato, segura a fera que se debate furiosa e, conseguindo, em pouquíssimo tempo e sem muito esforço, mantê-la presa, firmemente, por ambas as mãos, exclama:

-*Margot!* Pretendes matar-me, por acaso?!

Puxando violentamente os braços, *Marguerite* faz nova e infrutífera tentativa de escapar das mãos que prendiam as dela como duas tenazes de aço. Então, enlouquecida com os olhos injetados como os de uma louca varrida, diz, a gritar:

- Ah, miserável!... Bem que eu desconfiava de que tinhas outra!... Se não te mato agora, mato-te depois; é só o tempo de encontrar um punhal e verás, infame!...

E lutava para soltar-se. Esperneava, gritava, xingava-o, fazia-lhe ameaças ferinas. Passou bom tempo assim, lutando; extenuava-se, recobrava o fôlego e recomeçava a tentativa de soltar-se, mordendo-

Ihe o braço ou Ihe dando pontapés; entretanto, logo percebeu que as tentativas que encetava para escapar das mãos do rapaz eram em vão e entendeu que não conseguiria soltar-se, de jeito nenhum. Por fim, esgotada pela luta inútil, deixou-se cair ao chão. Então, os insultos e impropérios, calcados na explosão de cólera, aos poucos, foram transmudando-se para uma lassidão que a foi dominando, desmontando-Ihe as forças e Ihe aquietando a agressividade. Depois, um choro seco, sem lágrimas, e cortado por pequenos soluços, substituiu-Ihe os xingamentos.

Antoine acocora-se ao lado da moça e, delicadamente, solta-Ihe os punhos arroxeados pelo torniquete que a pressão de suas mãos causara aos pulsos dela. Olha-a, longamente nos olhos, e sente pena: ela estava um caco!... Pobre *Marguerite!*... No fundo, não desejou tê-la magoado!... Mas, que fazer?... Não sentia mais nada por ela!... Que culpa tinha se pensava na outra, dia e noite, sem trégua?... Tentou dizer-Ihe algo:

- Olha, *Margot!*...

Mas, não soube o que Ihe dizer, pois se engasgou num nó que se Ihe formou à garganta, quando percebeu que a jovem tremia e olhava para ele, com um par de olhos inchados pelo choro e emoldurados por negras e fundas olheiras.

A fera estava ali, diante dele, derrotada, vencida, acabada!... Faltava-Ihe, apenas, abatê-la, com o golpe de misericórdia!... Bastaria, somente, dizer-Ihe que amava *Stella*, mas não teve coragem. Delicadamente, estreitou-a nos braços, ajudando-a a levantar-se. Ela ainda tremia e soluçava, quando se aninhou em seus braços e disse, sussurrando-Ihe, num fio de voz:

-Beija-me, *Tonton!*...

Naquela tarde, *Stella* não sentia nenhuma vontade de trabalhar na herma de *Jean-Michel* e até sentiu forte desejo de dar-Ihe o bolo; entretanto, sabia que, com ele, aquela tática não funcionaria, porque ele escarafuncharia metade do castelo, à sua procura, e botaria toda

a criadagem a fazer o mesmo com a outra metade, até que a encontrassem.

Por fim, decidiu-se a procurá-lo, bem no finalzinho do dia, pois assim ficaria pouco tempo com ele, alegando a necessidade de mais luz para poder continuar o serviço. O moço já a esperava, impaciente, e diz, mal disfarçando sua ansiedade, ao vê-la surgir no limiar da porta:

- Pensei que não viesses mais, *Stella!*... Em pouco vai escurecer, como farás o serviço?

- Perdoa-me, *Jean-Michel*, mas me entretive no ateliê e não percebi as horas passando!

A desculpa saíra-lhe meio falsa, pois ela não gostava de mentir. *Jean-Michel*, percebendo que ela o tratava de modo mais frio ainda, desespera-se. Num arroubo, apanha as mãos da moça e as cobre de beijos. Instintivamente, *Stella* tenta retirar as mãos, posto que os lábios úmidos e mornos do rapaz tocando-lhe a pele causaram-lhe certa repulsa. Tenta disfarçar a forte aversão que sente por ele, mas não consegue. De repente, era como se tivesse diante de si um bicho asqueroso e nojento que quisesse apenas fartar-se de sua carne fresca e nada mais!

Jean-Michel percebe o quanto ela o repudiava e mal disfarça a raiva. No íntimo, não entendia o que podia ter dado errado: todas as moças que cortejara até então haviam se submetido a ele, e nem lhe custaram qualquer tipo de esforço suplementar e, agora, esta sujeitinha, sem eira nem beira, evitava-o como se ele fosse o quê?... Mas, não iria dar-se por vencido, não, pois achava que o sabor da conquista estava exatamente na dificuldade e na persistência que ele deveria despender para conseguí-la.

Stella preparava os apetrechos de trabalho, e ele a olhava de soslaio, rindo-se, no íntimo, e pensando: "Fruto delicioso, difícil de colher!... Balança-te, aí no alto, ao sabor do vento, achando que estás seguro, mas será minha a primeira mordida!..."

Jean-Michel resolve baixar a guarda e permanece dócil e calado, durante o tempo em que ela, séria e compenetrada, martelava a pedra, delicadamente. O tempo arrastava-se, e a sala permanecia em silêncio, cortado apenas pelo bater ritmado da ferramenta sobre o mármore, arrancando-lhe grânulos níveos que saltavam para o ar, ao serem expulsos pelo fio do cinzel. E, o desenho da bela fisionomia do jovem barão *de Clairmont* ia eternizando-se na pedra, em traços perfeitos, cópia fiel do original, em virtude da excelente capacidade das mãos que esculpam.

- Mais uma quinzena e terminaremos o serviço - diz *Stella*, interrompendo o serviço e depondo as ferramentas sobre a banca. Em seguida, limpa no avental o pó do mármore das mãos e prossegue, sem encará-lo: - Depois disso, poderei fazer o acabamento no ateliê, porque o esboço já está por encerrar-se, e o cinzela-mento poderá ser realizado sem a presença do modelo.

Jean-Michel olha-a com olhos lustrosos e, naquele olhar azul profundo, um perscrutador perspicaz poderia adivinhar forte carga de lubricidade contida, refreada a poder de muito esforço. O rapaz tinha ganas de lançar-se sobre a moça e de sujeitá-la à força. Sequer tinha ouvido o que ela lhe dissera. Seu pensamento estava cheio de volúpia, e ele se ardia em desejos, quase incontrolláveis, de tê-la nos braços. Às vezes, achava que iria enlouquecer, se não a possuísse. A paixão por *Stella* tornava-se-lhe insustentável.

Mais tarde, jantava com a mãe, e ela, percebendo nele um certo abatimento, diz:

- Que tens, *Jean-Michel*?... Noto-te mais agitado que de costume e mal tocaste nos alimentos!... É a falta de saíres por aí?...

O jovem crava-lhe o par de olhos azuis, iguaizinhos aos dela e responde:-

-Não sei, *maman*!... Papai e *Maurice-André* demoram-se tanto em Paris!... Até parece que se esqueceram de voltar!... Sinto-lhes a falta, sim, pois não estou acostumado a ficar preso em casa por tanto tempo!...

- Entretanto, *mon petit*, não acho conveniente saíres por aí, a sós!... Sei que és um excelente espadachim e que sabes defender-te muito bem, mas recebeste grave ferimento há tão pouco tempo!... Não te dói mais?

- O local ainda está um pouco dolorido, e necessito treinar a esgrima, pois estou enferrujando!... Faz quase dois meses que estou de molho!... - queixa-se o rapaz, altamente acabrunhado.

Entretanto, experiente e vivida, *Catherine* sabia que não era aquilo que atormentava o filho; outra coisa, bem mais grave, estava a afligir-lhe o coração, com certeza. Fazê-lo falar não seria tarefa muito fácil, pois o conhecia muito bem: era turrão como o pai! Contudo, arriscou-se:

- *Mon chéri*, creio que te sentes assim, porque não tens ninguém para consolar-te, não é assim?

- Como não, *maman?!...* - diz ele, tentando dissimular, ao perceber que a mãe desviava a conversa para um lado que ele, decididamente, não desejava. E, tomando as delicadas e níveas mãos da mãe, beija-as, ternamente, e continua, zombeteiro: - E tu?... Acaso não te tenho todas as horas do dia?...

- Decididamente, não levas nada a sério!... - exclama *Catherine*, rindo-se da pilhéria que ele faz. Depois, tocando de leve no peito do rapaz, com a ponta do indicador da mão direita, prossegue, olhando-o nos olhos: - Mas, sei que, lá no fundo de teu coração, estás sofrendo!...

Jean-Michel, repentinamente, fica sério. Ela poderia ajudá-lo, se quisesse, mas cheia de escrúpulos como era e, do modo como tratava a sujeita, deveria gostar muito dela! Não, decididamente, não. Melhor que a mãe ficasse fora daquilo ou seria a primeira a estragar mais ainda os seus planos.

- Não te posso negar que me fazem falta os salões e os namoricos, *maman...* - diz ele, tentando fazê-la perceber que não tinha nenhum interesse por *Stella* ou, então, estaria duplamente perdido, pois a mãe seria uma ferrenha aliada da outra. E, continua: -Mas, sem a

companhia de *Antoine* ou de *Maurice-André*, as aventuras não têm a mesma intensidade!... E, por outro lado, as jovens da *Garonne* são tão provincianas que prefiro as parisienses!...

- Como *Stella*, a escultora?...

A pergunta da condessa, feita à feição de armadilha, surpreendeu-o e, mesmo sendo um velhaco na arte das dissimulações, não conseguiu furtar-se ao inesperado e, corando ligeiramente, baixou os olhos. Percebeu, então, como lhe era difícil mentir para a mãe!

-Ah, *maman* - diz ele, recobrando a frieza que lhe era habitual -, *Stella* não passa de uma amiga; tenho-a apenas como uma pessoa muito especial!... Nada mais!

- Para mim não conseguirás jamais mentir, *Jean-Michel*!... - diz-lhe *Catherine*, olhando-o, fundo, nos olhos, com um par de olhos que, embora fossem azuis como os dele, nem de longe demonstravam ter a mesma similitude de caráter. E, ela continua, com voz firme: - Conheço-te, mesmo de antes de nasceres, pois sou tua mãe!... E, sei que andas atrás dessa jovem, a quem admiro muito, pelos dons artísticos que ela possui; mas, acima de tudo, respeito-a pelo caráter ímpoluto que tem, diferentemente da grande maioria das jovens de sua idade, que andam por aí, à procura de aventuras e de pretensos príncipes encantados, como tu!... E, se queres um conselho, não toques nela, com segundas intenções, pois, se o fizeres, ter-me-ás que prestar conta das conseqüências de teus atos!

Conhecia de sobra o costume que a mãe tinha de defender os que considerava mais fracos e oprimidos e, quando ela se decidia por apadrinhar um deles, como fazia, agora, com *Stella*, seria bom não a enfrentar ou levaria a pior. Ninguém conseguia enfrentar *Catherine de Clairmont*, cara a cara, quando ela se sentia com a dignidade ultrajada. A condessa era dona de moral intocável e, por mais que alguém buscasse escarafunchar-lhe a vida, não lhe encontraria, absolutamente, qualquer deslize ou mancha no caráter, com que pudesse condená-la ou fazê-la calar-se, apresentando qualquer fato que a fizesse envergonhar-se de seu passado ou, mesmo, do

presente; e, por isso é que nenhum de seus familiares ousava enfrentá-la, quando a questão referia-se a mentiras ou a imoralidades. Sabendo que a mãe estava vigilante, *Jean-Michel* decidiu ser mais cuidadoso. Precisava pensar e mudar de tática, se quisesse conquistar a bela escultora.

Stella, deitada em seu leito, no escuro do quarto, chorava baixinho, no silêncio da noite avançada. Sentia-se ameaçada e sabia disso. *Jean-Michel* era um sujeito perigoso e não poderia, de modo nenhum, subestimá-lo e, se continuasse rejeitando-o daquela forma, coisas horríveis poderiam acontecer-lhe. Com o pai, decididamente, não poderia contar, pois, à revelia dela, o malandro conde, com sua lábia e maneirismo cheio de adulações, já havia conquistado no velho escultor. Não culpava o pai, que a amava muito, e que, por amá-la tanto, estava cego pela possibilidade de vê-la ascender socialmente. Será que o pai não percebia que essa gente não considerava as outras criaturas como iguais?... Raras vezes, alguém, antes, houvera subido na escala social, deixando a condição de plebeu e passando para a nobreza. O preconceito, que se tinha de enfrentar para a realização de tal salto, era imenso, pois as barreiras costumavam ser tantas, e tantas eram as humilhações e as discriminações que se recebiam que a vida que se sonhava viver entre os "nascidos com o sangue azul" - e que se supunha como esplêndida e maravilhosa - na verdade, costumava transformar-se num terrível pesadelo, cheio de torturas inomináveis. A única relação estável entre homens nobres e mulheres plebéias era o concubinato; as moças do povo - comumente, as mais bonitas - deveriam servir-lhes de boas amantes e lhes darem filhos ilegítimos, que jamais seriam reconhecidos. Não estava o mundo cheio de bastardos que sabiam quem eram os seus pais, mas que jamais lhes deveriam, sequer, pronunciar o nome, em qualquer hipótese, se é que tivessem amor à vida?

A jovem tinha já o travesseiro ensopado de lágrimas e soluçava. Não era esse o futuro que desejava para si; tinha sonhos, queria

casar-se, sim, como qualquer moça de sua idade, mas que fosse por amor!... Não se importava, se fosse pobre ou rico; o que importava era o amor. Havia tantos lares infelizes!... Tantos eram os casamentos feitos apenas por interesses materiais e que, mesmo antes de se consumarem, já estavam fadados à infelicidade!... Chorava havia um bom tempo, esgotara-se, emocionalmente, e veio-lhe, por fim, o sono pesado. E é, nesse momento, que a alma, extremamente dolorida e macerada pelo ecúleo das provações a que está sujeita, liberta-se das amarras do corpo, sai para seu verdadeiro elemento - o mundo etéreo - e, assim, livre dos grilhões das formas físicas, busca, nas paragens espirituais, aqueles que lhe são afins.

E foi lá que, a meio de paisagem paradisíaca - imperceptível e inimaginável para a maioria dos que ainda se encontram na carne e permanecem com os sentidos embotados pelas sensações grosseiras -, que *Stella* encontrou a mãe, que já a aguardava, e a recebeu de braços abertos. Cobrindo a filha de beijos, convidou-a a sentarem-se sobre a relva macia. Silentes, ambas olharam, em seguida, para as alturas e se extasiaram com o céu bordado de miríades de astros fulgurantes, piscando lá nas lonjuras incalculáveis... A moça, então, como uma menininha, aninhou-se ao colo da mãe, que a estreitou, fortemente, junto a si, e lhe cantou uma cantiga de ninar, enquanto lhe afagava os cabelos cor de mel, macios como a mais fina das sedas. Com indizível felicidade, a jovem recebeu a doçura de tais angelicais carinhos, que só as mães sabem ter nas mãos, e o fogo das terríveis provações que lhe calcinavam a alma, pouco a pouco, gradativamente, amainou-se, até se apagar. Não se diziam nada; apenas, olhavam-se e ficaram assim, mudas; não se cansavam de olhar uma para a outra. Para que as palavras?... Amavam-se e quem ama não precisa de palavras...

De manhã, ao acordar, *Stella* estava mais tranqüila. Havia sonhado com a mãe, e sempre acontecia assim: quando estava muito triste, sonhava que a mãe tomava-a no braço e, ninando-a, cantava-lhe uma cançãozinha para dormir. De repente, lembrou-se de que lhe

poderiam ter colocado as rosas no parapeito da janela e se levantou para verificar. Abre a janela com grande expectativa e... Sim!... Lá estavam elas!...

Apanha o buquê de rosas brancas, que tinha sempre as mesmas características: mais ou menos seis delas, atadas com um grosseiro cordel de linho; só não tinham o frescor das que recebia na primavera; estavam já um pouco maltratadas pela temporalidade, pois se estava no fim do outono, e o inverno, em breve, viria rugindo como uma matilha de lobos selvagens. Era quase inexplicável o fato de ainda existirem rosas no jardim àquela época!... Mas, o que importava era o fato de que era uma mulher, e qual mulher não gostava de ser presenteada com flores?... Ali estavam as misteriosas rosas, adoráveis rosas que lhe alegravam as manhãs e a faziam, ao menos por alguns momentos, esquecer-se de seu sofrimento. Ou aumentá-lo um pouquinho mais, pensa, ao lembrar-se de que *Marguerite* estava para chegar com seu desjejum.

A criada chega minutos depois, mas demonstrou estar pouco interessada com o que se passava no aposento de *Stella*. Emburrada e com os olhos baixos, *Marguerite* mal cumprimentou a outra que a observava, notando-lhe o comportamento incomum. Sequer demonstrou prestar atenção às flores que *Stella*, desta vez, não escondera no armário, mas deixara, propositadamente, sobre a mesinha.

A criada tinha as feições transformadas: profundas olheiras escuras emolduravam-lhe uns olhos opacos que, costumeiramente, eram vivazes e bisbilhoteiros; a boca, normalmente esticada num par de lábios finos, ora encontrava-se arqueada nos cantos, denotando tristeza e desconsolo. O porte, que sempre mantivera ereto e altivo, encontrava-se um tanto alquebrado, como se a jovem serviçal carregasse um bom fardo sobre o lombo.

Stella não conseguiu atinar com o motivo de tanto alquebramento, de uma hora para outra, e tentou puxar conversa com ela:

- Estás doente, *Marguerite*?

-*Non, mademoiselle* - responde-lhe a criada, encarando-a, pela primeira vez, e a fulminando com um par de olhos terríveis. E, continua, quase a rilhar os dentes, de tanta raiva: - *Je me suis très bien!*¹

Depois sai, mas, antes de deixar o aposento, lança, ostensivamente, um olhar carregado de ódio para o buquê de rosas, que jazia sobre a mesinha, ao lado da bandeja do desjejum. Caminhando pelo corredor que conduzia à copa, dava passos largos, carregados de fúria, e murmurava para si mesma:

- Sujeitinha fuleira!... Tu e teu amante pagar-me-eis caro, infames!... Seguir-vos-ei como a mais traiçoeira das serpentes, sem tréguas, e, quando baixardes a guarda, dar-vos-ei minha picada fatal!... Aguardai-me!...

À tarde, depois de trabalhar horas a fio, no ateliê, junto ao pai, *Stella*, sem muito ânimo, dirige-se aos aposentos de *Jean-Michel*, para dar continuidade à escultura da herma. O rapaz aguardava-a, com mal disfarçada ansiedade.

- *Ma belle* - diz-lhe, gentil -, vejo que estás cansada! Não preferes deixar isto para amanhã?... Olha, faço-te um convite!... Não queres cavalgar comigo?... Poderemos ir até *Sainte Marie Madeleine*... Acho que nem conheces a nossa aldeia direito!...

Stella, a princípio, espanta-se com o convite do rapaz; entretanto, estava de fato muito cansada e reflete, por alguns instantes, na proposta. Que mal haveria em cavalgar com ele? Estava mesmo precisando sair um pouco para o campo aberto. Há quanto tempo não fazia isso? E, além do mais, o outono já se findava, e os primeiros ventos frios, prenunciando a chegada do inverno, já começavam a soprar com mais insistência.

- Convenceste-me!... Vou cavalgar contigo!... - exclama ela, desanuviando o olhar. E, prossegue: - Se me deres quinze minutos para trocar de roupa...

(1) "- Não, senhorita (...) - Eu estou muito bem!", em francês.

Meia hora depois, voltam a encontrar-se, devidamente trajados para equitação.

- Estás linda de amazona, *Stella!*... - diz-lhe *Jean-Michel*, elogiando-lhe o traje. E, continua: - Deixei para eu mesmo dar as ordens para os cavaleiros prepararem os animais, pois assim posso mostrar-te, também, parte do haras, enquanto concluem o arreamento das montarias.

Stella nunca havia ido até as estrebarias e sequer imaginara quão grande eram as instalações.

- Teu pai deve possuir algumas centenas de animais confinados aqui, não? - pergunta a jovem.

- Sim, e das melhores estirpes da *Garonne!*... Tu verás que belos animais, minha cara!... - responde ele e, percebendo que a moça interessava-se por algo que ele possuía, continuou, animando-se: - Alegra-me saber que gostas de cavalgar!... Ah, se tivesse imaginado que apreciavas a equitação!...

- Sempre gostei de cavalgar! - exclama ela, vivamente interessada pelo assunto. - Na Itália, quando era menina, ganhei um cavalo de papai e o montava sempre, pelos campos. Depois que cresci e que comecei a trabalhar, tive de deixar essa paixão de lado.

Ao verem seu senhor que se aproximava do local, vários cavaleiros puseram-se a procurar, afoitos, pelo responsável pela coudelaria. *Charcot* achou-o a curar o umbigo de um potro recém-nascido:

- *Tonton*, o jovem conde e uma moça estão vindo para cá!... É bom ires recebê-los!

O coudel levanta-se e se dirige para a entrada do pavilhão dos cavalos de montaria. O coração principia-se-lhe a bater descompassado, e súbito tremor toma conta de suas pernas. Era ela!... Queria ir ao encontro de seu senhor, mas se sentia chumbado ao solo. Desejava mover-se, entretanto as forças, inopinadamente, fugiam-lhe, e as pernas não lhe obedeciam. Contrariado com a atitude toleirona do cavaleiro e acostumado com a criadagem a

lamber-lhe o tacão das botas, *Jean-Michel* aproxima-se do rapaz e, arrogantemente, diz-lhe:

- Quero que prepares, imediatamente, *Valet d'Or* para mim e *Chlôe* para a senhorita!

O coudel *Antoine* sente um rubor intenso queimar-lhe a face. Como poderia supor que ela viria ali naquele dia?... O tão sonhado encontro, cara a cara, com a jovem, fê-lo apatetar-se. *Charcot*, o companheiro cavalariço, cutuca-o, e ele parece acordar daquele momentâneo e inesperado arroubo.

- Perdão, Excelência... - conseguiu por fim balbuciar -, mas *Chlôe* pariu, há apenas três dias, e não seria bom cavalgá-la por enquanto...

Tinha os olhos fixos na ponta das botas sujas de estrume e sentia as orelhas queimando. A repentina timidez que o acometia impedia-o de encarar a moça e o seu amo. Entretanto, sabia que ela o olhava. E, *Stella* olhava com curiosidade para aquele rapaz, em quem nunca reparara antes, e sente vontade de rir. Achou engraçado o modo como ele, de repente, parecendo fazer um esforço sobre-humano, conseguiu encará-la. Sentiu vontade de brincar com o jeito tímido dele e, quando os olhares cruzaram-se, e sem que ela esperasse, deparou-se com um rosto bem-feito, amorenado, tostado pelo sol e enfeitado por um par de olhos profundos, marrom-escuros e emoldurados por sobranceiras negro-brilhantes, retas e um pouquinho espessas, que denotavam a seriedade do caráter e a sinceridade das emoções que demonstrava; o nariz, correto e reto, terminava ligeiramente afilado; a boca, não muito grande, formada por lábios não muito carnudos, demonstrava que o moço era pessoa equilibrada e pouco propensa a arroubos de sensualidade.

Stella não soube por que, mas se sentiu tocar por algo estranho e mágico, à vista daquele homem simples e mal vestido, que permanecia, ali, diante deles, numa atitude patética, mas, ao mesmo tempo, hilária.

De repente, a voz ríspida de *Jean-Michel* quebra aquele instante cheio de encantamento, em que ambos mergulhavam um nos olhos do outro.

-Avia-te, *imbécile!* - diz-lhe o jovem conde, com a voz carregada de ironia. - Se *Chlôè* não se presta a cavalgar, prepara, então, a tua mãe!...

A ofensa mordaz que lhe dirige o conde fá-lo, com um sobressalto, retornar à realidade. E, desviando rapidamente seu olhar dos olhos da jovem, diz:

- *Parfaitement, Monseigneur!*... Prepararei *Phoebe* para a senhorita montar!

E, chamando o companheiro, somem-se os dois para o interior do pavilhão, tratando de selar os animais, o mais depressa possível.

Stella sabia que o coudel também sentira algo diferente, quando seus olhares cruzaram-se e se prenderam um no outro. "Que bobagem!... Ele não passa de um reles serviçal!..." O pensamento vem-lhe à mente, como a justificar um outro que já começava a incomodá-la: encantara-se com o jeito tímido do rapaz!

Jean-Michel convida-a a adentrarem o pavilhão, pejado de animais de montaria, um mais bonito que o outro, e, ciceroneando-a por entre as baias, descrevia-lhe as vantagens da raça que criavam, havia já algumas gerações. *Stella*, amiúde, levantava a cabeça, com o intuito de avistar o local onde se lhes selavam as montarias; entretanto, sua estatura não lhe permitia ver, mesmo que, disfarçadamente, vez ou outra, alçasse-se à ponta dos pés.

Por fim, vinte minutos depois, ouvem os passos de *Antoine* que vinha lhes anunciar o término do serviço e que as montarias já lhes estavam à disposição, à entrada do pavilhão.

Stella olha-o com o rabo dos olhos e percebe que, agora, o rapaz encontrava-se um pouco mais seguro. Ele, então, sorri, marotamente, ao pilhá-la espiando-o de soslaio.

Desta vez, quem se ruborizou foi ela. Decidida, puxa *Jean-Michel* pelo braço, dizendo-lhe:

- *Allons, mon chéri!*¹ Já se faz tarde!

Jean-Michel auxilia-a a montar *Phoebe*; depois, monta *Valet d'Or* e saem ambos, trotando ligeiro. Antes, porém, de dobrar um ângulo de parede que lhe ocultaria a visão da cavalaria, *Stella* volta-se e, lá no meio do pátio de pedras, diante do pavilhão, de pé, com ambas as mãos espalmadas aos flancos, estava ele - o rapaz de olhos doces e singelos - com um largo sorriso a iluminar-lhe o rosto moreno. O vento fresco daquela tarde de final de outono brincava com algumas mechas de sua negra cabeleira constantemente revolta...

XIII

Regressando a Saint Michel

O sol já estava prestes a se pôr no horizonte, quando *Vincent* freia seu extenuado cavalo sobre um outeiro. Havia cavalgado, ininterruptamente, durante muito tempo, e, lá à frente, impassível, no meio da planície, erguia-se a imponente construção da abadia. Observa, melancolicamente, os altos muros de pedras cinzentas; o telhado, manchado de escuro pela inclemência do tempo, e a torre do campanário, erguendo-se, arrogantemente, para o céu. Estava de volta e se lembra de quando contemplara, pela primeira vez, aquela tétrica edificação, e o súbito mal-estar que ela lhe causara. Quase seis anos já se haviam passado desde aquele terrível dia!... Na outra vez, a ansiedade e o medo, gerados pelo desconhecimento do que iria encontrar por detrás daqueles muros, atormentavam-no; porém,

1" - Vamos, meu querido!", em francês.

no presente, a situação era diferente, pois voltava com o documento que o credenciava como abade daquela confraria. Não sentia tristeza nem alegria por regressar àquele lugar; emocionalmente, encontrava-se morto e, continuar vivendo era-lhe um fardo quase insuportável.

Cutuca, então, o animal com as esporas e desce para a planície, sem pressa, com o fresco vento do final da tarde batendo-lhe nas faces.

Minutos depois, no gabinete abacial, encontra *Henri de Vanois*, o abade temporário, que substituía o fujão *Jean du Morel*. O monge, ao ver *Vincent* chegar, abre um largo sorriso e corre a abraçá-lo:

- Irmão *Vincent!*... Não imaginas o quanto folgo em recebê-lo de volta!...

- Deveras?!... - responde-lhe *Vincent*, brincalhão. E, depois de abraçar o amigo, diz, piscando-lhe um olho, maliciosamente: - Queres dizer que essa cruz que carregas aí em teu pescoço desagrada-te tanto assim?

- Tu não sabes o quanto pesa esta cruz, meu caro!... - exclama *Vanois*, cheio de desolação.

-Acho que terei de saber, quer queira ou não, meu caro!... - diz *Vincent* e exhibe ao outro o documento episcopal com sua nomeação para o cargo.

Henri de Vanois pôs-se a ler, com profunda atenção, o papel-cartão, escrito com caligrafia caprichada, e era notório o quanto o seu rosto ia desanuviando-se, à medida que tomava ciência do conteúdo da carta. Em seguida, olha para o companheiro, retira a cruz abacial do pescoço e a coloca no de *Vincent*. Depois, ajoelhando-se diante do amigo, beija-lhe a mão, em sinal de obediência.

Tomado de forte emoção, *Vincent* nada consegue dizer. Apenas, faz o companheiro erguer-se e o abraça forte, osculando-o, a seguir, em ambas as faces.

Henri, também emocionado, tenta fazer pilhéria:

- Excelência, cuidado para não te curvares ao peso dela!... -diz, apontando para a cruz que ora brilhava no peito de *Vincent*.

Disfarçadamente, o novo abade enxuga uma lágrima que lhe rolara face abaixo e diz:

- Sei que ela não me será leve, meu bom amigo!... E, a propósito, espero que tu permaneças no secretariado geral!

- Se assim o queres, ficarei!... Mas, advirto-te: os dois larápios deixaram nosso cofre limpo!... E, olha que tínhamos boa quantia que nos sobrara da venda da safra passada!

- Quanto a isso não te preocupes, pois o bispo está a par de tudo e nos prometeu ajuda até a venda da próxima colheita. Com os ladrões fora daqui, as coisas tomarão outro rumo!... Eu te prometo!... - exclama, veemente, *Vincent*.

- Não sei... - responde, pensativo, o outro. E, prosseguindo: -Se não sabes, é bom ficares bem alerta, pois há alguns irmãos da contraria do subterrâneo que gostavam muito de *Jean du Morel*. Embora aquele velhaco tenha-lhes dado o bolo, ao apostatar, seus antigos amigos permaneceram entre nós!... Não temes que possam querer vingar-se de ti?...

- Sim, e sei quem são - responde *Vincent* -; entretanto, por ora, não posso fazer nada contra eles, e o melhor que faço é cuidar-me!...

- Tu desmontaste uma quadrilha que assaltava os cofres da abadia, e acho que não te deixarão impune!... Essa gente costuma ir à forra!... - observa, preocupado, o outro.

Em seguida, *Henri de Vanois* relata ao recém-chegado, longa e detalhadamente, os acontecimentos ocorridos durante a sua prolongada ausência. Depois, quando já estava quase anoitecendo, *Vincent* deixa *Vanois* e sai a percorrer, sozinho, os diferentes pontos da confraria, e uma ponta de satisfação invade-lhe a alma, quando seus governados, ao depararem-se com ele, que ora envergava a cruz de comando, faziam-lhe ligeiras reverências, e os monges mais idosos, acostumados a outros modos, ajoelhavam-se diante dele, tomavam-lhe a mão, beijavam-na e o chamavam de "Excelência". Finalmente, voltava a um ponto mais alto e era delicioso ver as

cabeças curvando-se à sua passagem. Íntima satisfação invadiu-o, e já começava a gostar da nova situação.

Mais tarde, *Vincent* procura por *Père Jérôme*, pois estava ansioso para revê-lo. Vai encontrar o mestre na enfermaria, cuidando de alguns monges acometidos de forte gripe que grassava entre os internos. O velhote, ao vê-lo assomar à porta, abre-se em sorrisos e faz pilhéria, ao notar-lhe a cruz abacial:

- *Habemus Papam!..* ¹ - diz, traçando no ar uma cruz, diante de *Vincent*. Em seguida, dispara uma gargalhada, abre os braços e espera o abraço do amigo.

Abraçam-se, efusivamente, e *Vincent* sentiu como era bom ter de volta aquele abraço paternal, cheio de ternura. Eram almas afins, não restava a menor dúvida e, entre criaturas que se amam, é sempre uma delícia o reencontro, após longa separação.

- Então ele lhe deu a cruz, hein?... - diz *Père Jérôme*, cruzando os braços e se afastando um pouco para observar melhor a figura do amigo, que se inchava de orgulho ao exhibir, ostensivamente, a cruz abacial.

- Brinco contigo, *Père Jérôme*... - diz *Vincent*, sentando-se e segurando a cabeça com ambas as mãos, pois a sentia como se pesasse uma tonelada. Depois, murchando como um balão inflado que, de repente, recebesse uma alfinetada, continua: - Tu sabes que não tive escolha e não me agrada muito carregar mais este peso!... A princípio, veio-me a passageira euforia de que pudesse ser feliz, recuperando o antigo prestígio que me foi usurpado por aquele miserável!... Entretanto, agora, vejo que não passo de um morto-vivo e que não existe mais felicidade para mim, onde quer que eu a procure!...

Père Jérôme sente dó do amigo e se aproxima; enlaça-lhe, ternamente, a cabeça, com ambas as mãos, e a atrai a si. Ao perceber que ele chorava, principia a afagar-lhe, paternalmente, os cabelos revoltos e, precocemente, meio tintos de branco.

(1) "- Temos papa!...", em latim

Seu velho coração amava-o; era o filho que não tivera. Sentiu que o amargor nas palavras de *Vincent* era verdadeiro; emite, então, longo suspiro ao pensar no quanto *Ihe* era penoso e difícil tentar ressuscitar o coração morto de um homem que ainda teimava em permanecer vivo...

* * * * *

No castelo de *Clairmont*, *Stella* acorda com o forte clangor das trompas da torre de vigia, anunciando a chegada de forasteiros. Era bem de manhãzinha, ainda, e os primeiros albores da manhã apenas tingiam de cor de rosa o céu de fim de outono.

Curiosa, abre uma fresta da janela para bisbilhotar quem é que chegava ao castelo e, de inopino, profunda estupefação toma conta de si, ao divisar, dependurado, perigosamente, no parapeito de sua janela, nada mais nada menos, que o seu misterioso admirador a colocar-*Ihe*, sorrateiramente, um buquê de rosas!

Súbita exclamação de espanto escapa-*Ihe* dos lábios, ao certificar-se de quem era ele, quando, pilhado com a mão na boca da botija, levanta o rosto e a fita, não menos surpreso que ela, ao ser surpreendido ali:

- *Toi?!...* - exclama *Stella*, saindo-*Ihe* a voz como num sopro rouco. - *N'est-ce pas possible!..*²

- *Pardon... mademoiselle!...* - balbucia ele, corando até às orelhas e, baixando um par de olhos envergonhados, murmura baixinho: - *Je quitte...*³

Tolhido pela forte emoção e pelo inesperado, tenta voltar, mas sente que estava, perigosamente, balançando-se no ar, segurando-se apenas com uma das mãos ao parapeito da janela.

(2) “- Tu?!... (...) - Não é possível!...”, em francês.

(3) “- Perdão... senhorita... (...) - Eu estou saindo...”, em francês.

Stella estava espantada com a audácia e a coragem dele. A priori, teve ímpetos de xingá-lo, de empurrá-lo, para que se espatifasse nas pedras do pátio, lá embaixo. Depois, ao deparar-se, de novo, com aqueles olhos singelos, sentiu-se estremecer de emoção e, num gesto inesperado, estende-lhe as mãos, dizendo:

- Queres matar-te, maluco?... Vem, sobe!...

O coudel hesita um pouco, olhando-a um tanto desconfiado; mas, em seguida, estende-lhe uma das mãos que a moça segura fortemente, auxiliando-o a galgar o parapeito da janela e a saltar para dentro do aposento.

Um pouco ofegante pelo esforço despendido, *Antoine*, plantado ali diante dela, sentia o coração batendo tão forte que parecia sair-lhe pela boca aflante. Não ousou encará-la de frente, mas a olhava, furtivamente, por entre o cenho, que mantinha abaixado. *Stella*, a seu turno, passado o assombro inicial, mal sustinha o riso em vê-lo ali, à sua frente, tentando esconder, às costas, as flores que, miraculosamente, conseguira trazer consigo, após a peripécia de saltar para dentro do quarto.

- *Et alors, mon garçon, qu'est-ce que dis-toi de ce-là?...⁴* -diz-lhe *Stella*, cruzando os braços e fingindo certa indignação, como se esperasse uma explicação para aquele ato ousado.

Meio sem jeito, *Antoine* levanta os olhos e a fita. Novamente, ao cruzarem-se os olhares, dá-se a explosão mágica de encantamento que costuma emoldurar o reencontro de duas almas que já se amavam muito, desde priscas eras. De repente, o rapaz torna-se senhor de si, encara-a, sorrindo com um jeito que a encantou, e ela sente, então, ligeira vertigem, e as pernas traquejarem. Engraçado, como antes nunca sentira aquilo diante de ninguém!.. Entretanto, aquele rapaz desconhecido que a encarava extasiado, como se estivesse diante de uma visão mirífica,

(4) " — E agora, meu rapaz, o que dizes sobre isso?... ", em francês.

fazia-a sentir-se tão fraca, tão impotente para reagir!

Ele, então, sorrindo sempre, todo encantado por tê-la ali tão próxima, diz, agora, sem dar quaisquer mostras de encabulamento:

- *Moi-je les porte pour toi!*...⁵

As mãos estendidas oferecem-lhe o buquê de rosas brancas, só que, desta vez, um pouco machucadas e algumas estavam até meio despetaladas pelos maus tratos que ele, estouvadamente, ocasionara-lhes na malfadada empreitada.

Profunda ternura então invade o coração de *Stella* ao 1er, no recôndito daqueles olhos brilhantes, o vero amor que lhe devotava o rapaz, aparentemente, rústico, mas que, na realidade, era gentil e cavalheiresco como o mais nobre dos príncipes!... Recebe, com delicadeza, as rosas que ele lhe passa, sem se desviarem o olhar, um só instante. Eles não sabiam, ou melhor, não podiam lembrar-se de que estavam fortemente atados um ao outro pela indissolubilidade dos laços do compromisso que se fazem as almas afins - no mundo em que vivem os espíritos - de amarem-se, de auxiliarem-se, mutuamente, para juntas, galgarem as alturas, rumo à angelitude!

Stella aconchega as flores junto ao colo e as abraça com carinho; em seguida, beija-as com delicadeza, aspirando-lhes o perfume. E ele, que caíra de joelhos diante dela, ria-se de felicidade!... Como se ria!... E, seus olhos faiscavam tanto, quais os de um menino, que houvesse acabado de ganhar o brinquedo de seus sonhos....

Por quanto tempo ficaram assim, olhando-se, aprisionados um dentro dos olhos do outro, não se sabe; mas, leves batidas à porta vêm quebrar o encantamento daquela hora, e *Stella* diz-lhe, preocupadamente:

- É *Marguerite* que me traz o desjejum!

E, como se, de súbito, inesperada ducha de água gelada fizesse-o acordar daquele devaneio hipnótico, *Antoine*, lépido como uma lebre, salta para a janela e, perigosamente,

(5)"- Eu as trago para ti!..." , em francês.

põe-se a descer de volta, pela parede, ao pátio lá embaixo.

Marguerite entra e cumprimenta *Stella*, fria e secamente. Sem encarar a outra um só instante, a criada depõe a bandeja com o desjejum sobre a mesinha e deixa o quarto, rapidamente. *Stella*, então, volta-se e, afoitamente, espia através da janela. Lá embaixo, plantado no pátio de pedras quadradas, *Antoine* vê-a assomar à janela e, como se já esperasse por aquilo, esboça largo sorriso e lhe envia um beijo pelo ar. Ela lhe sorri de volta, cúmplice pela maluquice engendrada, e meneia a cabeça, como a lhe dizer: "Como és maluco!..."

"Adorável maluco!" O pensamento não lhe saía da cabeça. Recostada à parede do quarto, só então se deu conta de que ainda vestia a camisola de cambraia, e que o rapaz vira-a em trajes de dormir. O sorriso de *Antoine*, singelo e maroto ao mesmo tempo, perseguia-a. Sequer tinha vontade de comer ou de vestir-se. Só queria ficar ali, lembrando-se de como se sentira bem junto àquele rapaz.

Mais tarde, encontra o pai no ateliê. *Don Lorenzo* nota-lhe a felicidade e lhe pergunta com ar brejeiro:

- Ah, *signorina contessa*, queres dizer que andaste sonhando *con il tuo contei*.⁶

Pensa rápido, pois não podia dizer ao pai sobre o que acontecera naquela manhã e que também já sabia quem a vinha presenteando com flores. Mente ao pai:

- *Non, papá!*... Sonhei com mamãe...

Uma nuvem de tristeza parece apagar, ligeiramente, o brilho dos olhos do velho escultor. Com a voz um pouco embargada, pergunta à filha:

- Sonhaste com ela, então?...

- *Sim, papá*, mas não me lembro do sonho, na íntegra. Entregam-se ambos à tarefa que lhes competia; entretanto, naquela manhã, para *Stella* estava difícil concentrar-se no que fazia.

(6) "-Ah, senhorita condessa (...) com o teu conde!...", em italiano.

Mantinha os olhos parados, perdidos no vazio, fato que chamou a atenção do pai.

- *Che cosa c'è figliola mia?...⁷*Estás tão estranha hoje!...

- Não há nada, papà!... - responde *Stella*, sorrindo-lhe, meigamente, e continua, tranqüilizando-o: - Deve ser a lembrança de mamãe que me deixa assim...

Don Lorenzo sabia que não era aquilo. Conhecia bem sua menina, e só podiam ser coisas do coração, atormentando-a de novo. Depois de curto silêncio, puxa conversa com a filha, tentando sondar-lhe a alma:

- Soube que andaste cavalgando com o jovem conde por aí... *Stella* cora, ligeiramente, ri um riso sem jeito e declara:

- Ah, *papá*, que bobagem!... Só quis ser gentil com *Jean-Michel!*... Nada mais!...

- Ele ainda continua insistindo muito em fazer-te a corte? - pergunta-lhe o pai.

- Sim, *papá*, mas não lhe tenho dado qualquer esperança, pois, entre mim e ele, não há a mínima possibilidade de relacionamento - responde ela. Depois, olhando fundo nos olhos do pai, continua com voz firme: - Não amo *Jean-Michel* e jamais me casarei com alguém a quem não ame, simplesmente, para contentar quem quer que seja, ou o que seria pior: apenas para tornar-me uma condessa!... *Não, papà*, decididamente, vejo o amor entre duas criaturas como a manifestação maior da presença de Deus em nós; se os casamentos se fizessem apenas por amor - livres da abjeta nódoa do interesse - garanto-te que bem menos pessoas infelizes teríamos neste mundo!... Vê quantos lares se desfazem, vitimados pela traição ou até mesmo pelos crimes mais aviltantes, apenas que não se alicerçaram no sentimento mais puro e nobre que uma pessoa pode oferecer a outra: o amor!... Se não puder escolher o meu amor,

(7) "- O que é que há, filhinha minha?..." , em italiano.

prefiro intinar-me num convento e dedicar o resto de meus dias servindo a Deus, de forma digna e honrada, a sujeitar-me aos caprichos de uma escória corrompida e depravada que ainda tem o desplante de se considerar acima das demais criaturas!

Don Lorenzo olha-a, sério. Não supunha que a filha estivesse tão amadurecida a ponto de expor-lhe tais idéias! A autenticidade nas palavras dela calou-lhe fundo na alma, e ele silencia. Não voltaria à carga, pelo menos naquela tarde, ou ela seria capaz de deixá-lo ali, falando sozinho! Conhecia-a, e ela era firme em seus propósitos.

Tentando deixar o pai novamente à vontade, pois sente que ele se calava, meio ressabiado com o que ela lhe havia dito, *Stella* pergunta-lhe:

- Sabes quem chegou, bem de manhãzinha, ao castelo?

- Sim, o conde e seu sobrinho estão de volta.

A jovem suspira aliviada. Agora, possivelmente, com a chegada do primo, *Jean-Michel* iria deixá-la em paz! Seu companheiro de patuscadas estava de volta e, certamente, nem iria mais se importar com ela, com tantas aventuras fáceis que havia em toda a parte. Poderia, doravante, dedicar-se à própria vida, sem ter aquele melífluo conquistador, sempre por perto, a desferir-lhe galanteios insuportáveis. Entretanto, restava ainda um empecilho à sua total libertação daquele pulha: não lhe terminara a herma. Mas, felizmente, faltava-lhe pouco para encerrar o trabalho e jurava a si mesma que trabalharia dobrado para terminar tudo o mais depressa possível.

A noitinha, após o jantar, vai à biblioteca para apanhar um livro e tem a infelicidade de encontrar *Jean-Michel*, quando atravessava um salão.

-Aonde vais, borboleta? - pergunta o rapaz, abordando-a com olhos lúbricos.

- Apanho um livro na biblioteca - responde *Stella*, encarando-o com naturalidade, mas sem qualquer emoção à voz.

- Acompanho-te - diz *Jean-Michel*, notando-lhe a indisfarçável frieza.

A biblioteca estava às escuras; *Stella*, tateando, procura a pederneira e o fuzil sobre um *guéridon* e acende as velas de um castiçal, e uma luz amarelada invade o recinto, transformando o rosto de ambos em máscaras brancas, lisas e disformes, com expressões indefinidas, reduzidas a simples borrões.

Jean-Michel aproxima-se dela e lhe toma as mãos.

- Não foste procurar-me hoje...

Stella sente-lhe, à proximidade, o hálito quente, a respiração ofegante. A seguir, ele tenta abraçá-la, parecendo querer devorá-la com os olhos úmidos de tanta cobiça. A jovem, soltando-se, afasta-se um pouco e finge procurar um livro na estante, repleta de volumes ricamente encadernados em couro vermelho e com inscrições douradas às lombadas. Aleatoriamente, apanha um livro na prateleira, folheia-o, displicentemente, e responde:

-Achei que estivesses ocupado com teu primo...

-A volta de *Maurice-André* não impede que continues a herma. Ou pretendes deixá-la, assim, incompleta?

Stella mira-o nos olhos e diz resoluta:

- Firmei um compromisso contigo e pretendo cumpri-lo! -depois, fecha o livro que mantinha aberto na palma da mão, coloca-o sob o braço e, pronta para sair, completa, destacando bem as palavras: - Somente isso, *Monsieur le comte*, somente isso!...

Resolutamente, sai da biblioteca, deixando-o embasbacado e parado, feito um idiota, na semi-obscuridade da sala. Depois, caindo em si, *Jean-Michel* sai ao encalço dela, mas ela já havia desaparecido na penumbra dos corredores do castelo. Profundamente irritado, murmura entre dentes:

- Pagar-me-ás caro a insolência, atrevida!... - e um lampejo de raiva passa-lhe pelos olhos azuis.

Já no quarto, *Stella* ainda fremia de revolta. "Atrevido!... Acha que sou uma rameira qualquer como essas com quem está habituado a divertir-se!", pensava enfurecida.

Tentou ler, mas o ódio por *Jean-Michel* fazia-a bufar de indignação e tinha ganas de apunhalá-lo. Entre acessos de raiva, pensava: "Se ousar molestar-me, mato-o!"

Não consegue dormir. Então, levanta-se e abre a janela. Depara-se com uma noite escura, de céu fechado, e um vento frio soprava, prenunciando a chegada do inverno. Ia fechar a janela e se voltar para o interior do aposento, quando divisa, lá embaixo no pátio, uma figura envolta numa capa. Súbito, o coração bate-lhe forte. Seria ele?... Projeta-se, para fora da janela, um pouco mais, para observar melhor e, o outro, lá embaixo, acena-lhe uma mão. Conhecia aquele jeito de acenar!... Era ele!...

- Maluco!... - murmura baixinho e lhe acena de volta. Depois, repentino pensamento sobrevém-lhe. Faz-lhe um sinal para que a aguardasse. Rapidamente, calça os sapatos e apanha uma capa de lã. Ninguém a veria sair àquela hora. Abre a porta, com cuidado, e sai para o corredor. Toda a ala em que se encontrava estava mergulhada na penumbra, e nenhum ruído se ouvia. A maioria dos que ali moravam já dormiam. Então, caminhando na escuridão, com passos leves, deixa o castelo e vai para o pátio fronteiro, saindo por uma porta lateral que consegue abrir, sem fazer muito ruído.

Antoine já a aguardava do lado de fora e a recebe com um largo sorriso:

- Que bom que vieste!

- És o mais maluco que já conheci até hoje!... - diz-lhe ela, achegando-se a ele, de forma tão natural, como se se conhecessem havia anos.

- Vem, saiamos do vento! - convida *Antoine*, tomando-a pela mão e a guiando através da escuridão.

-Aonde me levas? - pergunta-lhe ela, num cochicho.

- A esta hora, *maman* já fez o pão, que ainda deve estar bem quentinho!... Quero que tu o proves!

De repente, *Stella* lembrou-se de que sequer lhe sabia o nome e se riu. Em alguns minutos, estavam diante de uma casinha de pedras, que ficava no limiar do jardim interno do castelo. Havia luz lá dentro:

- Moro aqui! - diz-lhe ele, sorrindo, com o maior orgulho, e a encarando com um par de olhos brilhantes de felicidade.

Stella leu, então, nos olhos dele, tanta simplicidade, como nunca havia visto antes, e só aí percebeu que ainda estavam de mãos dadas. Sorriu-lhe de volta, enquanto entravam na casa.

- *Tonton?...* - ouve-se a voz da mãe lá de dentro.

- *Moi!...* - responde ele para a mãe. E, voltando-se para *Stella*: - Vem, ela adorará ver-te aqui!

Adèle Jovenchy, a mãe, espanta-se ao ver o filho que trazia consigo a linda moça, conduzindo-a, delicadamente, pela mão.

- *Tonton!...* *Oh, mademoiselle, excusez-moi!..* - balbucia a mulher, timidamente, ao deparar-se com tão brilhante jovem em sua cozinha. E, censurando o filho com o olhar, diz: - Não me disseste que trarias visita!...

-Ah, *maman*, *Stella* não é visita, não; apenas queria mostrar-te como ela é bela!... E, também que provasse de teu chá com o pão!... Já o aprontaste?

- *Pardon, Madame*, mas não vos queria dar trabalho a estas horas... - diz *Stella*, desculpando-se.

- Não é trabalho, não! - apressa-se em dizer o rapaz, cheio de contentamento. E, apontando uma cadeira, diz para a moça: -Senta-te, enquanto *maman* prepara-nos o chá!

Sentam-se ambos à tosca mesa da cozinha, enquanto *Adèle* prepara o chá no fumarento fogão de pedras. Olhavam-se, rindo um para o outro, como se fossem duas crianças. Que doce envolvimento sentiam!... Não se diziam muita coisa, apenas se olhavam e se sorriam, achando graça um do outro.

Adèle olhava-os, a furto, com o canto dos olhos, estranhan-do-lhes o comportamento vivaz. Será que o filho e a jovem escultora estariam

mantendo um relacionamento?... A atitude de ambos estava cheirando-lhe mais que simples amizade. E, daí a pouco, servindo-lhes o chá com o pão que acabara de tirar do forno, pensava: "Ah, se *Margot* pilha-os nesta alegria!..."

Os enamorados bebericavam o chá fumegante e se embebedavam, um no olhar do outro. Riam-se e pouco falavam, enquanto mordiscavam pedaços de pão. *Adèle*, alegando cansaço e o avançado das horas, desculpa-se e se recolhe para dormir, deixando-os a sós, na cozinha. Lá fora, o vento assoviava forte, e os dois nada percebiam o que acontecia ao redor de si; apenas se olhavam, sentiam-se, deixando que a emoção falasse por ambos. A luz da candeia bruxuleava, como se dançasse um balé de bêbados, ora querendo apagar-se e ora, reavivando-se, ganhava vida e lançava um clarão mais forte no ambiente.

- Sequer sei o teu nome... - diz-lhe *Stella*, num sussurro, quando ele, tomando-lhe a mão, enlaçou seus dedos aos dela e os apertou fortemente.

- *Antoine*... - responde-lhe ele, fazendo surgir os dentes arredondados e brancos. Depois, abrindo um sorriso mais amplo, continua, como se soprasse, delicadamente, as palavras, ao invés de articulá-las: - Mas, parati, sou *Tonton*...

O tempo passava, e eles se apertavam as mãos, tão fortemente, como se quisessem fundi-las, tomá-las uma a extensão da outra.

- Já se faz tarde; preciso ir... - diz *Stella*, por fim, lançando fundo suspiro, como se, contrariada, despertasse de um lindo sonho.

- Não! Fica um pouco mais!... - exclama *Antoine*, levantando-se e tentando retê-la.

Num átimo, *Stella* já estava nos braços dele, e ele a apertava tanto, quase a sufocá-la, tamanha era a emoção que os dominava. Sentiu-lhe, então, os músculos dos braços - fortes, como duas imensas tenazes de aço - prendendo-a, e súbita zonzeira perpassou-lhe, momentaneamente, a cabeça. Quis soltar-se, mas era tão bom o que sentia que se rendeu e, quando ele lhe esmagou os lábios com um

sôfrego beijo, ela não relutou, não opôs qualquer resistência, apenas sentiu um delicioso sabor invadindo-lhe a boca...

E, assim ficaram, tão fortemente jungidos um ao outro, que não se notava nenhuma descontinuidade entre ambos. A noite avançou, e eles não perceberam; era quase dia quando, relutantemente, *Stella* predispôs-se a deixá-lo.

No dia seguinte, ao acordar, *Stella* pareceu reentrar num sonho: lembra a noite anterior, e doce enlevo envolve-a. Vem-lhe, então, à mente, a figura de *Antoine*, tão másculo, tão protetor - e ele parecia estar ali diante dela - tão forte ainda lhe sentia a pressão dos músculos, no interminável abraço a que se entregaram, por horas, no silêncio e no aconchego da cozinha do simplíssimo lar dos *Jouvenchy*.

Agora sabia como era quando uma mulher gostava, verdadeiramente, de um homem, e quão diferente era daquilo que sentira por *Jean-Michel!*... O jovem conde infundia-lhe insegurança, incerteza e até medo; não sentia prazer em estar em sua companhia, e não achava interessantes as coisas que ele lhe dizia. Já com *Antoine*, as coisas eram diferentes: gostava de estar com ele, achava-o divertido, tinha um jeito de olhar que a encantava e, mesmo que não se dissessem nada, só pelo simples fato de estarem juntos, já valia a pena. Amava *Antoine* e tinha a certeza de que ele também a amava, com o mais puro dos sentimentos! E, o que era mais importante: respeitava-a acima de tudo!

Passa o dia no ateliê, ao lado do pai, fazendo o maior esforço para não se trair. Tinha um ar de felicidade tão grande que havia horas em que se sentia sufocar; era-lhe extremamente difícil fixar-se no trabalho, pois a figura do amado teimava em invadir-lhe o pensamento, roubando-lhe a concentração. No íntimo, dialogava com a imagem do rapaz e, brincando, dizia-lhe que a deixasse, que lhe desse uma trégua... Pobre criatura!... Agora sabia o quanto as coisas do coração apresentam-se espantosamente incontroláveis e

como não costumam obedecer nem aos ditames da mais comedida razão!

A tarde caía e, muito triste, *Stella* pensava que, infelizmente, dali pouco teria de ir ao encontro de *Jean-Michel* que, fatalmente, a aguardaria para a continuidade da escultura.

- Pensei que não viesses... - diz o jovem conde, mal disfarçando a ansiedade, ao vê-la surgir à porta de seu quarto.

- Não há que se desesperar, meu caro! - diz-lhe ela, encarando-o, séria. - Não te prometi terminar o serviço?... Fica tranqüilo, que cumprirei a minha parte.

Em seguida, põe-se a trabalhar, resoluta e decididamente, olhando para *Jean-Michel* com olhos Firmes, e se percebia que ela enxergava diante de si apenas um modelo, nada mais.

O rapaz percebe a frieza que ela fazia questão de deixar clara e se sente humilhado. Engole seco por várias vezes e mantém o cenho fechado; não fizera nenhum gracejo com ela até então, pois a distância que ela procurava manter não dera a ele margem para disparar nenhuma graceta.

O silêncio fazia-se pesado, incomum, se se levasse em conta a presença de galhofeiro de primeira - como o era *Jean-Michel* -que não conseguia manter-se calado por mais de cinco minutos. E ele, que sempre se mostrava irrequieto, sempre se mexendo, incapaz de se manter sentado por muito tempo, sem estar bulindo em algo ou com alguém, estranhamente, mantinha-se parado, comportadíssimo, havia boa meia hora, não movendo sequer um só músculo. Entretanto, se se lhe sondassem a mente, descobrir-se-lhe-iam o monoideísmo martelando-lhe, constante: "Serás minha, rameirinha presunçosa!..."

Stella tinha bom o coração e não conseguia, mesmo que quisesse, ferir alguém, deliberadamente. Sabia porque ele estava daquele jeito, mudo, agindo tão diferentemente do usual. Desanuvia então o rosto, tomando-o mais alegre e pergunta, em tom de brincadeira:

- Estás doente, *Jean-Michel*?... O rapaz, fingindo amuo, olha-a com olhos carregados de ferocidade e diz:

- Que te importa se estou doente ou não? Percebo que o que fazes torna-se um peso para ti!...

Stella sente-se magoar pelo tom da resposta do rapaz e replica:

- Desculpa-me, *Jean-Michel*, apenas quis ser gentil!... Se não estás de bom humor, podemos parar e continuar outra hora...

-Acho que é exatamente o que tu queres!... - responde-lhe ele, fuzilando-a com os olhos inflamados de ira. Depois, prossegue, quase aos gritos: - Acaso me tomas por algum imbecil?... - em seguida, levanta-se e se encaminha para a jovem, contraindo a mão e crispando os dedos, como se quisesse esganá-la. Esforçando-se para conter-se, mas ainda colérico, tremendo e explodindo, continua: - Se quiseres parar a escultura para sempre, terás apenas o trabalho de mo dizeres!

A jovem assusta-se com a violenta reação do rapaz. Não estava acostumada àqueles rompantes de brutalidade, posto que o pai sempre a tratara com carinho extremado e jamais lhe alteara a voz daquela maneira. Põe-se, então, a chorar baixinho, amedrontada.

Jean-Michel, percebendo-a frágil, continua seu ataque:

- Por que é que tu me evitas assim?... Que te fiz eu?... - diz, aproximando-se dela e lhe apertando fortemente o braço: -Ingrata!... Deverias cair de joelhos e me beijar a mão por eu me dignar a dar-te minha atenção e meus carinhos!...

A jovem treme, olhando-o, aterrorizada, enquanto sente a mão do rapaz pressionando-lhe o braço, cada vez mais forte, como uma tenaz de fogo. Tenta, em vão, soltar-se, com um ligeiro safanão, dizendo, súplice:

- Deixa-me ir!...

Ele não a deixa escapar e a atrai para si, com um violento puxão, e mantém o rosto tão próximo ao dela que ela lhe sente o hálito tresandante a álcool. *Jean-Michel* fita-a com um brilho estranho nos olhos azuis e continua a falar, num tom de voz horrível:

- E, no entanto, como é que me tratas?... O que é que pensas ser? Não passas de uma reles escultora, sem nome!... E eu que te poderia elevar à minha altura, o que recebo de ti? Desprezo, nada mais!...

Cambaleante, consegue abraçar *Stella* com ambos os braços, posto que Ihe era muito superior em força e tamanho e, à custa de certo esforço, envolve-a num abraço apertado e tenta beijá-a à força. A moça esquiva-se do rosto do rapaz o quanto pode, mas ele consegue prender-Ihe a boca e Ihe desfere um beijo forçado, brutal, quase a comer-Ihe os lábios, com bestial voracidade.

Stella lutava e queria arranhá-lo, porém o rapaz era forte demais para ela e conseguia dominá-la com facilidade. Ao sentir-Ihe a boca colada à sua, quis gritar por socorro, mas ele a sufocava com seu beijo.

Num último ato de desespero, procurando desvencilhar-se a qualquer custo, *Stella* morde-Ihe, então, violentamente, o lábio e sente o sangue do rapaz invadir-Ihe a boca, quente, adocicado, e repentina náusea advém-Ihe.

Jean-Michel emite um grito de dor e solta a moça que se aproveita do momento para fugir, deixando-o só e furioso. Um filete de sangue escorria-Ihe pelo canto da boca, e sentiu o lábio queimar como fogo:

- Maldita cobra! - sussurra entre dentes. - Pagar-me-ás caro mais esta afronta!...

Logo mais, *Marguerite* queimava-Ihe o ferimento do lábio com creosoto.

- Como está o ferimento? - pergunta, agastado, à criada.

- Está um pouco inchado, Excelência.

- Maldita!... - murmura num sopro quase inaudível.

- Desculpai-me, Excelência, mas vosso ferimento tem algo a ver com *Stella*, a escultora? - atreve-se a perguntar-Ihe a criada.

Jean-Michel olha-a, espantado. Primeiro, pelo atrevimento da criada; segundo, como é que ela saberia sobre *Stella*?... Estaria espionando-os?... Entretanto, era preciso saber e ele responde:

- Sim, e como é que sabes disso?

- Vi-a, quando saía correndo de vossos aposentos, e percebi que chorava.

- És esperta, *Margot!* - diz-lhe *Jean-Michel*, abrindo ligeiro sorriso. E, continua: - Mas, pareceu-me entender em teu tom de voz que não vais muito com as fuças da escultora... Estarei errado?

- Não, Excelência. Tendes razão, eu não a suporto!

- E podes dizer-me o que te fez ela?

- Roubou-me o namorado! - diz a criada com a voz pejada de rancor.

- O quê!?... - levanta-se *Jean-Michel*, de um salto, lívido pelo choque da revelação. E ordena à criada: - Conta-me essa história direito!

A criada, então, relata ao estupefacto rapaz o que descobrira sobre *Stella* e o coudel *Antoine* e como já haviam se encontrado, às escondidas, depois que todos dormiam.

- Ah, então é por isso que me rejeita, a rameira!... Faz-se de donzela pura, mas prefere os cavaliariços!...

- Sim, Excelência, ele era meu noivo, e ela mo roubou!...

- Far-me-ás o seguinte, *Margot*: ficarás de espreira e, quando os pilhares juntos, vem depressa avisar-me! Quero dar-lhe uma surra de chicote, diante do amante!

Marguerite exultou. Seus olhos malévolos brilharam, pois iria vingar-se da rival como desejava e no melhor estilo!... Era muito mais do que esperava!...

Durante o jantar, todos notaram, à mesa, que *Jean-Michel* tinha o lábio inchado.

- Quem é essa com tais arroubos de volúpia que quase te arranca a boca? - diz o primo, fazendo pilhéria.

- Ora, ninguém me mordeu! - responde ele, disfarçando. -Um inseto picou-me o lábio, à tarde, quando descí ao jardim.

- Deve ter sido um inseto inusitado, para ter-te causado tamanho estrago!... - riu-se *Henri de Clairmont*.

A mãe limitou-se a olhá-lo, desconfiada. No íntimo, tinha suspeita do que realmente havia causado aquilo.

Após o jantar, o conde *Henri* manda chamar o padre *Dévèreux*, capelão do castelo.

- Tenho um serviço para ti - diz o conde ao padre, rapaz um tanto jovem, pois ainda não completara trinta anos. - Quero que vás à abadia de *Saint Michel Aix-en-Provence* e, como visitante, procures o padre *François Boileau* e lhe entregues esta carta. É sumamente importante que ninguém veja a carta, ouviste bem?

- *Parfaitement, Monseigneur* - diz o padre, apanhando o envelope e o guardando sob o manto do hábito.

Em seguida, *Henri de Clairmont* entrega ao religioso uma pequena sacola de couro, cheia de moedas de ouro, e dá continuidade às suas instruções:

- Entregue-lhe também isto, dizendo que é para as despesas adicionais; e, para ti, este outro - e lhe atira, a seguir, um saco de moedas bem menos recheado que o anterior.

O padre, com olhos desmedidamente cúpidos, apanha as moedas e as esconde, rapidamente, debaixo do manto. O conde continua com as instruções:

- Quero que saias amanhã, bem cedinho, sem levatares suspeitas. Não saias pelo portão principal; deixa o castelo por um dos portões laterais, como se fosses fazer uma cavalgada pelas redondezas. Repito: não quero que deixes teu rastro por aí!... Se derem por tua falta, depois dirás que o bispo te chamou em *Toulouse*. Entendeste?... O padre assente com um sinal de cabeça e sai como uma sombra. *Henri de Clairmont* permanece só, no seu gabinete, perdido em reminiscências. Depois, com um brilho malévolo nos olhos, os quais ele mantinha fixos no vazio, murmura, quase inaudivelmente:

- Tu verás, miserável, como é que se trai o conde *de Clairmont!*...

XIV

O terrível incidente

O padre *Dévèreux* chega à abadia, no dia seguinte, à tarde, e procura pelo irmão de ordem *François Boileau* e, reservadamente, entrega-lhe a encomenda que lhe mandara *Henri de Clairmont*. Cheio de curiosidade, o monge recebe a sacola com o dinheiro e a carta que o outro lhe passa, disfarçadamente, enquanto caminhavam por uma alameda do jardim interno que, àquela hora, encontrava-se praticamente deserto.

- Notícias interessantes? - pergunta, curioso, o padre *Dévèreux* a *François Boileau*, depois que este lera, atenciosa e demoradamente, a carta do conde de *Clairmont*.

- Ah! - exclama *Boileau*, encarando-o, com um sorriso cheio do cinismo que lhe era costumeiro. E, continua, sarcástico: - Tu me trouxeste a missiva do conde, mas não lhe conheces o conteúdo, não é mesmo?... Entretanto, *mon frère*, vais morrer, levando esta curiosidade contigo!... - diz ele, dobrando a carta e a guardando nas dobras do manto do hábito. E, prossegue, dizendo ao desapontado *Dévèreux*: - Infelizmente, nada te posso confiar, se em ti não confiou o conde!... E, tive o cuidado de notar muito bem que não te ocorreu a má idéia de romper o lacre, para bisbilhotares o conteúdo da carta! Fizeste muito bem!... Entretanto, para não levatares nenhuma suspeita, é bom que permaneças no mosteiro, por dois ou três dias, fazendo um retiro espiritual. E, principalmente, que mantendas o bico fechado!... Entendeste bem?

Em seguida, *Boileau* some como um fantasma, e *Dévèreux* permanece, por um bom tempo, ali, parado, cogitando sobre qual seria o teor da missiva que acabara de trazer.

Após ter deixado *Dévèreux* plantado como um idiota, no meio do jardim, *Boileau*, imediatamente, procura por *Philippe Joubert*, velho companheiro de velhacarias, e também amigo devotado do antigo

abade, apesar de este os ter abandonado em sua apressada fuga; entretanto, ambos, longe de se ressentirem com o amigo fujão, alimentavam a vívida esperança de que ele ainda os mandaria buscar, tirando-os dali para, juntos, levarem uma vida de dissolução e de prazeres. No íntimo, devotavam surdo ódio ao novo abade que, tomando novas diretrizes, moralizara a instituição, cortando uma série de desmandos e de privilégios que se destinavam apenas a uma reduzida casta de monges.

- O conde *de Clairmont* incumbe-nos de uma importante tarefa

- diz *Boileau* a *Joubert*, entregando-lhe a carta.

- O chefe exultará de felicidade e nos premiará, quando lhe contarmos sobre nossas proezas!... – diz *Joubert*, maravilhado, após tomar ciência do conteúdo da carta.

- Que ficará orgulhosos de nós, não resta a menor dúvida! – exclama *Boileau*, também satisfeito.

- E, quando executaremos atarefa de que nos incumbe o conde *de Clairmont*? – pergunta *Joubert*.

- Assim que tivermos chance, pois é arriscado. Se nos pilham!...

- e faz um gesto com a mão como se o degolassem.

O outro assente com a cabeça e permanece meditabundo, sem nada dizer, com os olhos desmedidamente abertos, perdidos no vazio.

* * * * *

Alguns meses depois, no castelo *de Clairmont*, numa noite de fim de inverno, que se fazia escura e adiantada, um vulto encapuzado caminha, furtivamente, pelo corredor da ala de hóspedes, quase colado à parede, até se chegar diante do quarto de *Stella Scalchi* e bate à porta, leve e pausadamente, com os nós dos dedos. A porta abre-se, imediatamente, como seja esperasse aquela visita.

- Temia que não viesses!... - exclama *Stella*, atirando-se aos braços de *Antoine*.

- Nada neste mundo far-me-ia desistir de ver-te, meu amor!... -diz o rapaz, principiando a beijá-la, sofregamente, nos lábios.

- Tiveste cuidado ao entrar? - pergunta a moça, trancando a porta a chave. - Temo por nós dois!

- Sim, tenho a certeza de que não fui visto, pois sei que *Margot* segue-me, há tempo, como uma sombra! - diz ele, atraindo-a para si. Abraçam-se, fortemente, na semi-obscuridade do aposento de *Stella*, e se rendem aos deleites da paixão a que se entregavam, havia já alguns meses. Por manterem, desde o início, esse relacionamento forte, o qual não conseguiram soffrear, temiam ser descobertos e se encontravam sempre às escondidas.

Apagado, momentaneamente, o fogo da paixão que os consumia, conversavam baixinho, deitados no leito da moça:

- Fugamos para Paris, *Tonton!*... - diz a moça, com a voz súplice, acariciando-lhe os cabelos costumeiramente revoltos. - És um bom adestrador de cavalos e não te faltará trabalho nas coude-larias por lá.

- Jamais fui a Paris, *ma belle* - diz-lhe ele, sorrindo. - Como queres que eu encontre o caminho para lá?!... - e, dispara uma gargalhada: - Ha! Ha! Ha! Ha!...

- Não me levas a sério!... - diz a moça, beliscando-lhe uma orelha. - Não temes a ira de *Jean-Michel!*... Já te contei o que fez comigo!

- *Jean-Michel* é um idiota! - diz o rapaz, ficando sério. -Ganhava todas as corridas dele, quando éramos garotos!... E, ele aprendeu a cavalgar comigo!...

- Vê, *mon amour* - volta *Stella* a insistir -, se fugirmos, juntos, eu e tu, depois nos encontraremos com papai em Paris!... Sabes que temos uma casa lá?

- Seria muito bom fugir para Paris contigo, *ma belle!*... - diz o rapaz, levantando-se e caminhando pelo quarto. Depois pára, olha-a nos olhos, que brilhavam, na penumbra, como duas pedras preciosas, e prossegue: - Mas, *maman* e *papa* só têm a mim neste mundo!... Quem cuidará deles, em sua velhice?... E, não creio que quererão fugir

conosco para Paris!... Conheço-os bem e tenho a certeza de que jamais deixarão a *Garonne*, pois nasceram e sempre viveram aqui, neste castelo, servindo aos senhores *de Clairmont*. - cala-se, por um instante, fitando-a, sério, como nunca fizera antes e, depois, emitindo longo suspiro, conclui: - Se eu fugir contigo, é bem possível que ambos morram de tristeza!...

Stella não insiste mais, pois a ilação do que ele lhe apresentara era forte e contundente: não poderia exigir que ele abandonasse os pais para fugir com ela. Poderia dizer a ele que, pelo menos, tentasse argumentar com os pais e, quem sabe, eles não aceitariam a mudança? Entretanto, cala-se, não iria insistir.

Quando o dealbar do novo dia surge, o rapaz levanta-se e se veste apressado. Era preciso sair, antes que o dia clareasse de todo, e o pilhassem ali, onde a sua presença era notoriamente proibida. Tinha deixado o leito tão de mansinho, imperceptivelmente, que a amada não se acordara. Permanece, então, parado ao lado do leito, por instantes, fixando-a com olhos brilhantes de emoção. Como a amava!... Com gestos levíssimos, aproxima-se e beija a testa da jovem, tão suavemente, que seus lábios mal lhe tocam a pele. Sente-lhe o perfume agradável, e seu peito insufla-se de ternura. Reluta em deixá-la, mas era preciso ir-se, e ela nem estava percebendo que ele se ia. Vê-a sorrir, enquanto dorme, e seu rosto abre-se, também, num sorriso: *Stella* sonhava e ria, e *Antoine* teve a certeza de que ela sonhava com ele...

Ganha o corredor e sai apressado, sem perceber que uma sombra surge de um desvão da parede e o acompanha com olhos chamejantes de ódio. Era *Marguerite* que diz baixinho, entre dentes, como se mordesse as palavras:

-Ah, maldito, ainda não desejo pegar-te aí!... Porém, não perdes por esperar!... Dou-te metros e metros de corda, para que tenhas um enforcamento de primeira!...- e some, fundindo-se na semi-obscuridade do corredor.

Os dias sucedem-se, e os encontros encobertos entre *Stella* e *Antoine* tomam-se mais freqüentes e, certa noite, quando a primavera já estava de volta, trazendo o clima agradável e o delicioso olor das flores, os amantes encontram-se uma vez mais, quando todos já dormiam. O rapaz traz-lhe rosas brancas, que apanhara no jardim, antes de entrar, furtivamente, nos aposentos da amada. Ela o recebe, encantada e feliz, como se fosse a primeira vez que se encontravam. Delicia-se com as flores; abraça o rapaz e o mantém recostado ao colo, cantando-lhe, baixinho, uma cançãozinha de ninar. Acaricia-lhe uma orelha e ele, sonolento, descansa da estafante tarefa que lhe cabia, durante as quase dezesseis horas de trabalho diário.

- *Tonton!...* - diz-lhe ela, enquanto ele mal conseguia sustentar os olhos abertos de tanto sono. - Tenho algo a dizer-te...

- *Ahn!...* - diz o sonolento, esforçando-se por manter-se acordado. - Dize-me o que é!...

- *Je me suis grosse!...* - diz ela, num sussurro, entre receosa e feliz, por dar-lhe aquela notícia.

- O quê?!... - exclama ele num sopro, dando um salto e arregalando os olhos. - Acho que não te escutei direito!... Repete o que disseste!...

- Estou grávida, sim!... - repete ela, agora rindo-se da rapidez com que ele se erguera e se sentara sobre os calcanhares, ao lado dela.

Antoine olhava-a sem dizer palavra. A estupefação emudecera-o, e ela se ria dele. O rapaz esforçava-se para dizer algo, mas apenas tartamudeava palavras desconexas:

- Eu... tu... e... Eu não sei!...

Stella meneava a cabeça e se ria da confusão em que ele caíra. Dá-lhe, a seguir, tapinhas no rosto, dizendo:

- *Eh, mon petit!...* Acorda!... Serás papai, sim!... Desaparecera por completo a sonolência de *Antoine*, e ele queria ouvi-la contar tudo com detalhes. E ela lhe contou, e ambos passaram quase a noite toda rindo e cochichando sobre o que ambos haviam feito. Não tinham pensado naquela hipótese!... Entretanto, eles seriam três, em breve, e teriam que dar um rumo à vida. Mas, o

que fazer?... Como reagiriam os pais de ambos? Como reagiria *Don Lorenzo*, especificamente?

Antoine acariciava o ventre da amada e o beijava, ternamente. Ali se aninhava o fruto de seu amor. Agora começava a pensar, seriamente, em fugir com *Stella* para Paris. Tinha motivo mais que suficiente para deixar o castelo e tentar a vida longe dali: seu filho!... Iria constituir a sua própria família e os pais, sabendo que ganhariam um neto, segui-lo-iam ao fim do mundo! Levanta-se e diz, resoluto, para a amada:

- Vou contigo para Paris!

Os olhos de *Stella* iluminam-se de felicidade e, com um salto, joga-se nos braços do rapaz, enlaçando-lhe o pescoço e o cobrindo de beijos.

- Eu sabia, *mon amour*, que tu entenderias que esta é a melhor solução para nós!... - diz-lhe radiante de felicidade. E, continua: - Falarei com papai, amanhã mesmo, e tenho a certeza de que ele concordará conosco!

E, dormiram felizes, abraçados, sonhando com o futuro de felicidades que os aguardava. Seriam momentos de deleite, em que viveriam intensamente o amor que sentiam um pelo outro, como sói a criaturas que não trazem o estigma da maldade, escondido como cobra traçoeira nos escaninhos do coração. Entretanto, dormiram demais naquela manhã, e o sol vai apanhá-los no leito, até tarde, bem mais que o usual...

A manhã já estava bastante adiantada, quando *Marguerite* vinha pelo corredor, trazendo o desjejum de *Stella* e estaca, por instantes, diante da porta do quarto da escultora, antes de bater. Parecera-lhe ouvir vozes lá dentro. E conhecia aquelas vozes! Então, sem emitir ínfimo ruído, cola o ouvido à porta e se certifica: sim, eram as vozes de *Antoine* e de *Stella*!

Efetivamente, naquele instante, os dois amantes acabavam de acordar e se cumprimentavam explosivos em sua manifestação de amor.

- Malditos!... - murmura a criada, rilhando os dentes de tanto ódio.

A seguir, depõe a bandeja com o desjejum de *Stella*, silenciosamente, no chão do corredor, e sai apressada, quase a correr, pois acabara de ver *Jean-Michel* e *Maurice-André* que chegavam de mais uma noite. Se tivesse sorte, poderia alcançar o jovem conde antes que se jogasse no leito e se pusesse a dormir como um porco.

A sorte estava do lado da criada, pois, ao aproximar-se da ala nobre do castelo, ouviu os jovens gargalharem e os localizou no salão de jogos, bebericando vinho e conversando, antes de caírem na cama. Aproxima-se, meio esbaforida pela carreira, e *Jean-Michel*, vendo-a daquela forma, percebeu de imediato do que se tratava.

Trocaram-se apenas um olhar significativo, e ele, ligeiro, seguiu a criada. Sequer teve tempo de explicar-se com o primo, que nada entendeu daquele inusitado corre-corre, mas que, picado pela curiosidade, resolveu seguir os dois, um pouco mais atrasado.

Em instantes, *Jean-Michel* e *Marguerite* ganharam o limiar da porta de *Stella* e a criada, gesticulando para pedir silêncio, cola os ouvidos à porta e ouve atentamente. Em seguida, faz um sinal afirmativo, com a cabeça, de que o rapaz ainda se encontrava lá dentro.

Jean-Michel fez, então, menção de bater à porta, visivelmente alterado, com os olhos injetados de tanta raiva, mas *Marguerite* segura-o e lhe cochicha rente ao ouvido:

- Se perceber que estamos aqui, ele descerá pela janela! Aguardemos, que sairá pela porta...

Dito e feito. Alguns minutos depois, a porta abre-se, primeiro, timidamente, e depois, uma cabeça aponta para espiar o corredor. E, foi aproveitando-se deste lapso de tempo que *Jean-Michel*, valendo-se da surpresa, desfere violento pontapé na porta que se escancara com um estrondo.

Surpresa, espanto e indignação sobrevêm de ambos os lados. Rápido como um raio, *Jean-Michel* salta para dentro do quarto, e empurra violentamente *Antoine* que, apanhado pelo imprevisto, cai por terra. *Stella* torna-se, repentinamente, hirta e apavorada, ao vê-los invadindo-lhe o quarto. O jovem conde, então, aproxima-se de

Stella, segura-a violentamente pelo braço e, arras-tando-a, com modos extremamente brutos, lança-a sobre o leito. A seguir, principia a esbofeteá-la, furiosamente, enquanto lhe diz terríveis impropérios:

- Cadela!... Rameira!... Rejeitaste-me e te delicias com os cavaliços?!...

Stella debatia-se e gritava, tentando escapar, mas *Jean-Michel* segurava-a, fortemente, mantendo-a presa ao leito.

Neste íterim, *Marguerite* tentava conter *Antoine*, segurando-o; ele, entretanto, desvencilha-se dela, rapidamente, e se lança como um raio sobre *Jean-Michel*, aplicando-lhe forte gravata ao pescoço, sufocando-o. O conde, então, procura defender-se e, num jogo de mestre, consegue libertar-se do torniquete que o outro, com os possantes braços, aplicara-lhe à garganta e ainda consegue arremessar, violentamente, o coudel contra a parede.

Jean-Michel volta à carga contra *Stella*, aplicando-lhe violentos socos à barriga. A moça, quase não suportando a dor, gemia baixinho. *Antoine*, refazendo-se da zonzeira, volta ao ataque, mas *Maurice-André*, que até então assistia a tudo, sem nada entender do que se passava, tenta segurar o cavaliço, aplicando-lhe uma gravata; entretanto, o rapaz, soltando-se, empurra o intrometido que cai, batendo a cabeça contra um móvel. Este se sente zozzo, por instantes, pela pancada recebida, mas se recobra ligeiro e se levanta. Em seguida, furioso, desembainha o florete que trazia preso à cintura e se arremete contra *Antoine* que, percebendo que seria trespassado pela lâmina da espada, ligeiro como um raio, dá um grande salto para trás e, apanhando o punhal que trazia preso às costas, com imensa habilidade, arremessa-o contra seu ofensor. Num átimo, a arma corta o ar e vai cravar-se em *Maurice-André*, atravessando-lhe a garganta e lhe seccionando, brutalmente, a veia jugular.

O jovem, atingido pela pontaria certa de *Antoine*, sequer solta um gemido. Pego pelo inesperado, fita o ar com os olhos esgazeados,

enquanto um grosso jato de sangue tingia-lhe de rubro a camisa de cambraia alvinitente. Instintivamente, leva as mãos ao pescoço, tentando retirar a arma que lhe feria a garganta, mas cambaleia, gira nos calcanhares e tomba ruidosamente ao chão. O sangue, esvaindo-se do ferimento, aos borbotões, empapa rapidamente o tapete de lã. Neste ínterim, um grito terrível fere o ar. Era *Marguerite* que, colada a um canto do aposento, vinha deliciando-se com a surra que a rival estava levando de *Jean-Michel*, até que se desencadeara a terrível tragédia. Lépida, corre para o lado de *Maurice-André* e, ao constatar que o jovem agonizava, grita para *Antoine*:

- Foge, *Tonton!*... Tu o mataste!...

Antoine fita a criada com um par de olhos tresloucados. Estava ofegante e muito agitado; tinha as abas do nariz dilatadas pela dificuldade na respiração e as roupas em frangalhos, rasgadas no esforço da luta. Caindo em si e percebendo a gravidade da situação, de um salto, ganha o corredor e desaparece ligeiro.

Até esse momento, *Jean-Michel* ainda não havia percebido o ocorrido. Estava entretido em surrar *Stella*, dando evasão ao seu ódio mal contido, e parara somente ao ser puxado, insistentemente, pela criada. Foi, então, a partir daí, que se deu conta do ocorrido, ao ver o outro estendido ao chão, no meio de uma poça de sangue. Súbita palidez acometeu-o e, trêmulo, ajoelhou-se ao lado do primo e tentou reanimá-lo, mas *Marguerite*, dando gritos estentóreos como uma louca, repetia:

- Está morto!... Está morto!... *Tonton* matou-o!...

- Chama papai, depressa! - grita *Jean-Michel*.

A criada sai feito uma doida, em busca de socorro, enquanto *Stella*, premida pela tragicidade dos acontecimentos, encontrava-se abobalhada, recostada ao leito, recusando-se a crer no que presenciava e, ao simples pensamento de que *Antoine* houvesse assassinado o primo do conde, fazia-a tremer de pavor, pois sabia que as conseqüências daquele ato seriam ainda mais trágicas.

Momentos depois, o conde entra espavorido nos aposentos e lança um grito, seguido de imprecações:

-Ah, demônios!... Quem foi, pelo inferno, o infame que fez tal desgraça?!...

- O coudel *Antoine*, filho de teu administrador, matou *Maurice-André!* - exclama *Jean-Michel* ao pai, com a voz embargada pelo pranto.

- E onde está o miserável? - esbraveja *Henri de Clairmont*. -Quero matá-lo com minhas próprias mãos!

- Fugiu como um covarde, *papa!* - responde *Jean-Michel*.

- Vem, levanta-te daí! - diz o pai, puxando-o pelo braço. -Vamos prender o assassino! Não há mais nada a fazer pelo teu primo!

Ambos saem apressados, e só então *Catherine de Clairmont* entra, silenciosa e triste, por mais aquela tragédia que se abatia sobre sua casa. Encontrava-se em seus aposentos e fora avisada por *Claire* sobre o nefasto acontecimento.

Condoída, ajoelha-se ao lado do corpo do rapaz, que acabava de perder a vida, ainda na flor dos anos, e discretas lágrimas, então, molham-lhe o rosto. Acaricia os longos e sedosos cabelos do morto, que ainda mantinha os olhos desmesuradamente abertos; olhos sem brilho, toldados pelo véu da morte, fixando o nada, e ainda guardando a derradeira expressão que tiveram neste mundo. Com os dedos, a condessa cerra-lhe as pálpebras e murmura, baixinho, uma prece pela alma que acabava de deixar o corpo, em situação tão inesperada. Depois, voltando-se para o mordomo que para ali acorrera, ordena:

- Providencia para que levem o corpo e o preparem para o velório.

Só então, é que *Catherine* dirige-se para *Stella*, que se mantinha encolhida, soluçante, sobre o leito, em profundo estado de choque. Aproxima-se da moça, abraça-a, com desvelado carinho, e lhe diz, baixinho, ao ouvido:

- Acalma-te, meu bem... Acalma-te...

Neste entretimentos, *Don Lorenzo*, avisado por *Claire*, adentra o aposento, esbaforido. Ao deparar-se com o quadro dantesco, sente ligeiro tontear e exclama:

- *Figliola mia!... Che succede?!...¹*

- Uma tragédia, *Don Lorenzo!*... Uma tragédia!... - exclama *Catherine*, tristemente. E, continua: - Para o vosso bem, levai vossa filha daqui, o quanto antes!

O coudel *Antoine*, após ter assassinado seu agressor, correrá até as estrebarias e, semi-enlouquecido, apanhará um cavalo e sairá cavalgando-o como um possesso, deixando o castelo por um dos pequenos portões dos fundos da muralha e, a pleno galope, ganhará o campo em pouquíssimo tempo. Fugia para as montanhas, pois lá não o achariam. No íntimo, a raiva consumia-o, e não se perdoava por não ter dado cabo dos dois. O sol já aquecia o campo que brilhava matizado pelas cores da primavera, mas ele não via nada; os olhos estavam mareados de lágrimas, e uma dor sufocava-lhe o peito. De repente, ouve, a distância, o som das trompas: era o conde que deixava o castelo. Certamente, estariam no seu encalço, os miseráveis! Esporeia o animal, que ganha mais velocidade. Não o alcançariam, pois já tinha grande vantagem sobre os seus perseguidores.

Entretanto, não cavalgara nem meia hora e percebe, estarrecido, que sua montaria principiava a claudicar. Frio arrepiado percorre-lhe a espinha: dessa forma, eles o alcançariam bem depressa! Tinha que agir rapidamente. Se tentasse ir para as montanhas, eles fatalmente o alcançariam em pouquíssimo tempo; repentinamente, vem-lhe então a idéia: iria para o desfiladeiro e, como era bom cavaleiro, mesmo que o cavalo mancasse um pouco, conseguiria safar-se de seus perseguidores, a meio de terreno tão perigoso para se cavalgar, pois havia altos precipícios, temidos por muitos, que não se atreviam a chegar muito próximo dali.

(1) "- Filhinha minha!... O que está acontecendo?!...", em italiano.

Não havia ainda passado muito tempo, quando *Antoine* pôde vê-los a distância. Eram cinco cavaleiros que o perseguiram e, entre eles, reconheceu o conde *Henri* e, também, *Jean-Michel*; os demais deveriam ser soldados da guarda do castelo.

Antoine animou-se, porque sabia que nenhum deles era páreo para si, na arte de cavalgar, e poderia, facilmente, despistá-los naquele terreno perigoso e escorregadio.

Como sua montaria não podia correr, mas manter apenas um pequeno trote, os outros facilmente o avistaram e, animados pela facilidade de capturarem a presa, lançaram-se sobre ele numa corrida espetacular.

O coudel, espertamente, conduzia-os para o despenhadeiro, e o conde, grande conhecedor das armadilhas dos homens, percebeu-lhe o plano e gritou:

- Ele nos guia para o abismo!... Vamos devagar ou despencaremos lá embaixo!

Todos refreiam suas montarias, à exceção de *Jean-Michel* que, acostumado a não dar ouvidos a ninguém, ao invés de frear o galope de seu cavalo, age de modo contrário, fincando-lhe as esporas e o fazendo disparar, ainda mais, a velocidade.

O conde, vendo que o filho desobedecia-lhe, grita, estentóreo, a plenos pulmões:

- *Jean-Michel, imbecile!*... Vais te arreentar lá embaixo, nas pedras!

Antoine conhecia aquele terreno como ninguém, pois crescera ali e cavalgava, seguro de si, dirigindo-se para a boca do precipício que se abria, inopinadamente, à frente, sem qualquer aviso. *Jean-Michel* também conhecia o terreno, mas não tão perfeitamente como o coudel e confiava na habilidade do outro. Sabia que *Antoine*, no momento exato, iria frear sua montaria e então, saltaria sobre ele, derrubando-o do cavalo. Conseguiriam prendê-lo facilmente, pois eram cinco contra um.

Entretanto, *Jean-Michel* subestimara a esperteza e a habilidade do jovem cavaliço, habituado às mais incríveis peripécias sobre o

lombo de um cavalo e, quando poucos centímetros faltavam para arrojarem-se, ele e sua montaria, precipício abaixo, manobra então as rédeas com tamanha maestria que desvia o animal, mesmo quando os cascos deste derramavam grãos de terra abismo abaixo. Mesmas habilidade e sorte não teve seu perseguidor, que lhe vinha ao encalço, à distância de menos de uma braça. *Jean-Michel* quis desviar o animal, ao se perceber tolhido pela surpreendente armadilha que lhe armara o esperto cavaleiro, mas não possuía suficiente habilidade para tal; então, num átimo, enregela-se-lhe o sangue nas veias ao deparar-se com o abismo que, de repente, qual monstro ciclópico, escancarava, diante dele, a sua imensa boca hiante. Quis recuar, diante da iminência do desastre fatal, pondo-se de pé sobre os estribos e puxando, desesperadamente, as rédeas para trás, num derradeiro esforço de frear o animal, mas era tarde: então, com um estentóreo grito de desespero, mergulham ele e sua montaria, num tétrico vôo que termina num baque surdo, fofo, nas pedras pontiagudas do fundo do desfiladeiro.

Profunda aflição tomou conta do conde *Henri* e de seus companheiros ao assistirem pasmos o desenrolar do trágico acontecimento. E, passada a paralisia do choque, o conde, aos gritos, desmontou de seu cavalo e, correndo em círculos, desesperado, unhava-se todo, preso de histeria.

- Não! Oh, meu Deus!... Não é possível!... *Jean-Michel!*... - gritava e chorava *Henri de Clairmont*.

François Fourèges, o capitão da guarda, desmontando de seu cavalo, aproxima-se da beira do precipício e, cuidadosamente, olha para baixo. Depois, cabisbaixo e desolado, retorna para junto do grupo que rodeava o conde que, caído de joelhos, chorava e se lamentava.

- Viste-o, capitão? - pergunta, desesperado, o conde.

- Sim, Excelência - responde o capitão e meneia a cabeça, tristemente.

Henri de Clairmont, então, lança um grito horrível, salta ligeiro sobre o cavalo e grita aos acompanhantes:

- Vós outros ide até o fundo do desfiladeiro e apanhai o corpo de *Jean-Michel*; eu e vós, capitão, prenderemos o infame!...

Depressa!... - e finca, violentamente, as esporas nas ilhargas de seu cavalo.

Não demorou muito e o conde e o capitão avistaram *Antoine* que tentava escapular, conduzindo sua montaria por uma perigosa trilha que margeava o desfiladeiro. Lá embaixo, corria o riacho, serpeando como uma cobra de prata. Entretanto, como seu cavalo mancava, não podia desenvolver muita velocidade, e os perseguidores alcançaram-no rapidamente.

Ao vê-los, *Antoine* tentou aumentar a marcha de sua montaria, mas foi em vão, pois o ferimento na pata incomodava muito o animal. Lamentou, então, o azar que tivera ao apanhar aquele cavalo, sem perceber que o mesmo estava ferido; porém, não tivera tempo de escolher, na pressa de fugir. Se tivesse conseguido um bom cavalo, eles não o teriam apanhado e, àquela hora, já estaria bem longe, a caminho das montanhas.

A perseguição chega ao fim, quando o conde, num aceso de fúria, toma da pistola, que trazia presa à cinta, e a dispara contra a montaria de *Antoine*. Ouve-se, então, o estrondo do disparo que ecoa pelo vale como o ribombo de um trovão; o cavalo, atingido no flanco, por trás, tomba fulminado, arremetendo o cavaleiro que, após desferir curto vôo, vai estatelar-se à frente, no chão.

O conde, então, aproveitando-se da ligeira zonzeira do cavaleiro, salta sobre ele, com a rapidez de um felino, e o manietta, rapidamente. Tendo-o subjugado, dá evasão ao seu ódio, aplicando-lhe uma série de safanões ao rosto, partindo-lhe a boca, e um filete de sangue escorre-lhe pelo queixo. Em seguida, dando-lhe joelhadas ao estômago e, entremeando-as com socos e pontapés, diz-lhe terríveis improperios. Depois de algum tempo, cansado e ofegante, pára e, recobrando o fôlego com dificuldade, diz ao capitão *Fourèges*:

- Ata uma corda ao pescoço do cão!... Vamos levá-lo!... Vai sofrer muito antes que eu o mate!...

O jovem cavaleiro permanecia calado e mantinha os olhos baixos, fixos no chão. Estava pálido, todo lanhado e tinha o rosto inchado pelos maus tratos recebidos.

François Fourèges assistia a tudo, agastado por toda aquela tragédia. Era amigo de *Antoine* e, enquanto lhe amarrava uma corda ao pescoço, diz-lhe baixinho:

- Louco! Percebes o que fizeste?!... Se te solto, mata-me em teu lugar, sem pestanejar!... Mas, mantém a calma, que verei o que fazer por ti mais tarde!...

O outro se limita a olhá-lo com olhos inexpressivos, cansados, demonstrando que se encontrava à beira de um colapso. A palidez aumentara e suas mãos tremiam.

Momentos depois, o estranho cortejo retorna ao castelo, conduzindo *Antoine* manietado e preso pelo pescoço por uma corda que o conde fizera questão de ele mesmo trazer puxando.

Quando chegam ao castelo, o desespero já era geral: choro e tristeza por todos os lados. Havia dois cadáveres sendo aprontados para o velório. O conde, chegando às cavaleiras, ordena a pequeno grupo de soldados que, diligentemente, havia acorrido para dar assistência ao seu senhor:

-Amarrem o monstro e o mantenham sob vigilância severa! Se ele fugir, pagar-me-eis caro!... - depois, apeando, aplica formidável soco no rosto de *Antoine* e completa: - Mais tarde virei dar cabo deste miserável!...

Enquanto o conde vai-se, espumando de ódio, os cavaleiros entreolham-se, estupefactos e entristecidos, pela situação deplorável a que se reduzira o companheiro. A seguir, os soldados amarram o coudel numa pilastra de uma das baías, e dois deles permanecem mantendo guarda. *Charcot*, o companheiro mais chegado, trazia os olhos cheios de lágrimas. Condoído, apanha um caneco e dá água ao amigo que tinha a língua grossa de tanta sede. Enquanto o outro bebia, sofregamente, a água, murmura-lhe, baixinho:

- Vou matá-los um por um!... *Antoine* fita-o e tenta sorrir, no meio de toda aquela desgraça;

entretanto, os lábios, extremamente machucados e inchados, doeram-lhe. Limita-se, então, a dizer-lhe baixinho, cheio de gratidão:

- *Merci, Charcot!*... Deus te pague!

Um dos soldados empurra *Charcot*, bruscamente, obrigando-o a afastar-se, e ele o faz, relutantemente.

Antoine então fecha os olhos, e o pranto jorra-lhe abundante dos olhos, queimando-lhe a face como fogo. Como estaria *Stella*?... O desespero assenhoreia-se-lhe do pensamento, e ele tem ímpetos de gritar que mataria um batalhão, se fosse preciso, para livrá-la das garras de criaturas infames, como o era *Jean-Michel*... No íntimo, sentiu certo alívio ao sabê-lo morto. Tinha a certeza de que ele morreria na queda; ninguém jamais escaparia de tal altura. Vingara *Stella* e se vingara das humilhações que sofrera sob o guante daquele tirano!... Sabia que ia morrer; entretanto, agora tinha a certeza de que ela o amava e que carregava no ventre a maior de todas as riquezas que alguém lhe poderia dar -um filho!... Consolase, e um sentimento de autopiedade invade-o. Lembra-se dos pais. O que seria deles?... Como estariam sentindo-se?...

De repente, entram os pais. *Jules* estava lívido e *Adèle* chorava baixinho. Tinha os olhos desmesuradamente inchados, prova de que já chorara muito.

- Que fizeste?... - sussurra-lhe o pai, apertando-lhe o braço. - Sabes que o conde já nos expulsou daqui?

A mãe limitava-se a abraçá-lo e a beijá-lo, insistentemente, e repetia, entre os soluços:

-*Ah, mon Tonton!*... *Ah, mon Tonton!*...

- Que farão de ti, idiota?... - diz-lhe o pai, num excesso de raiva. - E, quanto a nós?... Aonde iremos?...

Antoine olha-os, aflito. Só agora se dá conta da extensão da conseqüência de seus atos. Que poderia fazer por eles?... Súbito, a meio de tanto desespero, uma idéia ilumina-o:

- Tio *Honorè!*... Procurai-o, e ele vos dará guarida na baronia de *Saint Christophe*, que agora pertence à Igreja!... Tenho certeza de que ele não vos abandonará!...

Os pais entreolham-se. Era a única opção que lhes restava.

- Agora temos de ir - diz-lhe o pai abraçando-o, com os olhos rasos de lágrimas. - Se o senhor conde nos pilha ainda por aqui, é capaz de mandar que nos encarcerem também!

A despedida da mãe é-lhe mais dolorosa: parecia estarem ambos rachando-se ao meio, e um levava consigo a metade do outro.

Neste ínterim, o conde, já sabedor do motivo que levava o filho e o sobrinho a tão trágicos decessos, mandara chamar *Don Lorenzo* e mantinha com o velho escultor áspero colóquio:

- Vossa filha foi a causa principal de mortes tão estúpidas, *Don Lorenzo!* - dizia o conde, encarando o velho pai que se encontrava alquebrado pelo peso de profundo desgosto.

- Desculpai-me, Excelência - explica-se *Don Lorenzo* -, mas juro-vos, por Deus, que nada sabia sobre esse escuso romance que minha filha mantinha com o cavaliariço assassino!... Se soubesse, juro-vos, teria intervindo, e nada disso teria acontecido!

- Palavras!... Palavras, *Don Lorenzo!*... - rebate o conde, com profundo desprezo. E segue: - Vós todos não passais de reles interesseiros!... Garanto que vossa filha fazia jogo duplo, com muita maestria, servindo a ambos os gostos: o da nobreza e o da plebe!

- Não, Excelência! Assim, ofendei-nos!... - diz o velho escultor, como se recebesse um golpe de punhal.

- Ah! Tendes honra!... - exclama o conde com sarcasmo. E, continua no mesmo tom: - Vossa filha era a amante deslavada de meu cavaliariço e quereis convencer-me de que era um poço de pureza?!... Ora, *Don Lorenzo*, por quem me tomais?

Don Lorenzo estava arrasado tanto quanto o conde. Agora entendia porque a filha encontrava-se tão aflita ultimamente!... E, tudo acontecera ali, debaixo de seu nariz, sem que ele percebesse quão grave perigo corria a sua adorada filha!

O conde, irritadíssimo, apanha uma sacola de couro e a atira sobre o trêmulo *Don Lorenzo*, dizendo-lhe asperamente:

-Aí está o que vos devo!... É bem mais do que mereceis, e quero que vós e vossa filha rameira deixeis este castelo imediatamente!

Depois do terrível colóquio que mantivera com o conde, *Don Lorenzo* vai encontrar a filha que, desde a manhã, estava apatetada e parecia meio alheia ao que a cercava e ao que de fato acontecia. Toda desgrenhada, *Stella* tinha o rosto muito inchado pela surra que lhe dera *Jean-Michel* e se podia perceber-lhe, à face, uma expressão indefinida, de quase alienação mental. O pai ajuda-a a vestir-se e a arrumar os pertences. Depois, dá ordens a *Broulet*, seu fiel auxiliar, para que preparasse a carroça e as bestas de carga, para carregarem a bagagem. Iam partir.

Duas horas depois, quando a tarde já se fazia bem adiantada, os três artesãos transpunham o portão do castelo de *Clairmont* para não mais voltarem...

Uma câmara ardente instalou-se, no salão principal do castelo, onde se velavam os corpos de *Jean-Michel* e de *Maurice-André*, e mensageiros foram despachados a avisarem a nobreza da redondeza sobre o infausto acontecimento.

À noitinha, cavaleiros chegavam, acompanhados de pajens e de pequenas escoltas armadas. Eram os nobres, amigos do conde, que vinham prestar-lhe condolências pela perda trágica do filho e do sobrinho. Aos pais de *Maurice-André*, *Henri* enviara-lhes um mensageiro a Paris, mas a vinda deles para o sepultamento do filho seria impossível, pela grande distância existente entre as duas localidades. Restar-lhes-ia prantearem a perda do filho, ocorrida tão precocemente!

No catafalco, junto ao esquife do filho, *Catherine* vestia-se de luto mais uma vez. Sofria a mesma dor pela segunda vez; no íntimo, sempre tivera presente a dolorosa premonição de que aquele dia infeliz acabaria por chegar. Sabia que o filho era um doidivanas, que vivia exclusivamente para as aventuras amorosas, e cedo ou tarde,

acabaria daquela forma. Como o irmão, que se fora anos antes, pelo mesmo motivo.

O conde, com aspecto grave, recebia os amigos, dando-lhes atenção e, ao mesmo tempo, era reconfortado por eles. Entretanto, parecia preocupado com algo e se levantava, amiúde, fazendo menção de afastar-se, mas se percebia que ainda aguardava algo. Permanecia, então, inquieto, e dava mostras de trazer o íntimo afogueado, como se precisasse concluir uma tarefa que deixara inacabada.

E era realmente isso que o atormentava. Tinha que matar o assassino dos dois rapazes e, enquanto não fizesse isso, não teria paz. Mas, era preciso que a noite caísse de vez, que houvesse bastante escuridão e que a maioria da criadagem estivesse dormindo.

E a noite veio pesada, sem lua. *Henri*, então, furtivamente, deixa o salão e desaparece. Com passos apressados, chega à estrebaria, e as duas sentinelas, já bastante sonolentas àquela hora, percebendo-lhe a chegada abrupta, perfilam-se ligeiros.

Henri encara os guardas com um olhar furioso e ordena:

- Desamarrai o prisioneiro e mo trazei às pocilgas! Rápido! *Antoine* que cochilava, vencido pelo cansaço, levanta a cabeça e, vendo quem estava ali, percebeu que seu fim aproximava-se.

Os guardas desamarram-no da pilastra e o arrastam para outro pavilhão mais distante, junto à muralha dos fundos, onde se instalavam as pocilgas do castelo.

O cheiro nauseabundo dos suínos empestava o ar abafado, e o conde, acendendo uma tocha que se prendia a uma pilastra, ordena aos guardas:

- Tirai-lhe as roupas!

Antoine não reluta, pois a exaustão pelo tempo que ficara de pé, atado pelas mãos à pilastra, vencera-o completamente, minando-lhe a totalidade das forças.

O conde desembainha seu punhal, e um sorriso de maldade extrema desenha-se no seu rosto. Sarcástico, diz:

- Tua morte não será fácil, demônio!... Em seguida, aproxima a arma do baixo ventre do rapaz e, com friamente, desliza-lhe a acutíssima lâmina na carne, produzindo a infame mutilação. E, completando sua empreitada macabra, com um sorriso diabólico no rosto, exhibe, diante do rosto do desgraçado, que se retorcia em espasmos impensáveis, o resultado de seu feito.

Por fim, exultante de satisfação pela monstruosidade que acabava de praticar, exclama:

- Agora sentes no pêlo o que fazias aos potros!... - e atira o pedaço de carne sanguinolenta aos suínos que o disputaram a meio de grunhidos e dentadas.

A dor que o rapaz sentiu foi inominável! Não suportando, perde os sentidos, e o conde, furioso, esbofeteia-o, gritando:

-Acorda!... Acorda!... Miserável!... Quero terminar o serviço, mas te quero acordado, para que sofras!

Inútil foi a tentativa de fazê-lo acordar. O colapso sobreviera-lhe, após tantas horas de sofrimento e à monstruosidade que lhe fizera o conde.

Irritado e vendo que todas as tentativas de fazê-lo acordar não se consumavam, ordena aos guardas:

- Mantende-o sob vigilância e tentai reanimá-lo! Assim que conseguirdes, avisai-me!

O rapaz permanecia desacordado, e um rio de sangue descia-lhe pernas abaixo. Os guardas seguravam-no de pé e tentavam reanimá-lo.

- Morrerá esgotado, antes que o consigamos reanimar! - diz um dos guardas.

- Sim, e quem pagará o pato seremos nós!... - concorda o outro. E, ordena: - Apanha um balde de água fria!... Quem sabe não acorda!

O outro sai em busca da água, deixando o amigo de guarda. Entretanto, o que não haviam percebido é que uma sombra testemunhava todo o acontecimento, escondida atrás de uma pilastra e totalmente oculta pela escuridão.

Acocorado ao lado de *Antoine*, que jazia desmaiado, o guarda murmura baixinho:

-*Durand* demora-se!... Onde será que esse imbecil foi apanhar água? De repente, silenciosa como a morte, a sombra aproxima-se por trás do guarda, e lhe aplica formidável porretada à nuca, fazendo-o cair, de imediato, sem sentidos.

Em seguida, com muita dificuldade, o vulto coloca o corpo de *Antoine* sobre os ombros e desaparece ligeiro, perdendo-se, por completo, na noite escura.

Era *Charcot*. Cumpria a promessa. Um pouquinho tarde, mas estava ali, com um palmo de língua para fora, carregando o amigo, às costas. Depois de correr um bocado, no meio da escuridão, chega onde se encontravam dois cavalos adrede selados e, com cuidado, deposita o corpo do ferido sobre a sela de um deles. A seguir, cobre-o, cuidadosamente, com uma capa, e monta no outro animal, saindo a trote ligeiro e deixando o castelo por uma das saídas laterais da muralha. Lá do alto, apenas as estrelas distantes testemunhavam o impressionante feito de *Charcot*...

XV

A vingança

Depois de deixar o castelo de *Clairmont*, conduzindo a sua estranha carga, o cavaliário *Charcot* chega à baronia de *Saint Christophe*. Era já madrugada alta, quando apeia diante do portão principal, e bate

com insistência. Isso atiçou os cães de guarda que se puseram a ladrar, numa barulheira infernal.

Momentos depois, o portão abre-se, e um sonolento vigia aparece. Alumia o rosto do recém-chegado, com a malcheirosa e fumarenta tocha que trazia à mão, e pergunta:

-*Qui vive?...¹*

Charcot, então, pergunta pelo velho mordomo *Honoré* e explica ao guarda, com palavras nervosas, o que acontecia. O homem espia curioso a estranha carga que jazia sobre o lombo do cavalo e, a seguir, tomando-se de inesperada agilidade, franqueia a entrada, dizendo ao cavaleiro:

- Entrai, entrai depressa, que acordo o senhor *Honoré!* Pouco tempo depois, o velho mordomo desce ao pátio onde o aguardavam *Charcot* e o pobre *Antoine* que ainda jazia estendido sobre o animal. *Honoré* aproxima-se do ferido, descobre-lhe a cabeça e lhe aproxima a lanterna ao rosto. Após ligeiro exame, grita aterrorizado:

- *Cest Antoine!...* Depressa!... Ajudai-me a desmontá-lo e a trazê-lo para dentro!

Em alguns minutos, já instalavam o pobre rapaz num leito. Estava desacordado e ainda sangrava. Examinando-o, com detalhes, o velho *Honoré* exclama estupefacto:

- *Mon Dieu!...* Quem foi o demônio que lhe fez tal monstruosidade?!

- Sua Excelência, o conde *Henri, M'sieur!...* - responde *Charcot*, entristecido. E, como se fosse ele o culpado por tamanha tragédia, completa: - E eu nada pude fazer para evitar...

Honoré olha-o, penalizado, e diz:

- Poucos fariam o que fizeste, meu rapaz!... Mas, eu já sabia que coisas graves andavam acontecendo por lá, pois os pais de *Antoine* para aqui vieram e me contaram. Todos já considerávamos meu sobrinho morto; entretanto, vejo que o conde preferiu dar-lhe a ignomínia, em lugar da morte!...

(1) "- Quem vem lá?... ", em francês.

É preciso levar aos pais dele mais esta terrível notícia!... Porém, faremos isso depois; agora, tentemos estancar a hemorragia e lhe salvar, primeiro, a vida!

Honoré sai, apressado, em busca do material necessário ao tratamento do ferido e, muito triste, pensava se não seria melhor deixá-lo sangrar até a morte, pois que espécie de vida teria, se sobrevivesse?

E, sobreviveu. Era jovem, muito forte, saudável e, dessa vez, a morte não venceu. Recebeu os cuidados dos pais e do velho tio que o ocultou, durante todo o período crítico de sua recuperação. Entretanto, não era o mesmo rapaz alegre e brincalhão que sempre fora. Estava magro: afinara o rosto, e a pele tornara-se-lhe esbranquiçada, sem a cor e o vigor da saúde. Chorava muito e vivia triste. Debalde a mãe, o pai e o tio tentavam trazê-lo de volta à vida de antes. Seu pensamento estava longe, perdido, em busca de uma imagem que não lhe saía jamais da mente: *Stella*. E se perguntava e perguntara, já, várias vezes, aos outros, mas não obtivera nenhuma resposta. Ninguém sabia do paradeiro dos artesãos, depois daquele dia fatídico. E o filho de ambos?... Já fazia mais de seis meses que tudo tinha acontecido. Seu bebê nasceria em breve, e era essa a única coisa que o fazia esboçar um arremedo de sorriso: a lembrança de que *Stella* carregava consigo o tesouro de ambos.

Charcot, após ter deixado *Antoine* aos cuidados de *Honoré*, retornara ao castelo, naquela mesma noite do trágico incidente, ainda de madrugada, sem levantar suspeitas, e continuava trabalhando na coudelaria do conde e, amiúde, vinha visitar o amigo, trazendo-lhe notícias do antigo lar. Dois meses após o infausto acontecimento, a condessa *Catherine* adoecera gravemente, e nada pôde salvá-la. Alma sensível, sacrificara-se ao lado de pessoas rudes, e o marido, após o decesso do único herdeiro que lhe restara, entregara-se às bebedeiras constantes, dando de maltratar a esposa e de acusá-la de um monte de coisas sem fundamento. A santa mulher, então, premida pelo intenso desgosto da perda de ambos os filhos e mais

os ataques de insanidade do esposo, não suportou e veio a falecer de um mal do coração.

Certa tardinha, o bom *Charcot* trouxe a notícia de que o conde não se aquietara em relação ao sumiço de *Antoine* e que continuava a buscá-lo. Desta feita, *Henri* estava oferecendo polpuda recompensa a quem lhe trouxesse informações acerca do assassino, misteriosamente, desaparecido.

Honoré preocupou-se com aquilo, pois, como havia dinheiro envolvido, era bem capaz que alguém se atrevesse a denunciar o esconderijo de *Antoine*. Lembra-se, então, de seu antigo senhor, a quem venerava de coração: o barão *Vincent de Quentin!*... Sim, ele não lhe negaria ajuda!...

Escreve, a seguir, longa carta ao amigo e despacha um mensageiro para a abadia. Sabia, de antemão, que teria resposta; seria só questão de poucos dias.

Dito e feito: quatro dias depois, com mãos trêmulas, o velho mordomo rompia o lacre vermelho do envelope de uma carta que trazia o timbre da abadia.

Era uma longa carta em que *Vincent*, através de palavras cheias de saudade e calor, oferecia seus préstimos ao antigo amigo e lhe dava, também, instruções como agir para que o rapaz não fosse descoberto.

Com os olhos cheios de lágrimas a embaçarem-lhe o pincenê, *Honoré* encerra a leitura da carta. Depois, suspirando fundo, comprime o papel de encontro ao peito e chora bastante. Fica, assim, durante longo tempo, parado, olhando para o papel com as letras grandes, bem desenhadas - traços que ele conhecia tão bem!... Por fim, enxuga os olhos e, cheio de satisfação, relê, mais de uma vez, as palavras do trecho:

"...e nem podes aquilatar, meu bom Honoré, o quão feliz sinto-me em poder, mais uma vez, ter o privilégio de lograr aquele pulha do Henri!"

Dois dias depois, um cavaleiro solitário, coberto por escura capa, deixa a baronia de *Saint Christophe* e, rapidamente, some, engolido pelo negrume da noite sem luar. Vai ligeiro e não segue os caminhos comuns, pois não poderia ser notado por ninguém; durante o dia, esconder-se-ia nos bosques e somente acobertado pela escuridão da noite é que viajaria.

Levava quase nenhuma bagagem, posto que quase nada possuía de seu; entretanto, pesado estava seu coração. E como lhe pesava!... Pesava-lhe uma tonelada e lhe era insuportável mantê-lo vivo, batendo dentro do peito. *Antoine* chorava baixinho e se lamentava. A dor que sentia era do tamanho do mundo!... Por que o deixaram viver?... Agora, tinha de arrastar aquela terrível cruz, desmesurada, incrivelmente pesada a lanhar-lhe os ombros!... E, teria de carregá-la a qualquer custo, quisesse ou não!

O cavalo troteava ligeiro, e nada se percebia da paisagem, tamanha era a escuridão reinante. Ao seu redor, tudo se fundia numa massa negra, disforme, contribuindo para aumentar-lhe ainda mais a dor e a tristeza. E, qual obsessão contumaz, a lembrança da mulher amada jamais o abandonava. Onde estaria *Stella*?... Será que ela saberia o que tinham feito a ele?... E a criança?... O que o deixava às raias do desespero era a inexistência de respostas a essas perguntas que vinha se fazendo, havia meses.

Ficara sabendo por *Charcot*, e este, através de *Claire*, que, logo após os tristes acontecimentos daquele terrível dia, o conde havia expulsado os artesãos do castelo e que tinham partido, poucas horas depois. Ela estava indo-se, e ele nem sabia: separaram-se e sequer se disseram adeus!... Deveriam estar em Paris, e não seria difícil localizá-los lá; entretanto, não tinha coragem de procurar por ela. Que vida poderia dar para *Stella*, se agora sentia vergonha de si mesmo?... O pranto quente desce aos borbotões, molhando-lhe o rosto magro e esquelético; sente a face arder-lhe, forte, insistentemente esbofetada pelas lufadas do frio vento da noite e, também, pela impiedosa mão do destino...

Quatro dias depois, posto que só cavalgara durante a noite, *Antoine* vê surgir diante de si a imponente abadia de *Saint Michel Aix-en-Provence*. Freia o cavalo e, por alguns instantes, admira a colossal edificação medieval. Não sente nada, apenas um estranho vazio, pois nada conseguia trazer-lhe de volta a vivacidade que possuía anteriormente, nem o fato de estar deixando a *Haute-Garonne*, pela primeira vez em sua vida, e estar conhecendo novos lugares. Em seguida, cutuca de leve o animal e, sem pressa, dirige-se para o portão de entrada.

Pouco tempo depois, o abade *Vincent de Quentin* estudava com atenção aquele rapaz de feições tristonhas e desmedidamente magro, que estava diante de si, enquanto abria o envelope que continha a carta que lhe escrevera o velho *Honoré*. Posteriormente, desdobrando o papel, concentrou-se na leitura das gentis palavras com as quais o amigo lhe agradecia o favor recebido e, também, prestava mais esclarecimentos sobre o sobrinho que ora lhe enviava. O abade, após tomar ciência do conteúdo da missiva, volta a fixar os olhos no jovem que se postava cabisbaixo, diante dele.

O rapaz, ao perceber que o outro o olhava, ergue um pouquinho os olhos e também examina o abade, a furto, por entre o cenho, como costumava fazer.

Vincent acha engraçado aquilo e, no íntimo, ri-se. Depois, pergunta, procurando imprimir simpatia à voz, para deixar o recém-chegado mais à vontade:

- *Antoine* é teu nome, não?

- *Antoine Jouvenchy, Monseigneur* - responde ele, sem perder a impassibilidade.

Vincent sente pena do rapaz. Não sabe por que, mas profunda ternura por aquele jovem invade-lhe, de repente, o coração, como seja se conhecessem havia muito tempo.

Num ímpeto, aproxima-se de *Antoine*, abraça-o fortemente e, beijando-lhe as faces, diz, ternamente:

- Sê bem-vindo entre nós, *frère Antoine!*... Aqui estarás a salvo!...

O jovem sente-se também tocar pela atitude de *Vincent*. A simpatia com que o abade recebia-o inspira-lhe confiança e ele, então, retribui-lhe o abraço, murmurando:

- *Merci beaucoup, Monseigneur, et je serais toujours à votre service!...*²

- Sabes ler, *Antoine*? - pergunta-lhe o abade.

- *Non, Monseigneur* - responde o rapaz, corando levemente e baixando a cabeça, envergonhado.

Vincent olha-o, penalizado. Aproxima-se e, colocando-lhe paternalmente a mão ao ombro, diz, fitando-o nos olhos:

- Não te envergonhes disso, meu caro!... Não é privilégio teu a ignorância, pois a grande maioria de teus compatriotas ainda permanece assim como tu; entretanto, és jovem e, aqui, se tiveres força de vontade, em bem pouco tempo, serás um homem muito letrado!... Terás todo o tempo do mundo e muitos e bons mestres que, de bom grado, iluminar-te-ão a mente!

Antoine não entendeu muito bem o que acabava de lhe dizer o abade, mas confiava nele, e uma pontinha de ânimo pareceu brilhar em seus olhos.

Vincent, satisfeito, percebeu que aquilo havia feito bem ao rapaz. Levantando-se, vai até um aparador bem fornido de iguarias que havia no cômodo contíguo à sala em que se encontravam e enche duas taças de vinho de excelente safra, e de volta, oferece uma delas ao rapaz. Em seguida, eleva a sua taça, dizendo:

- À tua chegada a *Saint Michel*!...

- *À la santé!*...³ - responde o rapaz, timidamente, e beberica o vinho. Seu paladar jamais tinha provado tal preciosidade.

Com ar divertido, *Vincent* observa-o degustar o vinho e, depois, diz-lhe:

- Esquece que um dia foste um simples cavaliariço do infame *Henri de Clairmont*!...

(2) " - Muito obrigado, senhor, e estarei sempre a vosso dispor!..." , em francês.

(3) " - À saúde!..." , em francês.

Aqui, se quiseres, tornar-te-ás mais poderoso que ele!... Basta que estudes e que te esforces bastante; então, ganharás posições de destaque na Igreja, e a mão sórdida daquele criminoso jamais te alcançará!

Antoine principia a sentir certo alento, depois de tanto tempo. Aquele homem de traços nobres e de refinada educação importava-se tanto com ele!... Ninguém jamais lhe falara daquela maneira, tratando-o com educação e respeito!... Repentinamente, ajoelha-se e lhe ia beijar a mão, como fazia com o padre *Dévèreux*, mas o abade fá-lo levantar-se, dizendo:

- Não!... Não é preciso que faças isso!... - depois, sorri afável, e continua: - Vem que te quero apresentar ao teu primeiro mestre!

Encontram *Père Jérôme* na biblioteca, examinado grosso e antiquíssimo alfarrábio escrito em grego. O velhote, ao vê-los, abre-se em sorriso e diz:

- Salve!... É esse o homem?

- Sim, *Père Jérôme*! E to confio como discípulo! Vê lá, hein?... - e dá uma risada, piscando-lhe um olho.

Père Jérôme examina *Antoine* de alto a baixo, com os olhos cheios de simpatia, e depois o abraça, dizendo:

- Sê bem-vindo, meu rapaz! Acho que eu e tu nos divertiremos bastante por aqui!... - e solta ruidosa gargalhada.

Vincent deixa-os a sós, e *Père Jérôme* puxa conversa:

- Quer dizer, então, que o demônio acabou contigo, hein?

- Sim, *M'sieur* - responde o jovem, meio acanhado.

- Oh, não te quis magoar!... - apressa-se em corrigir-se o velho monge. E continua, falando baixinho: - Aqui ninguém, à exceção do abade e eu, sabe que te mutilaram!... E, olha, fica tranqüilo que ninguém saberá!... Isso eu te juro!... - depois, passando-lhe o braço ao ombro, paternalmente, pergunta-lhe, rente ao ouvido: - Mas, como não conheço a tua história na totalidade - e é por simples curiosidade minha - diga-me: havia alguma dama metida nisso?

O rapaz olha-o, ainda meio embaraçado, e responde:

- Sim, senhor...

- "*In foemina semper venenum!*..."⁴ - diz o velhote, coçando o cocuruto.

- Ahn?... - faz o outro, sem ter a mínima noção do que ele dissera.

- Nada, meu jovem, nada! - apressa-se em dizer. - Falava cá com meus botões - depois, mudando de assunto: - A propósito, sabes ler?

O tempo passou, rapidamente, e um ano já fazia que *Antoine* chegara à abadia. Seu aspecto melhorara bastante e adentrara o noviciado, tendo como mestre a *Père Jérôme* que já o havia ensinado a ler e agora lhe ministrava aulas de gramática, matemática, história, grego e latim. O rapaz, acostumado desde cedo aos árduos labores na coudelaria, mostrara-se excelente aluno e aprendia muito depressa as lições que o velho mestre lhe ensinava, de modo que, quem o havia conhecido antes, dificilmente o reconheceria agora, pelos modos de falar e de andar e pelos gestos comedidos e educados que assimilara.

Entretanto, tinha os olhos tristes e quase não sorria. Vestia o hábito dos noviços e aprendera a rezar, demonstrando forte pendor religioso. Não era raro vê-lo só, no silêncio da basílica, passando várias horas em meditação profunda; mas, também, para felicidade de *Vincent*, e mais ainda de *Père Jérôme*, *Antoine* transformara-se num voraz devorador de livros. Ganhava cultura, crescia em conhecimento, e adorava participar das discussões que se levantavam entre *Père Jérôme* e *Vincent* acerca de temas políticos e religiosos. Assim, à medida que o tempo passava, profundos laços de amizade formavam-se entre os três que, invariavelmente, faziam-se companhia, no interminável tempo que sempre tinham à disposição na clausura.

Sob a administração de *Vincent*, a abadia prosperava, sem a sangria que o seu antecessor fazia nos cofres da rica instituição,

(4)" - Na mulher está sempre o veneno!..." , em latim.

para alimentar uma quadrilha de ladrões, dentre os quais, o conde *Henri de Clairmont*. Entretanto, havia os que não gostavam do novo abade: os antigos comparsas de *Jean du Morel*, mormente dois deles - *François Boileau* e *Philippe Joubert* - que apenas aguardavam momento propício para darem o desfecho final às ordens que haviam recebido do conde *de Clairmont*, tempos atrás.

Ambos encontravam-se, amiúde, e confabulavam acerca da missão que lhes competia realizar. E, *Boileau*, cheio de prudência, acautelava-se, com a justificativa de que, se realizassem o que lhes ordenara o conde, não teriam para onde ir, já que *du Morel* abandonara-o;. E mais: a culpa do fato recairia, sem sombra de dúvida, sobre eles dois. Teriam que executar a tarefa e fugir, de imediato, para bem longe. Escrevera ao conde, explicando-lhe seus motivos e aguardava uma resposta.

Certo dia, o padre *Dévèreux* chegou à abadia e era portador de uma carta *de Clairmont* para *Boileau*. Na carta, o conde cobrava o cumprimento do serviço que encomendara e mandava, também, mais dinheiro - quantia bem razoável - para que os dois facínoras pudessem fugir para bem longe dali, após realizarem o combinado.

Rapidamente, *Boileau* vai à procura de *Joubert* e o põe a par das novidades e, juntos, traçam um plano para o ataque. Desta vez, nada os impediria de consumá-lo; era só aguardar a hora propícia. Ficaram ambos de espreita, e a hora apareceu, quando interceptaram o velho *Bertrand* que, habitualmente, levava a ceia para o abade. Os dois mal-intencionados aproximaram-se e se postaram, lado a lado, do frade copeiro que carregava, com certa dificuldade, a bandeja com a refeição noturna de *Vincent*.

Os dois bandidos, mostrando-se afáveis, escancaram-se em falsos sorrisos, e *Boileau* diz:

- Salve, irmão *Bertrand!*... Levando a ceia de nosso piedosíssimo abade?...

- Sim, irmãos! - responde *Bertrand*, abrindo um sorriso pio e amável de uma boca completamente desdentada.

Boileau, então, dispara sua armadilha, adrede armada:

- Vejo que estás extenuado, irmão, e ainda tens que galgar esta imensa escada! - diz o bandido, fingindo a fineza que nem de longe possuía.

Neste comenos, ambos já se postavam diante do ingênuo monge, impedindo-lhe a passagem.

- Olha, estávamos mesmo, eu e *Joubert*, indo ter com Sua Excelência e, se quiseres, fazemos-te o favor de levar-lhe a bandeja! - continua *Boileau*, cinicamente apertando o nó do laço.

- Sim, sim! - completa *Joubert*, já estendendo os braços para tomar-lhe a bandeja. - Podes retornar e ires descansar que te faremos essa gentileza!

O monge copeiro olha-os com um par de olhos translúcidos como os de uma criança. Hesita um pouco, mas entrega a bandeja, dizendo:

- Sou-vos grato, irmãos! Deus vos recompense esta graça, pois me encontro deveras cansado!... - e sai arrastando, com dificuldade, os velhos e cansados pés.

Os dois criminosos trocam-se significativo olhar e, apanhando a bandeja, somem escada acima, em direção dos aposentos do abade. Momentos depois, apenas *Boileau* batia à porta de *Vincent* que, abrindo-a, estranhou ser outro o portador de sua ceia.

- Salve, Excelência! - diz-lhe *Boileau* com um risinho sardônico. E se explica: - Encontrei o velho *Bertrand* arrastando-se para galgar as escadas; então, apiedei-me do infeliz e lhe fiz a caridade de trazer-vos isto! - e emenda, jogando a cartada final: -

Quereis que eu prove antes?... Cuidai que posso ter botado boa dose de veneno aí!...

Boileau afasta-se, dando uma gargalhada, certo de que fizera o óbvio, pois é o óbvio que gera muito menos desconfianças.

Vincent estranhou um pouco tudo aquilo e, por um instante, passou-lhe à cabeça a idéia de não comer nada daquela bandeja, pois não confiava em *Boileau*; entretanto, se este tentasse algo contra a sua

vida, tudo estaria muito a descoberto e, por mais bandido que aquele monge fosse, não seria tão imbecil de cometer tamanho crime, assim, às claras. E, além disso, era bem possível que o velho *Bertrand* estivesse realmente extenuado, àquela hora, e a história que *Boileau* contara-lhe não era nada absurda. O monge era muito velho, mas teimava em ser ele a ocupar o cargo de copeiro dos abades fazia mais de cinquenta anos, e não havia quem o fizesse aceitar um substituto.

Depois, lembra os conselhos que lhe dera *Père Jérôme*, que não deveria nunca facilitar, pois havia gente ali que o odiava de morte e que, cedo ou tarde, iriam matá-lo. Premido pela dúvida, acabou por concluir que lhe seria melhor não correr riscos e, definitivamente, decide-se por não tocar na comida. Sequer retira o guardanapo que cobria tudo para espiar o que sua refeição continha. Deixa, assim, a bandeja, sobre o aparador, como estava: coberta por um pano de linho e intocada.

Entretanto, esquece-se de avisar *Bertrand* sobre sua suspeita e, no dia seguinte de manhã, o velho copeiro vem aos aposentos para recolher a bandeja. Examina o conteúdo da véspera, e ia juntar tudo para deitar ao lixo, quando percebe que nem no vinho o abade havia tocado. E, como se tratava de exemplar de excelente safra, decide-se por deixar a garrafa sobre o aparador, sem suspeitar que ela continha o elixir da morte, adrede preparado pelos bandidos vingadores!... E ele, *Bertrand*, mais uma vez, sem o querer, servia aos nefandos propósitos dos infames.

Quantas vezes, mãos angelicais tentam afastar de nós o cálice transbordante de amarguras que, inadvertidamente, a cruel inexorabilidade das forças do destino coloca diante de nós, mas que, desdenhando a prudência e o bom senso, acabamos por absorver-lhe o conteúdo letal, incauta e desprezadamente. Foi o que aconteceu ao confiante *Vincent de Quentin*: menosprezara o potencial de maldade e de ousadia de seus desafetos!

Ao se recolher a seus aposentos, à tarde, depois de um dia cheio, absorvido pelos afazeres do cargo que ocupava, era hábito do antigo barão *de Quentin* deliciar-se com uma taça de bom vinho que, bebido a pequenos goles, proporcionava-lhe muitos e pequenos prazeres simultâneos. Sentava-se, então, comodamente, numa poltrona, e adorava aspirar o perfume característico da bebida, que lhe enternecia o olfato; admirava a cor, a linda cor vermelho-rubi do líquido; gostava de sentir a leve acidez da uva, travando-lhe a mucosa bucal e se deixava levar pela leve zonzeira, provocada pelo álcool, que o remetia, ora para fatos tristes, ora para fatos alegres; alguns, remotos e perdidos, já, nas brumas do tempo; outros, mais recentes, mais fortes na lembrança.

E foi assim que, naquela tarde, esquecido completamente do que fizera na noite anterior, em relação à refeição que sabiamente recusara, toma da insuspeita garrafa que jazia à sua espera, como de hábito, sobre o aparador. Mecanicamente, serve-se de uma taça do deleitável líquido e, acomodando-se confortavelmente numa poltrona, põe-se a desenvolver o costumeiro ritual: primeiro, olhando a coloração do líquido contra a luz, depois, aspirando, longa e profundamente, haustos do delicioso buquê; por fim, põe-se a bebericar da taça, como sempre fazia, sentado na semi-obscuridade de sua câmara.

Entretanto, após saborear bons e demorados goles do vinho, sente ligeiro mal-estar: a boca principia a queimar-lhe de modo incomum; depois, a mesma queimação domina-lhe a boca do estômago, e ligeira vertigem perpassa-lhe. Levanta-se, de um salto, como se algo o tivesse picado, e um tétrico pensamento toma conta de sua cabeça: estaria envenenado?... Cheira, rapidamente, a taça que tinha à mão. Não havia nenhum odor estranho; já a havia cheirado, antes de beber, como de costume, e não notara nada de incomum. Um calafrio corre-lhe o corpo de alto a baixo. Lembra-se de *Boileau*. Será que o miserável havia lhe envenenado o vinho?

Tomado de súbito terror, depõe a taça sobre a mesinha e ia sair para esclarecer aquilo. *Bertrand* teria as respostas; entretanto, sente as pernas fraquejarem. Quis caminhar, mas tombou; primeiro, de joelhos; depois, de braços, sob o piso do aposento. As forças sumiam-lhe ligeiras, e o terror apodera-se dele. Quis gritar, pedir socorro, mas um jato de vômito sanguinolento afogou-o. Sente a seguir intensa vertigem, e uma confusão mental instala-se. Murmura baixinho, sentindo as lágrimas que lhe inundavam os olhos:

*-Mon Dieu!... Je meurs!...*⁵

Terrível agonia apodera-se do abade: havia ingerido alta dose de veneno, e seu corpo sacudia-se todo, sob os terríveis estertores de uma morte lenta, cheia de extremo sofrimento. Sua mente ora se aclarava, ora se embotava, perdendo, temporariamente, a consciência. E, a meio daquele sofrimento inominável, pareceu-lhe divisar uma sombra que, atrevidamente, postava-se diante dele. Gargalhando de modo insensível, o espectro fruía de seu padecimento, chegando às raias do êxtase, em vê-lo estremecer e se contorcer sob a implacável ação do veneno.

Súbito terror adona-se de *Vincent*: o vulto que estava ali diante dele e que se locupletava com sua agonia, antegozando-lhe o certo e trágico fim, era, nada mais nada menos, *que Antoine de Clairmont*, o antigo companheiro que tombara sob a estocada certa de seu florete, num duelo, anos atrás!... Agora, percebia o fantasma tão claramente que chegava a ouvir-lhe a gargalhada zombeteira, e a voz que gritava, pejada de ódio:

- Finalmente, a forra, barão!... Eu te aguardo!... Não tenho pressa!.. Ha! Ha! Ha! Ha!...

Vincent, baldadamente, lutava contra o trágico fim que o aguardava. A dor que sentia, corroendo-lhe as entranhas, era insuportável; copioso suor brotava-lhe de todos os poros, empapando-lhe os cabelos, o rosto e o hábito que se lhe grudava ao corpo. Ah, se alguém aparecesse!...

(5) "- Meu Deus!... Eu estou morrendo!...", em francês.

Mas, sabia que, de praxe, ninguém o incomodaria àquela hora e, por extensão, pelo resto da noite. Quando dessem, finalmente, por sua falta, e o viessem procurar, seria tarde. Estava perdido!... Que triste fim Deus lhe reservava!...

Lembra-se de *Père Jérôme* com ternura. O velhote, por certo, conheceria algum poderoso antídoto para o veneno, e desejou, ardentemente, que ele adentrasse sua câmara, com seus passinhos ligeiros, como os de um passarinho! Amava tanto o velho mestre!... Então, lágrimas inundam-lhe os olhos, ao pensar que o amigo ficaria triste com sua morte e repetiria: "Bem que eu o avisei!... Mas, não me levou a sério!..."

As horas escoavam-se devagar, a noite caía negra, pesada, e a longa agonia de *Vincent* perdia-se no meio da câmara escura e silenciosa. Sua situação piorava-se com o avançado das horas, pois o julgariam dormindo! Acaba por conformar-se e se entrega à desolação. Tenta rezar, mas súbito e incontrolável turbilhão invade-lhe a mente, acompanhado de derradeiro, intenso e agônico estertor, que o sacode dolorosamente. Pareceu-lhe, então, que mãos invisíveis, manejando, habilmente, aliado e imenso cutelo, seccionavam-no ao meio. Depois, sente-se explodir numa profusão de cores e, num átimo, força incrível fá-lo saltar para o ar, ejetando-o para fora de si mesmo.

Tudo tinha acontecido tão rapidamente que mal se dava conta do que se passava com ele. Meio zozzo, recobra, aos poucos, o equilíbrio e, estarecido, vê-se ao lado de seu próprio corpo que jazia estirado de bruços ao chão, em estado lastimável. Surpreso, olha ao redor e mal consegue aparar o golpe de um vulto que, pesadamente, atira-se contra ele.

- Maldito!... - diz o espírito aos gritos. - Roubaste-me a vida e, agora, eu e tu ajustaremos nossas contas!...

- Maldito és tu que me roubaste o amor de *Céline*, o bem mais precioso que eu tinha!... - rebate *Vincent*, ao deparar-se com o abrupto ataque de *Antoine de Clairmont*.

A seguir, como duas feras sanhudas e completamente alheios ao que os cercava, engalfinharam-se em terrível e interminável luta, trocando-se socos, bofetões e pesados impropérios. E, dessa forma prosseguiram pelos escuros corredores da velha abadia, jungidos um ao outro por terrível obsessão, saberia Deus por quanto tempo!...

O esquife fora colocado diante do altar-mor da basílica, e o haviam coberto com um véu negro. Através do fino tecido que lhe recobria o rosto, era possível divisar a cerácea fisionomia do morto, que guardava indeléveis marcas de terríveis e inexplicáveis expressões.

- *Requiem aeternam dona eis...*⁶ - soa a voz metálica do celebrante, como um martelo na mão de um ferreiro que malhasse, compassadamente, algo sobre a bigorna.

A meio de nuvens de incenso, o cantochão monótono ecoa pela nave da basílica e a irmandade, enlutada e silenciosa, oficia o réquiem pela alma de seu abade.

Presentes à última homenagem, estão dois de seus mais leais companheiros: *Père Jérôme* e *Antoine Jovenchy*; o velhote não chora, mas está muito triste. Olha para o rosto do amigo morto e, por certo, pensa: "Bem que te avisei, maluco, mas não me levaste a sério!..." Sabia que o haviam envenenado, pois lhe vira nas unhas as marcas esbranquiçadas do pó da morte.⁷

O jovem monge *Antoine*, entretanto, chora copiosa e abundantemente: a vida dava-lhe outra mordida funda, arrancando-lhe mais um naco do coração!...

(6)"- Dai-lhes o repouso eterno...", em latim. (Início do ofício dos mortos, na liturgia católica.)

(7)Faixas de Meer. manchas esbranquiçadas e transversais às unhas, que indicam indício de envenenamento por arsênico.

Epílogo

Na mesma tarde em que sepultavam o abade *Vincent de Quentin* no mausoléu da abadia, coincidentemente, bem distante dali, em Paris, no cemitério de *La Paix*, o escultor e arquiteto *Don Lorenzo Scalchi* depositava pesaroso, um ramalhete de rosas brancas sobre um túmulo: sepultara ali, também, dias atrás, sua amada filha *Stella*.

Com os olhos rasos de pranto, *Lorenzo Scalchi* fixa a branca lápide de mármore em que ele mesmo gravara, em baixo-relevo, singelo epitáfio. E, numa voz entrecortada de doído pranto, murmura, quase inaudivelmente:

- *Figliola mia!*...

Apanha o lenço do bolso do casaco e, enquanto enxuga os olhos lacrimosos, seu pensamento voa para um ano atrás, quando deixaram, apressadamente, o castelo do conde *de Clairmont*, escorraçados como se fossem párias acometidos de peste. Lembra-se de como fora tomado de surpresa pelos infaustos acontecimentos daquela fatídica manhã, quando aquele cavaliço, por quem *Stella* havia se apaixonado, assassinara o jovem conde e seu primo, de forma tão brutal. Doía-lhe mais saber que sua filha, sua tão adorada filha, apaixonara-se por criatura tão perigosa!... E ele, *Lorenzo*, não percebera nada!... Ah, se pudesse voltar atrás!... Agora entendia porque a filha encontrava-se tão desesperada, desejando deixar o castelo, o mais rapidamente possível, e ele não lhe dera ouvidos!...

Outro profundo golpe, que recebera à época, foi saber que *Stella* esperava uma criança daquele rapaz, e ele, *Lorenzo*, só ficara sabendo do fato, quando sobreviera a inesperada interrupção da gravidez da filha, a meio de intensa hemorragia que a acometera, após três dias de viagem. E, dor maior foi saber que *Stella* principiara a morrer quando, entre gritos de desespero, viu que morria o rebento que ela guardava dentro de si, como o maior de seus tesouros!

Um ano de agonia seguiu-se. Ela emudecera, tinha os olhos profundamente tristes e opacos, incrustados em órbitas escuras e encovadas; não comia e emagrecera tão repentinamente que, em um mês e pouco, já não deixava mais o leito, de tão fraca que se encontrava. Por fim, como à mãe, sobreviera-lhe, também, o mal dos pulmões, e ninguém pôde salvá-la.

- *Adio,figlia del mio cuore!...* ¹ - diz o velho escultor, relutante em partir e acariciando a fria pedra do túmulo.

Don Lorenzo ia-se embora para sempre da França; retomaria para sua amada Itália. Lágrimas quentes rolam-lhe face abaixo, e o coração queima-lhe como uma fornalha. Entretanto, ele não as percebe, mas delicadas mãos tocam-lhe os cabelos, já totalmente embranquecidos, acariciando-os, ternamente, e voz suave sussurra-lhe aos ouvidos:

-*Io sono qui, papà!...*²

O Espírito, liberto das amarras da carne, beija o pai ternamente, na testa, e, alçando-se, ganha as alturas como um raio brilhante. Tinha pressa, precisava afagar os cabelos de seu outro amor...

(1) "- Adeus, filha de meu coração!...", em italiano.

(2) "- Eu estou aqui, papai!...", em italiano.

Este e-book representa uma contribuição do grupo Livros Loureiro para aqueles que necessitam de obras digitais, como é o caso dos Deficientes Visuais e como forma de acesso e divulgação para todos.

É vedado o uso deste arquivo para auferir direta ou indiretamente benefícios financeiros.

Lembre-se de valorizar e reconhecer o trabalho do autor adquirindo suas obras.

Visite nossos Blogs:

<http://www.manuloureiro.blogspot.com/>

<http://www.livros-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.romancesdeepoca-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.romancesobrenaturais-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.loureiromania.blogspot.com/>